UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CORPO SAUDÁVEL, RISCO E *BIOPERFORMANCE*:

Uma cartografia dos discursos no território da Educação Física

ISABELLE SENA GOMES

JOÃO PESSOA-PB
2021

ISABELLE SENA GOMES

CORPO SAUDÁVEL, RISCO E *BIOPERFORMANCE*:

Uma cartografia dos discursos no território da Educação Física

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Sociologia. Linha de pesquisa: Saúde, Corpo e Sociedade.

ORIENTADORA: Prof. Drª Ednalva Maciel Neves

JOÃO PESSOA-PB
2021

G633c Gomes, Isabelle Sena.
Corpo saudável, risco e bioperformance: uma cartografia dos discursos no território da educação física / Isabelle Sena Gomes. - João Pessoa, 2020.
214 f.: il.

Orientação: Ednalva Maciel Neves.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Sociologia. 2. Saúde - Aspectos sociais. 3.Práticas em saúde. 4. Corpo e sociedade. 5. Corpo saudável. I. Neves, Ednalva Maciel. II. Título.

UFPB/BC CDU 316(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ISABELLE SENA GOMES

CORPO SAUDÁVEL, RISCO E SEDENTARISMO:
Uma cartografia dos discursos no território da Educação Física

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de **DOUTORA** em Sociologia. Linha de pesquisa: Saúde, Corpo e Sociedade.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Dra.Ednalva Maciel Neves
Presidente

Dr.Adriano Azevedo Gomes De Leon
PPGS/UFPB

Dr.Iraquitan de Oliveira Caminha
CCS/UFPB

Dra.Laise Tavares Padilha Bezerra Gurgel
CCS/UFPB

Dr.Marcos Bagrichevsky
DM/FURB

JOÃO PESSOA-PB
2020

Dedico esta tese, feita de amor,
às muitas mulheres fortes da minha vida,
e de outras vidas como a minha,
sobretudo minha mãe.

Fonte: @robwoodcoxphoto

AGRADECIMENTOS

Ao universo, às energias positivas a mim dirigidas e a Deus.

À Ednalva Maciel Neves, (des)orientadora, cúmplice, fonte de conhecimento e sabedoria. És uma inspiração para a minha vida e prática docente. Serei eternamente grata por teres tornado esse esporte de combate um esporte de amizade e carinho.

A Iraquitan Caminha, mestre acolhedor, que me estendeu a mão desde o início desta jornada e me incentivou à dar voos mais altos. Graças ao senhor conheci uma Educação Física mais "humana" e mais sensível.

A Adriano de León, meu primeiro professor no curso das disciplinas do doutorado, quem me apresentou com muita delicadeza a beleza da (des)construção, da errância e com isto um universo de outras possibilidades. Graças as suas pistas seguirei mais forte.

A banca, por te me dado a honra de suas contribuições com este trabalho, em especial à Laise Padilha, de quem fui monitora e orientanda com muito orgulho e ao grande e generoso Marcos Bagrichevsky, uma de minhas referências neste tema ao qual me lanço por amor.

Aos meus amigos desorientandos, que me deram a mão quando fui nômade, me fazendo novamente pertencer a um lugar. Franciely, Jadson, Uliana, Anatil e Bruna, amigos que me acolheram no primeiro ano de doutrado e a quem credito muitos dos *insights* desta pesquisa. Heytor, Weverson e Patrick, parceiros de caminhada.

Aos meus colegas de turma, que sofreram junto comigo as incertezas do doutorado: Ligia, Karol, Bruno, Luana, Carlos e Mariana.

Aos meus interlocutores, tão generosos em compartilhar suas experiências comigo.
Aos meus amigos, parceiros de toda a vida, que me ampararam sempre que precisei e com os quais dividi as angústias desta jornada: Marina, Ruam, Julyanna e Líssia. Gratidão à Jéssica (minha Co) e a Giu, que me fizeram querer ser uma pesquisadora melhor.

A Antônio Canuto, pai e filho. À Lourdes, Severina e Leonel, meus avós, minhas raízes.

À Polyanna, Junior, Michele, Janaine, Beatriz, Gabriel, Henrique, Thamires e Yasmin, meus primos.

À Andrea Dantas, incansável nas conversas longas sobre esta tese e no amparo. Apoio e força em todos os momentos, até o fim.

Às minhas mães-tias, um presente que me foi dado como uma dádiva. Sou grata a vocês, mulheres fortes, guerreiras, unidas, mães, tias, amigas, amores da minha vida: Silvana (quem me encantou com a ginástica rítmica de Hosana); Geane (minha alma quase gêmea, meu tesouro); Gerlane (que me incetivou à leitura); Lidiane S. (alegria e acolhimento); Germana (exemplo de empenho e generosidade); Lenilda (madrinha, razão e coração nos momentos difíceis); Lidiane (quem me ensina a ser resiliente); Lidinez e Lenira (exemplos de força).

Ao meu amor maior, Ligia Sena, meu conforto e minha segurança, meu chão e a razão de tudo. Sem a senhora nada disto teria sido possível. Estás em cada palavra desta tese minha mãe.

Passados dois meses de tantas histórias, comecei a pensar no sentido da solidão. Um estado interior que não depende da distância…nem do isolamento; um vazio que invade as pessoas… E que a simples companhia ou presença humana não pode preencher. Solidão foi a única coisa que eu não senti, depois que parti…nunca…em momento algum. Estava, sim, atacado de uma voraz saudade. De tudo e de todos, de coisas e de pessoas que há muito tempo não via. Mas a saudade às vezes faz bem ao coração. Valoriza os sentimentos, acende as esperanças e apaga as distâncias. Quem tem um amigo, mesmo que um só, não importa onde se encontre, jamais sofrerá de solidão; poderá morrer de saudade…mas não estará só!

(Amyr Klink, Cem dias entre céu e mar, 1985)

RESUMO

Com o advento dos avanços (bio)tecnológicos, do cálculo epidemiológico, da informação, das *expertises* e do leque de recursos de fabricação do corpo, verdadeiras utopias foram/são construídas nas últimas décadas em torno de uma forma corporificada de saúde, que vem desdobrando-se e agregando discursos e práticas: o *corpo saudável*. É neste cenário que esta pesquisa objetivou investigar o discurso de *corpo saudável* formulado no campo da Educação Física, no intuito de compreender como este constituiu uma categoria tomada como valor social e qual a implicação da criação de tal categoria para a inserção política da Educação Física como campo disciplinar e para a vida dos sujeitos. O percurso da pesquisa segue os pressupostos da cartografia, que se constitui como orientação metodológica rizomática e divide-se em dois momentos: uma trilha de inspiração genealógica e uma trilha percorrida no trabalho de terreno. O trabalho de terreno teve a duração de 18 meses (2016-2017) e foi realizado em duas academias de ginástica da grande João Pessoa (PB), incluindo entre os interlocutores professores e alunos. A inspiração para a análise do material oriundo do trabalho de terreno é a análise de discurso foucaultiana. Objeto de interesse de muitos campos (sobretudo da biomedicina e da Educação Física), o *corpo saudável* – dispositivo – é fruto de uma confluência de saberes, poderes e verdades. Sua forma contemporânea sofreu influência da reestruturação do campo da Educação Física no século XX, bem como conferiu a este capital simbólico e legitimidade, à medida que os saberes biomédicos eram agenciados no interior do campo. Concomitantemente, a racionalidade epidemiológica, na esteira do combate aos riscos à saúde, viabilizou a co-produção da noção de sedentarismo nos discursos, que por sua vez serviu ao dispositivo como sua face negativa. Mirando nos discursos possíveis, ao longo do trabalho elementos são apresentados como pistas do *corpo saudável*, tais como: a reestruturação de um campo em torno deste novo objeto de intervenção; a co-produção do sedentarismo, a partir da noção de risco, pela Educação Física e pela biomedicina, que configurou a face negativa dos discursos de *corpo saudável*; a importância dos objetos da academia para a produção de discursos sobre o corpo; a mobilização de subjetividades/práticas na fabricação do corpo; a possibilidade de construção e comunicação da noção de *corpo saudável* na performance e no desempenho. Com os achados da pesquisa, discuto a possibilidade de: os discursos de *corpo saudável* da Educação Física, campo disciplinar que agenciou corpo, sedentarismo e saúde em torno de um novo objeto (*o corpo saudável* contemporâneo que se configurou como dispositivo), convergirem para subjetividades ligadas à um sujeito que é ao mesmo empreendedor de si, autovigilante, moralmente responsabilizado e dedicado ao desempenho como reafirmação da própria saúde (*bioperformance*). No entanto, ressalto que este mesmo sujeito é dotado de agência e nos seus fazeres ressignifica o que compreende como *corpo saudável*. Esta hipótese encontra no curso das análises uma sociedade positiva que impele os sujeitos para a performance, para o desempenho e para as pressões do *poder fazer*, em detrimento da disciplina do *dever fazer*.

Palavras-chave: *corpo saudável*, risco, campo disciplinar, subjetividade.

A**BSTRACT**

With the advent of (bio) technological advances, epidemiological calculation, information, expertise and the range of resources for manufacturing the body, true utopias have been / are built in recent decades around a corporate form of health, which has been unfolding up and aggregating speeches and practices: the healthy body. It is in this scenario that this research aimed to investigate the healthy body discourse formulated in the field of physical education, in order to understand how it constituted a category taken as a social value and what the implication of creating such a category for the political insertion of physical education as disciplinary field and for the life of the subjects. The research path follows the assumptions of cartography, which constitutes rhizomatic methodological guidance and is divided into two moments: a trail of genealogical inspiration and a trail traveled in the field work. The fieldwork lasted 18 months (2016-2017) and was carried out in two gyms in the great João Pessoa (PB), including teachers and students as interlocutors. The inspiration for the analysis of material from fieldwork is Foulcault's discourse analysis. An object of interest in many fields (especially biomedicine and physical education), the healthy body - device - is the result of a confluence of knowledge, powers and truths. Its contemporary form was influenced by the restructuring of the field of physical education in the twentieth century, as well as giving this symbolic capital and legitimacy, as biomedical knowledge was managed within the countryside. Concomitantly, the epidemiological rationality, in the wake of the fight against health risks, enabled the co-production of the notion of sedentary lifestyle in the speeches, which in turn served the device as the negative face. Aiming at the possible speeches, throughout the work elements are presented as clues to the healthy body, such as: the restructuring of a field around this new intervention object; the co-production of physical inactivity, based on the notion of risk, through physical education and biomedicine, which configured the negative face of healthy body discourses; the importance of the objects of the academy for the production of speeches about the body; the mobilization of subjectivities / practices in the manufacture of the body; the possibility of building and communicating the notion of a healthy body in performance and performance. With the findings of the research, I point out that the discourses of healthy body of physical education converge to self-absorbed, self-vigilant subjects, morally responsible for the health of the body and dedicated to performance as a way of reaffirming their own health, which denotes something procedural and unfinished . However, this same subject is endowed with agency and in his actions resignifies what he understands as a healthy body. This hypothesis finds in the course of the analyzes a positive society that impels the subjects to the performance, to the performance and to the pressures of the *power to do*, to the detriment of the discipline of the *duty to do*.

Keywords: healthy body, risk, disciplinary field, subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Quadro I – Pontos relevantes para observação e discussão 32
Figura 1- Sala de musculação da academia Norte 42
Figura 2 - Sala "de vidro" 43
Figura 3 - Narciso de Caravaggio (1597-1599).....51
Figura 4 - *Crossover*.....57
Figura 5 - "Wod" (*crossfit*) 59
Figura 6 - Sobre campo disciplinar 65
Figura 7 - Arnold Schwarzenegger em *Conan o Bárbaro* (1982).....72
Figura 8 - Risco e posições de pessoa 95
Figura 9 - Confluência nas recomendações mundiais do nível de AF individual.....106
Figura 10 – O sedentarismo do mercado.....112
Figura 11 - O *Homo sedentarium* dos meios de comunicação.....112
Figura 12 – Fabio Broco.....119
Figura 13 – Revistas analisadas.....138
Figura 14 - Exercício popular no *crossfit*.....188

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 PERCURSO METODOLÓGICO 20
2.1 O TERRENO DA CARTOGRAFIA 20
2.1.1 Atenção à espreita: pesquisador-animal no campo.....23
2.1.2 Cartógrafo-cartografado: um andarilho.....24
2.1.3 Preparando o terreno.....27
2.2 TRILHA GENEALÓGICA.....29
2.3 TRILHA CARTOGRÁFICA 30
2.3.1 Reflexões sobre pesquisar no terreno 32
2.3.2 Pesquisadora implicada 35
2.4 PRIMEIROS PASSOS NO TERRENO.....38
2.4.1 Entrando na sala dos espelhos.....39
3 ENTRE IMAGEM, MÁQUINA E ESPELHO:
A AGÊNCIA DOS OBJETOS NA ACADEMIA 45
3.1 ALGUMAS ABORDAGENS POSSÍVEIS 47
3.2 UM CORPO FABRICADO PELA MÁQUINA.....49
4 A (RE)ESTRUTURAÇÂO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
COMO CAMPO DISCIPLINAR.....64
4.1 SOBRE A TEORIA DOS CAMPOS BOURDIEUSIANA 64
4.2 TRILHANDO TENDÊNCIAS DA ATIVIDADE FÍSICA 69
4.3 TRILHANDO O PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO 75
4.4 UM NOVO OBJETO DE INTERVENÇÃO 80
5 DO RISCO EPIDEMIOLÓGICO AO SEDENTARISMO:
CONTRIBUIÇÕES PARA O DISPOSITIVO DE CORPO SAUDÁVEL 87
5.1 RISCO, EDUCAÇÃO FÍSICA E SOCIEDADE 88
5.2 O CAMPO CIENTÍFICO E AS FORMULAÇÕES
DISCURSIVAS DE SEDENTARISMO EM PERSPECTIVA 100
5.3 EMPREENDIMENTOS MORAIS SOBRE O RISCO 110
5.4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O
CORPO GORDO NA ACADEMIA 118

6 DISPOSITIVO DE *CORPO SAUDÁVEL* 122
6.1 ALGUMAS SAÚDES 122
6.2 CORPO E SUJEITO 130
6.3 DISPOSITIVO DE CORPO SAUDÁVEL 137
7 FABRICANDO *O CORPO SAUDÁVEL* 155
7.1 TRILHANDO FAZERES: DESEMPENHO E *PERFORMANCE* 172
7.2 CORPO SAUDÁVEL E *(BIO)PERFORMANCE* 178
8 CONCLUSÕES 194
REFERÊNCIAS 199

1 INTRODUÇÃO

Com o advento dos avanços (bio)tecnológicos, do cálculo epidemiológico, da informação, das *expertises* e do leque de recursos para a fabricação do corpo, verdadeiras utopias foram/são construídas nas últimas décadas em torno de uma forma corporificada de saúde que vem agregando discursos e práticas: o *corpo saudável*[1]. Neste contexto, os sujeitos traçam, com grande influência da informação e do conhecimento científico, seu curso no mundo. Muitos são convidados à racionalidade[2] e à reflexão cotidiana acerca dos eventos passados, na tentativa de minimizar riscos futuros. O resultado deste movimento é a mudança contemporânea da experiência sujeito-corpo-tempo, que pode conduzir, entre outras coisas, à responsabilização e ao monitoramento excessivo das próprias ações à luz dos saberes tecno-científicos.

A racionalidade que experimentamos atualmente, fruto de um processo que se desdobra desde o final do séxulo XX, provoca, em contrapartida, os sentimentos de insegurança e imprevisibilidade acerca da vida. Tais sentimentos são mobilizados por noções como a de risco, que vislumbram o controle sobre variáveis que podem implicar em adoecimento. Para amenizar estes sentimentos, surgiram nas últimas décadas *expertises* e discursos, bem como técnicas e saberes que garantem – ou deveriam garantir – o prolongamento da vida e o afastamento dos sinais de finitude, em um cenário em que saúde é tomada como valor social.

Foi assim, na esteira das promessas de afastamento dos sinais de finitude e da nova relação sujeito-corpo-tempo, que a Educação Física se inseriu e se consolidou como *expertise* pastoral do corpo. A área tem se aproximado dos discursos/saberes da biomedicina na tentativa de legitimar sua especificidade enquanto ponta operacional e campo disciplinar reestruturado (BOURDIEU, 2004), responsável pelos cuidados com a saúde do corpo. Com estas mudanças, a área cresceu exponencialmente e o que antes era descrito como corpo saudável passou a ser visto como *o corpo saudável*, objeto de intervenção fruto da confluência entre mercado, mídia, ciência, biomedicina e Educação Física.

Observando a valorização do corpo, da saúde e a Educação Física contemporânea, é possível constatar que a fabricação do corpo adiquiriu sentido de necessidade e ao mesmo

[1] O *corpo saudável* é colocado em destaque para enfocar seu uso como dispositivo, de modo que é mais que um arranjo de características biológicas, é uma formação discursiva que agrega infinitas possibilidades.
[2] Entendo por racionalidade um conjunto de valores e práticas de um arranjo cultural a partir do qual os indivíduos pensam suas interações, representações e forma de ser no mundo.

tempo de responsabilidade individual, ao passo que, a oferta de práticas e produtos é vinculada ao discurso de que este investimento é tão necessário quanto possível. O número de espaços voltados especificamente para a fabricação *do corpo saudável* aumenta em todo país diariamente e isto está explícito nos dados sobre investimento da iniciativa privada, que tornaram o mercado do *fitness*[3] cada vez mais rentável no Brasil. Exatamente por causa do notório crescimento que é importortante observar que este cenário só é possível à medida que o exercício físico se tornou agenda prioritária nos cuidados com o corpo.

Segundo informações do setor de academias de ginástica, por exemplo, desde 2007 o mercado do *fitness* cresce como poucos setores (em média 13% ao ano) e há alguns anos o número de academias no país vem apresentando alta constante. Em 2010 existiam 797 academias (registradas no país), em 2012 eram 21 mil e em 2014 esse número saltou para 33.157 (135% em 5 anos), somando quase 8 milhões de alunos (somos o 4° lugar do mundo em alunos matriculados). Este crescimento fez com que conquistássemos o 2° lugar mundial em número de academias de ginástica (atualmente são 34.509, com 9,6 milhões de alunos), perdendo apenas para os Estados Unidos. A Paraíba também tem acompanhado o crescimento nacional, pois, de acordo com o SEBRAE-PB (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas)[4], o número de academias cresceu 109% em quatro anos, saltando de 469 estabelecimentos para 981.

Atualmente o país ocupa a posição de 12° lugar entre os maiores mercados mundiais do *fitness*, ao lado de países como Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, China e Japão, faturando cerca de 2,1 bilhões de dólares por ano (ACAD-BRASIL, 2018)[5]. Estes dados expressam, além do crescimento da Educação Física enquanto campo e interesse de mercado, a valorização de um dispositivo que demanda espaços específicos de fabricação: *o corpo saudável*.

Pensando sobre os fatores que conduziram a este cenário, compreendido como uma expressão das novas demandas sociais sobre o corpo, desde 1970 as políticas públicas de saúde direcionadas à atividade física e ao esporte expandiram-se por todo país, recrutando indivíduos de todos as idades e classes sociais para o “viver bem” e para o cuidado de si de

[3] A palavra *fitness* pode ser considerada um anglicismo. Ela vem do inglês (*fit* + sufixo *ness*), significa "estar em boa forma física".

[4] Disponível em: https://portalcorreio.com.br/numero-de-academias-dobra-na-paraiba-em-quatro-anos/. Número de academias dobra na Paraíba em quatro anos, redação – portal correio, 19 set. 2018.

[5] Associação Brasileira de Academias, órgão de referência no fornecimento de dados sobre o mercado em questão.

forma individualizada. No âmbito cultural, também sob influência da esportivização[6], desde meados de 1980 uma atmosfera de incentivo ao *fitness* e ao exercício reúne afirmações e crenças de cunho moral em torno da (in)atividade física e da negligência com a saúde.

Na tentativa de afastar os sinais de finitude (da saúde e do corpo), ciência, biomedicina e Educação Física tem trabalhado juntas nas últimas décadas. Um dos pontos de convergência neste caso é a noção de risco, categoria que enfatiza a prevenção e o controle sobre o momento pré-doença e que ampara o conceito de sedentarismo, amplamente agenciado pela Educação Física. Neves (2008) lembra que o signo risco possui natureza polissêmica, é de domínio coletivo e sua variação semântica resulta do fato de que diferentes significados são construídos com diferentes referentes. Para Mitjavila (2015) risco é um dispositivo e todo seu potencial enquanto dispositivo está na capacidade de articular molar e molecular, organizar saber e poder, indivíduo e população. Compartilho do pensamento de Mitjavila e acredito que, assim como risco, a categoria *corpo saudável*, pensada desde a Educação Física – principalmente em sua vertente não-escolar - também pode ser entendida como dispositivo, uma vez que se efetiva positivamente na produção de discursos.

Sobre esta questão, testemunhamos a atmosfera de condenação à inatividade física, amparada com mais força desde o surgimento do conceito de sedentarismo, que, advém do fato científico e da racionalidade epidemiológica no cálculo dos riscos, configurando-se por fim, na década de 1990, como a face negativa dos discursos sobre o dispositivo *de corpo saudável*. Observados os dados sobre a ascensão do mercado do *fitness*, é perceptível que a Educação Física no Brasil tem se mobilizado em torno deste tema que é de alcance mundial e tem relação direta com a relação sujeito-corpo-tempo. O sedentarismo é, por fim, apontado como fator de risco por excelência nas pesquisas epidemiológicas atuais e por este motivo acreditamos que contribui ativamente para a profusão de discursos pró-atividade física nos mais diferentes níveis e contextos.

Os reflexos destas mudanças nos conduzem novamente à centralidade do corpo e da saúde no cenário atual, que pode ser lida, em seus desdobramentos econômicos, culturais e sociais, a partir do conceito de bioeconomia, o que implica dizer que este estudo crê também que a vida se tornou um valor comercializável (ROSE, 2013). Na bioeconomia predomina a centralidade da existência somática e como resultado temos a profusão de discursos de promoção da saúde, condutas preventivas, formas de intervenção,

[6] Como o termo sinaliza, é um processo de direcionamento das práticas corporais humanas para o esporte. Na Educação Física escolar esta tendência já foi alvo de muitos debates, principalmente na perspectiva crítica (ex. abordagem crítico emancipatória e crítico superadora).

comportamentos saudáveis e recursos de monitoramento individual[7]. Tais investimentos sobre o corpo, expressos nos discursos e amprados nos saberes legitimados, tanto colocam a Educação Física no interior de uma utopia da saúde perfeita (SFEZ, 1996) quanto no centro do culto ao desempenho (EHRENBERG, 2010). Na pista desta malha de discursos, trago o campo da Educação Física como terreno a ser cartografado, na tentativa de compreender quais linhas de força tensionam o processo de fabricação do corpo atualmente e quais incidem sobre os discursos de *corpo saudável,* enfocando nas academias de ginástica como território de experimentação.

Entendendo *corpo saudável* não como um arquétipo de saúde e estética, composto de características específicas, mas como fruto de uma confluência de discursos, linhas de força e corporeidades, a interpretação de que trata-se de um dispositivo ampara a reflexão sobre seu potencial de desdobrar-se em saberes e práticas diversas, bem como em subjetividades.

Para Deleuze (1990) os dispositivos são regimes do visível e do invisível, dizível e indizível, do que é dito e do que não é. Eles implicam linhas de força na dimensão da manutenção de poderes e saberes que se sustentam entre si, de modo que o olhar crítico sobre suas formas hegemônicas e suas bases pode resultar na contestação do que muitas vezes pode ser visto como incontestável. Assim, a interpretação de *corpo saudável* como dispositivo visa desnaturalizá-lo e situá-lo entre o discurso e a corporificação, ou seja, expor que é uma noção que não existe *a priori,* mas que tem sido construída e influenciada pelas formas de suibjetivação contemporâneas.

Compreender as forças e relações no desemaranhar das linhas de um dispositivo é traçar um mapa e cartografar estes movimentos, fazendo o que Foucault chama de "trabalho de terreno" (DELEUZE, 1990, p. 1). Nesse sentido, em termos metodológicos, a cartografia configura-se como uma ferrramenta viável para traçarmos não um decalque, mas uma trilha que leve à compreensão de como *corpo saudável* tem sido agenciado (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Cabe ainda ressaltar que o mapeamento do dispositivo é feito a partir de – mas não limitado a - um campo disciplinar específico (Educação Física), ou seja, as linhas e discursos que surgiram referem-se a um ponto de partida, selecionado não por acaso, mas pela sua relação cultural, social e histórica com o dispositivo mapeado.

Com base nestas considerações, algumas questões tornaram possível a construção desta pesquisa, entre elas: Como a Educação Física se apropria da noção de risco para

[7] Monitor cardíaco, balança, bioimpedância, adipômetro, tensiômetro, smartwatch, além de aplicativos e outros recursos de monitoramento individual.

construir seu discurso? Como a Educação Física constrói a noção de *corpo saudável*? Quais são os instrumentos valorativos acionados pela noção de *corpo saudável*? Como essa noção aciona processos de classificação entre práticas saudáveis? Como o *corpo saudável* aparece nos discursos? Que tipo de subjetividades[8] ele produz? Se a normalização ou normatização passou a ser agenda da área, qual o lugar das individualidades nos cuidados com o corpo? Em que a categoria sedentarismo influencia na noção de corpo saudável? A ideia de saúde pressupõe uma educação dos hábitos orientada para a monitoração passível de criar um ambiente de condenação e/ou vigilância pré-doença?

No terreno da Educação Física, o objeto de estudo deste trabalho são os discursos de *corpo saudável*, formulados por: profissionais do campo; praticantes de exercício físico; Estado; sociedade; mercado; instituições regulamentadoras da profissão, considerando como recorte socio-histórico o período desde 1970 até os dias atuais. Pensando na composição da pessoa ocidental, o estudo buscou enfocar os agenciamentos individuais e coletivos em torno da relação do sujeito com a saúde, com o corpo e com os arranjos que atuam na produção de subjetividades. Incluem-se nestes discursos os não-ditos e as relações face a face, ou seja, aquilo que está nas entrelinhas do dispositivo. Levanto isto em consideração, serão observados no trabalho de terreno: as condições de possibilidade do *corpo saudável*; as linhas de força que perpassam o processo de produção/fabricação do *corpo saudável* em duas academias de ginástica da grande João Pessoa-PB.

Diante do que foi apontado, objetivou-se investigar o discurso de *corpo saudável* formulado no campo da Educação Física, no intuito de compreender como este constituiu uma categoria tomada como valor social e qual a implicação da criação de tal categoria para a inserção política da Educação Física como campo disciplinar e para a vida dos sujeitos, considerando o contexto que pavimentou o terreno para a criação de tais construções. Para tanto, foram seguidas as seguintes pistas, que nortearam os objetivos específicos: concepções de risco e *corpo saudável* na Educação Física; como e em que saberes tais concepções se apoiam e como se articulam; a reestruturação da área e seu surgimento como campo disciplinar a partir da sua aproximação com a biomedicina; a valoração moral do *corpo saudável* e do sedentarismo, levando a produção de um novo sistema de crenças e subjetividades.

[8] A noção de subjetividade utilizada segue a proposta de Foucault, que a entende como produto dos modos de subjetivação, ou seja, "[...] a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo [...]" (FOUCAULT, 2006, p. 236).

Cartografar no/o campo da Educação Física é mapear processos sociais importantes envolvendo o corpo e a saúde, mas também torna-se relevante para compreensão da (re)estruturação da área em torno de sua aproximação com a biomedicina (antes e depois da regulamentação), o que resulta por fim na discussão sobre as relações contemporâneas indivíduo-sociedade, como será exposto. Por fim, a escolha do campo da Educação Física, além da aproximação da pesquisadora com a área, justifica-se pela crença de que este campo é central nos processos de atualização do valor da vida e na elaboração de discursos sobre o corpo e sobre a saúde.

Apesar de influenciar de forma decisiva nas construções sociais de saúde e na adoção de novos hábitos, não só através dos saberes que produz, mas também por meio das práticas que mobiliza, o campo da Educação Física carece ainda de problematização, como sinaliza Silva (2014, p.381) ao afirmar que: "mais do que 'fábricas', 'oficinas' ou 'usinas' de corpos, os espaços das academias de ginástica devem ser entendidos como uma forma de construção simbólica da vida daqueles que compõem e vivenciam cotidianamente esses locais". Neste sentido, mais do que lugares de fabricação de características biológicas, é preciso encarar seriamente os espaços de produção do corpo como espaços de produção de subjetividades e incidência de linhas de força.

Além da centralidade da Educação Física para as demandas sociais de corpo, a divulgação de dados sobre casos de acidentes no *crossfit*[9] também foi particularmente relevante para o desenvolvimento deste estudo, à medida que suscitou questões sobre o não-dito. Isto porque, esta modalidade surgiu como tendência de mercado, mas a princípio pouco se sabia acerca dos riscos da sua prática. Modalidades como esta, que surgem como tendência e ganham repercussão por uma complexa mistura de fatores sociais e culturais, tendem a criar novas compreensões sobre a fabricação do corpo e precisam ser olhadas como fenômeno porque representam algo latente acerca da subjetividade contemporânea.

Sobre os não-ditos, tomamos como exemplo os riscos possíveis do *crossfit*, que já chegaram a ser pontuados pelo próprio criador. Sendo uma modalidade relativamente nova, demanda estudos específicos e discussão, mas apesar disto, a modalidade segue crescendo exponencialmente em termos de popularidade e configurando-se como "império

[9] O *crossfit* é considerado hoje o "esporte do fitness". Segundo seu criador, o treinador Greg Glassman sua metodologia é assumidamente empírica e baseada na sua própria vivência e interpretação de resultados no meio prático. O c*rossfit* está se tornando cada dia mais popular a nível mundial, provavelmente por características intrínsecas como, por exemplo, a questão competitiva e desafiadora associada a uma excelente estratégia de *marketing*.

improvável"[10]. Este debate tange a discussão aqui empreendida porque, a exemplo desta modalidade, outras práticas são difundidas e agenciadas em torno do que se denomina como *corpo saudável* e algumas delas precisam ser olhadas com atenção por sua popularização, pelos riscos implícitos, pelo não-dito, ou mesmo pelo chamado aos excessos. Pensando desta forma, a compreensão do *corpo saudável* como dispositivo vem na esteira da possibilidade de que em nome de uma saúde corporificada, excessos e riscos são justificáveis. Observando estas questões, cabe a reflexão sobre até que ponto os discursos de *corpo saudável* implicam em práticas/subjetividades, que podem ser legitimadas pela noção e pelos saberes e verdades em torno da saúde, mas que resultam na dupla perspectiva: *corpo saudável* utópico e naturalizado, idealização e biologicismo.

Em uma outra perspectiva acerca da noção de risco recrutada anteriormente, a polissemia da categoria também pode impactar positivamente na difusão de modalidades como o *crossfit*, semelhantemente ao que acontece com o risco-aventura, típico dos esportes radicais (SPINK et al., 2004). Deste ponto de vista, o risco serve para hierarquizar os adeptos, classificando os mais corajosos segundo façanhas vistas como arriscadas. A categoria então deixa de representar o que a epidemiologia busca prever e evitar, tornando-se aceitável em uma racionalidade tipicamente moderna, que pressupõe a inexistência de "risco zero" (NEVES, 2008, p.533). Sendo assim, observamos no território das práticas corporais a possibilidade de negociações do conceito de risco, a exemplo do que foi observado por Novaes (2010) sobre o consumo de anabolizantes por mulheres de classes altas e populares, cuja discussão nos leva a crer que a dimensão do risco precisa ser relativizada na fabricação do próprio corpo.

Na tentativa de compreender como os discursos de *corpo saudável* estão presentes na fabricação do corpo, o trabalho de terreno a ser descrito neste estudo partiu de duas academias da grande João Pessoa: uma situada na capital (que chamo de academia Norte); a outra em uma cidade vizinha (26 km da capital, que chamo de academia Sul).

A academia Norte faz parte do segmento *low cost* (baixo-custo) e por causa do seu público-alvo diversificado é um lugar que favorece o encontro com diferentes perfis, o que contribuiu para a sua escolha. Por estar situada em um local de passagem, o fluxo de alunos em alguns momentos do dia é intenso, permitindo que várias pessoas diferentes frequentem o espaço a caminho de casa ou do trabalho. Outro motivo que conduziu à escolha desta academia é o fato da rede estar em evidência no Brasil na forma de franquias (presente em

[10] *Crossfit*: o império do improvável. Superinteressante, nov. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/a-historia-crossfit-o-imperio-improvavel/>.

torno de 13 estados) e da mesma possuir outras unidades na cidade, o que representa popularidade e investimento da iniciativa privada no segmento. A academia Sul, por outro lado, foi escolhida por ser próxima da noção de "academia de bairro"[11], podendo assim fornecer um contraponto em alguns achados da pesquisa.

Frequentei a academia Norte (*low cost*) durante 12 meses, onde fui aluna de musculação. Conversei com professores, alunos, colegas de profissão que atuavam como personal trainers e funcionários da academia. Iniciei meu "itinerário corporal" (ESTEBAN, 2004) nesta academia em julho de 2016 e concluí em meados de 2017. Frequentava o espaço uma ou duas vezes por dia, em diferentes horários (início da manhã, da tarde ou da noite), geralmente 4 ou 5 vezes por semana. Em termos gerais, a academia contava com em média 8 funcionários por turno e 30 alunos dividindo o espaço destinado à musculação por vez. O espaço para a prática de exercícios era totalmente novo e algo em torno de 200m² preenchidos por um maquinário moderno.

A academia Sul, frequentei durante seis meses. Ela fica localizada na terceira maior cidade do estado (em média 136.000 habitantes), que apesar de ser grande em espaço geográfico e relativamente populosa, mantém um clima de cidade pequena mesmo no centro comercial urbano. Os habitantes ainda conservam certos costumes que podem ser atribuídos a uma cidade pequena e muitas vezes as famílias se conhecem devido ao fato de os moradores serem antigos na região. Em ambas as academias mantive conversas informais muito mais do que entrevistei meus interlocutores, no sentido de entrevista enquanto instrumento, algo que esclareço mais adiante. Fiz entrevistas só quando realmente foi necessário, mas percorri o terreno em busca de interações, dos objetos, das conversas, do aprendizado pelo corpo e, por fim, do *corpo saudável*.

O intuito da apresentação destas informações sobre objeto e terreno é introduzir à discussão que se dividiu em sete capítulos. O primeiro capítulo apresenta o percurso metodológico, as bases conceituais da cartografia, bem como a sua divisão neste estudo em trilha de inspiração genealógica e trilha cartográfica. O capítulo seguinte discute o terreno cartografado, seu espaço, seus contornos, os signos presentes e a possibilidade de a fabricação do *corpo saudável* ser tangenciada pela estética e pela *(bio)performance*, levando em consideração a agência dos objetos nas relações estabelecidas *entre imagem, máquina e espelho*. O terceiro capítulo traz a contextualização do agenciamento das categorias saúde e corpo pela Educação Física ao longo das últimas décadas. Neste, a hipótese de que a área se

[11] Forma como são conhecidas popularmente as academias de pequeno porte situadas em bairros longe da orla e das grandes vias da capital.

reestruturou enquanto campo disciplinar em torno de um novo objeto de estudo (*o corpo saudável*), afetado por esta reestruturação, é desenvolvida levando em conta: o processo de regulamentação da profissão, o contexto sociohistórico, as demandas de mercado, as demandas de corpo e a mobilização do discurso biomédico no campo.

Em seguida, trago dois capítulos de um mapeamento epistemológico que foi construído em consonância com os achados do terreno. Nestes, discuto as categorias corpo e saúde, na tentativa de evidenciar a sua complexidade e sua constituição enquanto construções sociais contemporâneas afetadas pelos fatos científicos, pela política, pela moralidade, entre outros aspectos. Ainda no quinto capítulo, a segunda hipótese deste estudo é apresentada: o dispositivo de *corpo saudável* é exposto como uma noção que adquire contornos próprios na Educação Física (em aproximação com a biomedicina), mobiliza saberes e representações e configura-se como máquina de fazer ver e fazer falar, agregando a possibilidade de que várias formulações/práticas sejam a ele atribuídas.

Tendo apresentado um panorama geral do terreno no capítulo metodológico, e uma vez apresentada a trilha genealógica até então, sigo adiante na trilha cartográfica, descrita no último capítulo. Neste, narro o cotidiano das sessões de treino nas academias Norte e Sul e a interação com os interlocutores neste processo. Ao longo dos treinos descritos evidencio: as recomendações que recebi para que eu tivesse "um corpo saudável"; o processo ao qual me submeti ao longo da pesquisa; as possíveis características, subjetividades, *expertises* e recursos ligados a fabricação deste corpo.

Com os achados da pesquisa, discuto a possibilidade de: os discursos de *corpo saudável* da Educação Física, campo disciplinar que agenciou corpo, sedentarismo e saúde em torno de um novo objeto (*o corpo saudável* contemporâneo que se configurou como dispositivo), convergirem para subjetividades ligadas à um sujeito que é ao mesmo empreendedor de si, autovigilante, moralmente responsabilizado e dedicado ao desempenho como reafirmação da própria saúde (*bioperformance*). No entanto, ressalto que este mesmo sujeito é dotado de agência e nos seus fazeres ressignifica o que compreende como *corpo saudável*. Esta hipótese encontra no curso das análises uma sociedade positiva que impele os sujeitos para a performance, para o desempenho e para as pressões do *poder fazer*, em detrimento da disciplina do *dever fazer*.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

> Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a terra e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem (NIETZSCHE, 2000, aforismo 638).

A Cartografia[12] é uma orientação metodológica que tem como base o pensamento de Deleuze e Guattari, principalmente as ideias contidas nos cinco volumes do livro *Mil Platôs-capitalismo e esquizofrenia* (1995)[13]. É interessante que no seu desenvolvimento sejam acompanhados processos, percursos em andamento, redes de relações e como resultado seja(m) produzido(s) um rizoma(s), conceito que apresento posteriormente. Por isto, é comum a noção de que a cartografia não se dirige à representação de objetos nem sujeitos, mas busca um espaço de produção do novo, de reelaboração processual e circunstancial.

Ela não é preditiva e incorpora elementos específicos para cada grupo. É datada, localizada, situada e depende muito do olhar do cartógrafo. Nos estudos em que ela tem sido usada, serve de orientação tanto para a pesquisa quanto para a análise, podendo ser interpretada como uma opção teórico-metodológica de estudo.

2.1 O TERRENO DA CARTOGRAFIA

Enquanto outras orientações metodológicas[14] pretendem pré-determinar questões sobre como, onde, quando, com quem e o porquê, a cartografia prioriza a relação com o percurso, os efeitos do processo de pesquisar sobre o "objeto" e sobre o próprio pesquisador. As direções tomadas sempre dependem do objeto de estudo, pois, não há método pronto. Antes que pareça algo sem direção, há sim uma pista inicial, uma dúvida, um ponto de partida, um objetivo que não é separado da vontade do pesquisador de conhecer, mas deve

[12] A palavra cartografia vem do grego: *chartis* (mapa) e graphein (d-escrita), descrição de mapas.
[13] Paris: Minuit, 1980. Rio de Janeiro: Editora 34,1995.
[14] Por hora opto pela expressão "orientação metodológica" em detrimento de "método" para enfatizar a proposta de reversão *hodos-metá* entre meios e fins.

existir também a abertura para as coisas e para os afetos – a imersão do cartógrafo como parte do cartografado - tanto de forma horizontal quanto vertical, latitude e longitude.

Sobre o seu desenrolar no terreno, melhor entendido a partir da noção de trajetória, Passos e Barros (2009, p. 30) escrevem que a cartografia reverte o sentido do método, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições construídas de antemão. A cartografia "desdobra-se no tempo, mas também no espaço, além de incorporar os métodos históricos de Foucault – o eixo saber-poder-subjetividade – à medida que se apresenta como método de análise de dispositivos" (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 48). Ela acontece ao mesmo tempo em que mundos são desmanchados – na pista de acontecimentos ou dispositivos - porque seu sentido é colocado à prova, podendo gerar novos sentidos. "A pesquisa começa pelo meio: há sempre um processo em curso. A cartografia visa, deste ângulo, a dissolução do ponto de vista do observador. [...] Depois de pronta a cartografia tem-se o campo de acontecimentos." (LEÓN, 2014, p.43).

Assim, as ferramentas da cartografia surgem como opção quando métodos tradicionais de representação dos objetos são insuficientes diante de processos complexos e quando há necessidade de investimento em uma forma de conhecimento como possibilidade de transformação da realidade.

Transformar a realidade a partir de uma cartografia é repensar construções sociais e históricas (saúde, doença, adoecimento, masculinidade, feminilidade, maternidade, trabalho, etc.), por isto, faz sentido a noção de foucaultiana de dispositivo para a desconstrução de noções que possam ganhar contornos de verdades incontestáveis (FOUCAULT, 1999). Assim, cartografar é colocar saberes e sujeitos em posição de desterritorialização, mapear relações micropolíticas que acontecem no "meio", questionar o que pode ter sido naturalizado a ponto de ser inquestionável ou de não ser visto como algo passível de questionamento.

Para cumprir este objetivo, o pesquisador-cartógrafo pode desbravar um determinado processo, tecer as malhas das relações, mapear dispositivos, agenciamentos, seguir a pista de acordos sociais que são tácitos e/ou cristalizados, como no caso da condenação do obeso que expõe seu corpo nas redes sociais ou da pessoa de mais idade que manifesta interesse sexual no próprio parceiro. Inclui-se neste leque de possibilidades o olhar sobre os discursos no/do corpo, como: a sensualidade atribuída ao bronzeado; o significado da tatuagem e dos *body piercings*; as mãos calejadas do exercício *versus* as mãos calejadas do trabalho; os "pós-humanos"; o "adeus ao corpo"; etc. Isto porque, buscar linhas de força, linhas de fuga, o desejo, buscar os significados, também são possibilidades para o cartógrafo.

Analisar agenciamentos na cartografia, de acordo com Prado Filho e Teti (2013, p.48), é lidar "com vetores de forças em jogo num campo, formas de articulação de relações de saber-poder e efeitos de subjetividade, referindo-se centralmente a enfrentamentos e movimentos micropolíticos", nos quais a formação dos sujeitos está em questão. Sendo assim, compreende-se que a cartografia não é a mera representação de territórios na construção de mapas, mas o mapeamento de campos de forças e relações.

Nesse sentido, Leon (2014, p. 37) lembra também que cartografar "requer um conjunto heterogêneo de discursos e práticas, de ditos e de não ditos, que formam uma rede processual que atua na produção das subjetividades. Essa rede de práticas e de discursos nos remete ao conceito de dispositivo". O autor se refere ao conceito foucaultiano de dispositivo, cuja relação com a cartografia se dá na intersecção entre a noção da existência de estratégias de relações de força que produzem formas de subjetivação biopolítica e a necessidade de (re)territorialização destes discursos, que se dão nos regimes do visível e do invisível.

É imprevisível o resultado de uma cartografia em termos de conteúdo e de diversidade de fontes consultadas (fotos, documentos, imagens, entrevistas, observações, periódicos, etc.), mas é comum que uma cartografia envolva uma intervenção, um posicionamento, um pesquisador "afetado" e um rizoma. Uma intervenção porque pesquisar para conhecer é intervir de alguma forma; um posicionamento porque questionar é posicionar-se de algum modo; um pesquisador afetado porque ele mergulha na experiência - que agencia sujeito e objeto, teoria e prática – e é impossível cartografar sem experimentar; um rizoma porque as relações mapeadas são rizomáticas, não têm centro, tem ramificações.

A ideia de rizoma, presente em *Mil platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 1995), representa entre outras coisas os princípios da conexão e da heterogeneidade, que em termos práticos quer dizer que não há uma linearidade temporal, nem um ponto de partida fixo para a descrição de processos. Em um rizoma não são incorporadas apenas formulações linguísticas, mas cadeias semióticas, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando a prova o estado das coisas. Tudo é mapeado desde que esclareça de que forma as linhas de força se articulam, nunca de forma independente, mas sempre de modo relacional. Outra característica do rizoma é o princípio da multiplicidade, que pressupõe que não há sujeito nem objeto, mas determinações, uma espécie de recusa a toda ideia de origem, que dá lugar ao acolhimento de noções como fluxo e mutabilidade, desterritorialização e reterritorialização.

As propriedades do rizoma descritas aparecem no estudo de Leon (2014), quando este autor busca os deslocamentos das masculinidades em um clube periférico noturno da

cidade de João Pessoa-PB. Ao evitar noções cristalizadas ou fixas em relação à construção da categoria masculinidade neste clube, um conjunto de características que poderiam ser atribuídas ao masculino deram lugar à fluxos e negociações dos sujeitos que inseriram elementos outros, próprios do lugar, tais como: bebida alcoólica e o uso/posse de motocicletas.

Sendo a cartografia adotada também quando o pesquisador se propõe a acompanhar a tessitura de linhas de força, ela não se limita à representação de redes visíveis e narradas. Por vezes o que é "cartografável" não foi dito nem está explícito, está nas entrelinhas do discurso, e aquele que se detém ao visível/dito dificilmente chegará ao rizoma. Por este motivo os intrumentos utilizados variam de acordo com o território.

Outra barreira possível ao trabalho do cartógrafo são as pré-noções, como alerta Rolnik (1989). O cartógrafo que conserva pré-noções ou não percorre o terreno atento aos acontecimentos corre o risco de perder-se no caminho. A tarefa do cartógrafo é primar pelo caminhar e nesse caminho ele desperta para metas ou fontes. Seu desejo deve ser percorrer um terreno e mapear, dar voz aos novos sentidos que surgem ao longo dos processos. "O cartógrafo é antes de tudo um antropófago" (ROLNIK, 1989, p.23-24). Não estando preso à pré-noções, espera-se: (1) que o cartógrafo esforce-se para estar a par do que acontece no seu tempo e no seu terreno, tendo em vista que a cartografia se relaciona diretamente com o tempo e o lugar; (2) que ele esteja atento aos movimentos (políticos, sociais e culturais, de antes e durante a pesquisa), para que capte ao máximo novas pistas, novos acontecimentos, novos afetos; (3) que ele esteja atento também às linguagens que encontra (inclusive a linguagem do corpo) "e que ele devore as [linguagens] que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias" (ROLNIK, 1989, p.23-24).

2.1.1 Atenção à espreita: pesquisador-animal no campo

A questão do "estar atento", mencionada por Suely Rolnik (1989), não se refere simplesmente à postura do pesquisador no campo, nem à abertura para seleção daquilo que interessa pela via da atenção direcionada, como quando nos inclinamos intencionalmente para ouvir alguém. O tipo de atenção cultivada pelo cartógrafo é uma atenção que está à espreita de elementos inicialmente desconexos ou fragmentados. Não é puramente a atenção freudiana flutuante, embora haja contribuição de Freud no terreno do desprendimento em

relação às expectativas. Também não é a atenção fenomenológica, que prevê a suspensão dos juízos sobre o mundo e o foco na percepção do sujeito. Trata-se de uma atenção à espreita, que se dedica ao encontro com as pistas do outro e prevê o redirecionamento dos passos. Por ser um método que congrega elementos de várias fontes, tal postura pode ser compreendida como algo aplicável em diversos momentos. Em uma pesquisa cartográfica, a atenção deve inicialmente abrir-se a tudo, mas posteriormente priorizar a busca pelas relações rizomáticas – redes de subjetividades - entre os elementos aos quais o pesquisador está exposto. Isto é importante porque o tipo de atenção empregada reflete diretamente nas conexões estabelecidas posteriormente.

Quando em *Abécédaire* Deleuze fala sobre atenção à espreita, ele se refere à duas posturas especificamente: a do animal e a do filósofo/escritor. O animal como o ser constantemente à espreita em defesa da própria sobrevivência, que carrega signos na sua relação com a natureza e cujo reconhecimento de tais signos pelo homem representa o desvendar de um animal por outro animal.

> Se me perguntassem o que é um animal, eu responderia: é o ser à espreita, um ser, fundamentalmente, à espreita. *CP*: Como o escritor? [Deleuze] *GD*: O escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranquilo. (DELEUZE, 2010, p.5).

2.1.2 Cartógrafo-cartografado: um andarilho

O pesquisar-intervir advém do institucionalismo francês, para o qual Félix Guattari – e René Lourau - estava inclinado. Este é um posicionamento inflexivo que descortina a dimensão política da pesquisa e da clínica esquizoanalítica[15]. Admitir que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo, em particular, aproximar-se do objeto, impedindo qualquer posição de total neutralidade nesta opção metodológica em que fazer e conhecer estão interligados (PASSOS; BARROS, 2009).

Uma cartografia se desenha à medida que certos afetos são revisitados ou visitados pela primeira vez. É da sua análise crítica do entorno que surgem as novas pistas. Rolnik (1989) lembra que tudo que for encontrado tem a validade da necessidade de uma nova cartografia. Os afetos ressignificados são certamente ressignificáveis e assim ciclicamente.

[15] Esquizo porque há a possibilidade de algo que é deixar de ser, ou vir a ser outra coisa. Caraterística da multiplicidade. O esquizo é tudo aquilo que tende a mudar, a transforma-se.

Tudo é provisório, como todo mapa só descreve a paisagem de determinado terreno específico por um espaço limitado de tempo.

A questão dos afetos é parte da noção de pesquisador implicado e também um traço do movimento institucionalista, à medida que tenta modificar a razão do "transformar para conhecer" pela do "conhecer para transformar". Conhecer nesse sentido tem implicações políticas e significa criar uma realidade para si e para o mundo (PASSOS; BARROS, 2009).

Sobre os três elementos citados como comuns à cartografia, o rizoma é antes uma estratégia que uma exigência. Sua contribuição é o alerta para um mapeamento rizomático, uma recomendação para que o pesquisador ao grafar redes evite a construção do conhecimento de modo arborescente (vertical). A noção de rizoma é fundamental para a compreensão do produto de uma cartografia. Sobre essa questão, Deleuze e Guattari (1995, p. 24) advertem: "Estamos cansados da árvore [...] Toda a cultura arborescente é fundada sobre elas, da biologia à lingüística. Ao contrário, nada é belo, nada é amoroso, nada é político a não ser que sejam arbustos subterrâneos e as raízes aéreas, o adventício e o rizoma". A raiz fasciculada que o rizoma representa é um recurso do qual os autores buscam se valer em detrimento da noção de pensamento linear arborescente.

O rizoma[16] pretende ser uma possibilidade cíclica de retorno. Entradas e saídas múltiplas de cadeias de relações, subjetividades, desejos ou processos. No livro *Mil platôs*, Deleuze e Guattari apresentam esta noção, sua importância na construção do próprio livro e sua relação com a ideia de platôs. "Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs[17]" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32). Na verdade, os platôs discutidos nos cinco volumes brasileiros são justamente uma compilação rizomática, uma apresentação de quinze platôs que juntos compõem o mapeamento de pontos chave no espaço-tempo e suas condições de possibilidade.

Traçando um paralelo, Deleuze escreve que o homem filósofo/escritor, é alguém que está atento ao seu entorno e busca algo que, está em meio aos elementos aparentemente desconexos e fragmentados, prestando uma forma de atenção aberta ao terreno, é afetado ou tocado por um pensamento que promove o encontro com uma ideia.

> quando vou ver uma exposição, estou à espreita, em busca de um quadro que me toque, de um quadro que me comova [...] Sempre tenho a impressão que posso ter o encontro com uma idéia. [...] *CP*: Tudo está em seu trabalho. *GD*: Não é um trabalho, é a espreita (DELEUZE, 2010, p.10).

[16] Rizoma é um tipo de caule que cresce horizontalmente, tornando difícil conhecer sua origem e fim.
[17] O termo "platôs" na topografia representa superfícies mais altas e planas em um terreno e na Fisiologia representa um estímulo que se mantém duradouro, opondo-se, por exemplo, a contrações musculares rápidas.

A atenção à espreita, já mencionada, a que Deleuze se refere, pode ser entendida como uma abertura para o imprevisível, que ao mesmo tempo busca conexões com o pesquisador e com o terreno. Falando de uma postura que mais tem a ver com o que é conhecido como trabalho de campo, para Kastrup (2009) a atenção na cartografia envolve quatro elementos: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio é a varredura mais geral do terreno, o "(re)conhecimento sensorial" do problema, que possibilita o surgimento de elementos mais ou menos esperados e a ressignificação provável de inclinações pessoais, inclusive no terreno da percepção (não apenas do olhar), uma vez que não se sabe ainda ao certo o que será perseguido.

O toque se refere às primeiras associações feitas a partir dos sentidos, a conexão sentimento-intencionalidade, uma espécie de primeira seleção das pistas sobre as linhas de força. Sem o interesse de fragmentar o processo, a postura de "rastreadora" e o toque me permitiram no campo perceber elementos gerais e necessários como: a especificidade dos objetos de/na academia por sua relação com as sensações do corpo; a distribuição das pessoas no espaço; os olhares e o toque entre os indivíduos; as roupas utilizadas pelos praticantes de exercício físico e pelos profissionais; os sons (das músicas e máquinas); as vozes (os gritos de dor e prazer); o suor e a dor.

O segundo elemento, não que o processo se dê de forma linear e sim circular, é o gesto de pouso, que Kastrup (2009) descreve como uma espécie de reajuste do foco, ou seja, o que antes era atenção sem focalização pode tornar-se um zoom de delimitação sobre uma pista de interesse específico, a partir de conexões com outras informações. "De todo modo, é preciso ressaltar que em cada momento na dinâmica atencional é todo o território de observação que se reconfigura" (KASTRUP, 2009, p. 44). Nestas situações, priorizei a atenção para com a relação indivíduo-corpo-espaço, observando: pessoas e objetos; os objetivos dos praticantes de exercício; o cuidado das pessoas com o próprio corpo; as distinções entre os corpos; a formas de trabalho e comunicação dos profissionais.

O último elemento, o reconhecimento atento, busca responder à pergunta: a partir do observado o que está acontecendo neste processo? Nesse sentido, a palavra reconhecimento remete a conexões com a memória e com processos anteriores, na tentativa de desvendar o que se passa com o processo no presente. Além disso, cabe lembrar que cartografar muitas vezes tem relação com dispositivos, políticas públicas em andamento, formas de subjetivação, e, portanto, envolve ressignificar construções sociais.

2.1.3 Preparando o terreno

Diante do que foi exposto, é possível perceber a complexidade da cartografia enquanto orientação metodológica. Desprender-se da ideia de um percurso e um objeto pré-definidos, com regras já prontas, perverte os princípios de uma ciência realizada de forma arborescente (problema/solução, hipótese/refutação, pergunta/resposta, erro/acerto). Muitas vezes isto causa insegurança no pesquisador, mas na verdade, fazer cartografia demanda uma postura interpretativa, de sensibilidade aos afetos do outro e de experiência atenta aos processos e procedimentos que compõem o ambiente cartografado, uma vez que estão em jogo linhas de fuga e agenciamentos. Assim, implicado no terreno, o cartógrafo torna-se melhor termômetro para os novos acontecimentos a serem mapeados.

Na cartografia sentimental de Rolnik (1989) a autora constrói uma base para o seu percurso que pode servir de inspiração para cartografias futuras. O trabalho está dividido em duas partes: primeiro é apresentada uma concepção de desejo, em uma discussão epistemológica daquilo que ela deseja cartografar; depois, ela atua narrativamente no campo, cartografando afetos, experiências, interpretações e devir do que chama de corpos vibráteis.

Sobre as aplicações possíveis, uma cartografia pode mapear desejos (GUATTARI, ROLNIK, 2005; ROLNIK, 1989), práticas corporais, sentidos, subjetividades/masculinidades (LÉON, 2014), biossocialidades, políticas públicas, etc. O estudo de Bozz (2016), por exemplo, objetivou cartografar as condições de existência de biossociabilidades digitais de pacientes com câncer. O estudo de Teixeira Neto (2006) buscou investigar pontos de sustentação de uma tecnologia do esporte como pilar de um estilo de vida, em que são produzidos sujeitos autônomos e (auto)responsabilizados, bem como seus desdobramentos cotidianos. Leon (2014), utilizando recursos da etnografia e cartografia (etnocartografia), em um estudo das subjetividades, analisou as *performance*s das masculinidades em um clube de bairro da cidade de João Pessoa (CAC do Rangel). Por fim, o trabalho de Azevedo (2013) buscou compreender os sentidos sobre/do corpo que se produzem nas *raves*, tratando o corpo como algo material, constituído historicamente.

Os exemplos citados servem não apenas para ilustrar os caminhos possíveis de uma cartografia, mas para preparar para a leitura de uma investigação dos discursos e práticas que compõem a malha dos sentidos de *corpo saudável*, considerado-o como núcleo de um campo que trato como disciplinar. Este campo foi eleito como terreno "cartografável" por ser atualmente visto como a ponta operacional de referência na produção do *corpo saudável*.

Com ponta operacional de referência me refiro à execução das ações voltadas para a saúde, pensadas em sua raiz pela biomedicina em diálogo com a Educação Física.

Conhecer o caminho de constituição de objetos na cartografia é caminhar com esse objeto, (re)fazer o seu caminho, situar-se no caminho e com isso empreender uma pesquisa-intervenção (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2009). Mapear parte do processo de construção social disto que entendo nesta tese como *corpo saudável* – um dispositivo – é olhar para o passado para construir uma intervenção no presente, que se redesenha junto com a experiência do objeto.

O percurso a ser seguido neste trabalho pode ser compreendido a partir de dois movimentos simultâneos e comunicantes: de um lado uma "trilha genealógica"[18] dos agenciamentos da categoria polissêmica risco na Educação Física (trabalho de terreno) e da noção de saúde; de outro, uma "trilha cartográfica" dos agenciamentos de corpo, saúde e risco, considerando o processo de fabricação do *corpo saudável* em academias de ginástica da cidade de João Pessoa-PB (trabalho de campo).

É preciso esclarecer que utilizo "trabalho de campo" ou "trabalho de terreno" quando falo sobre as idas ao campo (sobre os treinos, por exemplo). O terreno na cartografia é onde encontro meus interlocutores, lugar de comunicação que nos trabalhos antropológicos recebe o nome de trabalho de campo, devido ao uso do método etnográfico. Utilizo território para falar do objeto de forma mais ampla, que inclui o contexto, o dispositivo e o campo disciplinar. Ou seja, podemos chamar de território nesta pesquisa o que não é necessariamente circunscrito em um espaço: os discursos da Educação Física, os agenciamentos coletivos, as linhas de força, por exemplo.

Utilizo o conceito de campo de Bourdieu para analisar e apontar características de algo que percebi como campo disciplinar, reestruturado nas últimas décadas: a Educação Física. Isto é importante porque percebo na área características que remetem a um campo, mas considero ainda mais relevante a contribuição do conceito para destacar como a área se reinventou a partir de sua própria estruturação, já descrita em estudos anteriores (PAIVA, 2004). Ou seja, as mudanças nas últimas décadas em relação ao seu objeto de intervenção denotam uma mudança que é também social e cultural, e impacta diretamente nos desdobramentos do dispositivo de *corpo saudável*. Por fim, o conceito de campo disciplinar me serve analiticamente e epistemologicamente, diferente do método (trabalho de campo ou de terreno), que é a estratégia que usei para chegar aos meus interlocutores.

[18] O termo "trilha genealógica" refere-se a uma pista não linear a ser seguida dentro da cartografia com inspiração na genealogia de Foucault (2008).

Nesse sentido, o primeiro esforço desta tese em mapear o caminho da construção do dispositivo de *corpo saudável*, considerando entre outros elementos os discursos biomédicos e de uma Educação Física vista como campo disciplinar, foi justamente fazer um apanhado – com inspiração na genealogia - de algumas pistas sobre o processo de construção desta noção a partir das categorias corpo e saúde, ou seja, o caminho percorrido até aqui e os seus possíveis desdobramentos contemporâneos.

A segunda etapa da pesquisa, cujo primado pela experiência sobressai-se em relação à reflexão genealógica, ocorre no terreno das academias de ginástica, mas expande-se para alguns espaços urbanos através dos relatos: o consultório, as lanchonetes os estúdios de exercício (*crossfit*, pilates, treinamento personalizado). A escolha do terreno, além da aproximação da pesquisadora com a área, se deu seguindo a crença de que as academias são centrais para a discussão sobre corpo e seu processo de fabricação na contemporaneidade, bem como devido ao fato de se mostrarem relevantes para a compreensão das construções sociais de saúde, doença e risco.

2.2 TRILHA GENEALÓGICA

A investigação, com inspiração genealógica, foi feita na tentativa de compreender os discursos elaborados acerca do tema cartografado e as condições de possibilidade de tais discursos. O interesse deste estudo pela genealogia como método foi mapear o contexto que pavimentou o terreno da transformação dos conceitos de saúde, sedentarismo e risco em categorias do entendimento, e quais as implicações deste processo para uma Educação Física que se configura atualmente como campo disciplinar.

No mapeamento de inspiração genealógica fiz um levantamento de caráter bibliográfico, apresentado na forma de tópicos e a partir de publicações selecionadas *online* que abordam o tema do estudo (revistas, jornais, folders, legislações, deliberações etc.). A pretensão do levantamento bibliográfico não foi construir uma revisão sistemática (GOMES; CAMINHA, 2014), mas selecionar publicações disponíveis na biblioteca eletrônica Scielo (América Latina) acerca do tema e agregar publicações de outras fontes à discussão. Deste modo, para selecionar os artigos utilizei os descritores “sedentarismo”, “risco”, “*corpo saudável*”, que conduziram a pesquisa a documentos que foram incluídos ou não seguindo os critérios de: pertinência ao estudo; aproximação com a discussão realizada; importância

na elaboração de posicionamentos institucionais; recrutamento em teses recentes sobre a área (com as quais dialogo).

O contexto social do Brasil foi levado em conta na interpretação do levantamento bibliográfico e o recorte temporal deste estudo é de meados dos anos 1970 até os dias atuais. O olhar sobre o século XX se justifica pelo grande movimento na direção da (re)estruturação do campo à época. Creio que tal movimento foi crucial para o argumento de como a área se estrutura novamente e se amplia nos dias atuais.

A etapa de inspiração genealógica deste estudo segue a proposta de Rolnik (1989) de uma discussão inicial sobre as elaborações discursivas relevantes, mapeadas segundo a proposta de pesquisa e reflexões epistemológicas. Tentei fazer isto abordando as noções de sedentarismo, corpo, saúde e risco, que ajudam na construção do dispositivo de *corpo saudável*, seja pela sua negação (sedentarismo e risco) seja pela afirmação (saúde e corpo).

Deleuze e Guattari (1995) veem no diálogo entre genealogia e cartografia um caminho frutífero. A inspiração na genealogia foucaultiana teve papel fundamental, pois, ela oferece ferramentas para a compreensão dos jogos de saber e poder envolvidos na criação de dispositivos. Complementando o mapeamento, com inspiração genealógica, a dimensão micropolítica deste estudo seguiu a trilha cartográfica das relações face a face em contextos de produção do *corpo saudável* (academias de ginástica), ou seja, a ação das forças, tensões e mecanismos de subjetivação[19], considerando as construções sociais de *corpo saudável* e sedentarismo como fundamentais para a ação de tais mecanismos.

2.3 TRILHA CARTOGRÁFICA

A escolha do terreno de pesquisa, entre tantos possíveis na Educação Física, se deu devido ao fato de o ramo de academias ser crescente no Brasil, o que expressa: preferência da população de diversas classes sociais por estes espaços; investimentos mercadológicos no ramo e a sua condição de *locus* de prática de exercício físico. Também justifica-se pela crença de que a academia de ginástica, que pode ser considerada lugar privilegiado para o

[19] Entendo como subjetivação o mecanismo através do qual os indivíduos são conduzidos a atuar "sobre si próprios, sob certas formas de autoridade, em relação a discursos de verdade, por meio de práticas do self, em nome de sua própria vida ou saúde, de sua família ou de alguma outra coletividade" (ROSE E RABINOW, 2006, p. 29). Enquanto Rabinow tem empreendido suas análises sobre esta temática em termos de "biossocialidade", Rose o faz examinando a formação de tipos de sujeito em termos de "individualidade somática".

mapeamento do processo de fabricação do *corpo saudável*, é decisiva na (re)produção de subjetividades relacionadas às novas *expertises* pastorais contemporâneas (ROSE, 2013).

O trabalho de campo – chamo de trabalho de terreno - seguiu a proposta de "participação observante" de Wacquant (2002) e durou ao todo 18 meses. Em linhas gerais, a observação é um instrumento muito utilizado na pesquisa qualitativa, geralmente sistematizado por notas de campo e/ou gravação em vídeo (GASKELL; BAUER, 2012). Já a participação observante implica não só na observação presente, mas na experimentação e na inclinação para a possibilidade de ser afetado pelo campo (SIQUEIRA, 2005).

A ideia de participação observante aqui adotada se deve à tentativa de compreensão, por meio do "aprendizado pelo corpo" (WACQUANT, 2002) e da vivência pessoal, das forças e relações envolvidas no processo de produção do *corpo saudável*, cujo recorte espacial é o lugar onde diversas práticas elaboradas com tal finalidade se encontram. Sendo assim, a dimensão dos agenciamentos maquínicos foi explorada no contato com os profissionais, alunos e na inserção em uma dupla posição de aluna/profissional no terreno cartografado.

Seguindo a pista de que se as instituições são locais de produção de saber-poder e os primeiros a serem disciplinados são os profissionais, considerei relevante ouvir os professores da área por acreditar que estes são referência para o público - leigo ou não - nos cuidados com o corpo, à medida que estes agenciam discursos e práticas na posição de figura de legitimidade (FOUCAULT, 2003).

O contato com praticantes de exercício físico, funcionários (recepcionistas e encarregadas da limpeza) e profissionais da área aconteceu durante as sessões de treino nas academias e constituiu o meu grupo de interlocutores. Os apresentarei na descrição dos dados de campo, mas de antemão ressalto que contou com um roteiro de observação construído com base na genealogia e no próprio campo. Nada foi pré-estabelecido.

Dito isto, gostaria de destacar meus principais interlocutores na academia Norte: Fernanda (33 anos, estudante de engenharia), Cintia (25 anos, estudante de jornalismo), Raquel (33 anos, *personal trainer*,), Felipe (29 anos, *personal trainer*), Flávia (36 anos, encarregada da limpeza do banheiro feminino). Outros alunos também participaram da pesquisa como informantes recorrentes, tais como: Larissa (27 anos, empresária), Sônia (42 anos, dona de casa), Daniela (22 anos, estudante) e Davi (aluno, 28 anos). Na academia Sul, meus principais interlocutores foram: Rafaela (31, *personal trainer* que me assistiu durante todo trabalho de terrreno), Murilo (36 anos, professor), Fábio (34 anos, comerciante local), Marcela (34 anos, professora), Tatiana (38 anos, administradora) e Cássia (31 anos,

enfermeira). As conversas com os interlocutores e informantes aparecem no decorrer dos capítulos na forma de falas transcritas e afirmações sobre o campo.

Entrei no terreno com a expectativa de realizar uma espécie de "itinerário corporal" (ESTEBAN, 2014), tendo minha experiência de fazer/fabricar o corpo como sujeito e objeto de investigação, descortinando caminhos percorridos, saberes e práticas envolvidas, bem como relações estabelecidas por aqueles que buscam o *corpo saudável* em academias.

O registro diário de acontecimentos e impressões foi feito em um diário de campo e muitas vezes com ajuda do celular, que dentro da academia não apenas passava despercebido nas sessões de treino, mas no caso da academia *low cost* ajudava a compor a figura da pessoa que treina. Assim, em termos de registro, a análise das observações contou com a ajuda de um diário de campo, construído em cada sessão de treino realizada, que subsidiou todo o estudo. Justifica-se o uso desta ferramenta pela ideia de que por mais que as observações sejam ricas, existem detalhes importantes que algumas vezes podem ser resgatados (MARIANTE NETO; MYSKIW; STIGGER, 2012). Sobre a organização dos pontos observados e considerados relevantes no decorrer da pesquisa, o quadro 1 mostra sua síntese.

Quadro I – Pontos relevantes para observação e discussão

SENSAÇÕES E OBJETOS ⟷	SUBJETIVIDADE ⟷	DISCURSOS
Distribuição das pessoas no espaço (configuração) Especificidade dos objetos de/na academia e sua relação com as sensações e o corpo Mediação da máquina e do espelho na produção do corpo Roupas Olhares entre os indivíduos Sons (das músicas, das pessoas e das máquinas) Dor e "sacrifício" – práticas ritualizadas	Motivações dos praticantes de exercício Cuidados com o próprio corpo O lugar do exercício na vida Concepções de risco e negociações individuais Sedentarismo e motivação à prática de AF Formas de trabalho e comunicação dos profissionais	*Corpo saudável* dentro e fora da academia (profissionais, alunos e pessoas próximas) Alimentação e rede de apoio Distinções entre os corpos Relações de poder O lugar do discurso Médico Representações de beleza e saúde Objetivação de *corpo saudável*

Fonte: elaborado pela autora

A análise das informações registradas no diário de campo inspira-se na proposta foucaultiana de análise de discurso (FOUCAULT, 2003, 2008, 2012), que compreende enxergar forças discursivas e não-discursivas não apenas como linguagem e imagem, mas como práticas. Assim, " analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão

fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva [um conjunto de regras anônimas determinadas no tempo e no espaço]" (FOUCAULT, 2008, p.56).

Foucault (2008, p.8) em *A ordem do discurso*, refletindo sobre as elaborações discursivas, levanta a seguinte questão: "o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?". Refletindo sobre esta pergunta, ele apresenta os fatores que operam no universo "exterior" do discurso, que são a vontade de verdade e os mecanismos de exclusão, que movem os jogos de desejo e poder. A vontade de verdade encontra força na palavra e no modo como o saber é aplicado, conduzido, distribuído e valorizado socialmente. Mas o discurso também tem seus elementos internos, se desenrola no acaso e no acontecimento. É repetido (desde textos científicos, legais ou literários) e adquire seus próprios desdobramentos. Deste modo, o discurso conta com a linguagem como veículo de legitimação dos saberes.

Contudo, mais adiante é possível observar que a forma como tais saberes ecoam na sociedade, e, consequentemente na vida dos indivíduos, é um fator determinante para a reelaboração e sobrevivência dinâmica do próprio discurso. Sobre sua relação com os sujeitos,

> Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito. (Foucault, 2008, p.109)

Com base nesta afirmação, ao analisar os discursos não encontramos formulações que convergem unidirecionalmente de um tipo de poder para um tipo de sujeito, pois, se o sujeito da linguagem não é um sujeito *dado a priori*, o que se diz sobre ele (e o que ele diz) nos discursos convertem-se em condições de possibilidade.

Dreyfus e Rabinow (2010, p. 63) explicam que o discurso para Foucault, "trata-se de uma manifestação de uma vontade, que não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável. O método da justificação e refutação confere a esses atos de fala sérios sua pretensão ao saber e faz deles objetos a serem estudados, repetidos e transmitidos". Assim, no âmbito do discurso sobre conhecimento, os efeitos positivos do poder dizem respeito à geração de saberes para manutenção de poderes, em um ciclo retroalimentado de estratégias que garantem o seu exercício (dimensão biopolítica). No âmbito da ação, o aspecto positivo/produtivo visa a produção de subjetividades (FOUCAULT, 2003).

Para o discurso não existe *um* corpo, existem vários corpos, e, portanto, várias formas de individualização. A partir das práticas discursivas[20] acerca destes corpos podemos encontrar pistas sobre formas de produção/classificação dos sujeitos e formas de subjetivação.

2.3.1 Reflexões sobre pesquisar no terreno

Embora este estudo não seja etnográfico, além da inspiração no "aprendizado pelo corpo" realizado por Wacquant (2002) em *Corpo e alma: notas etnograficas de um aprendiz de boxe*, recorro à etnografia de Malysse (2008) para a familiarização com o posicionamento diante do horizonte cartografado. Enquanto para Malysse a inserção na academia de ginástica para a realização de uma antropologia do corpo, mediada pela prática da musculação, era declaradamente um grande esforço, para Wacquant, ser afetado pela dinâmica do *gym* revelou uma paixão, a ponto deste autor cogitar competir profissionalmente e se dedicar ao boxe (não fosse a sua falta de talento para o combate).

Em sua pesquisa, Wacquant matriculou-se no *gym* (ginásio de boxe) apesar de não possuir nenhuma experiência prévia com o esporte, para a partir dele observar um gueto negro de Woodlawn/Chicago. Já Malysse, com 36 anos e nenhuma experiência na musculação, matriculou-se em uma academia de um bairro economicamente privilegiado da cidade de São Paulo para fazer do seu corpo objeto de investigação e dar continuidade a sua busca pelos (h)alteres-ego.

Inspirado em Geertz, Malysse problematizou a questão do trabalho de campo na antropologia do corpo em primeira pessoa, argumentando que embora haja necessidade de tornar-se um "eu convincente" na narrativa, uma antropologia do outro é, em certo ponto, uma antropologia de si mesmo. A ideia de Malysse foi render-se à musculação e ao *pilates*[21], na tentativa de problematizar questões como a relação gênero-músculo-corpo na produção de masculinidades, dor e modificação corporal. Em sua etnografia, o autor admite previamente

[20] Para Foucault (2008, p.136) o discurso não é um conjunto de enunciados linguísticos, é uma prática. Nesse sentido, prática discursiva é "...um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa".

[21] Método criado pelo alemão Joseph Pilates (na década de 1920) que consiste em realizar exercícios utilizando principalmente o peso do próprio corpo. Atualmente no Brasil ele pode ser aplicado por profissionais de fisioterapia e Educação Física.

que a academia é um espaço de competências ao qual ele resiste, mas que permaneceria aberto às afecções. Para ele, um pesquisador afetado "não compromete seu trabalho, de modo que aceitar ser afetado não implica que o pesquisador encare o fato social como algo natural" (MALYSSE, 2008, p.14). Assim, sigo as ideias de Malysse e Wacquant quanto à inserção no campo, e embora seja profissional da área, além dos saberes institucionalizados que carrego desde a graduação, a experiência cotidiana da fabricação do corpo na academia de ginástica não me é familiar.

Sobre a trajetória no terreno em si, não tive em momento algum a pretensão de estabelecer um trajeto que não fosse flexível. A trajetória na cartografia é uma experiência – pessoal e de pesquisa - diferente a cada visita, a cada observação, a cada contato com o outro. É neste "se deixar levar" que ela consiste. A cada descoberta, novas possibilidades foram incluídas – ou excluídas – no estudo. Para que isto pudesse acontecer dentro da proposta cartográfica, o *ser pesquisadora implicada* não foi em nenhum momento perdido de vista.

2.3.2 Pesquisadora implicada

Durante a realização desta pesquisa estive afastada da docência na área da Educação Física, por este motivo, tentei me manter a par das discussões e participar de eventos para que continuasse atualizada sobre as tendências do campo, o que me permitiu conhecer práticas e saberes difundidos pelo Brasil em grandes eventos anuais já consolidados. Entre os eventos que participei como ouvinte, um me chamou atenção em especial, no qual pude fazer um pequeno curso sobre "*Corpo e os transtornos da imagem corporal*", um tema pouco recorrente em congressos voltados para o exercício físico. Este curso, ministrado pelo dono de uma academia de ginástica, tratava-se por fim de uma proposta de musculação para todas as idades. Nesta fase da pesquisa, minha atenção estava voltada para os elementos aparentemente desconexos e para a detecção de "pontas do processo em curso" (KASTRUP, 2009, p. 33). Achei interessante a inclusão do curso no programa do evento, por que me interessavam os elementos dissonantes. Em um evento sobre *fitness,* um curso de viés crítico era inesperado, mas a proposta não foi muito além de um chamado à musculação em todas as fases da vida.

Nos primeiros passos da pesquisa busquei ampliar o diálogo com pessoas com opiniões diferentes da minha e tentei exercitar os princípios da auto-análise e do estranhamento (BEAU, WEBER, 2007; MAGNANI, 2002), o que entendo ser fundamental não só no início, mas em todas as fases da pesquisa. O objetivo era fugir do risco de excesso de familiaridade, que me rondava por estar pesquisando dentro da minha área de formação. Apesar do cuidado com a familiaridade, embora conhecesse algumas pistas sobre o discurso do campo, o processo cartográfico sempre é totalmente novo, ao passo que "as bases sobre as quais a familiaridade se assentam são cambiantes" (STRATHERN, 1987, p. 134), ou seja, ser professora de Educação Física me faz próxima e distante, me insere na categoria de profissional, mas ainda assim me coloca na posição de andarilha. Nesse sentido, vivenciar a atmosfera de fabricação do *corpo saudável* naquele momento – sobretudo nas academias de ginástica e na musculação - era algo novo, que aos poucos eu precisava buscar e de onde dificilmente sairia ilesa (BEAU; WEBER, 2007).

Segundo Prado Filho e Teti (2013, p.55) estranhamento é uma postura, e "implica desterritorialização de espaços fixos, demarcados, de reprodução, envolvendo reterritorialização e abertura para o novo e a diferença". Numa cartografia, este exercício é fundamental, pois, auxilia na interpretação do pesquisador daquilo que é cartografado, para que ele não caia na ilusão da representação nem da romantização. Isto é importante porque, segundo os autores, o que mais interessa à cartografia é "um olhar crítico, de estranhamento das nossas espacializações cotidianas e, seguindo as pistas dos princípios da heterotopologia, produzir uma análise e descrição que mostrem a sua formação histórica [genealogia]". Isto quer dizer que a posição, inclusive política, do pesquisador no campo, bem como o seu posicionamento diante dos achados, exige estranhamento e passa pela questão de que cartografar é fazer parte do que é cartografado.

Pensando nos limites e nas benesses da autoantropologia (*at home)* apontados por Strathern (1987), estive ciente de que ao mesmo tempo em que afinidade e abertura na pesquisa podem significar facilidade de inserção no campo, a qualidade das observações pode ser comprometida pela falta de certo "distanciamento". Por este motivo, mirei não no enviesamento, embora a cartografia demande um posicionamento, mas na maior reflexividade: a possibilidade de, enquanto "nativa" do campo, não precisar transpor barreiras conceituais e linguísticas, produzindo assim uma ampliação dos saberes sobre o campo estudado.

Durante o trabalho de campo, ser formada em Educação Física me permitiu encontrar colegas de formação, alunos e professores, mas sempre deixei claro que tinha pouca

experiência com musculação em academias. Compreendo que ser profissional da área poderia ser algo perigoso, mas não fui assistida por pessoas próximas, nem reforçava – como em uma posição de autoridade – o lugar de profissional da área diante dos meus professores. Minha inserção no campo não contou com grandes barreiras, como narro na descrição, e sei que isto se deve em grande parte ao fato da minha presença naquele espaço ser legitimada pela matrícula e não demandar a aceitação do grupo.

Contudo, destaco a importância da forma e da *performance* do corpo nesta investigação, que parte dele como objeto de estudo. Creio que se minha forma tivesse outros contornos a pesquisa seria realizada de outro ponto de vista e provavelmente outras questões seriam debatidas neste trabalho. Isto pode ser exemplificado se observarmos os resultados da pesquisa de Manuela Lira (LIRA, 2014)[22], que ao inserir-se também em uma academia de ginástica da cidade de João Pessoa-PB discutiu a construção da corporeidade feminina e teve que lidar com dilemas outros em relação ao seu corpo (um corpo diferente do meu) e de suas interlocutoras. Assim, a possibilidade de me engajar "corporalmente" e ser afetada ao fazer participação observante foi determinante para a fabricação do *corpo saudável* a partir deste corpo que tenho, o que por fim deu contornos próprios ao estudo.

Tentei evitar também a naturalização, a "tentação do pitoresco"[23] e o foco em objetos amplos, riscos que corremos em pesquisas de campo e tentamos afastar em um exercício diário dentro do estudo (BEAU; WEBER, 2007). Mas ninguém está imune às aventuras do campo e as armadilhas do método, então revisitei meu objetivo algumas vezes antes de decidir por onde começaria. Finalmente, munida de ferramentas na mochila, me inspiro nos autores da antropologia e da sociologia para tentar descrever minha posição (embora agindo duplamente) no campo de pesquisa. Neste sentido, recorri à experiência para vivenciar no corpo como as elaborações discursivas tocam a dimensão micro da ação, na tentativa de explorar a malha de relações que envolvem a produção de um tipo de *corpo saudável* específico: aquele que é produzido na academia de ginástica.

Concluo, lembrando que a beleza da incerteza em relação ao que encontraria foi o principal motivo de ter escolhido a cartografia como método. A abertura para a surpresa das pistas e o "não conhecer"/conhecendo o terreno (falo muito mais das crenças subjacentes do que do espaço físico), a meu ver, me colocaram em um lugar de fala que é privilegiado mas

[22] Aluna do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPB), cuja dissertação tem como título: *Ninguém é de ferro: a construção da corporeidade em uma academia de ginástica feminina de um bairro popular na cidade de João Pessoa.*

[23] Beau e Weber definem esta expressão como a possibilidade de interesse por temas considerados "estranhos, exóticos" numa tentativa de conservar o mito da originalidade.

ao mesmo tempo é de nômade. É possível? Com isto quero dizer que não fixei raízes. Como reflexo, alguns leitores encontrarão conceitos que podem interpretar como aparentemente distantes, porque eles surgiram no curso da análise, mas me esforcei para que não encontrassem posições cristalizadas.

2.4 PRIMEIROS PASSOS NO TERRENO

Antes de ingressar no doutorado e no curso de Ciências Sociais cursei Educação Física. Na época, com ajuda da diversidade de disciplinas e posicionamentos, mergulhei nas minhas inquietações sobre o corpo. Durante a minha formação pratiquei esportes, mas nunca me interessei por musculação, academias, ginástica e demais modalidades ligadas ao que se conhece como "*fitness"*. Atribuo este desinteresse à falta de experiências socializadoras no terreno e, consequentemente, à falta de apetência.

Meus familiares ou amigos, não frequentavam estes espaços, então, a musculação não pôde ser incorporada ao meu repertório de disposições sob influência antes deste mergulho no campo. Na época da minha graduação (2006-2010) inclusive, as academias de ginástica não eram ainda tão populares na cidade de João Pessoa-PB. Nos últimos anos, porém, o que se percebe é que João Pessoa acompanhou a tendência nacional de valorização da fabricação do copo nestes espaços. Encontramos nos bairros academias diversas (*low coast*, de pequeno e grande porte, etc.), sem mencionar os populares *boxes* de *crossfit*. O dado que comprova este crescimento vem de um levantamento feito pelo SEBRAE (2018), que apontou que o número de academias de ginástica cresceu 109% em 4 anos[24] na cidade.

Diferente de muitas pessoas com as quais conversei nas academias, buscar saúde, melhor desempenho, auto-estima, definição muscular, nunca foram desejos meus. Faço aqui um recorte cultural, social e geracional para tentar explicar meu lugar de fala: na cidade em que cresci (onde fica a academia Sul), nos anos 2000, e mais especificamente na minha família, as pessoas não costumavam procurar atividades físicas em espaços privados. No centro da cidade haviam duas academias de pequeno porte (que existem até hoje), mas quem

[24] Dado disponibilizado pelo Jornal Correio da Paraíba (online). Matéria: Número de academias dobra na Paraíba em quatro anos - *Preocupação com o corpo e a saúde impulsiona o mercado fitness e faz empresas investirem em inovação para se diferenciar*, João Pessoa, 18 set. 2019. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/numero-de-academias-dobra-na-paraiba-em-quatro-anos/>

as frequentava geralmente eram os “atletas de bairro” (que disputavam pequenos torneios), pessoas ligadas ao esporte (alguns fisiculturistas locais), poucas mulheres e homens jovens. Nenhuma das motivações que tocavam meus interlocutores me inseriam no contexto da academia porque não eram questões relevantes nas minhas vivências.

Apontadas estas questões, o que se segue é o esforço de uma viajante que tentou compreender os dilemas do outro e de um campo em plena ascenção, a partir dos encontros, dos “sinais dos estrangeiros”, que “desencadearam direções em sua evolução” (ROLNIK, 1989, p. 24). Algumas conversas apresentadas e destacadas se tratam de descrições literais, as demais conversas estão diluídas no texto na forma de discussão.

Durante o trabalho de terreno, conversei com professores, alunos e funcionários das academias. Com algumas pessoas interagi nas seções de treino e no espaço reservado ao maquinário, com outras, no movimentado banheiro feminino. Há ainda aquelas que só observei e as pessoas com quem estabeleci laços, ou mesmo aquelas para as quais simplesmente me coloquei ao alcance do olhar[25]. Todas estas pessoas fizeram parte desta cartografia de algum modo, entrando e saindo do teritório e da rede cartografada de forma fluida e livre.

2.4.1 Entrando na sala dos espelhos

Nos passos iniciais da realização desta cartografia, no primeiro ano de doutorado, quando os dados sobre sedentarismo em ascensão e a valorização do corpo me convidaram a questionar discursos inquestionáveis, eu ainda ministrava aulas em uma faculdade próxima à cidade de João Pessoa-PB. Aproveitava a oportunidade das aulas e o ambiente para discutir o currículo com colegas de profissão e alunos, alguns dos quais encontrei no decorrer da pesquisa (inclusive nas academias que frequentei).

Já com o projeto de uma cartografia em mente, mas ainda sem terreno, procurei sintetizar algumas inquietações e eleger o ponto de partida da trajetória cartográfica: tema e objeto. Acompanhei relatos em redes sociais de profissionais e adeptos de atividades físicas, postagens de pesquisadores sobre as inovações do exercício físico, conversei com pessoas

[25] Merleau-ponty diria que somos vistos pelas coisas no mundo tanto quanto as vemos, que o olhar deposita sobre o outro um papel na interpretação do mundo que sozinho o sujeito que vê não consegue alcançar, um olhar do outro sobre nós mesmos que na verdade é nosso sobre nós.

que praticavam ou se interessavam por musculação/atividade física e paralelamente fiz um levantamento de estudos/reportagens/documentários sobre a história da Educação Física. Frequentei alguns eventos locais e nacionais que colocavam a Educação Física em diálogo direto com a epidemiologia e a medicina do esporte, o que me ajudou bastante a explorar outras perspectivas.

Neste percurso, percebi que corpo, sáude e risco (configurado como sedentarismo na Educação Física) eram muito presentes, apareciam em todos as discussões, eram alvo de disputas e mobilizavam ações. Assim, *corpo saudável* e sedentarismo emergiram como objetos de discussão e as academias se mostraram um terreno importante. Entre idas e vindas na escolha da academia que frequentaria, conheci o segmento *low cost* (baixo custo), uma tendência importada dos estudos sobre economia e gerenciamento de custos que chegou à Educação Física, à aviação e à outras formas de serviço no Brasil.

Consideradas uma virada mercadológica, para alguns as academias *low cost* são a nova tendência de treino rápido e com baixo custo; para outros, são um indício de precarização do trabalho (QUELHAS, 2012). Nestes espaços a proporção professor aluno é diferente dos estabelecimentos comuns, deixando os clientes "mais livres" e em certo ponto "independentes" para a realização dos treinos. Esta é justamente a proposta deste nicho de mercado *self service*, de alunos *experts*: proporcionar espaço e maquinário e deixar o aluno responsável pelas suas próprias escolhas (se treina rápido, devagar, se não treina, se treina muito, etc.).

A primeira academia escolhida (que chamei de Norte) pode ser considerada como de médio porte e fica na zona norte de João Pessoa, perto da orla, em um bairro com índices muito baixos de vulnerabilidade social (IBGE, 2019). Contudo, apesar da sua localização, ela é frequentada por pessoas de outros bairros e até de outras cidades (como no meu caso) e diferentes classes sociais, pois, se torna economicamente mais acessível – em termos de mensalidade - por ser do segmento *low cost* (baixo-custo).

Seu entorno mescla estabelecimentos comerciais, muito trânsito e alguns poucos prédios residenciais. Por causa do seu público-alvo diversificado, a academia em questão torna-se um espaço misto, no qual circulam jovens senhoras(es), homens e mulheres jovens e maduros, das classes sociais média baixa, média e média alta[26]. Por estar situada em um local de passagem, o fluxo em alguns momentos do dia é intenso e é comum as pessoas pararem para treinar a caminho do trabalho. Isto contribuiu para a sua escolha entre outras

[26][26] Tendo como referência a classificação da *Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE*).

do ramo. Outro motivo que conduziu à escolha desta academia é o fato de ela estar em evidência no Brasil (presente em 13 estados) e possuir outras franquias na cidade (3 atualmente), favorecendo a diversidade de interlocutores sem perder a especificidade do segmento.

A segunda academia (que chamei de Sul) fica localizada na terceira maior cidade do estado[27]. Porém, apesar de ser uma cidade grande em território e população, seus habitantes ainda conservam costumes que remetem à cidades pequenas. Muitos não costumam ir ou jamais foram à capital, estudam e trabalham na própria cidade, têm lazer passivo, são muito ligados à dinâmica da propria cidade: andam a pé de um bairro a outro, sentam nas calçadas, vão ao mercado local, visitam parentes próximos e se conhecem por serem antigos na região.

Sobre a academia, ela foi construída recentemente como fruto do investimento de uma empreendedora local. O bairro onde ela está situada mostra-se dividido em dois cenários: uma parte é habitada por pessoas de classe média (baixa ou alta), alguns políticos, empresários locais; outra parte é ocupada por moradores desfavorecidos economicamente. Apesar disto, a mensalidade iguala-se à da academia da capital. Me matriculei nesta academia apenas depois de alguns meses de trabalho de campo, quando suspendi meu ciclo de incursões na academia Norte.

Em meados de julho de 2016 me dirigi à primeira academia para realizar a matrícula. Pesquisar em ambientes cuja inserção do pesquisador no terreno[28] é facilitada pela inscrição é sem dúvida transpor algumas barreiras iniciais. Me solidarizo com colegas que pesquisam em espaços de saúde que não os acolhem, nos quais por vezes sequer chegam a entrar. Algumas instituições nem sempre estão dispostas a receber pesquisadores e isto se deve também ao fato de que disputas de poder são travadas com frequência nestes espaços.

Chegando à academia, fui recebida por uma moça que me mostrou horários, aulas, modalidades, possibilidades, regulamento, planos, etc. Expliquei que pretendia realizar ali minha pesquisa de doutorado, ela assentiu, mas não questionou e finalizou minha matrícula. Como o local é privado e a matrícula garante o acesso, não precisei de nenhum documento

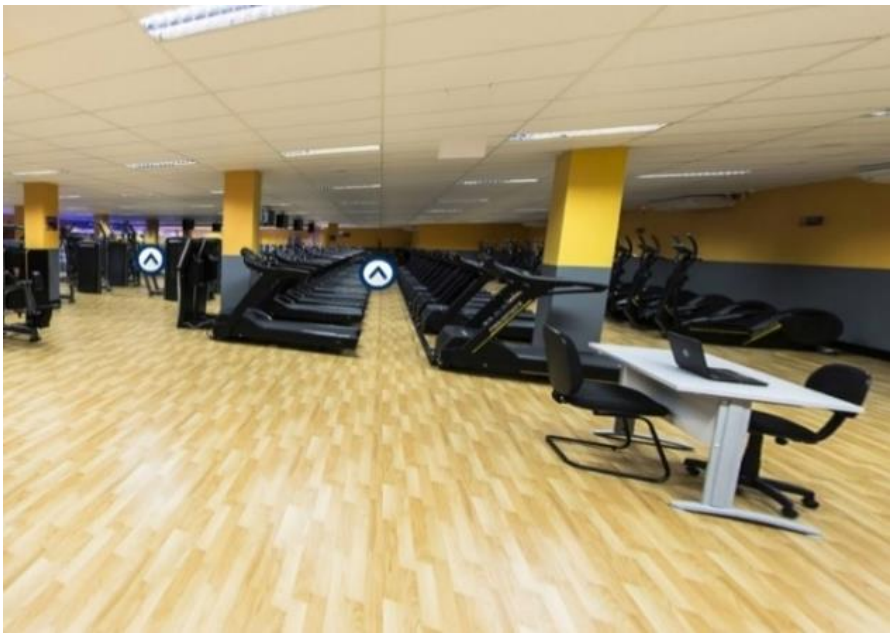
27 Para se ter uma ideia superficial da diferença social entre as cidades, enquanto João Pessoa tem 809.015 pessoas, um PIB per capita de R$ 24.319,82 e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Municipal de 0,763 (considerado alto), Santa Rita tem 136.586 pessoas, um PIB per capita de R$ 16.239,26 e o IDH Municipal de 0,6279 (considerado médio). Fonte: IBGE (2019).

28 Como os termos são bastante parecidos, reforço que utilizo "trabalho de campo" ou "trabalho de terreno" para falar sobre as idas ao campo em si, terreno é onde encontro meus interlocutores, o que se faz nos trabalhos antropológicos por meio do método etnográfico (nos quais se usa trabalho de campo). Utilizo território para falar do objeto de forma mais ampla, que inclui o contexto, o dispositivo e o campo disciplinar. Assim, o território desta pesquisa são os discursos da Educação Física, agenciados coletivamente e também individualmente, pelos sujeitos. Por fim, utilizo o conceito de campo de Bourdieu para analisar e circunscrever características de algo que percebi como campo disciplinar, a Educação Física.

específico, apenas por questões éticas expliquei meus objetivos. Da mesma forma aconteceu na academia Sul. Nas primeiras sessões de treino estipulei que passaria a frequentar a academia uma ou duas vezes por dia, durante em média uma hora e meia, (algumas vezes em horários diferentes). Assim, iniciei meu "itinerário corporal" em julho de 2016 e concluí em 2017. Frequentava o espaço uma ou duas vezes por dia, em diferentes horários (início da manhã, da tarde ou da noite), 4 ou 5 vezes por semana.

Ao entrar na academia Norte, olhando rapidamente, percebi que o espaço destinado à prática de atividade física era de em média 200m², preenchidos por um maquinário moderno e com cores vibrantes (figura 1). A proposta das academias *low cost* tem crescido em João Pessoa e no Brasil exatamente por fornecer equipamentos modernos com uma mensalidade que chega a ser metade do valor de academias "normais". Além das máquinas de última geração, a academia possuía em toda sua parede lateral espelhos que iam do teto ao chão, esta era a sala dos espelhos.

Figura 1 - Sala de musculação da academia Norte



Fonte: página *online* da academia.

Ao centro e ao fundo, estava uma sala quadrada de "paredes de vidro" (figura 2), destinada às modalidades coletivas aeróbicas (lutas, ginástica e dança). Pensei naquela configuração específica da sala de vidro ou como uma forma de isolar os sons e os materiais diferenciados do resto do espaço, ou como uma forma de destacar aqueles que ali estavam (como um palco) dos demais. Aparentemente nem todos estavam autorizados a entrar ali, para assumir um lugar na sala, diante de tantos espectadores, era preciso ser capaz ou

aventurar-se. À primeira vista me pareceu uma configuração invertida do panóptico, em que os vigiados estavam no centro com o desejo de serem observandos, mas por quem? por quê?

Figura 2 - Sala “de vidro”

Fonte: página *online* da academia

Para descrever o espaço das academias frequentadas a partir da noção de sociabilidade, se tomarmos a academia de ginástica como um lugar, podemos enxergá-la como um *pedaço* ou uma *mancha*, conforme explica Magnani (2002). *Pedaço* porque possui um forte componente simbólico. Ali os sujeitos se reconhecem e partilham em menor ou maior grau dos mesmos gostos, orientações, valores, hábitos e estilo de vida (referente aos cuidados com o corpo e a saúde). Também porque seus frequentadores o veem como um intermediário entre a casa e a rua (pois no espaço delimitado estão seguros, cuidam do corpo, estabelecem relações, tomam banho, se alimentam, transitam frequentemente, etc.).

O que afasta a academia da noção de *pedaço* de Magnani (2002) e a aproxima da noção de mancha é o motivo que atrai as pessoas para o espaço, que não é afinidade ou fortalecimento de laços, mas o interesse em equipamentos e a consequente possibilidade de encontros. A “profundidade” das relações estabelecidas, neste caso, depende de outros fatores que não envolvem vizinhança e pertencimento, como no *pedaço*. Há muito mais a falar sobre desejos em comum, percepção de corpo e saúde quando o assunto é sociabilidade nestes espaços.

Magnani (2002) chama de *mancha* pontos de referência para a busca de determinado serviço/prática (bares, restaurantes, cinemas, teatros, hospitais, etc.), que não

necessariamente expressam encontros previstos e regulares. No terreno das sociabilidades, o *pedaço* é certeza, a *mancha* é imprevisibilidade. Nem mesmo aqueles que partilharem em maior grau dos mesmos hábitos, gostos e valores, necessariamente estabelecerão o tipo de relação encontrada no *pedaço* em uma *mancha*. Os frequentadores desta academia – e geralmente isto ocorre mais em bairros economicamente privilegiados - não veem o estabelecimento de laços como prioridade, embora isto possa ocorrer nos encontros cotidianos.

Diferentemente do que ocorre no *pedaço*, para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais, que compartilham os mesmos códigos, a *mancha* cede lugar para cruzamentos não previstos, para encontros até certo ponto inesperados, para combinatórias mais variadas. "Numa determinada *mancha* sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus frequentadores" (MAGNANI, 2002, p. 22).

Para Leon (2014) o rizoma dá lugar à *mancha*, uma vez que ele não é perceptível a não ser pelas relações que emergem. Diferente deste a *mancha* é mais delimitada. Com elementos do *pedaço* e da *mancha*, a academia é um espaço em que as pessoas se encontram, de forma relativamente imprevisível (devido aos horários e demandas do cotidiano). Os encontros se dão em torno de um conjunto de equipamentos que caracterizam determinado serviço/prática, mas envolvem a identificação prévia destas pessoas – em menor ou maior grau - com um mesmo conjunto de ideias, valores e signos, resultando na possibilidade de estabelecimento de laços. Temos então um *pedaço-mancha*.

3 ENTRE IMAGEM, MÁQUINA E ESPELHO: A AGÊNCIA DOS OBJETOS NA ACADEMIA

O corpo tem sido alvo de disputas e discussões, sobretudo nas últimas décadas, em torno de dicotomias como: natureza e cultura, agência e estrutura, fisiológico e simbólico. Em meio a estas disputas, ele mostra-se cada vez menos preso à (pré-) determinações que o posicionam ou classificam-no de forma permanente em qualquer uma destas polarizações.

Não sendo o corpo uma "entidade independente", que serve de sustentáculo para a alma ou para a mente, para autores como Le Breton (2012) restou ao sujeito ocidental contemporâneo fabricá-lo – com maior ou menor interesse por certos padrões - à luz de uma espécie de "liberdade formatada". Esta "liberdade formatada" compreende uma tentativa empreendida pelo sujeito de equilibrar-se entre coletividade e individualidade, uma espécie de movimento simultâneo entre a abertura para tomada de decisão em relação ao seu corpo e a interiorização de normas sociais. Segundo este autor, em relação às escolhas individuais, as decisões são limitadas por questões sociológicas e pelo tempo, e mediadas pelos sujeitos.

Esse tipo específico de liberdade é um dos fios da malha que compõe a relação contemporânea indivíduo/corpo. "Livre" para escolher, o sujeito é convidado a ser transformador do próprio corpo, mas nem tão livre assim, não passam despercebidas as propostas do mercado, da ciência, da biomedicina e da Educação Física, que fazem um chamado à busca pela diferenciação em meio à coletividade.

Transformar o corpo é buscar um lugar privilegiado em um sistema que hierarquiza segundo valores, é caminhar na direção da construção social de saúde e em certa medida da beleza. Neste contexto, a preocupação com a saúde pode não significar necessariamente afastamento da doença, mas ser antes a busca ansiosa por uma "higiene fisiológica" (SAUTCHUK, 2007, p.198). Tal ideia de higiene remete ao risco iminente em caso de negligência com a forma do corpo, frequentemente mensurada com base na proporção entre músculo e gordura, evidenciada pelo espelho e pelo olhar do outro.

Os saberes envolvidos na fabricação do corpo *recomendam* o combate aos signos de finitude, quer seja gordura, sedentarismo ou outras formas de fuga da norma. Ferreira (2006) nos lembra, por exemplo, como a medicina *recomenda* a cirurgia plástica, ao mesmo tempo em que suprime a noção de risco e faz da insatisfação e do excesso grandes não-ditos, inserindo a plástica enquanto prática corporal em um processo mais amplo de medicalização e estetização da saúde. O que este autor nos sugere, embora este debate seja espinhoso, é que

saúde e estética têm limites tênues e cada campo agencia estes limites de acordo com seus interesses. Embora a estetização da saúde fuja do escopo deste trabalho, gostaria de frisar que dentro do processo de fabricação do *corpo saudável* a imagem tem um papel importante, mas não qualquer imagem, a imagem fabricada, estilizada, idealizada.

Na esteira desta discussão, Francisco Ortega (2003, 2008) chama atenção para a questão do corpo e da imagem nas disputas do biopoder, bem como na construção da (bio)identidade e da individualidade. Para este autor, o corpo é foco do poder disciplinar, e mais do que isso, "torna-se um portador visível da autoidentidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida" (idem, p. 32). Assim, exemplos como o crescimento exponencial das tatuagens, das cirurgias plásticas e do interesse pela hipertrofia muscular, signos culturais estéticos distintivos, testemunham a favor de uma diferenciação inscrita sobre os corpos que é constitutiva de identidades.

Compreendendo o corpo como meio e não como suporte da identidade, e na pista de que mais "do que mentes sãs em corpos sãos, o que se almeja [atualmente] é a glorificação da imagem que habita a superfície rasa dos corpos" (SANTOS et al, 2019, p. 249), podemos pensar não só na fabricação de uma "identidade visível" (ORTEGA, 2008) como imperativo contemporâneo, mas de uma saúde visível/corporificada e transitória, ou seja, colocamos em primeiro plano ações e não apenas identidades, que expressam e ao mesmo tempo produzem sujeitos por meio de sua relação com o corpo e com a saúde. Neste ponto retornamos tanto à afirmação sobre a importância da imagem na construção social do *corpo saudável*, quanto à dimensão política das práticas corporificadas e sua importância para a fabricação deste corpo.

Ao trazer *corpo saudável* para a discussão, penso que a própria noção de saúde torna-se necessariamente corporificada e reforçada na ação, em um processo que se repete, nas (bio)*performances*, não no terreno das mudanças fisiológicas apenas, mas no terreno das narrativas individuais sobre saúde inscritas e expressas na superfície dos corpos. Isto é discutido aqui tendo o espelho e a máquina como objetos agentes, pois: o espelho funciona como circunstancializador da fabricação do *corpo saudável* na academia e da imagem que o sujeito tem de si; a máquina funciona como objeto técnico mediador das transformações corporais e viabilizador da *performance*, que produz e ao mesmo tempo comunica saúde.

Partindo desta aproximação entre espelho e máquina, corpo e imagem, a hipótese discutida neste capítulo é que a importância da agência da máquina sobre o músculo e do espelho sobre a imagem advêm da valorização do desempenho e da sua dimensão estética na construção de narrativas de *corpo saudável*, que convergem para o que chamei de

bioperformance. Assim, reforço, temos aqui a possibilidade de construção de subjetividades a partir do corpo, não na direção da identidade, mas de um ideal de saúde e/ou estética a ser comunicado/experimentado/refoçado também a partir da ação. Ressalto ainda que as *bioperformances* compreendem ações envolvidas nas trajetórias individuais, que tangenciam as negociações, os agenciamentos e a possibilidade de agência.

Compreendendo que muitos autores tratam o espelho como metáfora do outro e do social, mas aqui busco chamar atenção para o "efeito do corpo especular"[29] do ponto de vista do valor atribuído a este pelo sujeito e pelo outro, o que envolve imagem, movimento e significado e não somente representação. Incluem-se aqui a materialidade, a ação e a disposição dos objetos em um espaço que privilegia a singularização e ao mesmo tempo a coletivização: as academias de ginástica.

3.1 ALGUMAS ABORDAGENS POSSÍVEIS

Pensando em níveis menos dicotômicos de interpretação da relação sujeito/objeto, ou seja, abrindo espaço para possibilidades de agência, de relações e de discursos, abordagens como a de Bruno Latour (2012) e Tim Ingold (2012) oferecem uma perspectiva não centrada nos atores, mas nas coisas, enquanto capazes de orientar a ação. Esta perspectiva expõe um nível de análise da dinâmica social ainda pouco explorado nas ciências sociais, que considera os objetos como ativos em meio aos acontecimentos.

Utilizando uma abordagem próxima de Latour, Sautchuk (2007) escreveu *A medida da gordura - o interno e o íntimo na academia de ginástica*, artigo que faz, do ponto de vista da agência da gordura nos espaços de academia de ginástica, uma análise das novas demandas sociais para o corpo. Sobre sua perspectiva analítica, este autor explica que:

> não pode haver nada de estranho em considerar a gordura como agente no mundo contemporâneo. Afinal, é de conhecimento público que ela é capaz de entupir uma artéria, tomar parte do orçamento nacional e habitar os piores pesadelos femininos. Sabe-se inclusive que ela pode ser masculina (tipo maçã, ou andróide) ou feminina (tipo pêra, ou ginóide) e que fica localizada ou espalhada pelo corpo. Sua forma de ação mais comum é através do peso. "Excesso", "massa supérflua", "sobrepeso", a gordura tem um efeito limitante sobre o corpo, tornando-o menos capaz (SAUTCHUK, 2007, p.181)

[29] Uso o termo com inspiração em Lacan na tentativa de evidenciar a força da ação da imagem sobre o sujeito e seu entorno.

Assim, ao longo do seu artigo, Sautchuk (2007) exemplifica como a gordura pode agenciar comportamentos e práticas, ressaltando o ambiente de academias de ginástica como o lugar onde ela mobiliza e é mobilizada. Reunindo discursos de caráter social, cultural e mercadológico, o autor discorre sobre como a gordura relaciona-se com o exercício (na musculação) e afeta a auto-estima. Este ponto converge para a interpretação que tenho da importância do espelho na academia: reforçar que existe uma auto-estima a ser construída, através da projeção de um duplo, que remete à fabricação do corpo nestes espaços. Do mesmo modo, este autor menciona que a gordura limita o corpo pela sua presença na composição corporal. Ou seja, o corpo livre de gordura tem seus limites atenuados. Diante disto, o corpo fabricado pela máquina de musculação, isento de gordura, é o corpo capaz, é o corpo do desempenho, é um corpo "livre" de doenças e estigmas.

Reconhecendo, não sem ressalvas, a importância de autores como Bruno Latour, Alfred Gell, Tim Ingold e Tilley para a discussão da cultura material, Daniel Miller (2013) também nos convida a pensar na agência dos objetos, que ele chama de *trecos* (*troços* e *coisas*). Diferente de Latour (2012), que coloca os objetos como dotados de agência, mas ainda em oposição ao humano, e de Tim Ingold (2012), que traz os objetos "de volta à vida", Miller (2013) pensa os *trecos* do ponto de vista da materialidade e os coloca principalmente como expressão da cultura: menos animados e mais depoentes sobre sua história e constituição. Ele sugere que os objetos não são estritamente funcionais, com o fim em si mesmos, mas que representam discursos e fazem os sujeitos, enquanto no caso de Ingold, por exemplo, eles são colocados muito mais no viés da interação.

Apesar da vasta lista de publicações relevantes sobre o consumo, em interface com outros temas, Miller (2013) conta com poucos livros traduzidos para o português, entre eles está *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Nesta publicação, com base em Goffman e Gombrich, o autor pensa inicialmente a cultura material a partir de dois argumentos: o comportamento humano é influenciado pelo contexto da ação (objetos, cenário, adereços, etc.), ou seja, é menos estável e previsível do que creem algumas teorias estruturalistas ou funcionalistas; os objetos nos cercam e nos orientam sobre tudo aquilo que compreendemos como harmônicos.

Enquanto o primeiro argumento nos leva ao contexto dos *trecos*, o segundo argumento traz uma importante reflexão acerca dos objetos na cultura. Miller escreve, a partir do trabalho de Gombrich (que é historiador da arte), acerca da suposta invisibilidade da moldura de um quadro, que quando se mostra harmônica torna-se parte do próprio quadro:

> Gombrich argumentou que, quando uma moldura é adequada, simplesmente não a vemos, pois ela nos transmite, sem emendas, o modo como devemos ver aquilo que a enquadra. Quando é inadequada [...], tomamos subitamente consciência de que há uma moldura. [...] Objetos materiais são um cenário [...] Mas funcionam de modo mais efetivo quando não olhamos para eles, quando apenas os aceitamos (MILLER, 2013, p.78).

A ideia de Miller sobre Gombrich nos leva ao conceito de cultura, algo que faz com que não estranhemos aquilo que nos é familiar por influência cultural, tornando as coisas visíveis quase invisíveis por uma espécie de "culturalização". Ainda sobre o sentido imaterial das coisas materiais, o que não nos é familiar pode não fazer sentido quando observamos outras culturas com diferentes valores, signos e crenças. Assim, Miller (2013) abre espaço para que compreendamos a nossa cultura material como algo que não é dado *a priori*, ou seja, na (re)construção do universo humano o material e o imaterial são indissociáveis, apesar de algumas resistências. Deste modo, a reflexão que tento fazer sobre os espelhos e sobre as máquinas na academia implica em vê-los como objetos que: marcam culturalmente o fazer o corpo; circunstanciam a fabricação do *corpo saudável*; representam ideais construídos socialmente para este corpo, que passam despercebidos por negligenciarmos sua constituição e história.

Seguindo estas ideias, a discussão aqui empreendida acerca dos objetos compreende a relação sujeito-objeto como uma construção dialética, ou seja, admite que os homens produzem coisas (os *trecos*), que por sua vez "produzem" os homens. Com base nisto, discuto brevemente quais discursos e ações o espelho e a máquina juntos (imagem e movimento) agenciaram e/ou circunstanciaram dentro das academias de ginástica frequentadas. Ressalto que a discussão parte de um lugar específico em que o *corpo saudável* da Educação Física é fabricado, ou seja, um lugar que favorece a repetição da norma, embora não negue as possibilidades de agência.

3.2 UM CORPO FABRICADO PELA MÁQUINA

Em abordagens como a fenomenologia de Merleau-Ponty (1997) encontramos amparo para uma discussão sobre o espelho e o outro. Nesta, o objeto espelho proporciona uma dupla visibilidade e o prolongamento do corpo até a exterioridade do mundo. Segundo

este autor, o espelho aparece porque o sujeito é vidente-visível e "porque há uma reflexividade do sensível, que ele traduz e redobra". É através dele que o exterior se completa e tudo o que há de mais secreto "passa nesta face, neste ser plano e fechado" (MERLEAU-PONTY, 1997, p.30). As discussões de Merleau-Ponty acerca do espelho lançam luz sobre este artefato material, que, estando além do corpo, permite que o olhar do sujeito encontre com o duplo da sua imagem. Neste momento, ao mesmo tempo em que o sujeito se vê, sua imagem lhe fornece uma nova compreensão do mundo a partir do visível e do sensível. No entanto, cabe lembrar que o outro para este autor é um espelho vivo, uma forma de completar a visão que o sujeito tem de si, uma vez que não é o objeto espelho o centro das discussões, mas justamente esta reversibilidade o mais importante.

Contornando a abordagem fenomenológica, é preciso pensar também sobre os espelhos do ponto de vista do sujeito construído politicamente a partir da imagem refletida, que por sua vez é portadora de significado cultural e social. Desse ponto de vista, o espelho situa o sujeito em um espaço-tempo e em relação aos outros. Ele cria um contexto específico, torna o sujeito, referente da imagem, em uma circunstância, que se modifica a partir da própria subjetividade.

Sobre essa imagem projetada no espelho, em tom crítico Umberto Eco (1989) alerta que o que está refletido no espelho é a ilusão de algo que não delimita a realidade, ou seja, a imagem refletida é um espectro ao qual o sujeito pode dedicar sua existência ou evitar vincular-se. Ela é apenas uma representação, não é o próprio sujeito:

> O espelho reflecte a direita exactamente onde está à direita e a esquerda onde está à esquerda. É o observador (ingênuo, mesmo quando faz de físico) que por identificação imagina que é o homem dentro do espelho e, vendo-se, se dá conta de que traz, por exemplo, o relógio no pulso direito. Mas o facto é que só o traria se ele, o observador, fosse aquele que está dentro do espelho (Je est un autre?)[eu sou um outro?]. Quem, no entanto, evitar comportar-se como a Alice e não penetrar dentro do espelho, não cairá nessa ilusão (ECO, 1989, p.15).

Dialogando com as ideias de Lacan, a quem o espelho serviu amplamente como recurso metafórico e material, Godoy (2010) atribui ao objeto e ao social (os diferentes espelhos), um papel importante na (res)significação que o sujeito opera de sua imagem, e reforça como o espelho circunstancia a projeção:

> O espelho também entrará com algo na constituição da imagem especular. Diferentes espelhos, de diferentes qualidades, constituirão diferentes imagens. A imagem do objeto, vista diretamente por um observador, é diferente da imagem desse objeto, vista no espelho. Muitas transformações se darão no percurso objeto-espelho-olho do observador. [...] Quando se

> discrimina o sujeito de sua imagem especular, desfaz-se o aprisionamento, a ilusão (GODOY, 2010, p. 109).

A ilusão de que falam Umberto Eco (1989) e Godoy (2010) foi levada às últimas consequências na armadilha mortal para Narciso, que se apaixonou pela própria imagem e, não sabendo diferenciá-la de si mesmo, mergulhou para a morte[30]. No mito em questão, Narciso tornou-se o sujeito do "espelho" (sua imagem refletida) e mergulhou na especulação e no mimetismo absoluto (figura 3).

Figura 3 - Narciso de Caravaggio (1597-1599)

Fonte: Google imagens

Para além da mitologia[31], respeitando os limites da comparação, é possível traçar um paralelo do mito narcísico com os corpos fabricados diante do espelho nos dias atuais? Godoy (2010) afirma que sim, e mais, escreve que somos presos à nossa imagem devido ao nosso narcisismo irremediável. Neste sentido, esboçamos uma nova forma narcísica, não mais vinculada à uma projeção estática de si, mas de forma mais ampla, à uma imagem *a ser projetada*, que reflete desempenho, juventude, beleza e saúde.

Enfocando os meios de comunicação, que veiculam a exposição da imagem do corpo, esta nova forma de valorização é interpretada por Sibilia (2015) como valorização da visibilidade, que subjaz à fluidez entre o público e o privado, conforme explica a autora:

[30] Ciente de que há várias interpretações possíveis do mito de Narciso e da Ninfa Eco de Ovídio, bem como dos significados possíveis da palavra narcisismo (para a psicanálise e para o senso comum), uso o mito de narciso para ilustrar a relação extrema entre espelho, corpo e imagem (CUNHA, 2008).

> Trata-se, em síntese, de um universo onde só é o que se vê e como se deixa ver. Nesse novo contexto, engendrado na segunda metade do século XX – e que agora, nos albores do XXI, parece se cristalizar plenamente em todas as esferas de nosso cotidiano –, só pode haver garantias de que alguém existe se o sujeito em questão consegue que sua *performance* vital se torne visível. [...] Vive *performando*[...] Sob o império das subjetividades *alterdirigidas*, o que se *é* deve ser *visto*, e supõe-se que cada um *é* aquilo que *mostra* de si mesmo (SIBILIA, 2015, p. 357, grifo da autora).

Uma reflexão sobre a valorização da imagem foi empreendida no terreno do esporte por Silva (1996). Com a publicação de *Das práticas corporais ou por que "Narciso" se exercita?* esta autora questionou um possível processo de socialização do privado, uma extrema vinculação entre o individual e o coletivo, que resultaria em um "profundo culto ao corpo" (SILVA, 1996, p. 250). O texto chega a propor que a exacerbação do ego promovida pelo culto à imagem poderia vir a ser um desserviço aos indivíduos. Tal publicação acentua que a ascensão da imagem e da virilidade vem junto com este gosto pelos padrões difundidos pelos meios de comunicação e consumidos pelas coletividades. Por fim, reforça que "a imagem de seu corpo é o espelho no qual Narciso mergulha" (SILVA, 1996, p. 250).

Diante do exposto, poderíamos pensar que a figura do Narciso – excessivamente voltado para si mesmo - foi atenuada com o passar dos anos pela figura do homem saudável, não menos preso à sua imagem, mas aparentemente preocupado com algo mais do que a estética. Disciplinado e dotado de uma capacidade de negociação do esforço (é preciso ser guerreiro, mas sem parecer extenuado, um guerreiro naturalmente forte), esta nova figura reúne padrões socialmente produzidos e alterna ser e parecer saudável, debate caro à Educação Física.

Fugindo da discussão espinhosa sobre Narciso, mas ainda tratando da questão do espelho, cabe ressaltar que a ilusão descrita por Umberto Eco é de viés social e cultural, portanto, não está restrita à fábula de Alice[32], muito menos à mitologia. O objeto espelho mobiliza a auto-estima, molda comportamentos, expõe faltas, põe o olhar do sujeito em contato com a totalidade de seu corpo e com o que o outro vê sobre ele.

Longe das obviedades funcionais, o que nos interessa ao tratar do espelho é a sua capacidade de agir e como ele tornou-se "moldura invisível" em algumas circunstâncias,

[32] Umberto Eco se refere à fábula *Alice through the looking glass*, traduzida no Brasil como *Alice através do espelho*. A fábula foi escrita por Charles Lutwidge Dodgson (1871), e publicada sob o pseudônimo de Lewis Carroll. Nesta fábula Alice revisita personagens que conheceu no *país das maravilhas* (obra anterior, 1865) e mergulha inteiramente neste mundo paralelo (de animais e objetos falantes), dando pistas de que prefere este mundo à sua própria realidade. Neste ponto ancora-se a metáfora do espelho.

algo que de tão enraizado na cultura[33] "desaparece" materialmente aos olhos dos sujeitos (MILLER, 2013). Muitas vezes só nos damos conta da agência de certos objetos quando estes fazem falta, como a moldura de Gombrich, por exemplo. Olhamos o quadro, mas não nos damos conta de que ali existe uma moldura que o sustenta, circunscreve, ressalta, suaviza, decora, arredonda, reelabora. A moldura age.

No caso do espelho, em uma análise a curto prazo, basta observar quão tentadas as pessoas parecem ser em olhar-se quando se deparam, às vezes por acaso, com algum destes objetos. Muitas vezes comentam sobre sua aparência, ajustam algo no corpo, mudam a postura, o cabelo, um acessório, ou simplesmente se olham. Pensando nisto, podemos nos perguntar: nas academias de ginástica o espelho age? a máquina e o espelho são molduras invisíveis que nos convidam a ressignificar nossos corpos?

No dia em que cheguei na academia Norte, observei que além das máquinas de última geração ela possuía em toda sua parede lateral espelhos que iam do teto ao chão, de modo que em qualquer ponto da sala era possível ver e ser visto. De um lado, as esteiras e elípticos, do outro, espelhos, máquinas e pesos circunstancializando os elementos que vão compor aquela paisagem na qual o sujeito se insere. Com raras excessões, sempre que quisesse podia me ver enquanto me movimentava nas máquinas.

Essa configuração espacial é bastante comum em academias de ginástica, herança do século XX, e segue o princípio, de acordo com os professores interlocutores na pesquisa, de que os espelhos são indispensáveis para o trabalho com pesos, pois, auxiliam no ajuste da postura. Por outro lado, segundo os professores, o "movimento de corpo inteiro" (como ocorre nas bicicletas e esteiras) não demanda acompanhamento visual por parte do aluno, que não se vendo diante de um espelho pode ter a sensação de que realiza um movimento livre (pedala ou corre em um espaço aberto). Por este motivo, tais equipamentos estão longe dos espelhos e frequentemente voltados para o exterior da academia. Até aqui é possível ver como a relação entre espelho e máquina modifica o sentimento a ser despertado no exercício.

A sensação de movimento livre em ambientes fechados é o que certas modalidades como o *crossfit*[34] priorizam. Nestas modalidades a ausência de espelhos é pensada também com um fim. Os movimentos do *crossfit*, assim como da musculação, são extremamente técnicos, embora o seu arcabouço técnico-instrumental tenha diferenças em relação à

[33] Compreendo cultura nos termos de Geertz (1989), como um emaranhado semiótico de significados que o homem constrói com base em valores compartilhados coletivamente.
[34] Marca de origem americana patenteada, que combina exercícios vigorosos de condicionamento físico, levantamento de peso e movimentos funcionais constantemente variados e de alta intensidade.

academia. No entanto, não há menção à necessidade dos espelhos – nem de máquinas que possam controlar o corpo - porque o foco da atividade é outro: experimentar no movimento o máximo em termos de desempenho. Nos *boxes* de *crossfit* a dinâmica muda, o discurso de superação constante do próprio corpo está mais próximo da lógica do guerreiro e a *performance* é colocada como prioridade. "Discursos de exaltação à competição coletiva e individual (superar a si mesmo) vicejam cada vez mais, em todas as instâncias do cotidiano, entre nós" (BAGRICHEVSKY, 2007, p.1). A competição e a definição muscular são amplamente expostas nas redes sociais, mas menos desfrutadas diante do espelho no momento do exercício. Isto pode ter relação com o estímulo à competitividade, o que favorece o discurso de (auto)superação. De todo modo, nestes espaços a vinculação com a imagem está presente, mas o espelho nos *boxes* dá lugar à máquina fotográfica.

Ilustrando a questão do espelho na especificidade das academias, recentemente um vídeo veiculado pela emissora Rede globo de televisão em seu portal *online* trata da agência dos espelhos com humor e um fundo crítico. Uma cena irônica composta por cinco atores traz um professor de Educação Física e seus alunos em uma *Academia sem espelho* (título do vídeo)[35]. A cena é composta pelo seguinte diálogo:

> Professor: Vamos lá gente, bom dia galera, vamos nessa! Vou botar uma música agitada aqui, quero ver todo mundo comigo. [silêncio e pausa] - O que é que houve?
> Aluna 1: Professor, é que assim, na boa, "cadê" os espelhos?
> Todos os alunos juntos: Sumiram todos... as paredes estão vazias.
> Professor: Sabe o que é que é, ontem à noite descobriram que deu cupim, então tiraram todos, mas até o final de semana tem espelho "pra" todo mundo! Agora eu quero ver energia. Uh! [pausa dramática]
> Aluna 2: Professor "peraí" cara, não dá pra fazer aula sem espelho!
> Todos os alunos juntos: Eu não consigo... [outro] eu também não...
> Professor: Mas o que é isso? Eu "tô aqui", se vocês errarem eu vou corrigir.
> Todos os alunos: Não... [outro] mas não é só isso né...
> Aluna 3: Na boa, fazer exercício sem se ver, qual é a graça?
> [Neste momento entra em cena uma aluna carregando um espelho estreito, de em média 1,50m x 0,75cm]
> Aluna 4: Gente, gente, olha o que eu trouxe lá da recepção! [gritos e comemorações].
> [Em seguida o professor é deixado de lado e todos fazem uma fila para se olhar no pequeno espelho enquanto levantam halteres].

Apesar do tom humorístico, o diálogo mostra que a disposição dos objetos no espaço tem uma função específica, que repercute na ação e no espaço antes de ser fruto de uma disposição casual.

Retomando a questão da agência dos espelhos no processo de fabricação do corpo, recentemente uma empresa americana decidiu ampliar as possibilidades deste objeto e sua

[35] Academia sem espelhos, Portal Globo.com. 02 jun. 2018. Disponível em: http://redeglobo.globo .com/videos/t/tudo-da-globo/v/academia-sem-espelho/6783047/. Acesso em: 05 de jan. de 2019.

função original, dando-lhe rosto e voz próprios. Trata-se da empresa *Mirror*, cujo produto homônimo configura-se como um espelho interativo que traz orientações de exercícios físicos que podem ser feitos em casa (com ajuda de alguns equipamentos), levando os espaços de produção do corpo até os sujeitos em um projeto mercadológico de massificação e individualização. O *Mirror* é fruto de um investimento milionário e promete instrução, monitoração completa do corpo, mensagens de motivação e interação com outros usuários. Isto implica na potencialização da agência do objeto e na ampliação da sua função na cultura, assim como modifica a relação do espelho e da imagem com a fabricação do corpo.

Os espelhos estão dispostos no ambiente das academias com a função de criar um cenário específico para que contemplemos e ajustemos – com a mediação da máquina, viabilizadora do músculo - um elemento de grande valor social e cultural no ocidente: *o corpo saudável*. Esta reflexão advém inicialmente do relato de Cássia, uma jovem de 31 anos que eu já conhecia antes da pesquisa e que treinava há dois anos na academia Norte.

Em um encontro casual na sala de musculação, cumprimentei Cássia enquanto nos dirigíamos ao bebedouro, onde paramos para conversar e abastecer as garrafas de água. Observamos juntas que duas meninas faziam uma *selfie* perto de nós e começamos um diálogo sobre as *selfies*[36] que os alunos costumavam fazer após o treino (momento em que a musculatura está sobressalente e o suor remete ao orgulho do esforço), algo que tinha percebido recentemente. Cássia contou sorrindo que isto acontecia a todo momento, em qualquer espaço que tivesse um espelho, inclusive no banheiro, que foi iluminado e decorado com as cores da academia para este fim (ganhou uma moldura colorida que continha mensagens de motivação). Antes de nos despedirmos, ela contou também que achava curioso que os espelhos da academia lhe ajudassem a elevar sua auto-estima:

> *Eu chego em casa me olho no espelho e acho tão estranho, acho que o de lá de casa não é igual a esse aqui não [risos]. Eu treino aqui, "tô" toda suada, olho no espelho chega sobe a auto-estima... tudo no lugar, mas depois em casa dá até um desengano, aí eu volto no outro dia, faço tudo de novo [risos].*

Pensando sobre o relato de Cássia, e a partir de algumas observações em outros momentos, o espelho e a máquina neste contexto agem criando circunstância para a elevação da auto-estima à medida que atuam no processo de fabricação do corpo: a máquina fabrica, esculpe e ajuda a produzir suor, que por sua vez representa esforço e força; o espelho permite contemplar os frutos deste processo, contabilizar os ganhos ou calcular o que precisa ser ajustado. Neste espaço específico, a imagem refletida é mais que a autoimagem da

[36] Registros fotográficos, cujo significado do termo remete à prática: voltar-se para si mesmo.

bioidentidade (a identidade visível), é a imagem do sujeito autovigilante, em movimento, molhado pelo suor, responsável pelo cuidado de si, é a imagem da *bioperformance*. Por fim, para Cássia o olhar-se no espelho da academia é diferente de olhar-se em outros espelhos porque as circunstâncias diferem, então o discurso também difere.

Depois do encontro com Cássia, nos dias seguintes passei a observar também que os espelhos da academia Norte estavam sempre limpos e "ocupados". Muitos alunos percorriam toda a extensão da academia carregando pesos (vários *halteres* e barras) só para encontrar um espaço livre diante do espelho. Não era de bom tom parar diante deles se você não estivesse "usando-os". Além disso, as expressões de dor diante deles ganhavam um pouco mais de força, mesmo entre os mais tímidos. Ou seja, o prazer e a dor de erguer o *halter* ou movimentar a máquina diante do espelho podiam ser facilmente multiplicados.

Pensando na agência do espelho como algo circunstancial, a busca da própria imagem em movimento não parecia apenas uma questão óbvia de resposta externa imediata, como quando o espelho nos convida a ajeitar o cabelo rapidamente ou não sentir claustrofobia ao entrar no elevador por que ele o faz parecer maior. Os sujeitos que iam até os espelhos poderiam ver a mesma imagem de si depois do treino, se a questão da imagem por si só fosse suficiente, a questão é que a temporalidade e a espacialidade da relação específica com o espelho na academia remetem à ressignificação da imagem no decorrer do movimento, ou seja, a reafirmação do desejo que conduziu os sujeitos até ali.

O fato de estar em movimento, fabricando o corpo na máquina, diante de um espelho grande, limpo, iluminado e não de outro espelho (como do elevador por exemplo), naquele cenário e naquele momento, pareciam representar entre os alunos o domínio sobre o próprio corpo e implicar em automotivação. Talvez mais que isso, podiam implicar em ser capaz de estar ali, o corpo e o próprio sujeito em uma posição de visibilidade.

Na academia Sul os alunos eram mais discretos em relação às reações diante dos espelhos, bem como nas disputas por espaço diante deles e nas *selfies*, mas ainda assim era perceptível um comportamento semelhante. Nesta academia os alunos tiravam fotos depois do treino, mas raramente durante ele e nunca no banheiro (na Norte era muito comum), que era pouco movimentado. As fotos eram individuais e às vezes contavam com a presença da professora (Rafaela, 31), o que parecia conferir algum *status* à publicação. Isto acontecia com mais frequência na academia Sul devido à maior aproximação da professora com os alunos.

Sobre esta questão, depois de algumas semanas de treino na academia Sul conheci Murilo (36), um homem tímido, mas visivelmente orgulhoso da sua evolução nos treinos.

Simpático, costumava rir das minhas queixas à professora sobre dor, que por sua vez me repreendia em tom de brincadeira, cobrando mais esforço. Murilo era um "ex-obeso" – nas palavras de Rafaela – que havia pedido em média 30 quilos em menos de dois anos, e agora, superada a condição de obeso, parecia empenhar-se com muita disciplina para manter o que conquistou (Rafaela, 31). Percebi nas conversas que tivemos que ele considerava "suada" sua mudança e que sua auto-estima, agora mais elevada, tinha relação com a fabricação cotidiana daquilo que concebia como *saudável* e belo (havia uma preocupação na sua fala com a saúde, mas também com a forma física).

Depois de uma das sessões de treino vi Murilo tirando uma *selfie* perto da saída, em

Figura 4 - *Crossover*

Fonte: Google imagens

frente ao *crossover* (figura 4), no espaço preferido dos alunos por ser mais livre. Brinquei que queria ver a foto e acabei lendo a legenda com a qual a foto foi publicada em uma rede social, que dizia o seguinte:

> *Não é uma foto na academia, na frente do espelho, suado. Não é frescura. É um registro do dever cumprido. É satisfação com você mesmo. É saber que fizemos nossa parte. É motivação. É saúde. Motive-se. Saia da zona de conforto. Teste sentir essa sensação. Seja sua eterna fonte de inspiração, ame-se e conquistarás o mundo.*

Observei a foto, nela ele fazia um exercício conhecido como rosca direta[37], evidenciando a musculatura do braço, mas também estavam presentes o *halter* e o espelho. Este tipo de foto é muito comum entre praticantes de exercício e esboça movimento, algo em processo de produção. Os elementos da foto são signos culturais de valor (para a saúde e para a estética), que junto com a mensagem motivacional lançam a sentença: "saia da zona de conforto [...] ame-se e conquistarás o mundo". O resultado deste tipo de publicidade para

[37] Movimento de contração do bíceps, que evidencia o músculo.

o campo da Educação Física é a reprodução do discurso de saúde vinculado à satisfação, a automotivação e à uma imagem que mistura fabricação do corpo e sua imagem.

De volta ao terreno das academias, assim como o espelho, as máquinas e os *halteres* também compõem as possibilidades de agência dos objetos. Eles demandam uma técnica específica de manuseio, não são acessíveis a todos e são pensados com base em demandas sociais e de mercado. As funções das máquinas e dos pesos são atualizadas frequentemente e seu papel é o de mediar e modificar a relação sujeito-corpo, ao passo que normalizam os corpos com base no número médio, pensado pelo/para o discurso técnico-científico na produção das máquinas. Ou seja, obviamente os objetos da academia não são objetos comuns, de modo que sua linguagem requer conhecimento específico.

Os saberes envolvidos na produção do corpo em um espaço como este são de certo modo codificados e excludentes e isto não seria diferente com os objetos que compõem o ambiente. Durante a o trabalho de terreno, sempre que meus professores trocavam as fichas de treino[38] tinha que pedir auxílio para localizar as máquinas. No começo das seções de treino eu conhecia os grupos musculares, mas muitos exercícios eu não conhecia, como o "tríceps corda no *crossver*" (escrito na minha ficha), por exemplo, que destaco por ter esquecido várias vezes onde/como se executava, causando um conflito entre mim e minha memória e entre minha memória e minha corporeidade[39].

Os termos que não conhecia me remetiam às constatações: eu era uma *outsider* (ELIAS; SCOTSON, 2000); quão técnicos são os saberes sobre a fabricação do corpo nas academias (eu, professora de Educação Física, por não ter formação voltada para a musculação não os domino); estes termos (técnicos e geralmente em inglês) são idealizados para não serem acessíveis a todos (quem idealiza estes termos dessa forma?).

Sobre ser *outsider*, meu corpo, a princípio, não impôs grandes barreiras na cartografia. No entanto, este segundo filtro entre estabelecidos e *outsiders* (o primeiro era o meu próprio corpo, o segundo o domínio dos saberes técnico-científicos), demandou tempo para que eu pudesse compreender a dinâmica das relações com os objetos (e entre as pessoas).

Sobre os termos técnicos no exercício físico, temos um bom exemplo ao observar os painéis codificados do *crossfit* (figura 5). A partir destes painéis podemos pensar que a construção de saberes envolvidos na fabricação do corpo é também fruto de um

[38] Registros dos exercícios planejados para um ciclo de em média dois meses.
[39] Forma de estar e interagir com o mundo, que passa pelo corpo enquanto veículo de percepção e compreensão de si.

empreendimento político, cultural e econômico. No *crossfit* o treino do dia é chamado de "wod" (*work of the day*) e os demais termos técnico-científicos são específicos da modalidade, sendo familiares apenas aos seus praticantes, produzindo assim um público seleto em termos de conhecimento, ou mesmo um grupo de "alunos *experts*[40]".

Figura 5 - "wod" (*crossfit*)

Fonte: Google imagens

Não sendo o *crossfit* objeto deste estudo, aponto com a discussão acima, fruto da minha experiência no campo, como a opção por certos termos representa um vocabulário que exclui e classifica.

Contornando a linguagem técnica, sobre a interação com as máquinas do ponto de vista das demandas sociais de corpo, o sujeito interage com estes objetos não apenas projetando-se nas subjetivações objetivadas (os ideais socialmente construídos que resultam nos objetos da academia), ele também objetiva novas demandas para a indústria de máquinas fornecendo dados e preferências. Demandas estas que são contextualizadas, conforme nos lembra Sautchuk (2007, p.196, grifo nosso).

> Diferente da prática esportiva de forma geral, nas academias de ginástica o músculo não é o vetor de uma ação, mas ele é, ao contrário, *produto* do movimento. Há uma espécie de inversão em relação aos estudos sobre o movimento na era industrial que, por intermédio de uma economia do gesto", buscavam conciliar o máximo efeito do movimento com o mínimo de trabalho muscular [...] Inversão notável nas próprias máquinas de musculação, que estruturam a posição e o gesto do executante buscando, ao mesmo tempo, a maximização do trabalho de um determinado grupo de músculos e a redução da manifestação espacial do movimento, componente estéril da atividade.

A máquina, que media a relação entre corpo e espelho, exerce uma dupla função: produz o indivíduo que a usa e ao mesmo tempo ganha utilidade no movimento, expõe sua possibilidade de agência. Esta interpretação envolve a ideia de que os objetos nos fazem como "parte do processo pelo qual os fazemos" (MILLER, 2013, p. 92). Isto significa que

[40] Termo que usei em estudos anteriores (GOMES, 2013) para descrever alunos que dispensavam orientação do professor por treinarem há muitos anos, ou começavam a montar sua forma de treinar, geralmente com ajuda da internet (foco nas postagens de digital influencers) ou conhecimento oriundo do campo. Isto é semelhante ao que acontece com as pessoas que se automedicam, os "pacientes *experts*".

os *trecos* – o espelho, a máquina, a gordura, o *halter* – não atendem exclusivamente ao princípio da funcionalidade, como exemplificou Miller sobre os potes de barro indianos (usados de acordo com o simbolismo e não com a eficácia). Além disso, sua relevância (i)material não está condicionada à sua composição, o que significa que o espelho não é mais material que a imagem, assim como a gordura não é menos material que a máquina e o halter.

Como foi dito, a equação espelho-sujeito na academia de ginástica passa pela mediação do peso (da máquina) como produtor do músculo e da auto-estima, sendo o espelho o objeto que circunstancia o olhar que o sujeito lança sobre si nestes espaços especificamente. Seguindo esta ideia, dentro das academias de ginástica cartografadas (embora cada uma com seus contornos), o processo individual de fabricação do músculo demarca fazeres (CERTEAU, 2003), escolhas e *performances*. Isto se dá considerando que o terreno e o contexto implicam no músculo como signo de beleza e saúde. Tal afirmação está em consonância com o que pensam Iriart, Chaves e Orleans (2009, 778):

> Na contemporaneidade, entretanto, o músculo perde esta última conotação [de condição proletária] e se torna ícone cultural altamente valorizado, simbolizando vigor, saúde e sucesso. Mais do que isso, o corpo musculoso adquire também um valor moral por meio do qual as pessoas passam a ser classificadas e julgadas [...]. A imposição do ideal de corpo contemporâneo é claramente percebida como coercitiva por alguns informantes, sobretudo os mais jovens, que sofrem a pressão de seu grupo de pares para se adequarem aos padrões normativos.

Ao que os autores chamam de "ideal de corpo", enfatizando o contorno do músculo, atualmente foi acrescentada a dimensão da potência, da força. Isto significa que não bastam seus contornos, o espelho perde a capacidade de dar sozinho o veredito sobre o poder, sua agência torna-se relacional e o *halter* e a máquina servem também como termômetros do ser capaz, compondo um padrão não mais inerte, mas em movimento. Por este motivo, no território das academias o espelho ainda é um duplo importante, mas nos populares *boxes* de *crossfit* o espelho é colocado em segundo plano, pois, o desempenho fala por si só.

A pergunta comum, que ouvia com frequência nas salas de musculação: "quanto peso você pega", inspirou a hipótese de que o peso serve como recurso de classificação dos sujeitos não mais em treinados ou não, mas em diferentes gradações, de modo que não há mais uma meta a ser atingida, há uma demanda por um processo de superação constante. Isto porque, a quantidade de peso é associada ao desempenho, mas também à saúde do corpo, uma vez que representa no senso comum força e resistência. Por muito tempo a raiz desta associação foi atribuída à docilização dos corpos, contudo, o que se observa atualmente é a abertura para as negociações e agenciamentos.

É preciso ressaltar que o contexto pontual desta discussão sobre a agência dos objetos é o de valorização da individualização/massificação (DANTAS, 2007), da saúde, da estética, do desempenho e, consequentemente, do *corpo saudável*, um panorama típico do século XXI. Além disto, reforçar que a academia configura-se como um espaço que tende à reafirmação da norma, no qual o *corpo saudável* dispositivo é fabricado, ou seja, os objetos também tendem a desempenhar o papel de corroborar com a especificidade do terreno, o que não quer dizer que limitem as possibilidades de resistência dos sujeitos.

O cenário desta discussão, como já foi mencionado, desdobra-se desde o final do século XX, quando o exercício físico resistido e sistematizado ganhou força e popularidade, a especificidade dos treinos e recursos aumentou e os grupos musculares, antes trabalhados coletivamente, puderam ser isolados. Foi neste período que o músculo, cada vez mais explorado pela biotecnologia, adentrou no imaginário social como característica desejável, crucial para os padrões estéticos e de saúde, que avançaram na direção do que podemos chamar de "*ciborguização*", que é a fluidez entre as noções de ser humano e máquina, ou, do binômio natureza-cultura, em diversas instâncias da vida (TADEU, 2009).

Sobre a relação corpo-máquina no momento atual, Tadeu (2009) escreve que vivemos entre tecnologias *ciborgues*. De um lado temos máquinas que imitam seres humanos e caminham na direção de uma versão melhorada destes, de outro, temos humanos que adotaram características artificiais. O *ciborgue* está na fronteira, no *intemezzo*, máquina humanística e homem-máquina, de modo que podemos nos perguntar atualmente onde um termina e outro começa? Junto com esta pergunta questionamos a "humanidade" da subjetividade no cenário atual e a naturalização de certas concepções de fundo cultural e político, tais como *corpo saudável* e saúde. Nesse sentido, nada é mais totalmente natural nem cultural, vivemos a era das conexões.

Pensando com Haraway (2009), as tecnologias *ciborgues* não estão distantes da nossa realidade. Basta observar quanta semelhança há entre o consumo de hormônios sintéticos – utilizados como anabolizantes, por exemplo - e a adoção de uma prótese. Ambos modificam não só o corpo e a subjetividade, mas os limites do *ser* humano.

> Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta *performance* (KUNZRU, 2009, p. 23).

Assim, para falar dos objetos coloquei as máquinas na posição de agentes e mais que isto, retomo a pergunta de (TADEU, 2009, p.10): "onde termina o humano e onde começa a máquina?". Longe de tentar discutir pós-humanismo e ignorando alguns elementos culturais e sociais na produção da máquina, destaco com esta afirmação que a fluidez da relação máquina-corpo é sinônimo de uma interação com os objetos que afeta corpo e sujeito na sociedade contemporânea.

Pensando na parcela de poder investida nos objetos pelo mercado, pela ciência, pelas *expertises*, pela tecnologia e pela cultura, observei durante as sessões de treino que às vezes é o halter[41] que "ergue"/movimenta os sujeitos, como exemplifiquei no caso de Murilo (36). Em muitas situações, a motivação, o desejo, os objetivos e a auto-estima ganham fôlego diante do contato com as máquinas, ou seja, a partir da "evolução" cotidiana mensurada pela progressão das "cargas"[42]. Isto que os alunos chamam de *feedback*[43] é fundamental para eles, o fato de poderem acompanhar passo a passo seus avanços em termos de carga mobilizada. Nesse sentido, o peso torna-se agente na fabricação do corpo e signo de hierarquização dentro do contexto estudado, uma vez que estão implícitas no seu uso as diretrizes técnicas para o movimento e uma forma de classificar os iniciados ou não.

Se interpretarmos as academias como locais onde é possível reforçar a norma, uma vez que existem diretrizes específicas – explícitas ou não - para seu uso, podemos também pensar que aqueles que não a frequentam e não praticam outras atividades físicas são abordados nos discursos como sedentários. Pensando nisto, e no discurso do próprio campo, aqueles que resistem tendem a ser classificados como desviantes, como lembram Santos et al (2019, p. 247-250).

> O discurso biomédico, fundamentado em uma racionalidade científica que se apresenta como um valor universal e inquestionável, não deixa margem a problematizações epistemológicas. Pelo contrário, institui um regime de verdade que neutraliza possíveis inteligibilidades alternativas. Indivíduos que não conseguem se adequar à norma da boa forma e das práticas alimentares legitimadas como saudáveis são relegados à categoria de rebeldes, não colaboradores e negligentes em termos de autocuidado. [...] O corpo desviante, o corpo insurgente é o solo propício para que os vícios e excessos alimentares germinem e a adiposidade se instale.

[41] Não trato o halter como algo diferente da máquina da academia, ambos servem ao movimento, embora com características diferentes (o halter, também chamado de peso, geralmente é utilizado em movimentos livres, enquanto a máquina é utilizada em movimentos controlados).
[42] Neste contexto evolução é uma palavra muito utilizada para falar da progressão nos treinos em termos de carga, que por sua vez é o termo utilizado para falar da quantidade de peso que o aluno consegue mobilizar.
[43] Informação vinda de si ou do outro que vem para somar-se ao leque de informações que os alunos tem sobre seus treinos.

Apesar de terem emergido no decorrer deste estudo poucas formas de resistência (levando em conta o contexto em que a cartografia se desdobra), pensando com Deleuze e Guattari (1995)[44] encontramos a afirmação do potencial do ser humano para ser a própria máquina, não por fusão pós-humanista, mas por capacidade de produção de si e do mundo, menos habitante do terreno da identidade e mais nômade, dotado da sua própria capacidade produtiva. Nestes termos, a busca pelo *corpo saudável* deveria ser uma busca que é sinônimo de devir, pois, "devir nunca é imitar" (DELEUZE, 1995, p.113), devir é tornar-se, é vir a ser.

Concluindo o que foi dito até agora, gostaria de reforçar que a gência dos objetos na academia parece impelir os sujeitos para formas específica de ser e fazer o corpo. Os fatores controle e número médio, usados para pensar as máquinas desde a sua fabricação, e tão presentes na sua constituição e protocolos de uso, mostram um equipamento que pouco abre espaço para a liberdade do sujeito e para as diferenças. Complementando o cenário, a disposição dos espelhos reforça constantemente a autoimagem e o dever, enviando aos sujeitos lembretes de como anda sua "evolução" nos treinos. Juntos, máquina e espelho, compõem a moldura de Gombrich (MILLER, 2013), que passa despercebida por não darmos atenção aos discursos que ela emite, pois, cremos suficientemente na legirtimidade de quem a escolheu.

[44] Não pretendo fazer uma associação direta entre o conceito de máquina e a máquina objeto, a relação é entre sujeito (cuja subjetividade é discutida pelo conceito) e a máquina objeto. O que esboço aqui é uma relação entre o ser humano máquina desejante, desejante do desejo da máquina social e o ser humano que ao perseguir este desejo adquirido se conecta com a máquina "não-humana" (se usarmos Latour, 2012) que o "manipula", em uma perspectiva mais próxima do *ciborgue*. Sobre as máquinas desejantes, sugiro a leitura do primeiro capítulo de O Anti-Édipo (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

4 A (RE)ESTRUTURAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CAMPO DISCIPLINAR

A Educação Física é uma profissão regulamentada no país desde 1998. Suas origens históricas no Brasil estão ligadas às instituições escolares, militares, ao esporte, aos saberes da medicina e às propostas de intervenção junto à população. Atualmente ela é a disciplina que atua na ponta operacional da noção de "saúde", ajudando a produzir discursos sobre sua face incorporada: o *corpo saudável*. O que vem a ser apresentado neste capítulo são momentos em sua trajetória (de consolidação e regulamentação), do final do século XX ao início do século XXI. Momentos estes que podem ter influenciado no seu formato contemporâneo, enquanto campo que se reestruturou em torno dos valores saúde e corpo, na tentativa de ampliar suas possibilidades de atuação.

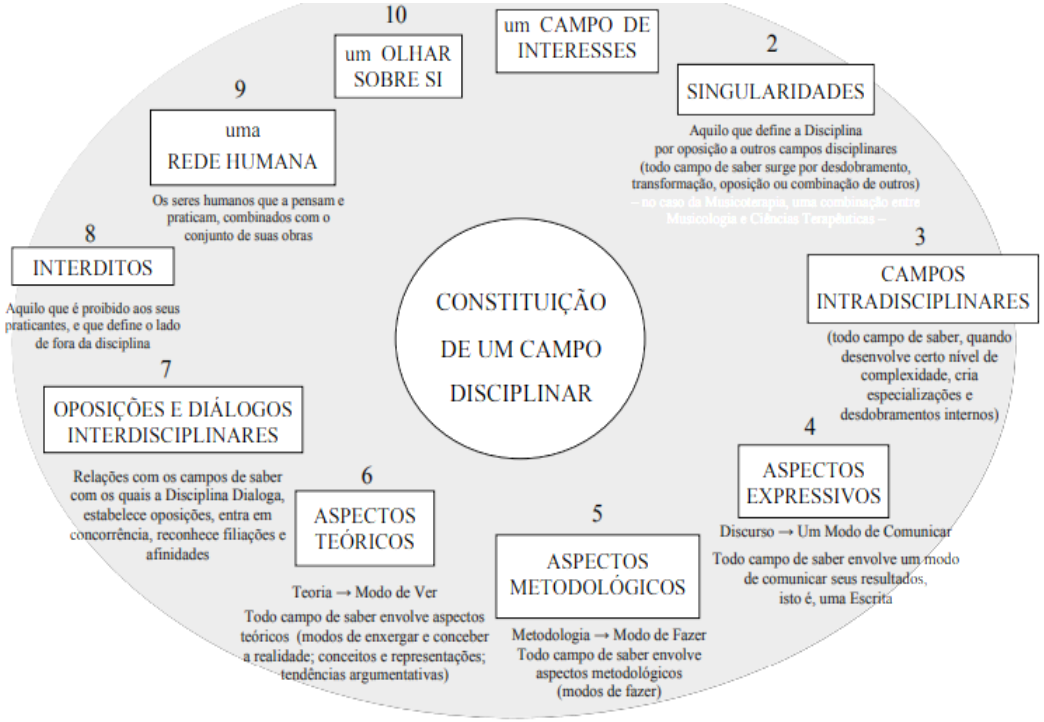
4.1 SOBRE A TEORIA DOS CAMPOS BOURDIEUSIANA

A estrutura de um campo é composta pelas relações de força entre os agentes, que lutam internamente para adiquirir e acumular capital, alterando ou reproduzindo as relações de poder existentes (STAREPRAVO; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013). Seguindo a proposta de Bourdieu (2003), compreendemos que o campo possui leis próprias e relativa autonomia em relação aos demais campos. A compreensão da Educação Física como campo disciplinar parte da discussão dos elementos estabelecidos por este autor para composição do conceito, mas o uso que pretendo fazer da teoria visa muito mais ressaltar a dinâmica interna que permitiu ao campo se reestruturar do que encaixar a área nos limites do conceito.

De acordo com a interpretação de Barros (2011), um campo resulta da síntese de nove características fudnamentais (figura 6): (1) definição de um campo de interesses, que pode ser partilhado em certa medida por outros campos (como no caso da aproximação de temáticas entre Educação Física e biomedicina), ou seja, um assunto/tema que remeta ao campo, mas que permita recortes singulares (os objetos da Educação Física não são os mesmos da biomedicina)(2); (3) intradisciplinaridade ou seja, desdobramentos internos e formas de especialização, que visam legitimar o monopólio da definição legítima pelos sujeitos no campo (como no caso da separação entre Educação Física escolar e não-escolar);

(4,5,6) movimentação de teorias, métodos e práticas discursivas específicas (sua posição como produtor de conhecimento); (7) interdisciplinaridade, que consiste na comunicação com outros campos (item 1), visando enriquecimento do capital do campo; (8) interditos, tudo aquilo que é negado pelo campo; (9) rede humana (a composição humana da rede de fluxos que modificam o campo).

Figura 6 - Sobre campo disciplinar



Fonte: Adaptado de Barros (2011, p. 268)

Acrescento à intepretação de Barros (2011) o destaque para a noção de capital corporal, específico do campo, passível de ser (re)convertido em capital simbólico. Acrescento também a noção de *habitus*, que se relaciona diretamente com o campo, isto porque o estudo do campo da Educação Física oferece contextualização à compreensão do seu *habitus*: nas relações de poder; nas posições ocupadas pelos agentes; no capital específico; nos esquemas corporais; e nas estratégais internas (STAREPRAVO; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013).

O *habitus* pode ser descrito como um "sistema de disposições socialmente constituídas que [...] constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes" (BOURDIEU, 2007, p. 191). Segundo Wacquant (2007, p. 65) o *habitus* "é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade (...)", ou seja, a forma como uma

sociedade é incoporada pelas pessoas na forma de disposições. Sobre ele, Montagner (2006) escreve ainda que se expressa através da *hexis* corporal, o que torna-se fundamental para o campo da Educação Física, que lida diretamente com a forma do corpo.

Admitindo as limitações do conceito para expressar estruturas estruturantes do pensamento coletivo, pinço do conceito de *habitus* a noção de estrutura incorporada, o que leva Bourdieu (2003) a trabalhar o "esquema corporal", peça chave na compreensão das disposições (MEDEIROS, 2011). Assim, o *habitus* está diretamente relacionado à vivência corporal, que em sua forma conceitual envolve uma *hexis* e pode se expressar tanto à partir de sinais materialmente observáveis (como tatuagens, piercings, roupas, estilos de cabelo, etc.), quanto à partir de formas sutis de linguagem e técnicas corporais (MAUSS, 2003).

Enquanto prática geradora, o *habitus* cria modos diferenciados de expressão corporal, apesar de estar situado no interior de disposições reguladas e regulares de um grupo social específico. Partindo desta premissa, ergue-se a possibilidade da existência de um *habitus* do campo disciplinar da Educação Física, marcado por características (*hexis*), práticas e relações de poder específicas. Isto porque a *hexis* é a dimensão corporificada do *habitus* e tanto comunica estruturas e características distintivas de determinado campo, quanto é influenciada pelas representações e expectativas sociais sobre o campo. Ou seja, a *hexis* materializa e é materializada através do corpo, no entremeio das estruturas do campo. A *hexis*, por fim, neste caso é a face do *habitus* ligada ao corpo e às representações da sociedade sobre saúde e qualidade de vida (*ethos*).

Segundo Paiva (2003) o *habitus* do profissional de Educação Física vem da modernidade e do contexto de escolarização da área, pois, é neste cenário que a área foi definida como "*educação"*. Para a autora, é por causa da escolarização que a Educação Física tornou-se disciplina acadêmica, uma vez que com o crescimento da demanda social por qualificação dos profissionais foram abertos espaços para a discussão da matriz curricular e para pesquisas. Vislumbrando ampliar suas perspectivas de atuação, anos mais tarde a terminologia "Educação Física", que nasceu para o contexto escolar, foi questionada. Sem consenso, surgiram tentativas de encontrar um termo novo, na intenção de aproximá-la da saúde, o que aparece como um indicativo de reestruturação do campo. O novo termo, que contribuiría com os direcionamentos do campo e expressaría seus anseios, foi discutido pelos próprios profissionais e segundo estes, deveria expressar corpo, movimento e ensino, mas sem estar restrito às escolas. Depois de alguns deates e propostas permaneceu em maior uso o termo Educação Física.

Retomando as contribuições de Bourdieu (2003), Silva (2014) escreveu que o *habitus* do profissional de Educação Física, no contexto da sua reestruturação enquanto campo, mostra ligação com a estruturação do fazer profissional, bem como com a possibilidade de comunicação de um saber incorporado, que pode ser interpretado/composto por como capital corporal e capital simbólico e tem relação com as disputas no campo.

Sobre a questão do corpo como objeto de disputas no campo da Educação Física, ou seja, como capital corporal, Paiva (2003) lembra que ele não é um empreendimento da Educação Física, mas que é fruto de uma mentalidade moderna e de um processo de individualização externo. Porém,

> ao que parece – é uma hipótese –, é o engendramento do campo que ajuda a lhe dar materialidade e visibilidade, demarcando e pulverizando, por assim dizer, fazendo incorporar como uma segunda natureza – uma "natureza" social –, como *habitus*, essa nova maneira "saudável", "ativa", "disciplinadamente espontânea", em síntese, "esportiva" de ver e viver a vida "feliz" (PAIVA, 2003, p.97)

Falar em *habitus* específico faz sentido por que "na Educação Física, as disputas entre e sobre os 'fazeres' e 'saberes' corporais, pedagógicos e pedagogizados, não escolares e escolares, aparecem como seu marco diferenciador em relação a outros campos" (PAIVA, 2003, p.65). Ou seja, o saber incorporado que faz predominar o capital corporal no campo e uma *hexis* corporal específica, é característica distintiva em relação aos demais. Com isto, o que se quer dizer é que um modo de ser, que anuncia o "saber fazer o corpo" pela linguagem corporal e visa a aquisição de capital simbólico e o reposicionamento nas relações no campo. Este modo de ser é algo que foi apreendido e apropriado da atmosfera social e não constitui necessariamente um saber que "se tem", mas um corpo social que "se é" (BOURDIEU, 1983).

Contornando a questão do *habitus*, que não pretendo abordar com profundidade, ao tratar a Educação Física como campo não tenho a pretensão de homogeneizar, nem reforçar os limites do conceito. Apenas exemplifico como o campo se movimentou estrategicamente, em favor de sua ampliação e legitimação (reestruturação), à medida que algumas demandas sociais de corpo e saúde – melhor abordadas em outros capítulos - que afetaram a área.

No texto *Algumas propriedades dos campos* Bourdieu (2003) expõe que sua estrutura é um estado de relação de forças, ou seja, é marcada não por posições cristalizadas, mas por reposicionamentos de agentes e lutas constantes que embasam estratégias posteriores. As disputas pelo capital simbólico determinam subversões no interior do próprio campo, o que

nega qualquer hipótese de coesão e homogeneirdade entre os agentes, pois, para este autor sempre haverá tentativa de reposicionamento.

Sendo assim, a possibilidade de estruturação também é inerente ao campo, o que o torna passível de se reinventar, mas o que compreendo neste estudo como reestruturação envolve um processo específico em que o campo se reiventa desde as suas bases epistemológicas e formas de atuação. Tal processo de reestruturação teve seu ápice em um período compreendido entre meados de 1980 e 2000, resultando nos anos que se seguiram em intensas mudanças no campo e sua consequente expansão. Como pista principal deste processo seguimos a aproximação entre o discurso (bio)médico e a Educação Física, uma estratégia fundamental para que o campo se configurasse atualmente como legítimo.

O estudo realizado por Paiva (2003) argumentou em favor da estruturação da Educação Física como campo disciplinar na década de 1930. Fazendo uma historiografia da disciplina, esta autora analisou a especificidade e a reflexividade do campo, e discutiu as seguintes premissas: (1) há dificuldade em definir no curso da história o que é Educação Física; (2) a década de 1930 foi crucial para o seu processo de institucionalização; (3) o esporte, a medicina e as instituições militares e escolares foram determinante na sua história; (4) o higienismo imprimiu à Educação Física um caráter científico, pois, enquanto os médicos prescreviam, os profissionais aplicavam; (5) os militares só administraram a Educação Física, não a pensaram, contrariando algumas perspectivas. No entanto, o que é proposto aqui é a ampliação do objeto de interesse do campo (em relação ao séxulo XX), a partir pistas do próprio campo de caráter jurídico, político e social.

Para compreender a reestruturação do campo, apresento: (1) os discursos que perpassa(ra)m a Educação Física desde o século XX (na forma de tendências coletivas para os cuidados com o corpo); (2) o processo de regulamentação, que embora possa parecer isolado das tendências da área, foi diretamente influenciado por elas, tendo em vista que estão amparadas em noções coletivas de corpo e saúde; (3) a (re)estruturação da Educação Física como campo disciplinar no século XXI, pontuando em alguns momentos que a sua expansão acontece junto com a expansão do mercado e a inserção de uma estética da saúde neste processo. Assim, os tópicos que se seguem pretendem trazer linhas de convergência entre o percurso sociohistórico da Educação Física e a história das mudanças nos discursos de fabricação do corpo.

4.2 TRILHANDO TENDÊNCIAS DA ATIVIDADE FÍSICA

Na década de 1970, o Brasil passava por um momento de supervalorização do esporte, que tinha tendências unificadoras, em um contexto social de resgate militarista da figura do homem atleta como cidadão brasileiro. A seleção Brasileira de futebol era um grande expoente deste momento. Embalada pela marchinha "*90 milhões em ação, pra frente Brasil do meu coração*", o ícone de uma década esportiva era a representação do que se esperava dos sujeitos: disciplina e patriotismo. O atleta, neste contexto, era retratado como uma espécie de herói nacional, homem de valor, cuja idealização – influenciada pelas políticas de Estado (MENDES, 2005) - transitava entre um corpo ativo e a possibilidade de incorporar neste os valores da pátria.

Neste mesmo período, em solo americano, o médico fisiologista da Força Aérea Kenneth Cooper ampliava seus estudos em torno das capacidades aérobias do corpo (VO^2 máximo) e se tornava o pai da ginástica aeróbica, que viria a ser popularizada naquele país nos anos 1980 e logo depois no Brasil. Em seus estudos de fisiologia, Cooper buscava formas de aplicação do conhecimento no cotidiano, o que deu origem à prática de *"cooper*" e ao método de *cooper*[45], que foram difundidos no Brasil na década de 1980 e até hoje são amplamente utilizados na prática de atividades físicas. O método de condicionamento físico de Cooper foi um marco importante na introdução de novos conceitos de atividade física individualizada. Isto porque, a partir de então, algumas pessoas que não eram atletas era passaram a poder ter informação sobre como monitorar seus exercícios/corpo de forma independente e, mais do que isso, passaram a poder individualizar esta possibilidade, que limitava-se à coletividade das propostas calistênicas de Estado.

A proposta do Estado para o cuidado de si neste momento da história envolvia a noção de que qualquer indivíduo poderia ser atleta, o que foi impulsionado pelo método de *cooper*. O conhecimento contribuiu para a valorização do corpo e do exercício físico individualizado, à medida em que se acentuava neste contexto a responsabilização individual pela saúde. Assim, a criação do *cooper* não favoreceu apenas uma relação mais próxima entre sujeitos e o conhecimento, mas inaugurou um período de: estudos científicos no campo

[45] Ele divulgou seus conhecimentos no final dos anos 60 e propunha um método para a realização de "auto avaliação" e melhora do condicionamento físico (pela monitoração do volume de oxigênio - VO^2 Máximo) através de testes de corrida simples, revolucionando a forma de correr de atletas e não atletas de forma definitiva.

da Educação Física que buscavam aplicabilidade da medicina nas estratégias individualizadas de promoção/produção da saúde; investimentos individuais sobre o corpo através dos exercícios, que fomentavam a ideia de um sujeito necessariamente ativo.

Neste momento de articulação medicina-exercício-indivíduo, eram produzidos, com participação política do Estado, sujeitos engajados na busca pela própria saúde: uma vez facilitado o acesso à atividade física (sobretudo pelos programas elaborados no seio das políticas públicas), cresceu a responsabilidade pelo cuidado de si. Um exemplo desta conjectura foi o movimento organizado pelo UNIBANCO no final dos anos 70, denominado "Mexa-se", que incentivava a prática de *cooper* e de atividade física em espaços livres (MENDES; MELO, 2010). A partir de então, uma onda pró-atividade física, que pavimentou o crescimento mercadológico de produtos do segmento *fitness*, começou a ser propagada no Brasil e incentivou a busca pelo não-adoecimento através do autocontrole sobre as condutas individuais. Este cenário, antes marcado por um sistema de políticas públicas de cura, deu lugar à políticas públicas voltadas para a prevenção e o cuidado pré-patológico (CARVALHO, 1995).

Chegando aos anos 1980, ainda sob influência da difusão do *cooper*, "o crescimento no número de academias de ginástica e as transformações em seus modelos de organização e gestão estiveram relacionados com o movimento de valorização da prática de atividades físicas voltada para a melhoria da 'forma física'" (QUELHAS, 2012, p. 44). Este momento marcou fortemente a abertura para a dimensão "incorporada" da saúde (que tangencia a estética), o que significa dizer que a Educação Física, enquanto área do conhecimento, nos anos 1980 começou a ganhar um novo terreno de atuação e um novo produto a comercializar: o *corpo saudável*.

A década de 1980 foi, de acordo com Paiva (2003), o momento em que o campo começou a esboçar relativa autonomia em relação às políticas de Estado e às publicações científicas da medicina, focando em objetos de estudo mais específicos e, portanto, na mobilização de novas formas de conhecimento (MENDES, 2005). Em um quadro de escassez de políticas públicas voltadas para esta área, "pôde-se observar uma expansão cada vez mais mercantilizada da prática de atividades corporais, como no caso mais evidente das academias de ginástica, sob a influência da cultura de culto ao corpo, notadamente, de origem norteamericana" (QUELHAS, 2012, p. 106). Tal período é conhecido pelo incentivo midiático e mercadológico ao "culto ao corpo", tema que se mostrou presente em publicações de abordagem crítica no início dos anos 2000 devido à importância e visibilidade que adiquiriu na época.

Paralelamente ao culto ao corpo, tendência assim nomeada por conter algo de utópico, surgiram as formas morais de condenação acerca de uma vida inativa. Foi neste cenário que o sedentarismo, que recebeu o título de vilão da saúde, da estética e do desempenho, foi abordado como comportamento recorrente e ao mesmo tempo passível de ser combatido por representar um risco[46]. Esse movimento configurou-se como discurso de preocupação em oferecer à população uma educação para os novos hábitos e foi acompanhado pelos meios de comunicação, que colaboraram fortemente para o seu alcance nacional (MENDES; MELO, 2010).

De acordo com estudos de perspectiva crítica, que emergiram no interior da área para repensar tanto sua prática quanto suas diretrizes, na década de 1980 a Educação Física foi construída de forma autoritária sobre os pilares de um plano de governo que visava, entre outras coisas, trabalhadores mais produtivos. Ainda segundo estes estudos, ela foi pensada pelo Estado para ser uma ferramenta tecnicista[47] de normalização e controle dos corpos. Contudo, é importante lembrar que a abordagem crítica vem na esteira de um período de redemocratização do país, em que as teorias pedagógicas haviam se aproximado fortemente da política.

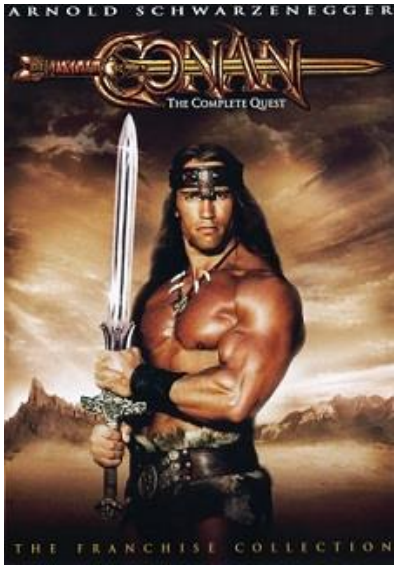
Analisando a perspectiva crítica[48], Oliveira (2012) lembra que os sujeitos, embora não tenham absoluta autonomia diante de questões políticas, são dotados de agência, algo negligenciado por alguns trabalhos clássicos da época – como o de Castelani Filho, Medina e Valter Bracht – que embora sejam importantes, tem a fragilidade de desconsiderarem esta possibilidade. Para este autor, apesar de ser comum na literatura a afirmação de que o país sofreu entre 1960 e 1980 uma espécie de "transplante cultural" americano, o tecnicismo e a esportivização não podem ser atribuídos a este período especificamente, uma vez que esta possibilidade desconsidera os interesses locais. O treinamento personalizado é um dos exemplos das tendências consideradas "importadas" na década de 1980-1990. Chegou ao Brasil com ares de "modismo" e se popularizou com formato e nomenclatura de influência americana, conquistando espaço no campo até os dias atuais (GOMES, CAMINHA, 2014).

[46] Esta discussão é detalhada no capítulo sobre a produção do sedentarismo como um fato científico (FLECK, 2012), que tem bases na racionalidade do risco e na moralidade.
[47] Organização da área em torno do gesto técnico, de determinantes biológicos, da *performance*, do desempenho, da competição e do resultado.
[48] Abordagem teórica que questiona a Teoria Tradicional. Possui uma postura crítica diante do capitalismo, no resgate do ideal de emancipação humana.

Com o cenário de valorização da fabricação individual do corpo, algo que demandava investimentos econômicos, nos Estados Unidos o *personal trainer* havia adquirido visibilidade quando foi atrelado a imagem de um profissional que cuidava dos corpo dos artistas das produções cinematográficas dos anos 80, atendendo/produzindo assim às novas demandas de corpo. Quando este formato de atuação chegou ao Brasil, encontrou-se com um profissional local que ainda não alimentava aproximações com a mídia (GOMES; CAMINHA, 2014).

Foi nesta época que começaram a ser propagados ideais de corpo que remetiam à musculatura hipertrofiada, sob forte influência do fisiculturismo, que vinha ganhando legitimidade em meio à valorização da fabricação individual do corpo. A modalidade então adentrou no cinema de massa, despertanto no imaginário social o interesse pela musculação e pela fabricação do corpo hipertrofiado. A aproximação entre cinema de massa e fisiculturismo é exemplificada no caso de *Conan* (década de 1980), interpretado por Arnold Schwarzenegger, reconhecido mundialmente como fisiculturista (Figura 7).

Figura 7 - Arnold Schwarzenegger em *Conan o Bárbaro* (1982)



Fonte: Google imagens

Schwarzenegger foi convidado à estrelar várias produções cinematográficas logo depois de ter sido campeão das maiores competições de fisiculturismo do mundo (sete vezes mister Olympia e um título de mister universo, nas décadas de 70 e 80). Isto tem a ver com a visibilidade que o corpo adiquiriu nos meios de comunicação (levando em conta as novas tecnologias da informação) e com uma economia de conquista de atributos de saúde ligados ao corpo e ao exercício.

Neste contexto, o corpo deixava de ser resultado do desempenho no esporte (o corpo resultado das vivências do atleta) e aproximava-se da ideia de fabricação, de fragmentação, de corpo máquina, da estética e, consequentemente, das academias de ginástica. No entanto, o Brasil estava no ápice do debate político sobre a regulamentação do profissional de

Educação Física, e a lógica americana não pôde ser implantada como um "transplante cultural", tendo a atuação profissional no modelo americano encontrado aqui resistência[49].

Como foi dito anteriormente, à medida que cresciam as tendências individuais de atividade física atribuídas a um sujeito ativo, chegava ao país através do cinema de massa e do mercado *fitness* americano a figura de um corpo ideal hipertrofiado e esculpido, que foi sendo paulatinamente captado pelos saberes da Educação Física. Para justificar esta aproximação com as tendências americanas, o discurso de saúde começou a ser mobilizado no campo, de modo que o corpo do cinema, do *cooper*, do sujeito ativo, do atleta, se misturaram em um cenário em que o campo disciplinar da Educação Física precisava de um objeto novo que lhe conferisse legitimidade para a regulamentação.

Neste contexto, certa ênfase foi dada a ideia de corpo saudável, fortemente marcada por signos estéticos de saúde, ou seja, aqueles que poderiam expressar ao mesmo tempo definição muscular e uma ideia de saúde conquistada por meio da atividade física. A mobilização do discurso da medicina, a negação do sedentarismo e a valorização da saúde do corpo no campo da Educação Física compunham um argumento central para a legitimação da profissão que viria na década seguinte. Neste sentido, os discursos de corpo saudável da Educação Física no final do séxulo XX aproximaram-se tanto da legitimação da profissão quanto das tendências de mercado americanas, ressignificadas politicamente no campo.

Pensando a partir da ideia de campo (BOURDIEU, 2004), ao adiquir contornos e objeto próprios – *corpo saudável* com elementos distintos do corpo saudável da medicina - a Educação Física legitimou a sua estrutura de conversão de capital simbólico em capital econômico propriamente dito. O processo de popularização do exercício físico e sua inserção massificada em academias de ginástica e espaços urbanos expressava a expansão da noção de corpo na Educação Física. Ao mesmo tempo em que isso acontecia: o corpo adentrou às publicações científicas como objeto de estudo, embora ainda sob influência da medicina (MENDES, 2005); a fabricação *deste corpo* ganhou *status* de necessidade; a noção subjetiva de indivíduo fisicamente ativo foi tomada como valor ao mesmo tempo em que a negligência com o corpo passou a ser vista como irresponsabilidade consigo.

[49] Nos Estados Unidos a lógica das *expertises* de fabricação do corpo é basicamente neoliberal e hiperespecializada. A formação resume-se em cursos técnicos e em modalidades disponíveis no mercado. Algo semelhante ao que acontece aqui com as marcas patenteadas: basta um curso com a marca para receber a autorização de ministrar aquela modalidade no país.

O *corpo saudável*, tomado como objeto de especificidade deste campo e fundamental para o seu processo de ampliação, aproximou-se do mercado e da estética, ao mesmo tempo em que a Educação Física se apropriou dos conhecimentos biomédicos sobre saúde, agenciando-os em favor de um projeto próprio de fundo político. Sendo assim, a reestruturação configurou-se como um movimento interno e externo ao campo.

Nos anos 1990, a "indústria do *fitness*[50]", que tem origem nos Estados Unidos, ganhou espaço no Brasil em um momento em que o país se abriu tanto politicamente quanto economicamente aos "parceiros de mercado" sob influência da iniciativa privada. O esporte, por outro lado, que era exposto como solução para muitos problemas do país na década de 1970, passou a receber influência forte das tendências mercadológicas e deixou de ser "coisa de atleta", passou a ser esporte de massa, próprio para o consumo.

Por outro lado, no panorama de individualização e responsabilização, que resultou do cálculo à luz dos saberes epidemiológicos, o esporte apareceu como "uma ferramenta que gerencia o risco de sedentarismo, razão que convida a gerar as condições necessárias para promovê-lo no país e aumentar o número de pessoas praticando atividade física ou esportiva" (LAGOS, 2016, p. 397)[51]. Seguindo esta virada nas práticas corporais, a herança do incentivo ao esporte contribuiu para a incorporação do exercício físico como parte da malha que compõe a construção social de *corpo saudável* na contemporaneidade.

Com base no que foi apresentado até aqui, tentei traçar algumas linhas acerca das tendências da Educação Física que influenciaram nas concepções de corpo no final do século XX, que por sua vez, remetiam a um sujeito ativo, autovigilante, praticante de esportes ou hipertrofiado, para que não fosse considerado negligente. Assim, nos anos 1970-1990, quando iniciou-se o processo e foi concluída a regulamentação da profissão, descrita a seguir, padrões massificados de corpo foram construídos sob a influencia da autovigilância, com ajuda das representações de corpo do cinema de massa *hollywoodiano* e do *body building* estadunidense.

Nos anos 2000, observamos a profusão de debates sobre identidade e prática profissional, em um contexto de separação legal entre licenciatura e bacharelado, que contribuíram com a imersão da área – sobretudo bacharéis - em questões ligadas à saúde. Neste mesmo período, o *personal trainer* tornou-se referência de conhecimento na fabricação de corpos. O percurso histórico descrito anteriormente influenciou na

[50] Segmento mercadológico de produtos e práticas voltadas para o desempenho e a saúde, com ênfase no exercício físico.
[51] Tradução própria

estruturação da disciplina e na regulamentação da EF e no tópico a seguir serão discutidas as questões relativas a este processo.

4.3 TRILHANDO O PROCESSO DE REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO

A regulamentação da Educação Física no Brasil foi um processo que durou mais de cinquenta anos, se contabilizarmos seus primeiros movimentos. Teve início nos anos 1940, com a fundação da Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física (FBAPEEF) e estendeu-se até 1998, ano de criação da lei que regulamenta a profissão.

De acordo com o Conselho Federal de Educação Física – CONFEF/CREF (2017) este processo pode ser dividido em três etapas: a elaboração de argumentos pelos profissionais ligados à associações sobre a necessidade de regulamentação (entre os anos 1940 e 60, em que a prática da atividade física estava associada ao modelo militarista, com forte apelo biopolítico do Estado); a tramitação do projeto de lei nos anos 1980, vetado pelo então Presidente da República José Sarney em 1990 e por último a promulgação do então Presidente Fernando Henrique Cardoso da lei n° 9.9696/98 publicada no Diário Oficial de 02/09/98.

A primeira etapa corresponde à uma época de discussões levantadas sem grandes pretensões, o que expressa o interesse tardio em regulamentar a profissão e se deve ao fato de que até os anos 70 tanto os cursos de formação eram apenas de licenciatura, quanto as oportunidades de atuação eram apenas no ensino formal. Apesar de alguns profissionais nos anos 1950 defenderem a regulamentação, uma proposta sistematizada só viria a ser apresentada nos anos 80, depois do III Encontro de Professores de Educação Física (1972), na cidade do Rio de Janeiro (CONFEF, 2017).

Na segunda etapa, por volta de 1984, o Inezil Penna Marinho (autor de vasta obra na área), acompanhado de perto por Manuel Tubino e Valter Giro Giordano, apontou a impossibilidade de se criar uma Ordem ou Conselhos de professor de Educação Física, devido ao fato de tratar-se de docência. Como saída para este impedimento, ele propôs, sem sucesso, a modificação do termo que caracterizava a profissão para “Cineantropólogo”; “Antropocinesiólogo”; Kinesiólogo” ou “Antropocineólogo”.

Em uma nova tentativa de driblar o impedimento à criação de um conselho, surgiu a proposta de designar o interventor da Educação Física não como professor mas como

“Profissional de Educação Física”. Com o resgate da FBAPEF e a criação de Associações de Professores de Educação Física (APEFs) em vários estados da união, o projeto de lei que objetivava a criação de “um órgão orientador, disciplinador e fiscalizador do exercício profissional” teve aprovação nos estados e resultou na sistematização de um outro projeto (n° 4559/84) vetado por José Sarney em 1990 (CONFEF/CREF, 2017). A justificativa apresentada foi de que a área já estava subordinada ao MEC, e, portanto, não precisava de outras instâncias reguladoras.

A partir de então, iniciou-se a terceira etapa da regulamentação, que diz respeito à ação engajada de profissionais que produziam saberes e elaboravam discursos, sobretudo em congressos nacionais, na direção da aprovação da lei. Assim foi lançado o “Movimento nacional pela regulamentação do Profissional de Educação Física”, no início do ano de 1995, que conduziu – com algumas resistências – à regulamentação (CONFEF, 2017).

Para além do que nos conta o Conselho Federal de Educação Física, o contexto social dos primeiros movimentos de regulamentação do profissional de Educação Física, nas décadas de 1940 a 1960, foi o do governo Getúlio Vargas. O governo Vargas visava a implementação de políticas estatais de controle sobre os trabalhadores, que só terminou com a reforma administrativa do Estado na década de 1990. O desafio do governo Vargas era controlar a classe média de profissionais liberais recentemente organizada. Para tanto, não apenas a Educação Física estava em processo de regulamentação, mas outras 30 profissões, como: advogado, assistente social, dentista, economista, farmacêutico, fisioterapeuta, médico e jornalista também passavam por um processo semelhante. Isto porque, o interesse da política de fortalecimento do Estado era, através de dispositivos jurídicos – criação de leis e regulamentações - trazer os meios de produção, a força de trabalho e consequentemente o capital circulante para o controle e fiscalização estatais.

A política em questão resultou em dois direcionamentos: o controle do Estado em um momento histórico específico em que ele era considerado fundamental para a manutenção da “ordem”; a formação de profissões regidas por elites intelectuais que argumentavam em favor dos seus direitos frente ao próprio Estado, às demais profissões e à “leigos” que tentassem atuar de forma ilegal (ALMEIDA; MONTAGNER; GUTIERREZ, 2009). Este fechamento em arranjos profissionais regulados pelo Estado também impactou na Educação Física.

A partir de 1960 até a década de 80, época de redemocratização do país, como desdobramento do controle estatal, uma onda marxista atingia a educação como um todo. Nos estudos produzidos pela Educação Física era possível enxergar a influência do

marxismo, o redimensionamento desta influência para uma ótica mais cultural, a realização de uma histórica crítica, a preocupação com as repercussões políticas dos estudos científicos, a preocupação com o sujeito e com as minorias (MELO, 1997).

Logo após sua redemocratização, no início da década de 1990, o país atravessava um momento de reestruturação no mercado. Em uma atmosfera de ideias neoconservadoras, que afetavam o mundo do trabalho, cresciam as novas demandas por competências orientadas para a reorganização das formas de produção. A tentativa de atender a estas demandas reverberava diretamente sobre a educação e resultava na valorização de disciplinas biológicas e de raciocínio abstrato (matemática, física e química) em detrimento de disciplinas como as artes e a Educação Física (NOZAKI, 2004). Pairavam neste contexto rumores de priorização de um projeto pedagógico, inclusive no setor público, que buscava atender à formação da competência técnica – sobretudo para o trabalho[52].

Enquanto a Educação Física, disciplina curricular, passava por um momento de ressignificação dos seus conteúdos, que segundo Mendes (2005) caminhavam na direção de um retorno à promoção da saúde nas escolas, por outro lado, saúde, bem-estar e qualidade de vida tornavam-se valores sociais ligados ao mercado e à busca individualizada pela própria saúde, que produziram novas *expertises* na área (como o *personal trainer*).

Sobre esta questão, Quelhas (2012, p.105) escreve que

> [depois da década de 1990] as mudanças operadas no segmento *fitness*[53] ocorriam ao mesmo tempo em que estava em curso um processo mais amplo de reconfiguração do trabalho do trabalhador de Educação Física, num contexto marcado por uma profunda crise econômica, no qual a educação pública e seus trabalhadores sofreram um processo de desvalorização que trouxe repercussões tanto para a área como componente curricular, quanto para os docentes desta área específica.

Nessa esteira, setores corporativistas (conselhos, associações e empresários do segmento de academias) dirigiam-se para o segmento "não-escolar", cultivando, entre outras coisas, o pensamento sobre a necessidade de regulamentação profissional (NOZAKI, 2004). Foi nesse contexto que, em 1987, a criação do bacharelado em Educação Física e seu desenvolvimento nos anos subsequentes abriu espaço para um segmento de atuação não regulado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) à época (ALMEIDA;

[52] Um processo semelhante resultou em 2016 nas discussões acerca da reestruturação do ensino médio, que culminou com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). A MP determina que o ensino médio poderá ser organizado em módulos e adotar o sistema de créditos ou disciplinas e desobriga as disciplinas de Educação Física, artes, sociologia e filosofia no ensino médio.

[53] Expressão utilizada para descrever tudo que se relacionada com aptidão física e exercício, englobando desde academias de ginástica, até roupas, suplementos e práticas de cuidado de si.

MONTAGNER; GUTIERREZ, 2009). Esse "distanciamento" do MEC, fruto da abertura para novos terrenos de atuação, levantou questões no que diz respeito às bases epistemológicas da área, fomentando debates sobre a viabilidade da Educação Física aproximar-se ou não da saúde e constituir-se ou não como ciência.

Neste momento, a Educação Física buscava a consolidação das suas bases. Na sua constituição como disciplina, se ergueram vários debates que buscavam tanto "descobrir" o que era Educação Física, quanto qual o seu papel na sociedade. Os primeiros estudos brasileiros questionavam "O que é Educação Física?" (GAYA, 1994), outros buscavam responder "O que faremos com a Educação Física?" mas a questão da sua abertura para a saúde era crucial, pois, contava com resistências que mostravam dissidências no seu interior (linhas de divergência ou conflitos).

Para Gaya (1994) a Educação Física era um "projeto pedagógico" e em meio aos debates nos anos 1990 tendia a subdividir-se em duas correntes: uma de caráter tecnicista-biológico, que pretendia representar uma ciência/disciplina relativamente autônoma; outra de caráter cético quanto a esta autonomia, que definia a área como espaço de filosofia da corporeidade[54]. Para Gaya

> embora em seu discurso cotidiano os profissionais da Educação Física afirmem estreitas relações coma saúde, quando analisamos sua produção científica constatamos apenas uma entre ambas. Em outro artigo, evidenciei que a Educação Física ao pretender tornar-se uma disciplina das ciências da educação e/ou a saúde se descaracteriza e perde sua identidade (FARIA JR. 1987, *apud* GAYA, 1994, p. 31).

De acordo com este autor, a influência de áreas diversas sobre a Educação Física "confundia" suas bases epistemológicas, de modo que o debate sobre de onde ela se originava estava resolvido no posicionamento de que ela nasce na educação e, portanto, trata-se de docência. A questão da identidade era um dos dilemas internos da EF. De um lado suas bases foram consolidadas sobre os pilares da educação, de outro, a saúde colocou a Educação Física na posição de área responsável por cuidar do corpo.

Inspirado pela onda de busca de direcionamentos para a profissão, mas fugindo da polarização entre educação, esporte e saúde, a proposta de Bracht (2000) foi não definir "verdades", mas considerar que a união de saberes oriundos de outras áreas era frutífera para o planejamento de novas intervenções de respaldo científico e social. No entanto, para o autor, isto não deveria descaracterizar as temáticas de interesse específicas da área (em torno

da educação), que por sua vez seriam o elo com o fomento à pós-graduação pela diferenciação de outras ciências consolidadas como a medicina e a sociologia.

Um dos principais argumentos na tentativa de aprovação da lei n° 9.696/98 e criação do CREF à época foi, além do controle sobre o exercício profissional de "leigos", a elevação da qualidade do serviço oferecido. Afirmava-se naquele contexto que os egressos dos cursos de Educação Física forneciam aulas de baixa qualidade porque possuíam pouca informação disponível, pois, a produção científica na área sobre temas "não-escolares era escassa", e os defensores da regulamentação argumentavam que ela garantiria melhor qualidade da atuação profissional.

> os profissionais favoráveis à regulamentação sustentam algumas "verdades": a primeira delas é que ser regulamentado transformou-se em sinônimo de qualidade e competência; segundo, ter um grupo fiscalizador infere uma ética profissional e, por último, ter profissionais habilitados é garantia de segurança à população (ALMEIDA; MONTAGNER; GUTIERREZ, 2009, p. 279).

Diante do que foi exposto, gostaria de destacar que um argumento que impactou fortemente o processo de regulamentação da profissão foi a aproximação com as noções de qualidade de vida e promoção da saúde, que vinham sendo contruídas com mais força desde meados dos anos 1980. Depois disto, atentos a esta estratégia, os profissionais regulamentados passaram a produzir saberes e discursos, aproximando-se dos conhecimentos biomédicos, mas não mais restringindo-se à operacionalização de tais saberes.

O momento descrito foi decisivo porque não era consensual na área sua capacidade de produzir saberes, uma vez que não era consensual o que era Educação Física e para onde ela deveria caminhar (BRACHT, 2000; NOZAKI, 2004). Nesse sentido, a trilha de institucionalização e consolidação da Educação Física enquanto profissão é uma linha que se bifurcou: foi fruto da legitimação legal e social da disciplina, respaldada pelas políticas de Estado e pela sua aproximação com a saúde; também é parte da identidade de um campo disciplinar, pois, deu a área um novo objeto e novos contornos.

É preciso ressaltar ainda que embora a "geração saúde" e o movimento pró-esporte (1970-1980) tenham tido força na difusão do exercício físico como prática essencial à manutenção do *corpo saudável*, o vínculo com a raciocínio preventivista, o risco epidemiológico e a invenção do conceito de sedentarismo também colaboraram para a mobilização da população em torno da atividade física (isto será discutido posteriormente).

Paralelamente, os “fatores de risco”, noção criada com a ascensão do cálculo estatístico aplicado à saúde, configuraram-se como a face vigilante dos discursos sobre saúde do corpo.

Como tentei explicar, a ascensão da Educação Física após sua regulamentação foi potencializada pelo momento de valorização do corpo, do desempenho e da forma, características da virada do século (MALYSSE, 2007), o que permitiu que o campo se reestruturasse acompanhando as novas demandas socias. Por fim, o percurso apresentado buscou evidenciar tanto o movimento de reestruturação do campo, com novas leis, normas disputas internas, quanto trazer a tona o processo de legitimação da Educação Física como *expertise* no contexto atual.

4.4 UM NOVO OBJETO DE INTERVENÇÃO

O deslocamento da atenção, dos saberes, dos investimentos e da empregabilidade da Educação Física do meio escolar para o não-escolar foi processual, atendendo a um novo modelo de sociedade. Este movimento demandou a reconfiguração de um profissional associado à “educação do físico” (tal qual fora nas escolas, esporte e instituições militares) em *personal trainer*, o especialista na fabricação do *corpo saudável* e no incentivo ao cuidado de si.

Como foi dito anteriormente, até os anos 2000 eram escassas as publicações sobre saúde-doença na Educação Física, principalmente partindo de autores oriundos da área. Até mesmo o esporte, segmento que aparentemente era seu “terreno”, era um campo dividido com os médicos do esporte, que fundaram a Federação Brasileira de Medicina Desportiva (1962), que posteriormente deu origem à Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte (1993), muito antes da Educação Física tornar-se profissão. Neste período, um movimento coletivo começou a produzir textos e publicações voltadas para a área da saúde e sua relação com a Educação Física, promovendo a ascensão do conhecimento na área.

Na profusão de discussões sobre o *status* da Educação Física como ciência - ou não – Bracht (2000) foi um dos autores que marcou os caminhos da pós-regulamentação, discutindo seu papel social e sua aproximação com as questões da saúde. Para ele, querer que a Educação Física fosse ciência autônoma e independente, em uma época em que a razão científica era posta à prova, significava querer uma vantagem em termos de *status* social

(sobretudo acadêmico), mas significava também responder questionamentos endereçados à toda ciência que desejasse o alto valor na cultura ocidental que esta classificação carrega.

> Os contornos do campo acadêmico da EF (...) são definidos a partir da disputa ou luta no campo em torno da definição de qual o seu objeto, qual a concepção de ciência a ser adotada, quais problemáticas de investigação são legítimas ou devem ser privilegiadas. (...) Como a Educação Física será majoritariamente entendida depende das disputas nesse campo (BRACHT, 2000, p. 62)

Partindo do pressuposto que a Educação Física necessitava do conhecimento científico, Bracht (2000) levantou a questão do "casamento" entre Educação Física e ciência, apontando que definir o que seria ciência era um problema complexo. As ideias de Bracht já foram discutidas no campo (OLIVEIRA, 2012; PAIVA, 2003), contudo, seu pensamento permanece importante para a compreensão das rupturas e continuidades na história da Educação Física e sinaliza as disputas internas do campo.

Observando o quadro crítico em que escreveram autores como Valter Bracht, e considerando sua situação no interior do campo, percebemos que a Educação Física vinha buscando uma identidade e dialogando cada vez mais com a ciência, no intuito de tornar-se agenda prioritária dos sujeitos no que diz respeito à promoção da saúde e ao afastamento dos sinais de finitude do corpo.

Dos anos 2000 em diante, o debate que marca a área é a separação entre licenciatura e bacharelado[55], que autores como Nozaki (2004) e Taffarel (2012) interpretam criticamente como fruto de questões sociais mais amplas. O primeiro compreende que esta divisão aconteceu visando não apenas o reordenamento da profissão, no sentido da regulamentação do trabalho e da formação, mas em decorrência de políticas neoliberais e neoconservadoras que atingiram outras áreas ligadas à educação. Em uma perspectiva complementar, Celi Taffarel (2012) interpretou esta divisão como um modo de fragmentação da formação inicial, e, consequentemente enfraquecimento das questões ligadas ao trabalho, devido à segmentação teórica e a delimitação das opções de atuação profissional.

Conforme discutem Iora, Souza e Prietto (2017), a justificativa para a divisão na formação e atuação por vezes recorre ao argumento de que ao obter conhecimentos específicos, o profissional se sentiria mais seguro para atuar. Contudo, o estudo conclui que na visão dos egressos isto representa desqualificação profissional, precarização das

[55] A Educação Física vive atualmente esta "separação", em termos de formação e atuação, entre área escolar (licenciatura em Educação Física) e a não-escolar (bacharelado). O bacharelado em Educação Física ocupa-se do não-escolar e inclui as demais formas de atuação (esporte de alto rendimento, clubes, academias, práticas alternativas, etc.). A licenciatura segue na direção da educação.

condições de trabalho e adaptação aos interesses do mercado para sobrevivência no ramo, tanto de licenciados quanto de bacharéis. Para Quelhas, (2012), tal divisão envolve questões de ordem social e cultural, como: precarização do trabalho; busca por *status* profissional (distinção); necessidade de competitividade no mercado; ascensão do mercado ligado ao exercício físico nos dias atuais. Nesse contexto, reunindo estratégias para lidar com o novo cenário, a figura do *personal trainer* passou a expressar, no campo disciplinar da Educação Física, um empreendimento de sucesso.

Como a noção de campo pressupõe um espaço de tensão social em torno da legitimidade de um saber/fazer específico, aponto a importância da figura do *personal trainer* (treinamento personalizado) como fundamental para a mudança de *status* e legitimidade do campo.

O treinamento personalizado é um segmento da Educação Física que recebeu investimentos econômicos, culturais e sociais por parte dos agentes e instituições, mostrando-se tão dinâmico quanto promissor. À essa *expertise* têm sido associados os cuidados com o corpo nos últimos anos. Como reflexo disto, os profissionais formados em Educação Física passaram a buscar este terreno de atuação visando melhores condições de trabalho e salários (migrando inclusive da área escolar). Por este motivo, essa ocupação é discutida também em estudos sobre modos autônomos de gerenciamento empresarial.

Nos últimos anos a Educação Física tem buscado não apenas a promoção da saúde, mas a conquista de saúde, com propostas de lidar diretamente com a sua manutenção pelo corpo (inclusive na perspectiva do tratamento), como nos conta a matéria *Saúde: mercado promissor*, da revista de Educação Física do Conselho Federal (CONFEF, 2017, p.20-21)

> Presentes nas escolas, academias e clubes, os Profissionais de Educação Física se firmaram, de vez, em mais um campo de atuação: a Saúde. Mas não a confunda com a Promoção da Saúde – atividade desempenhada por todo bacharel em Educação Física. [aquela dos anos 2000 em diante] [...] Quando você faz uma ação diretamente ligada à área da Saúde, você faz um trabalho multiprofissional, envolvendo diferentes atores no processo de melhoria ao usuário do Sistema de Saúde.

Como exemplo das novas estratégias de consolidação do campo em torno de questões ligadas à saúde, é possível observar na matéria o chamado realizado por cartilhas recentes da área à atenção para questões relacionadas a saúde não apenas no momento pré-doença. Do ponto de vista da bioeconomia e da centralidade do corpo na existência (ROSE, 2013), a inserção da Educação Física no momento pré e pós-doença (reabilitação) mostra mais uma bifurcação nas linhas de atuação do campo. A criação de *expertises* de atuação em espaços

diversos e cada vez mais específicos, vai além da divisão do século XX em área escolar e não-escolar.

Em se tratando da vertente não-escolar, enfocada neste estudo, o surgimento de *expertises* expressa a fragmentação do conhecimento, a conquista de outros terrenos de atuação (competindo com disciplinas no campo da saúde) e a própria disputa interna entre profissionais, que posteriormente estarão restritos às suas devidas especialidades, como escreveu a matéria do Conselho Federal sobre o "mercado da saúde"

> Quando um indivíduo procura a academia, ele busca a área fitness. Já dentro da Saúde, o paciente tem um foco específico que, como explica Hagebock [presidente do Conselho Estadual de Saúde do Paraná], envolve questões como o uso medicamentoso, se é hipertenso ou diabético, obeso, entre outros [...]parece que o mercado tem percebido essas vantagens, como explica Hagebock. "Ainda é um campo em expansão, até porque a própria Educação Física precisa se apropriar mais dessa área [...] O interesse da categoria ainda está muito voltado para o *fitness*, mas temos oportunidades a se multiplicar na Saúde" (CONFEF, 2017, p. 20-21, grifo nosso)

Percebe-se, portanto, no recorte da matéria: a possibilidade da área não-escolar se subdividir/ou expandir – talvez de forma institucionalizada - em *fitness* e saúde; a pretensão de conquista de um mercado que é frutífero em termos econômicos e políticos. Pensando no capital econômico circulante, a Educação Física movimenta no Brasil em média US$2,1 bilhões por ano apenas no ramo das academias de ginástica. Somam-se a isto, há ainda que se considerar os investimentos em termos de oferta de conhecimento (a economia dos saberes) e um vasto leque de produtos disponíveis no mercado (máquinas, roupas, recursos eletrônicos, suplementos, etc.).

Pensando nos investimentos mercadológicos sobre a profissão atualmente, podemos observar a profusão de saberes e práticas que vem sendo adotados como formas de atualização. Destaco o exemplo o *crossfit*[56], que atualmente demanda altos investimentos para uso desta marca que rapidamente se tornou popular no país. Para ser instrutor de *cross fit* – ou abrir seu *box*[57] - o profissional de Educação Física deve concluir um curso fornecido e além disto, é necessário o pagamento anual de taxas. As práticas patenteadas, utilizadas no

[56] Modalidade de exercícios com princípios biomecânicos específicos (movimentos livres) e patenteados por uma marca norteamericana atuante desde 2000 nos Estados Unidos. Apenas seu país de origem possui mais espaços de *crossfit* que o Brasil, que em 2017 possuía cerca de 611 boxes e em 2018 já passam dos 1200 estabelecimentos. Além do *crossfit*, outras marcas internacionais coexistem no Brasil, movimentando tanto o mercado de produtos e serviços, quanto de formação profissional. Uma das mais conhecidas e antigas do ramo é a neozelandesa LesMills (

[57] Nome dado ao espaço de prática de *crossfit* (trad. Caixa)

campo, influenciam fortemente o capital simbólico[58] (convertido do econômico, social e corporal), o que reflete na sua "popularização" e agrega *status* aos praticantes e profissionais.

Por ser uma modalidade que tem crescido exponencialmente, o *crossfit* é alvo de disputas e tensões no próprio campo da Educação Física. Como é classificada como uma marca registrada – diferente do que fez a LesMills[59] ao patentear formas de ginástica - a princípio ela foi alvo de questionamentos, mas passou a ser regulamentada pelo CONFEF[60]. Não só esta, outras práticas/marcas também são alvo de disputa e conflito no interior do campo da saúde, entre elas o pilates, uma modalidade de exercício criada pelo alemão Joseph Pilates em 1920 e resgatada no Brasil nos últimos anos[61]. Depois de alguns embates no campo da saúde, atualmente o pilates tanto pode ser instruído por fisioterapeutas quanto profissionais de Educação Física. Também há disputas sobre a dança, os esportes de aventura, a nutrição esportiva, entre outras especialidades.

Os "esportes na natureza" ou "atividades de aventura", são um ponto de tensão e disputas entre turismo e Educação Física. A própria terminologia é um ponto de tensão, de modo que geralmente estas áreas não reivindicam a legitimidade e trabalham em conjunto na promoção de tais práticas como estratégia de manutenção do terreno de atuação. Algo semelhante aconteceu com a Educação Física e a dança, resultando na conquista de terreno da dança, que atualmente possui formação própria, separada da Educação Física.

As disputas e estratégias dentro do campo que foram apresentadas, em diálogo com outros campos (mercado, mídia e política, etc.), ajudaram a colocar a Educação Física atualmente em posição de destaque nos processos de fabricação do *corpo saudável* (seu objeto de intervenção e alvo de investimentos). Isto é algo que vem se desdobrando desde a década de 1980, permitindo assim que ela avançasse no seu processo de legitimação e reestruturação.

---

[58] O capital simbólico para Bourdieu (2003) está ligado ao reconhecimento conquistado pelo agente diante dos seus pares. Ele pode ser convertido em capital econômico (bens materiais), cultural (capacidades ligadas ao intelecto) ou social (do terreno das relações sociais).

[59] Dona da *Body Systems*, que possui mais de 10 modalidades de aeróbica no formato de franquias e atua há 50 anos no mundo e há 20 no Brasil. Para atuar como professor desta modalidade também é necessário o licenciamento e a formação específica da marca.

[60] Após a conclusão do curso de graduação, os profissionais devem se filiar ao sistema CONFEF/CREF (Conselho Federal e Regional de Educação Física) pagando uma taxa anual. Também é através deste sistema que os estabelecimentos são regulamentados e podem ser abertos por pessoas jurídicas. Na prática, a função dos conselhos é realizar ações em prol da área e principalmente fiscalizar profissionais atuantes sem registro no conselho ou mesmo sem formação.

[61] O pilates usa o peso do corpo e geralmente é praticado em pequenos estúdios, de forma mais individualizada.

Retomando o que foi dito, contribuíram com esta reestruturação: a regulamentação da profissão; a escolarização e o processo de institucionalização (PAIVA, 2003); a aproximação com o campo da medicina e o agenciamento da noção de saúde. A regulamentação por que foi um processo que mobilizou a disciplina em torno de novos objetivos, uma estratégia política e jurídica. As aproximações com a saúde por causa da abertura para o mercado e para as questões ligadas ao corpo e ao valor da saúde.

A discussão sobre um *status* "por aproximação", adquirido historicamente e decisivo para a reestruturação do campo é pavimentada pela ampliação do terreno da Educação Física na direção dos espaços de saúde e de um novo objeto específico de intervenção (o *corpo saudável*). Aproximação não quer dizer que a Educação Física compartilhe um mesmo objeto com a medicina, pois, embora ambas percorram o terreno da saúde, a primeira reivindica nos últimos anos o direito de participar ativamente não apenas na ponta de operacionalização da saúde (através da atividade física e do exercício), mas também de produzir conhecimento legítimo, com maior especificidade, a partir dos próprios agentes do campo. Como lembra Mendes (2005) até os anos 1980 o conhecimento científico produzido na área ainda partia de instituições (como o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte) presididas por médicos. Isto por que, apesar da proximidade com a biomedicina, as disputas deste campo com outros campos ainda refletem questões culturais e sociais.

Na pista dos seus acontecimentos históricos e sociais, vemos um campo (re)estruturado, e, consequentemente estratégias e interesses específicos que moveram este campo, influenciando por fim na construção social de uma noção de *corpo saudável* que opera estruturando práticas de saúde no contexto atual. Deste modo, a noção de campo não determina o nosso objeto de estudo, que pode parecer desaparecer em alguns momentos neste capítulo, ela circunscreve, ou seja, lhe oferece contexto histórico, político, econômico e social.

Ao estudar especificamente a medicina, a nutrição, a fisioterapia, provavelmente obteríamos outras formas de circunscrever esta noção, mas a interpretação do funcionamento da Educação Física enquanto campo – de lutas e disputas - pressupõe que, sendo saúde e corpo categorias-valor social, o agenciamento da ideia de *corpo saudável* não é desinteressado, mas atende à uma lógica que aproxima-se da noção de campo[62]

[62] Mencionei em outro momento que, por serem noções parecidas, campo e terreno podem gerar alguma confusão no leitor. Pensando nisto, reforço: terreno não é um espaço geográfico (assim como campo não é), é uma ideia de Deleuze e Guattari (1995) que uso para falar do meu campo empírico nos termos da proposta cartográfica. "Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de 'trabalho de terreno'. É preciso instalarmo-nos sobre as

bourdieusiana (BOURDIEU, 2003). Por fim, aquilo que aponto sobre as tendências do campo servem muito mais à circunscrição do meu objeto de estudo (ao pensar que a reestruturação da Educação Física impactou os cuidados com o corpo) do que à tentativa de traçar sua história nos limites do conceito.

próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal" (DELEUZE, 2005, p.1). Campo, por outro lado, é um conceito bourdieusiano que delimita uma forma específica de desdobramento das dinâmicas estruturais, como o que foi sintetizado aqui em nove características.

5 DO RISCO EPIDEMIOLÓGICO AO SEDENTARISMO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DISPOSITIVO DE *CORPO SAUDÁVEL*

Desde a ascensão do exercício físico como recurso para o controle dos fatores de risco e da susceptibilidade, o sedentarismo[63] foi trazido para a pauta das discussões e apontado como vilão, cujo melhor remédio para o seu combate deveria ser a atividade física. Embora seja agenda da saúde pública, o significado do conceito epidemiológico de sedentarismo é confuso e tem sido agenciado entre campos como a Medicina, a ciência e a Educação Física, conforme será discutido mais adiante.

Nesses campos, bem como na mídia, no mercado e no senso comum, sedentarismo configura-se principalmente de duas formas: sedentário é o sujeito que não pratica atividade física (AF) suficiente para ser considerado ativo; sedentário é todo aquele que fica sentado por longos períodos de tempo durante o dia. Estas possibilidades de interpretação tem relação com a complexidade da catergoria e das concepções de risco, saúde e doença, tenstemunhando a favor da necessidade de discussão sobre a gênese e o desenvolvimento de um fato científico (FLECK, 2010).

Como parte da compreensão do dispositivo de *corpo saudável* (a ser apresentado no capítulo seguinte), é preciso lançar luz sobre a relação aqui destacada: risco e sedentarismo. Avanço nesta trilha porque creio que sedentarismo e risco compõem, junto com a ideia de saúde, a estruturação do dispositivo de *corpo saudável*. Esta reflexão advém da hipótese de que o agenciamento contemporâneo do risco epidemiológico, que no discurso da Educação Física e da medicina configura-se como sedentarismo (ou lipofobia, no caso da gordura), é parte importante da produção de subjetividades relacionadas ao dispositivo de *corpo saudável,* cujos valores e significados são estruturados pelo próprio dispositivo. Risco e sedentarismo, embora pareçam algo dado, demonstram a capacidade dos discursos de organizar sistemas de exclusão e classificação, que por sua vez podem ser negociados pelos sujeitos.

A discussão epistemológica aqui empreendida toma forma considerando o trabalho de terreno, a literatura sobre o tema e também pistas encontradas em fontes como revistas eletrônicas (selecionadas com o critério de abordar o objeto de estudo). Assim, o objetivo deste capítulo é discutir a categoria risco, apresentar como ela tem sido abordada na literatura

[63] Enfatizo o sedentarismo por sua relação com a racionalidade científica e com a reestruturação do campo (BOURDIEU, 2004), mas esta discussão se aproxima de muitas formas não-hegemônicas de corpo.

e como o risco pode aproximar-se do dispositivo de *corpo saudável* ao contribuir para a construção de significados e valores morais.

5.1 RISCO, EDUCAÇÃO FÍSICA E SOCIEDADE

O risco é essencialmente um arranjo da modernidade, que surge quando a vida passa a incorporar a possibilidade de planejamento sobre eventos futuros. Nos novos arranjos sociais, a fatalidade foi ressignificada como evento passível de prevenção/previsão, transformando as ferramentas de controle sobre a vida, e, consequentemente transformando a subjetividade (SPINK, 2001b).

No contexto que Giddens (2002) chama de modernidade tardia, os indivíduos tornaram-se solitários, privados da segurança oferecida pelas sociedades ditas tradicionais aos seus membros na condição de pessoa, e, sendo assim, sentem-se em diversos momentos desamparados. Para o autor, esta é uma das descontinuidades da modernidade e esta mudança na forma de vivenciar as relações faz com que os indivíduos tendam a buscar posições e formas de garantir sua segurança, minimizando riscos e amparando-se em sistemas (peritos) que lhes forneçam estabilidade. Tais indivíduos são convidados à reflexão e à racionalidade acerca dos eventos passados na tentativa de minimizar riscos futuros, o que os conduz às ações à luz da informação.

No percurso histórico da relação risco-sociedade, para Spink (2001a; 2001b) o século XIX, do sanitarismo e do Estado de bem-estar social, representou a primeira fase de gestão dos riscos. No século seguinte, o aprimoramento do cálculo levou à formatação da gestão dos riscos como um campo de saber, que congregou ferramentas probabilísticas e a dimensão política da estatística, que por sua vez geraram os sistemas de análise dos riscos. O campo da análise dos riscos envolve desde sua criação: o cálculo dos riscos (identificação, probabilidade e efeitos de eventos específicos); a percepção de risco (a relação indivíduo-risco e sua compreensão das novas tecnologias, na tentativa de prevenir e influenciar, como no caso da genética), a gestão dos riscos (estatal, mercadológica e individual) e recentemente a comunicação sobre os riscos à população (a participação da população na aceitação do risco).

Contribuindo com a discussão, Ulrick Beck (1997) explica que do projeto de modernidade tardia emerge a sociedade de riscos, que sofre influência da globalização e

produz individualização e reflexividade. Para este autor, a individualização é um projeto de singularização, no qual o indivíduo se "desprende" dos sistemas de socialização considerados primários e é reinserido em uma nova forma de individualidade pelas reformulações da relação indivíduo-sociedade. Nesse sentido, cada sujeito se torna ele mesmo uma forma aprimorada de reprodução do social, não uma parte do todo, mas o todo em uma parte. Este modelo de sociedade, considerando as limitações em relação ao lugar de fala deste autor – europa do final do século XX - produziu contingências no âmbito da valoração social da saúde, apresenta características de uma modernidade reflexiva que se volta para a gestão do risco em última instância, como nos conta Beck (1997, p.15):

> Qualquer um que conceba a modernização como um processo de inovação autônoma deve contar até mesmo com a obsolescência da sociedade industrial. O outro lado dessa obsolescência é a emergência da sociedade de risco. Este conceito designa uma fase no desenvolvimento da sociedade moderna, em que os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle e a proteção da sociedade industrial.

Ainda sobre o pensamento de Beck (1997), a reflexividade, que marca esta outra modernidade, é a capacidade do indivíduo de agir reflexivamente, voltando-se para si, refletindo sobre relações, natureza, governo e vida privada. Modernidade reflexiva para Beck refere-se a criação de interpretações que possam esclarecer as descontinuidades da modernidade, enquanto período de predomínio da racionalidade científica e da burocratização. Na modernidade reflexiva a sociedade torna-se a gênese e a solução para o seu próprio "caos", a origem e o alvo dos riscos e perigos que cultiva em diferentes níveis. Complementando esta ideia, Beck acredita que a racionalidade científica weberiana se transformou em uma ética reflexiva.

Para Spink (2001a) discutir a modernidade como contexto importante para compreender a racionalidade do risco é fundamental, mas é preciso reelaborar, desde a complexidade das sociedades contemporâneas, esta categoria, tornando-a mais fluida.

> Não que as estratégias de governo anteriores – a soberania e a disciplina – não continuem a vingar. Foucault bem nos adverte. Mas há deslocamentos importantes que fazem com que as novas modalidades de biopoderes se tornem as principais estratégias de gestão. O que muda? Diríamos que muda a natureza dos riscos, os mecanismos de gestão das populações e as estratégias de gestão no nível das pessoas (SPINK, 2001a, p. 1282)

Em Mary Douglas encontramos o perigo e as formas de combatê-lo como construções elaboradas culturalmente. Já nos anos 1960 a autora percebeu, traçando um paralelo entre as sociedades primitivas e modernas, que o perigo não é natural. O perigo

seria, a concepção que trata das ameaças à ordem social. Em *Pureza e perigo* (DOUGLAS, 1976), temos a questão do corpo intimamente ligada a esta ordem, expressão do universo simbólico que permeia cultura, pois, no final das contas, quando a sociedade está em perigo o corpo também está ameaçado:

> Tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. [...] As ideias que temos da doença também não dão conta da variedade das nossas reacções de purificação ou de evitamento da impureza. A impureza é uma ofensa contra a ordem (DOUGLAS, 1976, p. 14).

A analogia feita por Douglas nos termos de limpeza/sujeira, sobre os modos simbólicos e rituais que classificam o mundo, remete a como tanto o corpo quanto a sociedade são afetados por questões que lhes são extrínsecas e intrínsecas. Deste modo, sujo e poluído não são aceitos nem para o corpo nem para a sociedade e o reposicionamento destas categorias significa um retorno à ordem.

A interface entre puro e poluído, acrescida da noção de perigo, nas sociedades modernas tem a ver com a marginalização do outro e também com a ideia de retorno à ordem pelo combate ao risco, que é construído culturalmente na sua dimensão estética, política e moral. Em um dos seus trabalhos recentes, por exemplo, Douglas e Wildavsky (2012) questionam como as notícias e afirmações que recebemos diariamente, oriundas dos meios de comunicação, sobre riscos à saúde, podem ser em alguns casos exagero. Assim, estas informações ganham destaque e importância em um tempo e espaço específicos por serem potencializadas pela mídia, que reproduz discursos oriundos da saúde pública, da política ou do interesse legal de alguns grupos específicos.

Nessa esteira, Castiel e Álvarez-Dardet (2007, p. 462)[64] nos alertam que "os discursos sobre saúde e os riscos são construções contingentes, de natureza normativa, ligada de forma irrecusável aos interesses corporativo e econômico". Deste modo, a construção de escalas de risco, de formas de gestão do risco e as mudanças sociais e culturais que destas decorrer não são projetos desinteressados, são projetos políticos. Ocorre que os sujeitos são afetados politicamente a partir de sentimentos como: responsabilização, autovigilância, insegurança, incerteza e somatização da identidade (ORTEGA, 2003; 2008).

Derivado da ideia de perigo, com a ênfase dada à razão como valor social, o risco – categoria de entendimento e de pensamento, que mobiliza normas, valores, regras, saberes, etc. – é agenciado para elaborar práticas e comportamentos. Como dito, ele resulta do

[64] Tradução própria

controle sobre o futuro baseado em evidências, sobretudo probabilísticas, e assume nas sociedades ocidentais a forma de racionalidade, fortemente amparada na legitimidade técnico-científica (NEVES, 2008). Neste contexto, o risco pode ser aplicado para classificar sujeitos, levando em conta o caráter relativo dos significados atribuídos a ele e também a eficácia simbólica da sua relação com a racionalização.

O controle do risco no contexto atual é potencializado pela quantidade de informações que chegam até os indivíduos por meio das tecnologias da comunicação, aprofundando as sensações de imprevisibilidade e ao mesmo tempo "liberdade" de escolha. A circulação de referenciais culturais incide sobre os indivíduos e os conduz tanto ao medo quanto à responsabilização sobre si, tornando-os os sujeitos do discurso de risco. Como resultado, resta a experiência cotidiana, que é perpassada pela identidade e pelas formas de gestão (NEVES, 2008).

No bojo da responsabilidade para consigo atribuída ao sujeito no controle dos eventos futuros, o projeto de controle dos riscos criou categoria de "pré-doente" e alargou os limites do conceito de doença. Sobre esta questão, Sfez (1996) lembra quão ampla é a capacidade de captação da *utopia da saúde perfeita*, pois, quando o "inimigo" torna-se mais que algo a ser combatido, ele faz-se presente em todas as partes, "em lugar nenhum, anônimo, sem fronteiras (...) sem rosto como na camada esburacada de ozônio, na droga e no colesterol" (SFEZ, 1996, p. 25). Se olharmos para a questão do sedentarismo enquanto prática considerada de negligência com a saúde, atualmente basta que o sujeito não faça atividade física nenhuma e/ou passe longos períodos sentado, de forma ininterrupta, para que seja considerado vítima de um problema de saúde pública, um doente em potencial.

A categoria "pré-doente" é resultado da mobilização dos níveis de classificação pelas ciências, que interfere diretamente no diagnóstico e na prática médica, como resultado, temos o enquadramento do sujeito em categorias que são antes construções sociais de saúde-doença do que descrições de estados naturais. Sendo assim, o diagnóstico não implica somente no enquadramento em normas, mas também em novas associações entre materialidades, socialidades e antecipações terapêuticas (SPINK, 2011), que refletem diretamente no comportamento, na forma de cuidar de si e na experiência da doença.

> A análise dos sentidos atribuídos à experiência da doença pelas pessoas que têm de se haver com elas mostrou o quanto o corpo é importante para uma percepção da identidade. Os pesquisadores listaram as mudanças na auto-estima ocasionadas pelas doenças crônicas: sentimento de vergonha relativo ao estado de deterioração do corpo, o "estigma" sentido ao se encontrar com os outros e a sensação do paciente de uma "perda do eu (*self*)" (HERZLICH, 2005, p.137).

Levada à última instância, a antecipação da noção de pré-doença pode gerar, inclusive, casos de discriminação, como o que tem acontecido no terreno da genética. Um exemplo vindo do esporte alerta sobre esta possibilidade, que levou à exclusão de uma atleta da seleção brasileira de vôlei com traço falciforme por sua "incapacidade de continuar" nos treinos (GUEDES; DINIS, 2007). Por outro lado, acompanhando as novas biotecnologias, o campo da Educação Física tem se "antecipado ao futuro" lançando mão da genética, sobretudo no esporte, para investigar minuciosamente potenciais vencedores. A detecção de talentos esportivos através do gene e a realização de exames/mapeamento genético em atletas de alto nível, por exemplo, demonstram como o interesse pela aplicabilidade no campo tem traduzido as habilidades futuras em estudos sobre a molécula.

A partir dos investimentos (bio)médicos sobre o momento pré-doença, o aparecimento dos sintomas, o cálculo dos riscos e por fim sobre o aconselhamento genético, a medicina tem recorrido ao gene para tratar das mais diferentes questões. A normatização genética invadiu o campo social, e a saúde se tornou uma preocupação para um número cada vez maior de indivíduos, em todas as faixas etárias (LIPOVETSKY, 2004). Acompanhando este movimento, como explicou Beck (1997), a gestão do risco ganhou contornos de gestão individual e incorporou a dimensão da vida e a reflexividade.

Pensar tais questões não é deslegitimar a eficácia de certas medidas de antecipação dos riscos, mas problematizar seus efeitos, como o caso do impacto da redução de índices de colesterol e pressão arterial sobre o consumo de medicamentos. Ser enquadrado como doente em potencial antecipa também a experiência da doença, mesmo que esta não se concretize, é estar mais próximo da prevenção, mas também da patologia. Não podemos negligenciar ainda o efeito sobre outras esferas, como a jurídica, do trabalho e das políticas públicas de saúde. Estas últimas, por exemplo, são mobilizadas a partir de dados como a vulnerabilidade ao risco, que determinam quem pode e quem não contar com seus benefícios.

Sobre a relação entre risco e conhecimento, Spink (2002) destaca duas dimensões na sua capacidade polissêmica: (1) risco como uma referência àquilo que é passível de acontecer ou provável, na tentativa de apreender pela via do cálculo prospectivo a regularidade dos fenômenos; (2) a reunião de um conjunto de valores que traduzem que o risco implica na possibilidade de perder algo que é considerado precioso, valorizado. Para esta autora, o que ocorre no contexto que vivemos é uma tentativa de antecipação dos riscos, que encontra ampliação das suas possibilidades de atuação no biopoder, mas também em "regimes de verdade" e "regimes de esperança" (SPINK, 2011). Tal antecipação tem relação com o fato de que a saúde tornou-se valor social, cuja busca deve implicar no maior número

de recursos/estratégias/práticas possíveis, o que representa um aumento da responsabilidade do sujeito consigo mesmo.

Os regimes de esperança são mobilizadores de sentimentos e expectativas em torno do que as novas tecnologias são capazes de fazer, portanto, tudo aquilo que é suscitado com a promessa de superação das limitações impostas ao corpo. Já os regimes de verdade são a âncora de tais promessas.

> Nessa perspectiva, os pacientes são posicionados como consumidores de serviços de saúde, capazes de comparar os méritos relativos das diferentes abordagens quanto aos riscos, eficácia e custos. Alude, portanto, ao enquadre da racionalidade instituído na modernidade (SPINK, 2011, p. 7).

Discutindo a dimensão política da noção de risco, Para Mitjavila (2015) ele configura-se como um dispositivo biopolítico e o seu funcionamento contemporâneo como tal é parte de um projeto contemporâneo de conversão do corpo e da saúde em alvos principais das estratégias governamentais. Em seus estudos, a autora enfoca a medicalização da vida social e defende que o papel do risco na produção de formas de subjetivação é também operar sobre o medo e a incerteza, balizando condutas indesejáveis, com base em algum padrão de normalidade, através da exposição dos efeitos futuros (BECK, 1997).

A ascensão do conhecimento epidemiológico (com ajuda do alcance da informação), fez com que o risco assumisse o papel de "proporcionar um instrumento para a administração da incerteza e do medo, principalmente com relação à ocorrência de eventos futuros de caráter indesejável" (MITJAVILA, 2015, p. 120). A versatilidade do uso do risco é uma propriedade enunciativa de grande efeito, fazendo com que o direcionamento para a prevenção que este pressupõe articule tanto a dimensão molecular, da organização das populações, quanto molar, atingindo desde a vigilância da saúde até a criminalidade.

A ideia de Mitjavila (2017) sobre risco como recurso de arbitragem social, reforça a contraposição do objeto deste estudo – *corpo saudável* - ao sedentarismo, uma vez que entende que ele se apresenta como produtor de subjetividades e que o conceito de sedentarismo impele os sujeitos para a fuga do que é considerado sinônimo de doença, ou seja, os impele à busca pela saúde. No caso do sedentarismo, por exemplo, o discurso de risco pode produzir sentimentos como culpa, medo e ansiedade, que por sua vez podem ser ressignificados pelo sujeito na forma de ações de autovigilância (prática de exercício físico, medicalização, suplementação, dietas, etc.,) por causa da responsabilização ou de doenças como depressão e ansiedade patológica.

Devido a sua plasticidade e possibilidade de múltiplos usos - seja pelo senso comum, seja no discurso técnico e político - bem como a sua capacidade classificatória baseada em saberes cada vez mais especializados, a temática do risco tornou-se alvo de interesse das ciências sociais não pela necessidade de buscar a verdade das abordagens, mas de conhecer o seu lugar nos discursos e os arranjos que tais discursos promovem. Tais temas encontram-se contemporaneamente situados numa zona de interseção entre ciências sociais e da saúde e têm rendido debates frutíferos para a compreensão das novas contingências sociais tanto para a biomedicina, que tendia a operar em um dualismo mente-corpo, quanto para a sociologia, que já foi acusada de negar o corpo biológico e dedicar seus esforços a pensar em atores sociais quase "desencarnados" (FERREIRA, 2013).

É possível observar que o interesse das ciências sociais pelo risco nos últimos anos expressa a preocupação com os seus desdobramentos nas sociedades ocidentais, que diferente das sociedades não-ocidentais, nas quais o enfrentamento do perigo ocorre em rituais coletivos, incumbe os indivíduos de realizarem uma vigilância cotidiana das suas escolhas. Tal vigilância acontece na tentativa de controlar os riscos, sobre os quais os sistemas tecem construções e caminhos na organização social e política das práticas, intervindo sobre os corpos (NEVES, 2008).

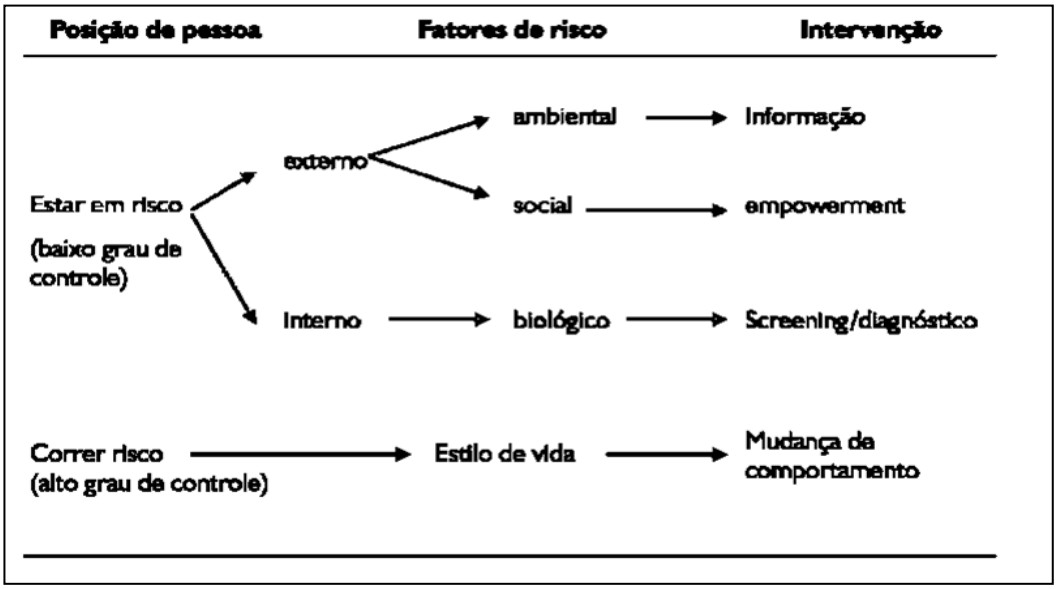
Rose (2013) lembra que as escalas de risco surgiram com os estudos epidemiológicos para mensurar a probabilidade de um indivíduo desenvolver ou não uma doença. No entanto, a mobilização de dados é probabilística e fatorial, o que faz com que a categoria risco não emerja de uma identificação clara com a doença, mesmo assim, o ápice dos estudos de susceptibilidade seriam a precisão molecular, baseada em mapeamentos exatos. Assim, em meio a este paradoxo, o objetivo das escalas de riscos é fazer da molécula o próprio objeto de intervenção, uma possibilidade de classificação que é o corpo dentro do próprio corpo.

A categoria risco impactou fortemente campos como a Educação Física no final do século XX, isto por que, com a sua reestruturação e a aproximação com a saúde, tanto a ideia de prevenção (sobretudo nas políticas públicas de saúde), quanto de controle individual dos fatores de risco, foram potencializadas. Deste modo, o exercício físico passou por um processo de legitimação para além da esfera escolar e do esporte, chegando ao combate dos comportamentos de risco e à promoção da saúde. Dos anos 2000 em diante observamos este processo confluir para a ideia de que o sedentarismo é o principal vilão da saúde, à frente inclusive do tabagismo e do alcoolismo, eleito pela epidemiologia – em consonância com os valores culturais e sociais contemporâneos - como o inimigo número um da população.

Na Educação Física, além dos cálculos probabilísticos, a discussão do risco ganha contornos de sedentarismo a partir da epidemiologia, uma outra categoria que coloca em justaposição o valor da racionalidade científica, a biomedicina como saber legítimo, o controle sobre o corpo (sobre o futuro) e a relação responsabilidade-liberdade, que advém não só da informação, mas da ideia de que o Estado é menos responsável pelos cuidados com este novo sujeito que teoricamente deve ser autovigilante.

Ente os debates críticos levantados no campo para tratar do risco, a princípio, merecem destaque os artigos de Bagrichevsky et al (2007) e Spink (2007). O primeiro trata da condenação moral do sedentarismo, visto como irresponsabilidade ou falta de vergonha, algo bastante comum na literatura. O segundo discorre sobre as posições de pessoa, lembrando que paira ainda sobre a sociedade a crença de que os riscos externos (ambientais e sociais) demandam anos e processos complexos para mudança, e os riscos internos (biológicos/genéticos) necessitam de diagnóstico e tratamento (BECK, 1997), mas os riscos controlados pelo "estilo de vida" são riscos de comportamento, e, portanto, responsabilidade dos sujeitos (figura 8).

Figura 8 - Risco e posições de pessoa



Fonte: Spink (2007, p.261)

Bagrichevsky et al (2007, p.213) explicam que a aversão a fatores de risco, aliada à criação de *expertises* reguladoras, gera associações mecânicas e valoração moral das condutas individuais, por sua vez apoiadas em uma "racionalidade preventivista". Spink (2007) complementa esta ideia quando trata da distinção entre estar em risco e correr risco.

Devido à polissemia do termo, a autora explica que não há formalização do conceito na área da educação em saúde, diferente da epidemiologia, cujo interesse não está em porque as pessoas decidiram correr riscos, mais quem está em risco e quais os fatores associados. Quando se trata de correr riscos e não de estar em risco, o cálculo matemático se torna obsoleto, e adentram nesta soma questões de agenciamento.

Na década de 1990 o estudo de Carvalho (1994, p. 54) chamou atenção para tais questões, apontando que

> decerto há um fundo de 'verdade' no sentido de que a atividade física propicia saúde e remedia a doença. Todavia, há que se ter claro, mais uma vez, que os estudos que estariam confirmando essa hipótese se fundamentam em pressupostos epidemiológicos restritos, enquanto possibilidade de ampliação do objeto, ainda que consideremos o critério de cientificidade, de rigorosidade acadêmica supostamente inquestionável.

A crítica de Carvalho (1994) parte do princípio que no final do século XX foram sedimentadas no imaginário social representações características de um dualismo maniqueísta (saúde-doença, atividade física-sedentarismo, normal-patológico) que pavimentaram uma atmosfera de supervalorização do ideal de *corpo saudável* e condenação do corpo sedentário, que é visto de maneira simplista como sinônimo de indisciplina e falta de engajamento com a atividade física/saúde.

O sedentarismo é uma variável tratada como facilmente mutável no mapeamento dos riscos à vida. Por ser uma variável comportamental e envolver diversas *expertises* (como nutrição, Educação Física, medicina, terapia ocupacional, fisioterapia, etc.) ela é veiculada, também pelo mercado e pela mídia, em meio aos discursos sobre motivação, força de vontade, autosuperação e desejo (seja pela saúde, seja pela estética). Justamente por isso que o sedentarismo é passível de compor um panorama de violência simbólica através da associação causa-efeito entre atividade física-saúde (ALVES; CARVALHO, 2010). Em tal perspectiva, surgem análises simplistas, "as quais, por fim, levam à ação de 'culpabilização' do indivíduo frente ao aparecimento de doenças que, em última instância, poderiam ter sido evitadas, ou ainda, à 'naturalização' do processo de adoecimento" (PALMA; ESTEVÃO; BAGRICHEVSKY, 2003, p. 18). Isto relaciona-se diretamente com o contexto das últimas décadas, momento em que a responsabilidade de cuidar da própria saúde recai sobre os indivíduos, denunciando a dimensão moral do adoecimento.

Seguindo esta ideia, Couto (2012, p. 170) discorreu sobre o que chamou de "façanhas dos extremos", ao tratar da condenação contemporânea dos sujeitos que mantém o corpo parado (sedentário) em relação a possibilidade de "gozos cambiantes" e a exaltação

dos corpos "oásis" aventureiros das atividades físicas e esportivas radicais. O que Couto enfatizou em seu texto foi justamente a guerra declarada ao sedentarismo em um cenário cuja égide da excitação é representada pelo gosto pelas vivências extremas.

Spink et al (2004; SPINK, 2001b, 2002) já haviam abordado o risco na atividade física ao tratar do risco-aventura no turismo. O risco-ventura aparece como um deslocamento dos sentidos modernos de risco em uma dimensão positiva que incorpora a aventura. O sentimento despertado no esporte de aventura seria semelhante ao uso de drogas ilícitas. Neste trabalho, que enfoca a dimensão cultural do risco e a governamentalidade, os autores levantam a seguinte questão: "de quem é a responsabilidade pelos danos quando o risco é ativamente procurado como forma de lazer?" (SPINK et al, 2004, p. 82). Seguindo no estudo, são classificadas como de risco-aventura atividades que: (1) "trazem desafios aos limites físicos ou habilidades"; (2) "são caracterizadas como *fateful activities*", ou seja, tem desfechos para além do evento propriamente dito e incerteza nos resultados; (3) potencialmente geram "sensação de vertigem", a fusão entre ação e consciência.

As conclusões apontadas pelo estudo de Spink et al (2004) foram que os riscos são partilhados desigualmente entre os segurados, os usuários, a operadora de turismo e as operadoras de seguros, cabendo às instituições regular o funcionamento deste mercado. Como estratégia nesta dinâmica, destaca-se a negociação entre o risco objetivo e o risco subjetivo. Enquanto a objetivação dos riscos acontece na tentativa de garantir relativa segurança aos usuários em caso de erro, o risco subjetivo é assegurado enquanto característica de sedução para a aventura, ou seja, a mobilização da categoria segundo os interesses de um nicho de mercado que leva em conta demandas sociais e culturais na construção de um discurso que molda comportamentos e práticas: praticar esportes/atividades de aventura é ser um aventureiro que preza pela vida.

Sobre a questão dos riscos no contexto de prática de exercício físico, recentemente uma matéria do Jornal Correio Brasiliense noticiou: "Morte de praticante de *crossfit* expõe limites da busca pelo corpo perfeito". Em seguida, a matéria continua tratando de outro caso: "Há cerca de seis meses, Maurício estava na academia, correndo na esteira, quando sentiu fortes dores no peito e tremedeira. Ao chegar a uma unidade de saúde, precisou ser submetido a uma cirurgia"[65].

Outro conjunto de reportagens recentes merece destaque pela explícita disputa por legitimidade no campo da saúde em falar sobre o exercício físico. A primeira diz: "Médico

[65] Disponível em: Morte de praticante de crossfit expõe limites da busca pelo corpo perfeito. Matéria de 2016, disponível no jornal online Correio brasiliense.

não recomenda prática do *crossfit* nem para atletas bem condicionados", isto porque, segundo ele, além das academias de ginástica não exigirem exames médicos para o esforço de alta intensidade, o risco de lesões é altíssimo e seus benefícios são baixos em relação ao dano potencial. Na mesma reportagem o médico chama atenção para o caso das grávidas que permanecem até o fim da gestação realizando treinos de "eficácia duvidosa" e alto risco.

Em resposta à publicação, um profissional chamado de "treinador da atividade física", rebateu as críticas à modalidade, alegando que assim como qualquer outra atividade esportiva, o *crossfit* não é cem por cento seguro, mas possibilita inúmeros benefícios à saúde do praticante quando feito sob a supervisão de "profissionais competentes" e de forma certificada. O treinador segue argumentando: "porque o que vemos, muitas vezes, é um desrespeito com o outro profissional com críticas feitas, até mesmo, na ignorância". Para ambos os profissionais está em jogo: a possibilidade de assumir o discurso de verdade diante da legitimidade do saber e do campo, ou seja, a conquista de um terreno que determina quem tem competência para dizer se a modalidade é ou não de alto risco; o agenciamento da noção de risco ao recomendar ou não determinada prática corporal.

No terreno das negociações micropolíticas, demonstrando as possibilidades de flexibilização do risco, o trabalho de Silva (2014) abordou a dor (como limitante) e a noção de risco de professores e sujeitos praticantes de musculação. Discutindo questões como o consumo de anabolizantes, exercício físico e suplementos, este estudo expõe a plasticidade do risco nas interações face a face em duas academias de ginástica de condições socioeconômicas diferentes. Na sua pesquisa o autor concluiu que os marcadores de gênero e de classe social influenciam na forma como alguns alunos compreendem os "limites"[66] do corpo (entre estar e não estar em risco durante o exercício físico). Tais "limites", para o autor, tem a ver com a intersecção entre dor e risco e são estendidos de acordo com certas contingências sociais às quais estes sujeitos estão submetidos (se a dor é interpretada como uma sensação conhecida, por exemplo). Neste sentido, a objetivação do conhecimento sobre risco não toca da mesma forma todas as subjetividades, abrindo margem para as negociações macro e micropolíticas.

A partir da discussão empreendida, aponto a pertinência de discutir risco no campo da Educação Física sob três perspectivas: (1) o risco epidemiológico, referência àquilo que é provável de acontecer com base na regularidade dos fenômenos, é utilizado objetivamente no campo enfocando a prevalência de fatores de risco, mas negligencia os dados de

[66] Silva (2014) usa limites para falar das negociações individuais sobre a dor.

prevalência nas práticas (quaisquer riscos envolvidos no exercício em si); (2) o risco como conjunto de valores que o traduzem em possibilidade de perder algo valioso, contribuuindo para a construção de uma categoria que alerta os sujeitos para a possibilidade de sofrerem no futuro: o sedentarismo.

Sobre a primeira perspectiva, o silenciamento das pesquisas e instituições reguladoras (conselho e Estado) sobre certas práticas que envolvem riscos é considerado neste estudo como estratégia de campo, pois, o posicionamento sobre a atuação profissional parece estar muito mais voltado para a promoção da atividade física e da vigilância dos fatores de risco isolados do que de uma visão holística do homem. Isto também pode ser pensado do ponto de vista da governamentalidade, a partir dos trabalhos de Spink (2001; 2004) ou do ponto de vista do silenciamento do campo sobre os riscos, a exemplo do que constatou Ferreira (2006) em seu estudo com os riscos não-ditos de cirurgias plásticas, silenciados pela medicina de forma intencional.

A segunda possibilidade, que pressupõe saúde como valor e sedentarismo como ameaça ao futuro, carrega a hipótese de mobilização – agenciamento, operacionalização - do conceito de risco epidemiológico nos discursos de combate ao adoecimento, com grande carga moral atribuída ao sedentarismo. Esta mobilização tanto pode ser feita pelos sujeitos e pelos profissionais do campo, que se veem objetivados/projetados no discurso, como é usada pelo campo como estratégia, resultando na legitimação do dispositivo de *corpo saudável* e em subjetividades que são ao mesmo tempo massificadas e singularizadas, tais como a ideia de autovigilância implicada na fabricação de um corpo que é responsabilidade dos sujeitos. Temos neste ponto a possibilidade de o risco ser negociado em favor de uma ideia de corpo não necessariamente saudável, mas alinhada às expectativas do sujeito (como acontece nos casos de bulimia, vigorexia, anorexia, ou mesmo consumo de anabolizantes).

Pensando no conceito de campo, é importante ressaltar que a não crença nos fatores de risco, no *corpo saudável* ou no sedentarismo não exclui os indivíduos da sua dinâmica, ou seja, a medida que uma afirmação atinge certo grau de legitimidade – a ponto de definir o que é ou não uma pandemia, por exemplo – aqueles que são desviantes da norma ou são excluídos ou são considerados resistentes, mas não estão fora do campo, ou seja, não estão imunes aos discursos hegemônicos.

5.2 CAMPO CIENTÍFICO E AS FORMULAÇÕES DISCURSIVAS DE SEDENTARISMO EM PERSPECTIVA

O termo sedentarismo vem da palavra *sedentarium* (sentado), do latim *sedens* (sentar), e apresenta as variações: sedentariedade e sedentário. Na antropologia, um correlato foi utilizado para nomear um processo histórico, chamado de sedentarização pelo filólogo e arqueólogo australiano Vere Gordon Childe (1892-1957). Childe observou que o homem, ao descobrir a agricultura no período da revolução neolítica, não tinha mais necessidade de ser nômade, passando assim do nomadismo para a sedentarização, que significa permanecer no mesmo lugar geográfico. Contudo, Childe escreveu também que neste processo, ao contrário do nomadismo, o homem deixaria de ser apenas colhedor dos frutos da natureza devido a descoberta de novas ferramentas e passaria a ser seu "sócio", produzindo seu próprio alimento sem a necessidade de migrar quando os recursos findassem, embora a economia de produção significasse mais trabalho e mais atividade.

O sufixo -ismo, que marca a passagem dos termos sedentarização/sedentariedade para sedentarismo, pode ser analisado do ponto de vista da linguística, que, enquanto recurso material de representação do conhecimento, nos dá pistas sobre os fenômenos sociais de classificação. Este sufixo, de acordo com Gianastácio (2009), sofreu influência do latim -*ismus,* mas tem origem no grego -*mós.* Ele adentra nas gramáticas de língua portuguesa em 1881 pelas mãos de Júlio Ribeiro, antes mesmo antes da publicação do *Curso de línguística geral* de Saussure (1916), como ferramenta de construção de novas palavras[67]. Assim, a função do sufixo -*ismo* na linguística brasileira, de acordo com a sua origem, segundo Gianastácio (2009), vem somar-se aos verbos e transformá-los em substantivos de ação (arvorismo, paraquedismo, ciclismo, jornalismo, alcoolismo, tabagismo, etc.).

Por si só o sufixo não possui significado negativo, mas como foi utilizado cultural e historicamente para nomear doenças, colabora com a estigmatização de alguns grupos, como aconteceu no caso dos homossexuais (homossexual-ismo/-dade) (DINIS, 2008). Seguindo

[67] Outras palavras já existentes com o sufixo -*ismo* (como batismo, catecismo, solecismo, etc.) provavelmente foram formadas antes do Iluminismo, com influência da Igreja Cristã, não utilizando este recurso de produção lexical com a mesma finalidade, mas devido à popularização de línguas consideradas cultas (como grego e latim) e geralmente com a intenção de representar sistemas de pensamento. No Brasil, o sufixo -*ismo* apareceu pela primeira vez em gramáticas de língua portuguesa na edição de Júlio Cesar Ribeiro Vaughan (1881). O sufixo -dade, por outro lado denota um "modo de ser", um adjetivo, e vem do latim culto.

esta ideia, o interesse da Sociologia pelo sufixo ou pelo termo não está na capacidade de produtividade linguística, mas nos processos que marcam a criação de conceitos e discursos, para os quais a linguagem é parte importante.

Pensando nos contornos não só do termo, mas da prática, Bagrichevsky (2007, p.4) escreve que:

> A conotação que o termo comporta hoje pode ser considerada uma apropriação lingüística neo-higienista, com fins culpabilizantes. Sedentário, nessa ótica, é alguém que pode ser responsabilizado por sua indolência ou desleixo quanto a própria aparência física e saúde; que constantemente está 'em falta' com o rigor prescritivo dos 'comportamentos saudáveis', entre os quais está incluída, a prática de atividades físicas, tomada como afirmação individual de bom caráter.

Em *A economia das trocas linguísticas*, que provocou embates na escola francesa de linguística nos anos 1970[68], Bourdieu (2008) oferece recursos para a compreensão dos processos de construção de objetos e das condições de produção e circulação dos seus conceitos fundamentais. Neste livro, ele propôs que, para além do estruturalismo saussuriano, as trocas linguísticas são relações de comunicação, mas "são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos" (BOURDIEU, 2008, p. 23). Isto quer dizer que nenhuma construção no terreno da linguagem é descontextualizada e desinteressada e que pode guardar em si formulações que expressam um *habitus* linguístico, tendo, portanto, relação com estratégias de poder nos campos.

Para Bourdieu, há na formulação linguística: (1) o valor distintivo, ou seja, o valor atribuído ao que é dito e por quem, pela ação dos próprios autores; (2) a necessidade da sua tradução, uma vez que, para que a mensagem aja ela precisa ser decifrada (tratados, cartilhas, manuais, etc. que vem junto com as novas proposições); (3) a contribuição final do mercado na articulação dos primeiros fatores na atribuição de valor simbólico e sentido do discurso. O que Bourdieu (2008) aponta são formas de uso da língua, que pressupõem a existência de uma rede de relações e permitem que os discursos atuem como um veículo estilístico de eficácia simbólica e representação mental, tanto em estratégias nos campos quanto na (re)produção de estruturas.

O termo "sedentariedade" apareceu em uma das primeiras publicações nacionais sobre prática de atividade física e diretrizes para "instrutores", na *Revista de* Educação Física do Exército Brasileiro (1932-2018...). Em seu terceiro número (1932, v.1, n.3) foi publicada

[68] Bourdieu foi criticado por ser utópico e não considerar formulações oriundas das classes populares em seu pensamento, que para os linguistas apresentava claro predomínio do viés político nas interpretações.

a *Unidade de doutrina*, que continha "ensinamentos pedagógicos e fisiológicos" e afirmava que: a primeira Guerra teria representado o valor e o exemplo de um povo – estadunidense e inglês – educado fisicamente; a "sedentariedade" era a raiz de todos os males corporais; apenas os charlatões da Educação Física (não formados técnicos) seriam mais maléficos que a sedentariedade. Neste contexto, sedentariedade significava ficar muito tempo sentado, mas era apenas uma prática cultural, não se configurava como conceito ou categoria. Décadas mais tarde, o termo adotado pela Educação Física passou a ser sedentarismo, tendo sedentariedade sido excluída das discussões do campo.

Na pista das formulações sobre sedentarismo na literatura, um dos primeiros artigos disponíveis no Scielo Brasil data de 1990[69] (REGO et al., 1990). Este artigo descreve um inquérito domiciliar que trazia a "novidade do termo fatores de risco" e destacava a importância do risco epidemiológico na correlação entre certos hábitos (principalmente tabagismo, sedentarismo e etilismo) e algumas doenças crônico-degenerativas. Naquela década, o sedentarismo ganhou destaque enquanto problema de saúde pública e principal ameaça à saúde por seu *status* de comportamento de risco. Isto pode ser observado em publicações posteriores, como a de Martins et al. (1993), no posicionamento da OMS sobre atividade física, e no editorial de José Kawazoe Lazzoli (1997, p. 71-72), sobre o papel da Educação Física no combate ao sedentarismo:

> Com base em todas as evidências epidemiológicas disponíveis não seria exagero considerar o sedentarismo como uma doença. Uma doença, aliás, que possui uma prevalência maior do que qualquer outra, situada na faixa entre 60 e 70% da população. Por representar um fator de risco independente para uma série de outras doenças, muitos indivíduos falecem simplesmente por ser sedentários. [...] Certamente isso [a prática orientada de atividade física] possibilitará à população em geral desfrutar de uma melhor saúde e qualidade de vida, com importante impacto econômico, epidemiológico e social. É ou não uma questão de saúde pública?

Neste artigo, o editor chefe da conhecida *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* (RBME) mostra-se surpreso com a repercussão do número anterior da revista (04/1996) sobre o mesmo tema. Devido à visibilidade alcançada, neste novo número ele apresenta novas tendências e políticas públicas para a área, como o Serviço de Orientação ao Exercício Físico (SOE)[70], implantado na capital Vitória (ES) em 1990 e operacional até os dias atuais. O discurso do então editor da revista representava mais que um momento de descoberta epidemiológica de novos fatores de risco e novas práticas. Como discutido, desde a virada

[69] Em uma pesquisa integrada no Scielo Brasil, no idioma português, com o descritor "sedentarismo".
[70] Política pública do estado, que se baseia em dados epidemiológicos para oferecer atividade física nas praças, parques e orla. Serviu de inspiração para a implantação do programa federal *Academia da Saúde* (2011).

do século XX a atividade física vinha sendo recomendada como agenda prioritária para a população, mas não era comum que a inatividade fosse condenada desta forma.

O momento político e social daquele contexto, como já apontado acerca da reestruturação da Educação Física como campo disciplinar, colocou o sedentarismo na posição de doença, e, como seu oposto lógico, a atividade física como parte fundamental da construção social de saúde. As estratégias, exemplificadas também pelas práticas linguísticas já mencionadas, contribuíram com um cenário que proprunha intervenção em diversos níveis sociais.

O cenário tinha como pano de fundo uma série documentos internacionais que sugeriam tendências para o alcance de novas perspectivas de saúde pública envolvendo a fabricação do corpo. Documentos como a carta de Ottawa (1986), pesquisas do *American College of Sports Medicine (ACSM), do American Heart Association, da Fédération Internationale de Médecine Sportive, da International Federation and Society of Cardiology*[71] (LAZZOLI, 1997), entre outros, foram utilizados para legitimar e reestruturar um campo disciplinar, que até então se ocupava em executar formas de *fazer* atividade física, mas não se debruçava fortemente sobre um conceito positivo de saúde e as consequências – ou melhor, os riscos - do não-*fazer*.

Na carta de Ottawa, um chamado mundial de efeito moral e social, por exemplo, a saúde foi definida como "o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida", além disso, a formulação da ideia de saúde foi descrita como "um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas" (WHO, 1986, p.1). Os sujeitos nesta nova ideia de saúde pública deveriam exercer todo seu potencial de escolha por uma vida mais sadia e serem capazes de controlar os fatores determinantes da saúde. Anos mais tarde, um artigo da *Fédération Internationale de Médecine Sportive* (1998) também publicou seu posicionamento oficial, evidenciando que o sedentarismo reduzia as reservas fisiológicas do corpo, o que acarretaria em diversos riscos para a saúde e a capacidade física. Os fatores de risco deveriam ser, segundo o posicionamento da Federação, "descobertos, controlados e combatidos desde os primeiros anos de vida" (idem, p. 69).

[71] É importante explicar que o contexto de produção destes documentos, principalmente nos Estados Unidos, que em muito "inspirou" o quadro brasileiro, era de mudança no sistema de saúde e na relação entre o Estado e as seguradoras. Uma mudança que girava em torno de uma nova economia dos riscos na iniciativa privada e resultou em práticas como o *managed care* (racionalização do uso dos serviços de saúde).

Assim, o sedentarismo foi exposto como um fator de risco determinante por si só, que influencia negativamente outros fatores de risco. Nos termos da *Fédération Internationale de Médecine Sportive* (1998, p.69):

> A utilização adequada do sistema mais volumoso do corpo, o sistema muscular esquelético, provoca de forma complexa uma adaptação de todos os sistemas funcionais. No caso do sedentarismo, que atualmente contribui com uma parte da morbidade da população, a capacidade dos órgãos internos se ajusta a um nível relativamente baixo de atividade física.

A dinâmica das estratégias do campo epidemiológico sobre o agenciamento do risco pode ser encontrada em Neves (2008, p. 69), que as sintetiza a partir de três aspectos: "a contribuição para a consolidação da epidemiologia; a mediação no *habitus* e na identidade de epidemiologista, e, por fim, a participação na estruturação do campo científico". Resguardadas as devidas especificidades, o pensamento desta autora trata a questão do risco conceito/categoria agenciado pelo campo da epidemiologia e se aproxima do processo de passagem do sedentarismo termo para conceito médico, que como vimos, na Educação Física repercutiu na emergência da atividade física como valor e do sedentarismo como mal social. Neste caso, compreende-se que sua criação também expressa a dinâmica do campo da saúde, no ponto de interseção entre epidemiologia, medicina e Educação Física.

Ainda sobre o sedentarismo, foi emblemático também o posicionamento da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte (CARVALHO et al., 1996). Um documento publicado por um conjunto de médicos especialistas, baseado em evidências clínicas, que pretendia "instrumentalizar os profissionais de saúde para o uso eficiente da atividade física" beneficiando uma "população de indivíduos aparentemente sadios" (CARVALHO et al., 1996, p. 79). O documento em questão elencou uma lista de recomendações sobre duração e intensidade do exercício, que priorizavam a relação risco/benefício, mas propunham a conscientização da população sobre a importância de atividades físicas "formais e informais" (assistidas, sistematizadas ou não) e "a massificação da prática orientada de exercícios físicos" (idem, p. 81). Esta posição vem na esteira dos demais documentos internacionais, seguindo a tendência de evidenciar diretrizes para a fabricação do corpo e propagar que os indivíduos deveriam ser/buscar/manter-se sadios.

Anos depois, um artigo de Carvalho (1999), intitulado *Mensagem do presidente eleito: sedentarismo, o inimigo público número um,* argumentava em favor da Medicina do esporte, que diferente da Medicina comum, dispunha da atividade física como recurso:

> Ao contrário do que se acreditava há poucos anos, quase sempre as doenças crônico-degenerativas são não somente evitáveis, mas também tratáveis. Para tanto torna-se fundamental a adoção do chamado estilo saudável de

> vida, o qual não pode deixar de contar com uma boa dose de atividade física, como um dos aspectos básicos (CARVALHO, 1999, p. 285).

Nos posicionamentos acima é possível observar que a noção subjetiva de "estilo saudável de vida" aparece como um indicativo de saúde a ser buscado pelos sujeitos por meio do exercício. Nestes, destaca-se a recomendação aos cuidados com a vida por meio dos cuidados com o corpo. Sendo assim, mesmo que a publicação não traga literalmente o termo *corpo saudável*, está implícita esta construção, uma vez que os sujeitos precisam de certo modo de usar o corpo para "uma boa dose de atividade física". Obviamente muito se caminhou até a chegada na eficácia simbólica do dispositivo de *corpo saudável*, mas encontramos nas entrelinhas destas recomendações sua perspectiva inicial.

Em um estudo da relação entre as categorias "viver saudável", "risco de sedentarismo" e "esporte e movimento" nas políticas de Estado do Chile, Lagos (2016) concluiu que o viver saudável – noção mais ampla que *corpo saudável* - é uma categoria contemporânea que possui caráter administrativo, legislativo e econômico, corroborando com a proposta deste estudo. Sua dimensão administrativa no contexto chileno se deve a gestão dos aspectos da vida, tais como tempo livre e peso corporal. Na dimensão legislativa, o corpo saudável aparece nas entrelinhas da compreensão estatal do que é viver saudável. No que diz respeito à economia, a centralidade da biopolítica do viver saudável é a racionalidade do custo-benefício diante do diagnóstico e do risco. Segundo este autor, articuladas, tais estratégias compõem a política do viver saudável naquele país.

O estudo de Lima, Levy e Luiz (2014) abordou a subjetividade latente em definições coletivas de caráter objetivo, tais como vida saudável. Pensando a partir de consensos, controvérsias e ambiguidades, o estudo discutiu as classificações de (in)atividade física das maiores instituições de referência do mundo (figura 9). Ao sintetizar recomendações de quantidade ideal de atividade física (AF) para que um indivíduo seja considerado ativo, o estudo apontou confluências no conceito de inatividade, contudo, as nuances entre muito, pouco e moderado são aparentemente subjetivas.

A pesquisa de Lima, Levy e Luiz (2014) também chama atenção para o fato de que embora a epidemiologia contemporânea defenda que AF moderada e regular é ideal para a promoção da saúde e que hábitos sedentários estão frequentemente associados ao risco aumentado de doenças crônicas não transmissíveis, essa associação não está clara e sua natureza não pode ser completamente compreendida. O que se vê é a subjetividade dos consensos e ao mesmo tempo a tentativa utópica de universalizar um paradigma que capte a

todos os contextos, sociedades, culturas, economias e desejos. Estas observações reconduzem à hipótese do sedentarismo como um fato científico (FLECK, 2010).

Figura 9 – Confluência nas recomendações mundiais do nível de AF individual

Recomendação	Definição das metas recomendadas[a]
American College of Sports Medicine (ACSM)/2007	30 minutos de atividade física moderada, 5 dias por semana; ou 20 minutos de atividade física vigorosa, 3 dias por semana, em sessões de pelo menos de 10 minutos de duração
Organização Mundial da Saúde (OMS)/2010	150 minutos de atividade física moderada ou 75 minutos de atividade física vigorosa por semana em sessões de pelo menos 10 minutos de duração
Institute of Medicine (IOM)/2004	60 minutos de atividade física moderada todos os dias da semana
União Europeia/2008	30 minutos de atividade física moderada todos os dias da semana
Advisory Committee on International Physical Activity Questionnaire (IPAQ)/2005	30 minutos de atividade física moderada 5 ou mais dias por semana; 20 minutos de atividade física vigorosa 3 ou mais dias por semana; ou qualquer combinação de intensidade, desde que atinja o mínimo de 600 MET-minutos/semana

Fonte: Lima, Levy e Luiz (2014)

A construção do conhecimento nas ciências passa pelo que Fleck (2010) chama de fato científico. Para este autor, a ciência vive uma tensão constante entre desejo de homogeneização teórica e a concretização das suas proposições. Este primeiro aspecto, e que foi abordado também por Canguilhem (2012), só pode se realizar amplamente na abstração. O segundo aspecto precisa das abordagens recorrentes para se concretizar. Esta dialética agencia formulações específicas e temporárias, que frequentemente são repensadas.

Sobre o fato científico e as definições de normas na medicina, Fleck (2010) escreve que, se por um lado as novas classificações precisam recrutar saberes anteriores para existir, por outro, elas buscam sempre a relação de causalidade. Nesse sentido, a medicina enquanto campo diferenciado de produção de saberes vive uma lógica de "patologização", perseguindo o desvio, por este motivo, geralmente suas classificações se baseiam em estatísticas e quadros desviantes. Isto é particularmente importante porque a (bio)medicina e a ciência servem como suporte para a Educação Física contemporânea, de modo que pensar sobre o fato científico é pensar sobre as formulações atuais do campo.

No campo científico, as pesquisas mostram diversos desafios, principalmente no que se refere à metodologia dos estudos. Apesar disto, as pesquisas epidemiológicas dos últimos anos, que apontaram uma epidemia de sedentarismo, apresentam os resultados obtidos de forma bastante incisiva. O estudo de Palma e Vilaça (2010) é um dos que questiona a objetividade dos estudos epidemiológicos ao discutirem o sedentarismo. Neste, os autores apontam uma série de pesquisas epidemiológicas que inferiram de forma "questionável" os

níveis de atividade física. Entre estas pesquisas está a Vigitel, do Ministério da Saúde, cujo principal problema estaria, segundo os autores, não no cálculo estatístico em si, mas principalmente nas definições do que é ou não considerado como atividade leve, moderada ou intensa, ou seja, um cálculo objetivo é operado sobre variáveis subjetivas.

O estudo de revisão de Meneguci et al. (2015) sobre a terminologia "sedentarismo" e "inatividade física" chama atenção para a confusão sobre destes termos e para o seu significado. Enquanto comportamento sedentário é aquele em que o indivíduo realiza atividades de baixo gasto energético, de forma contínua, na posição deitada ou sentada, ser insuficientemente ativo é não atingir com a atividade física um gasto mínimo de energia em equivalentes metabólicos (METs). Nesta lógica, segundo o estudo: o sono de 7 a 9 horas é considerado uma atividade sedentária, embora não seja quantificado no risco à saúde, assim como trabalhar sentado por muito tempo ininterruptamente caracteriza o indivíduo como sedentário, mesmo que ele pratique atividade física. Consequentemente só teriam benefícios associados à saúde física e mental pessoas fisicamente ativas, que realizam atividades físicas de moderadas à vigorosas. Estas afirmações encontraram eco na fala da doutora Rita Raman, médica neonatologista pela Universidade de Oklahoma, que no 21° Congresso Brasileiro de Nutrologia (2017- São Paulo) lançou a sentença sobre os fatores de risco no século XXI: *ficar sentado é o "novo fumar"*.

Existem nuances na terminologia (um trânsito entre inativo, pouco ativo, insuficientemente ativo e sedentário), cuja justificativa não está clara no campo, que podem funcionar como estratégia para enquadrar cada vez mais comportamentos sedentários na ideia de risco. Assim, os argumentos que foram apresentados chamam atenção para o agenciamento de conceitos no campo da ciência, longe da neutralidade científica.

A questão é que, a ciência também é feita de discursos e estratégias à medida que serve aos interesses de uma sociedade em um contexto específico. Ao fazer ciência se deveria "[...] evitar as aparências da cientificidade, contradizer mesmo as normas em vigor e desafiar os critérios correntes do rigor científico" (BOURDIEU, 2004, p.42). A ciência é um campo que tem autonomia relativa e é perpassado por jogos de poder, não estando isento de disputas que se dão também no terreno da linguagem, dos conceitos e das formas de categorização. Na perspectiva bourdieusiana, os textos – sejam eles filosóficos, literários, científicos, históricos - não devem ser estudados na literalidade, resultando em uma análise quase semiótica em que o texto fala por si só, mas postos em perspectiva em relação às suas condições de produção.

Em *Os usos sociais da ciência,* Bourdieu (2004, p. 17) aborda detalhadamente a lógica própria do campo científico, fazendo o que ele chama de "auto-análise coletiva", de raiz epistemológica. Tratando os campos como organismos relativamente autônomos, ele entende que a ciência, ao produzir conhecimento não exclui em sua relativa autonomia as pressões externas, mas as reconfigura segundo os interesses do próprio campo. Isto conduz o autor a afirmar que quanto mais o campo se autonomiza mais ele adquire potência refratária, chegando em seu nível mais elevado de refração à capacidade de perverter completamente as demandas externas ao interesse do campo.

A crítica que tem sido direcionada ao discurso de risco e sedentarismo no campo da Educação Física, se interpretada pela ótica da teoria dos campos bourdieusiana (BOURDIEU, 2003, 2004), pode ser considerada como inerente ao próprio campo, ou seja, não é algo que está excluído da dinâmica, nem necessariamente a fragiliza. Aqui cabe a noção de intradisciplinaridade, que invoca a dinâmica interna do campo como uma caraterística de fortalecimento e não de fragilização. Assim, os conflitos no interior do campo (como visto na divergência de perspectivas sobre sedentarismo e na divisão da formação em bacharelado e licenciatura), resultantes de forças e disputas internas, permitem reconfigurar estratégias do próprio campo na direção das novas demandas, como quando a Educação Física deixa de apenas condenar o sedentarismo e passa a agenciá-lo.

A própria popularização do termo *personal trainer* na vertente não escolar da Educação Física, em detrimento do termo professor (ou profissional) de Educação Física, é relevante para esta discussão. A nomenclatura do profissional que teve início como instrutor e passou ao *status* de professor remete diretamente à educação. Por outro lado, o termo *personal trainer,* utilizado antes apenas por profissionais de um nicho de mercado específico, agora é adotado pela maioria dos bacharéis recém-formados e por muitos dos profissionais já atuantes na área. A mudança na área pode ser observada desde a mudança na terminologia e nas classificações, separando diferentes vertentes como uma expressão da mudança nos discursos e no campo.

Considerando a dimensão política da palavra na mobilização de comportamentos e subjetividades, o conceito de sedentarismo atua tanto na condenação moral através de estratégias discursivas, quanto na consolidação da atividade física enquanto prática necessária. Este panorama, junto com as políticas públicas do universo "mexa-se", a atualização do valor da vida, processos sociais de individualização, a dimensão moral da saúde, entre outras confluências, contribuíram para a invenção do que chamo neste trabalho

de dispositivo do *corpo saudável*, que emerge como máquina de fazer ver e fazer falar reforçada pela mídia, nas entrelinhas da bioeconomia[72] (ROSE, 2013; ORTEGA, 2003).

O discurso de *corpo saudável* pressupõe elementos que caracterizem também o desvio na composição do cenário de (des)valoração moral. Na falta de elementos que conseguissem articular esta outra noção sem "invadir" o terreno da medicina, o que traria tensão com um campo historicamente e socialmente legitimado, e ao mesmo tempo demarcando o próprio território, o campo da Educação Física apontou o sedentário como sinônimo de doença. No campo da saúde, esses antagonismos ainda são bastante presentes devido à dificuldade em classificar nuances. Isto acabou por dar contornos mais precisos a um dispositivo que nascera predominantemente produtivo de práticas (desde *cooper*) e capaz de segregar e hierarquizar não apenas os que se inseriam na dinâmica do campo, mas também os que se consideravam fora deste.

Deste modo, após os anos 2000, todo sujeito que não adere às recomendações médicas de prática de atividade física pode ser em algum momento apontado como sedentário, ou seja, um potencial doente. Isto aconteceu ao mesmo tempo em que houve o declínio do "poder decisório do Estado-Nação e a difusão de 'novos' agentes que estabelecem uma outra dinâmica social, visto que a percepção dos agentes disciplinadores e controladores se torna mais complexa e difusa no meio social." (GOMES, 2008, p.11). Os indivíduos passaram a assumir a responsabilidade sobre si, e do ponto de vista do Estado, o controle da população continuou sendo uma preocupação, contudo, assumiu contornos neoliberais de livre iniciativa.

Compreende-se por fim, que noção de risco é fundamental no panorama geral para a compreensão do sedentarismo, do discurso sobre atividade física, e, consequentemente, para a possibilidade de montagem do dispositivo de *corpo saudável*. Primeiro por que o conceito de risco serve como legitimador de discursos, uma vez que repousa nos saberes da biomedicina, considerada igualmente legítima, assim, ao mesmo tempo em que ele baliza comportamentos, funciona como ferramenta de eficácia simbólica na vigilância sobre o desvio. Segundo, por que o sedentarismo tem sido, desde a virada do século XXI, considerado o principal comportamento de risco para doenças não-transmissíveis com possibilidade de controle pelo indivíduo (diferente da genética), o que aumenta ainda mais a carga moral sobre ele.

[72] Conceito que define a sociedade contemporânea como berço das identidades somáticas, da biossociabilidade, da autoperitagem e da exteriorização das subjetividades.

5.3 EMPREENDIMENTOS MORAIS SOBRE O RISCO

O sedentarismo – assim como o *corpo saudável* nos moldes atuais – ganhou força pela circunscrição do desvio. Seu formato pós século XX exerceu com relativa eficácia o papel de captar os comportamentos desviantes em um empreendimento moral contra o adoecimento. Traçando um paralelo com a questão do tabagismo no Brasil, com inspiração na fala da doutora Rita Raman "sentar é o novo fumar", assim como os dados sobre sedentarismo, os dados sobre tabagismo são alarmantes (REIS, 2016).

Contudo, nos últimos 25 anos os números sobre o tabagismo vêm diminuindo (29% para 12% entre os homens, 9% para 8% entre as mulheres) (REITSMA, 2017). Diversos fatores estão envolvidos nesta diminuição, tais como os impostos mais altos sobre o tabaco e as medidas de conscientização da população. Estas medidas podem ser vistas como parte das cruzadas morais contra o tabagismo e vão desde a obrigatoriedade de alertas sobre os efeitos negativos do cigarro, até a criação de leis que agem sobre o mercado do tabaco (Lei Federal no 12.546), produzindo uma possível mudança cultural.

Desde 1988 "O Ministério da Saúde adverte: fumar é prejudicial à saúde" e além de advertir, lembra que a "Venda [é]proibida a menores de 18 anos". Ainda assim, o Brasil está em oitavo lugar no ranking de fumantes (7,1 milhões de mulheres e 11,1 milhões de homens). Estudos como o de Cavalcante et al. (2017) mostram como o *lobby* do produtor de fumo é forte e como fatores econômicos e sociais implicam na dificuldade de diminuir os índices, o que nos leva à conclusão de que o tabagismo enquanto comportamento não pode ser associado unicamente aos sujeitos, uma vez que grandes corporações mobilizam discursos de acordo com os seus interesses.

Diferente do sedentarismo, o tabagismo é um comportamento de consumo – assim como o alcoolismo – que atingiu um nível de reprovação cultural, principalmente pela vigilância do "fumo passivo". O fumo passivo fez dos fumantes os "novos leprosos" e mesmo na epidemiologia dos riscos ele não é tão fácil de definir, representando uma possível confusão entre ciência e moral, que conseguiu expulsar os fumantes das áreas de convívio coletivo (CASTRO-SANTOS, 2012). O que se percebe nas mudanças culturais em relação ao fumo é que o argumento contra o fumo passivo tem sido eficaz à medida que significa a afetação à saúde do outro muito mais do que do sujeito fumante, sendo assim ele se sobressaiu em relação ao argumento do adoecimento nas políticas de Estado. O controle micropolítico sobre o comportamento do outro, nesse sentido, ganha

legitimidade na moral e na mudança social empreendida pelo discurso de combate ao fumo.

A questão do fumo e do sedentarismo também pode ser analisada sob a ótica do desvio. A partir do momento em que são estabelecidas determinadas normas, sejam elas respaldadas em argumentos econômicos, culturais, legais, morais, etc., tudo aquilo que foge é considerado desvio. Sobre esta questão, Becker (2008, p.15) nos explica que

> Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas como "certas" e proibindo outras como "erradas". Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de que não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como outsider.

Cito como exemplo destas normas a proibição – legal e moral - do consumo e comércio de esteroides anabolizantes. Caso sejam usados terapeuticamente, os "anabolizantes" não são apontados como desvio. A noção de droga é substituída pela legitimidade da priorização da vida. Neste caso específico, o erro segundo a norma não está no comportamento de consumo em si, mas na finalidade do uso da droga. Com outras substâncias como o canabidiol acontece algo semelhante.

Quando tais normas atingem na sociedade o patamar de verdade, pois, por ela são criadas, o desvio torna-se condenável e quase naturalizado. O desvio é visto como um erro que deve ser exposto e que demanda certo empreendedorismo moral para que exerça sua função de excluir. O desvio é o aceite de uma regra e sem a regra o desvio não existe, assim como sem a moralidade provavelmente a exclusão social será comprometida em diversos níveis (BECKER, 2008).

Embora seja igualmente vigilante, o discurso sobre sedentarismo pode não ter atingido o nível de exclusão do tabagismo. Talvez essa não seja a sua finalidade. A causalidade das doenças ligadas ao sedentarismo é em certo ponto imprecisa, o que torna a noção mais eficaz nos agenciamentos a partir da lógica mercadológica e da lógica da produção de comportamentos (lógica produtiva). Isto explicaria porque pessoas que não creem em suas afirmações (por não conhecerem o argumento epidemiológico do risco ou terem outros desejos) mesmo tendo sido rotuladas, nem sempre se sentem afetadas por ele, não se sentem *outsiders*. Com isto, ressalto que, comparando com o caso do tabagismo, que já foi considerando sinônimo de elegância nos anos 1970, o empreendimento moral sobre o sedentarismo prevê muito mais seus desdobramentos em estratégias de mercado, de

produção de subjetividades e comportamentos (como no caso do sujeito ativo) do que a sua negação em si.

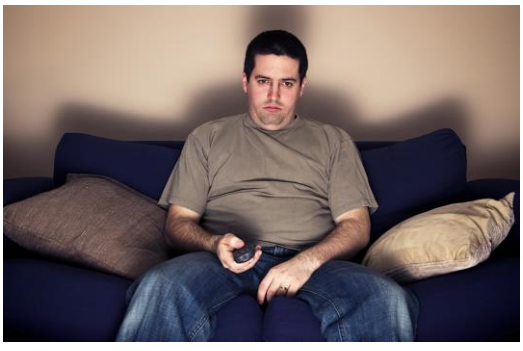
Na esfera do mercado, o sedentarismo deixou de ser apenas uma forma de condenação moral ao sujeito inativo e tem sido abordado como um produto tão agenciável quanto o próprio *corpo saudável*. A publicação do *Fitness* Brasil (2018)[73] , de título: *O sedentarismo também é um negócio,* exemplifica como a Educação Física também pode tratar o sedentarismo no terreno dos investimentos da iniciativa privada. Nesta matéria, cuja imagem (figura 10) informa sobre a possibilidade de praticar atividade física em todos os espaços, consta que mais de 60% da população brasileira não pratica atividade física e que a expectativa de vida do brasileiro aumenta cada vez mais. Isto representa a criação de um frutífero nicho de mercado de idosos inativos

Outra matéria recente, de título *Sedentarismo, obesidade e previdência*, traz uma imagem que busca representar o homem sedentário contemporâneo (figura 11) e a discussão epidemiológica do impacto do sedentarismo (41% dos homens e 50% das mulheres) no índice brasileiro de obesidade (17,5% de homens e mulheres)[74]. A matéria afirma que "Sedentários são os povos que deixaram de ser nômades e se fixaram em um lugar para viver. Isso ocorreu há 10.000 anos e possibilitou o avanço da agricultura e da domesticação dos animais trazendo muita prosperidade, mas não precisávamos exagerar" (VEJA, 2017). Como pode ser observado, a afirmação categórica que o sedentarismo é a principal causa da

Figura 10 – *O sedentarismo também é um negócio.*

Fonte: IHRSA.

Figura 11 – O *Homo sedentarium* dos meios de comunicação



Fonte: revista VEJA (2017)

[73] Matéria de título: *O sedentarismo também é um negócio (2018),* por Felipe Barth Castro. Disponível em: https://www.fitnessbrasil.com.br/o-sedentarismo-tambem-e-um-negocio/. Acesso em: 05 ago. 2018.

[74] Dados referentes à 2017 segundo a revista VEJA (2017). Matéria de título: Sedentarismo, obesidade e previdência. Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/sedentarismo-obesidade-e-previdencia/. Acesso em: 07 ago. 2018.

obesidade passa pelo argumento da tecnologia, cujas facilidades permitem que o homem se movimente menos na realização de atividades do cotidiano que antes demandavam mais gasto energético (sair para comer, mudar o canal da televisão, subir escadas, etc.).

A matéria segue então lembrando que ser sedentário é gastar menos que 10% do ingerido em calorias por dia e que a obesidade resultante deste comportamento pode provocar desde "Piora da eficiência nas atividades motoras" até "desajustes psicológicos". Uma definição que vai de encontro ao que tem sido defendido nos últimos estudos sobre sedentarismo enquanto característica do sujeito que fica sentado (mesmo que seja relativamente ativo de alguma forma). À guisa de conclusão, a publicação chama a população à tomada de consciência, lembrando que, pequenas lesões, mesmo sem gravidade podem implicar na interrupção dos treinos e da sequência de atividades, o que é indesejado. O objetivo desta mudança de vida seria o de "viver mais", para que as pessoas "disfrutem melhor da aposentadoria"[75].

Apesar desta visão "positivista" da revista VEJA, outras publicações recentes avaliaram a relação entre sedentarismo e previdência como um rombo inestimável aos cofres públicos (cerca de US$ 3,62 bilhões no Brasil em 2013). Este rombo seria ainda maior no futuro, caso a pandemia de sedentarismo se espalhe, segundo uma série de estudos publicados pela revista *Lancet*, em um número especial pré-Jogos Olímpicos (2016) (DING et al., 2016; DAS, HORTON, 2016).

Em 2016 a revista *Lancet* fez algumas considerações importantes sobre o sedentarismo no mundo e suas perspectivas para o futuro. Esta publicação foi responsável por muitas projeções no Brasil sobre os desdobramentos do sedentarismo em várias instâncias da sociedade. Um dos principais idealizadores do número, Pedro Hallal (UFPel), junto com pesquisadores de todo o mundo, saiu em defesa de alguns pontos de vista sobre o sedentarismo e a atividade física, na tentativa de mudar o quadro de pandemia mundial que segundo ele afeta não só a saúde, mas também os cofres públicos.

Em sua entrevista para o número em questão, Hallal apresenta três pontos falhos na elaboração de políticas públicas de saúde no Brasil e no mundo, apontando-os como obstáculos para vencer a pandemia: (1) os investimentos em tratamento são sempre superiores aos de promoção da saúde; (2) o direcionamento de políticas públicas de promoção saúde para minorias mais favorecidas (neste caso, de atividade física); (3) a necessidade de despertar nas populações a ideia de atividade por prazer e não por obrigação.

[75] Matéria de título: Sedentarismo, obesidade e previdência (Paulo Zogaib), Revista VEJA, 2017. Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/sedentarismo-obesidade-e-previdencia/

Hallal, o primeiro ponto é complexo, tendo em vista que necessita de comprometimento do Estado, nos mais diferentes níveis, não apenas na elaboração, mas na implantação de ações verdadeiramente eficazes. O segundo ponto diz respeito a ações como a implantação de academias nas praças públicas, que além de priorizarem bairros de maior poder aquisitivo, acabam virando sucata ou servindo como brinquedo para crianças, uma estratégia pensada para uma parcela da população que já pratica atividade física em outros espaços. O terceiro ponto reduz a lente do nível macro para o nível micro e diz respeito às motivações dos sujeitos. Sobre a posição de Hallal (2016), podemos observar que há poucas questões ligadas à individualidade no raciocínio de combate ao que ele coloca como pandemia, além disso, ao construir seus argumentos sobre bases de caráter preventivista, o autor descreve um sistema eficaz de regulação das práticas de saúde, que continua efetivo na interface com o exercício físico.

Como foi exposto anteriormente, há alguns anos Educação Física e epidemiologia articulam saberes e conceitos ao redor de fatores de risco, o que está exemplificado pela pauta de uma possível pandemia mundial, mas pensando nos comportamentos produzidos com base em classificações, é importante lembrar que as subjetividades corporificadas[76] envolvem a constituição dos sujeitos como tal e são resultantes de processos sociais complexos. Cito como exemplo o caso das recomendações recentes elaboradas e direcionadas às mulheres durante a epidemia de Zika vírus no Brasil (principalmente no Norte e Nordeste). A orientação dada pela medicina e pelo Estado foi proteger os membros inferiores, mesmo durante o dia, em lugares fechados, com a ajuda de roupas e cremes.

De acordo com as recomendações, apenas tomando as devidas precauções, a mulher que deseja e é cobrada pela gestação de um filho saudável, é considerada como mãe cuidadosa e responsável. Isto porque, tais qualidades são atribuídas a uma noção naturalizada de maternidade, que neste caso implica em certa racionalidade científica, mas negligencia a complexidade social. Assim, nos contextos de vulnerabilidade, onde várias outras formas de risco são iminentes, cuidado e responsabilidade com a gestação podem ter outros contornos. Me recordo das discussões que participei, junto aos profissionais da saúde, sobre tais recomendações. Momentos em que me questionava se as mulheres do estado da Paraíba – que se dirigem à capital em busca de assistência - teriam acesso a elas, e caso tivessem, se teriam condições de colocá-las em prática diante das limitações estruturais, como de moradia e saneamento básico.

[76] Uso o termo como sinônimo de incorporadas, encarnadas, impressas também na materialidade do corpo.

Em *O corpo marcado*, Porto e Costa (2012) mostram como o discurso midiático da incidência e prevalência impactou a saúde das mulheres na ocasião do pânico que o vírus da Zika despertou. As autoras escrevem que os discursos em questão produziram, com respaldo das instituições produtoras de saber, novas formas de cuidar do corpo a serem adotadas pelas mulheres. A temática do aborto, tão cara ao campo da saúde, entrou em pauta na discussão sobre o valor da vida e a noção de pessoa, tendo como contraponto o abandono sofrido pelas mulheres (por parte da família ou do marido) ao gestarem uma criança doente. O que mais interessa neste estudo, no entanto, é o fato de que a princípio, foi sobre o corpo feminino que recaiu a responsabilidade de controle da epidemia, o que reorganiza não apenas a subjetividade do ser mulher/mãe, mas a condição de pessoa, ser moralmente responsável pela propagação de um mal.

Aquilo que por vezes atinge o patamar de hábito (como no caso das precauções contra o Zika vírus), ou de prática natural, pode nem sempre ter sido encarado desta forma. Práticas incorporadas que surgiram nos últimos anos demonstram como se reformulam os "fatos corporais": a difusão do veganismo/vegetarianismo como filosofia de vida; a racionalização do consumo de alimentos em geral; a popularização definitiva da tatuagem e dos implantes corporais; o uso de recursos tecnológicos na autovigilância cotidiana, entre outros, são exemplos disto.

Encerrando a discussão, busquei expor que a contribuição do sedentarismo para a montagem do dispositivo de *corpo saudável* está nas seguintes afirmações: (1) assim como saúde e doença, que são construções sociais, o sedentarismo não é algo natural e responde à lógica do fato científico, não estando isento de jogos de poder-saber e verdade; (2) a criação e mobilização da categoria/conceito de sedentarismo contribuiu para a realização de grandes pesquisas epidemiológicas e deliberações no terreno do exercício e da vida dos sujeitos; (3) o discurso de sedentarismo serve também a um empreendimento moral do século XXI, atuando na vigilância sobre saúde e na produção de comportamentos e subjetividades do sujeito saudável; (4) o sedentarismo, enquanto categoria dotada de valor social, mobiliza características do *corpo saudável*, impelindo os sujeitos para a atividade física e para o cuidado de si de uma forma específica, alinhada aos saberes da época.

O objetivo deste tópico não foi negar os efeitos negativos do sedentarismo para a saúde, nem evidenciar o maniqueísmo da comparação sedentarismo/doença e exercício físico/saúde, uma vez que tal comparação não parece lógica, mas socialmente construída. O que foi apresentado objetivou apontar argumentos que demonstrem como o discurso, com seus recursos linguísticos e sua malha de poderes, ajudou na (re)estruturação de um campo

disciplinar a partir da produção de conceitos que operam não apenas como definições, mas como formas de classificação dos comportamentos dentro de um sistema de referência especifico e até mesmo hierarquização das formas de vida. Para tanto, foram apontadas elaborações discursivas presentes na literatura e nos meios de comunicação, na tentativa de ilustrar os interesses sociais, econômicos e políticos na (re/des)construção de uma ideia de sedentarismo que permanece atualmente, assim como nos anos 1990, como inimigo número um da sociedade segundo o discurso da biomedicina e da Educação Física.

Tendo nascido no seio da epidemiologia, o sedentarismo opera pela lógica médica de enquadramento do desvio e encontra igualmente apoio na Educação Física para consolidar-se como comportamento responsável pelo adoecimento do corpo que não busca saúde, uma leitura de caráter comportamental. Assim, o fato científico – como a "descoberta" do sedentarismo – passa tanto pelo processo de formulação científica de pontos de vista contextualizados, quanto pela inclusão deste em uma dinâmica mais ampla de relação entre produção do conhecimento e produção de subjetividades.

Quando a medicina e o campo disciplinar da Educação Física classificaram os sujeitos como sedentários na década de 1990, contribuiram com um empreendimento social e moral de combate a inatividade física, que conquistou adeptos às verdades destas áreas por meio da construção de um novo objeto a ser comercializado por um nicho de mercado comum à ambas: o *corpo saudável*. Isto porque, ser sujeito no discurso de risco e sedentarismo é: estar condenado à pré-doença, ou estar necessariamente em processo de mudança.

No final das contas, comportamentos enquadrados representam subjetividades produzidas (a crença em uma vida ativa, saudável, autovigilante, responsável, no *corpo saudável*, na vida como valor, etc.), o que significa dizer que os sujeitos são impelidos à adotar ações que confluam para o que se conhece como um estilo de vida ativo, que em última instância conduz a um *corpo saudável*. Isto não seria por si só um problema, o interesse desta discussão neste ponto, além de chamar atenção para a importância da ideia de sedentarismo para a construção social do *corpo saudável*, é advertir sobre a pluralidade de motivos que podem levar um indivíduo a ser sedentário, de modo que este não seja condenado de imediato por causa da sua suposta negligência.

A discussão empreendida sobre a construção da noção de sedentarismo tangenciando as ciências, o discurso institucional do campo da saúde, a medicina, a Educação Física, o mercado e a sociedade, buscou compreender como este processo aconteceu e como afeta os sujeitos e a própria sociedade, isto porque, entender os processos

sociais é também compreender os movimentos da ciência, articulando suas "descobertas" com a sociedade e com os mecanismos de poder (JASANOFF, 2004).

Seguindo as pistas dos discursos, estudos e contexto, percebemos que a produção do conhecimento se dá em uma via de mão dupla: a sociedade produz a ciência assim como a ciência mobiliza a ordem social. Pensando nisto, colocamos também como forma de interpretação do processo descrito a ideia de idioma da co-produção.

De acordo com Jasanoff (2004), co-produção implica em uma grande variedade de formas de interpretar as estruturas e categorias sociais, levando em conta estudos do passado e do presente. Um dos primeiros paradigmas científicos que esta compreensão da ciência e da ordem social quebram é a ideia de conhecimento como expressão da realidade, em seguida, ela se propõe a não colocar em lugares distantes: natureza, fatos, subjetividade, emoções e política; o que implica dizer que a ciência também não é simplesmente um projeto político.

Utilizando o conceito de coprodução (JASANOFF, 2004), podemos pensar em como a racionalidade epidemiológica, a biomedicina e a Educação Física produziram juntos a noção de sedentarismo, que tangencia seu sentido complementar de capacidade produtiva, ou seja, passa também pela noção contemporânea de *corpo saudável*. Cabe enfatizar ainda que esta noção ganha contornos próprios na mídia e nos meios de comunicação, que dialogam com os saberes co-produtores na busca por um produto comercializável.

No processo de co-produção do sedentarismo, diversos âmbitos da sociedade foram reordenados: os indivíduos puderam ser categorizados como doentes a partir de uma noção legitimada pelo controle do risco; as políticas públicas de saúde voltaram-se para este problema na tentativa de combatê-lo, demandando novas *expertises*, estratégias e serviços de saúde; um leque de valores morais e subjetividades incorporadas foram produzidos a partir desta ideia (responsabilização, estigma, autovigilância, noção de estilo de vida ativo, etc.); produtos, práticas, comportamentos e recursos tecno-científicos puderam ser produzidos na tentativa de combater este fator de risco que já foi visto como pandemia mundial; uma nova rede de conhecimento e foi produzida considerando o sedentarismo como algo a ser negado.

5.4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O CORPO GORDO NA ACADEMIA

Durante a cartografia, por volta de dois meses depois que entrei na academia Sul, havia percebido que diferente da academia Norte, onde as pessoas costumavam conversar mais no banheiro (por este motivo muitas interlocutoras são mulheres), alguns alunos ficavam após os treinos conversando na sala de musculação com outros alunos que também haviam terminado o treino do dia. Em uma destas conversas pós-treino, tomei nota de um diálogo que me chamou atenção.

> Tatiana: Olha, ele [Fábio] fica possesso quando eu faço isso [risos]. Acho que é porque o meu [bíceps] é maior que o dele. Vou te mostrar como se troca uma lâmpada viu... [executando um movimento que simula a troca de uma lâmpada][77].
> Rafaela: Mas o bicho também é forte! [risos]. Tu já viu o peso que ele tá pegando? Olha essa coxa [risos].
> Eu: Já, fico cansada só de ver o treino. Mas ele sempre me dá alguma dica.
> Rafaela: Perguntei porque ele não faz Educação Física.
> Fábio: Porque eu não tenho paciência, prefiro treinar. Você diz pra o cara fazer uma coisa, quando vê ele tá fazendo outra. Eu vou e deixo, depois tá todo quebrado. E se for um gordinho é que eu não tenho [paciência].
> Marcela: Acho muito interessante, como o povo consegue fazer as coisas tão erradas, parece até mentira. Eu penso logo: mas isso só pode ser coisa de gordo.
> Tatiana e Fábio: É mesmo!...É!

Deste dia em diante, observei que entre amigos, quando alguém fazia alguma coisa errada ou que parecesse desajeitada durante o treino (deixar cair um peso, fazer um movimento errado ou cansar), Tatiana interpelava o sujeito dizendo: “só pode ser - coisa de - gordo”, “gordice”. Neste ontexto, o ser gordo ganha conotações negativas que estrapolam até mesmo o conceito fisiológico de gordura. Interpelar não é apenas nomear, é induzir a corresponder àquilo pelo qual somos chamados. Interpelar o sujeito como gordo (ou magro, ou sedentário, etc.) ou dizer que algo “é coisa de gordo” é lançar imediatamente este sujeito em uma teia de significados que nestas situações soam como algo bastante negativo. Isto porque, de um lado, os gordos são associados a pré-doentes, marcados pela relação questionável entre causa e efeito. De outro, os gordos são retratados como figuras desleixadas e pouco interessadas no cuidado de si (VIGARELLO, 2012). A consequência prática desta interpelação pode ser a produção de comportamentos e subjetividades.

[77] Um giro no punho sobre a articulação do cotovelo, chamado de torque, com o braço em 90°, que faz o bíceps percorrer sua extensão e ficar aparente.

Embora o corpo gordo já tenha sido visto como sinônimo de pertencimento à família abastada, porque a saúde pressupunha "barriga cheia" (VIGARELLO, 2012, p. 21) e o sedentarismo tenha sido sinônimo de atividade intelectual em oposição a atividade física[78], as representações contemporâneas dirigem-se também em outros sentidos. Interpelações como esta, que surgem dentro e fora das academias, são chamados aos indivíduos para que pensem e ajam como sujeitos *do corpo saudável*.

Ilustrando um pouco desta questão, vejamos a matéria publicada[79] por um site especializado em discutir *crossfit*, lançada no início de 2019. Nesta, a descrição de um evento de exclusão que ocorreu com um praticante famoso da modalidade (figura 12) denota quais sujeitos estão de fato "autorizados" a praticá-la:

> *Há pouco menos de três semanas, o primeiro reality show com crosfiteiros foi ao ar no YouTube, o Wodlive. [...] O apresentador do programa foi Fábio Broco. [...] Fábio Broco é crossfiteiro. Treina com afinco diariamente e conhece bastante do esporte. Mas Fábio ainda está acima do peso. E por que isso importa? Na verdade isso não deveria importar em nada. Mas para algumas pessoas, até alguns coaches, a presença de Fábio no programa causou estranhamento. Pois ele estaria fora de forma para apresentar um programa de atletas com corpos sarados. O que essas pessoas não perceberam é que Broco representa a maior parte dos crossfiteiros do mundo. Não é atleta profissional, não é perfeito, não é super sarado e está ali pelo bem de sua própria saúde. Ali ele busca ser melhor, como todos nós buscamos (HUGRO CROSS, 2019).*

Figura 12 – Fabio Broco

Fonte: HUGO-CROSS (2019)

É interessante observar como elementos se misturam no texto. A lipofobia (aversão ao corpo gordo) se mistura com a tentativa de inclusão a partir do desempenho, que por sua vez é rejeitada pelo público e pelos profissionais, como relata a matéria. Logo depois, visualizamos uma metonímia que sugere generalização e ao mesmo tempo distinção: "Broco representa a maior parte dos *crossfiteiros*". Este argumento de inclusão de um gordo na modalidade é ao mesmo tempo excludente (ser *crossfiteiro* não é para todos). Isto porque, o

[78] Ver Boltanski (2004)
[79] HUGO CROSS-Notícias e Humor sobre *crossfit*. *CrossFit* é para TODOS SIM! Notícias. 23 de abr. 2019. Disponível em: <http://www.hugocross.com.br/crossfit/2019/4/23/crossfit-para-todos-sim>

grupo de crossfiteiros é seleto e privilegiado, e do ponto de vista do discurso hegemônico, demarca um modo de fazer que lhe é próprio, além de uma gama de crenças e práticas que só os incluídos têm acesso. Ao dizer que Broco representa a maior parte dos *crossfiteiros*, o texto o coloca em pé de igualdade com seus pares, suprimindo a diferença, mas o distingue dos demais, o redime pelo corpo gordo desviante, alegando que ele é menos desviante por que, apesar de gordo, tem bom desempenho e é capaz.

Ao final da matéria, algo também importante é descrito: o *crossfiteiro* como um "sujeito comum" e a possibilidade de todo sujeito comum ser crossfiteiro (já afirmada desde o título). Mais adiante, Fábio Broco conta como conseguiu lidar com a sua experiência de ser gordo:

> *Ao fechar os olhos e refletir, lembrei do FABIO BROCO de 2016 que achava que a vida não tinha mais solução. Lembrei daquele Broco com quase 150kg que começou a fazer exercício na varanda de casa por ter vergonha de voltar pra uma academia e ser apontado pelos demais (inclusive, eu filmei esse primeiro exercício pra que eu nunca mais esquecesse de onde comecei). [...] Então, minha mensagem final é: o CrossFit e tudo o que ele oferece [...] é pra você também! Não se sinta intimidado. [...] E lembre-se: corpo bonito qualquer academia faz, mas educação e respeito vêm de casa!*

Em seguida, o autor da matéria o parabeniza e sugere:

> *Fábio, você é um exemplo que deve ser seguido por todos. Você luta diariamente pela sua saúde, que é o mais importante de tudo. [...] Nós devíamos era incentivar todas as pessoas fora de forma, precisando dar um jeito na sua saúde, a melhorar a sua qualidade de vida.*

O discurso voltado para este sujeito *crossfiteiro* nem tão comum assim, contorna a lógica do atleta (muito presente na década 1970), atenua a exigência do culto ao corpo perfeito e sarado (marca dos anos 1980 e 1990) e termina por corroborar com o que proponho: a busca pelo que se compreende como ideal de corpo "está ali", em um processo de "busca por ser melhor" – cotidianamente, na repetição e na *performance*, em gestos marcados pela temporalidade, no reforço do esforço e da potência. Encontramos, por fim, a produção de uma noção de saúde tão ancorada em padrões estéticos/biomédicos quanto em atos que representam o que se espera que um *corpo saudável* seja, e mais que isso, o que se espera que ele seja capaz de fazer.

No contrafluxo da segregação do desvio, discursos de aceitação do corpo têm emergido por parte das minorias e ganhado visibilidade na mídia. Estes discursos configuram-se como uma possibilidade de resistência aos padrões de corpo saudável/belo e ainda precisam avançar na conquista espaço. Uso o sedentarismo e a gordura como exemplos, mas outros casos cabem nesta discussão. Ao ser interpelado como gordo, muitas

vezes o sujeito se vê, mesmo que momentaneamente, de forma negativa, em um lugar de segregação social, isto porque, a linguagem tem relação com a formação social da subjetividade e do corpo. Sobre esta questão, Butler (2017) nos lembra que não há agência na negação total do discurso, ou seja, não podemos banir certas construções como solução para o problema. A partir da interpelação, o sujeito pode negar ou resistir em um ato político, mas já foi enredado pelo discurso. Mesmo a resistência está de algum modo conectada aos discursos, então precisamos sim ressignificá-los e ampliar as possibilidades para que certas classificações não segreguem de imediato, mas também possam ser compreendidas.

6 DISPOSITIVO DE *CORPO SAUDÁVEL*

Os sujeitos ocidentais experimentam um momento de tamanha centralidade do corpo que não testemunham apenas a sua supervalorização no discurso cientifico tecnológico, mas também a sua inclusão nas rodas de conversas cotidianas nos mais diferentes contextos. A biotecnologia e a ciência integram essa noção e concorrem para a valorização quando a noção de corpo vem acompanhada de saúde, mas é preciso considerar que ambas são polissêmicas, como será discutido. Com sentidos múltiplos, corpo e saúde não são categorias cristalizadas, são antes lugares de convergência de significados, discursos, formas de ser e de experimentar o mundo.

A discussão aqui empreendida, de caráter epistemológico, toma forma considerando minha experiência no campo e também pistas encontradas em fontes como revistas eletrônicas (selecionadas com o critério de abordar o objeto de estudo). O objetivo deste capítulo é: apontar pistas sobre as concepções de *corpo saudável* na Educação Física e em que saberes tais concepções se apoiam; como os saberes se articulam e em que medida afetam mecanismos de subjetivação. Para tanto, a questão do *corpo saudável* será discutida em três níveis: (1) apresentação e contextualização das categorias corpo e saúde, bem como algumas leituras possíveis; (2) a implicação da dimensão política do conhecimento científico no reposicionamento de sujeitos; (3) a possibilidade de agenciamento das noções de corpo e saúde pelo discurso da Educação Física, implicando no *corpo saudável* como um dispositivo.

6.1 ALGUMAS SAÚDES

A centralidade da saúde nesta discussão se deve ao fato de que ela é considerada um valor na sociedade, conceito e categoria do entendimento. “Cada vez mais, a sociedade fala a si própria em termos de saúde” (HERZLICH, 2005, p. 201). Assim, colocar em perspectiva os sentidos de saúde é entender que não repousa em bases naturais tal forma de categorização social, ou seja, discutir a relação natureza-cultura.

Ainda é muito presente em nossa sociedade uma ideia de saúde naturalizada que se relacionada com a biologia, o que já foi amplamente questionado por Canguilhem (2009, 2012) e muitos outros autores. Esta ideia, que tem como parâmetro a normalidade, tem raízes

no positivismo e contornos modernos, que cultivaram no seio da medicina crenças e práticas para balizar o que é ou não saúde.

Com o advento da especialização e da individualização, as *expertises* circunscreveram a saúde em diferentes pespectivas, como no caso da estatística aplicada à biologia, da fisiologia, da epidemiologia, entre outras disciplinas que compõem o suporte científico atual da biomedicina. No entanto, outras concepções de saúde, para além da ideia de um estado de completo bem-estar físico, mental e social, são encontradas em diálogos com as ciências humanas.

Um dos autores que oferece contribuição para esta discussão é o filósofo Hans-Georg Gadamer (2006, p. 103), que discute como saúde "não nos é, então, algo permanentemente consciente e ela não nos acompanha de forma preocupante como a doença. Não é algo que nos advirta ou convide ao contínuo autotratamento. Ela pertence ao milagre do 'autoesquecimento'". Mas Gadamer não preconiza o abandono de si, antes de mais nada sua linha de pensamento inclina-se para a saúde como o ritmo da vida, para a metafísica e para a experiência do ser que expressa na linguagem suas pertubações. Com isto, a sua hermenêutica da saúde expressa movimento, busca por um equilíbrio que eventualmente vem a ser perturbado e que depende muito mais da relação do sujeito consigo do que com a *"techne"* (médicos e profissionais da "cura"). Como consequência disto, a experiência de cuidar do outro passa pela escuta e pelo diálogo. por este. Por fim, para este autor é frágil a tentativa de mensuração e classificação de saúde e doença (compreendida como uma perturbação do equilíbrio vital), pois, nem sempre estamos completamentes sadios ou completamente doentes.

Aprofundando a discussão sobre saúde nos sistemas de pensamento, em *O conhecimento da vida* Canguilhem (2012) traz saúde e doença na perspectiva do normal e do patológico e faz uma crítica à limitação de tratar a saúde como estado da natureza humana. Para este autor, a norma (uma forma de representar e mensurar o que foi estabelecido como saúde) não pode ser vista como oposta ao patológico, pois, este último demanda a presença de outras normas e não uma oposição à normalidade. No entanto, o patológico como ser interpretado como o contrário de são. Enquanto saúde seria a capacidade de vivenciar muitas normas, doença seria a redução do poder de vivenciar um estado ótimo, sendo a vida "estreitada" e regida por outras normas vitalmente inferiores ou depreciadas em relação aos demais.

Outro autor que traz uma importante contribuição para as reflexões sobre saúde é Sfez (1996), que discute a categoria a partir do conceito de utopia: "a utopia da saúde

perfeita". A própria ideia de utopia nos introduz ao seu pensamento. Como toda utopia, ela é descrita como uma condição ideal carregada de moralidade e simbolismo. A "utopia da saúde perfeita" de Sfez expõe um projeto moderno de controle sobre as crenças e ações individuais com base na ciência, à medida que projeta sobre os indivíduos expectativas de adoção/manutenção de "hábitos saudáveis". Neste contexto, descobertas como o Genoma Humano, recentemente atualizadas pela edição do DNA (Sistema CRISPR/Cas9)[80], têm tido papel central. A ideia de controle sobre o gene expõe a possibilidade de combate à finitude e ao adoecimento por meio da intervenção humana, o que perverte a relação do homem com a natureza ao reposicionar os limites do corpo e da vida.

Dialogando com o conceito de Sfez (1996), Perrusi (2001) exemplifica como as práticas de cuidado de si, presentes nos discursos de saúde, ajudam a compor a figura de um indivíduo voltado para si, que deposita na autorregulação e na biotecnologia a esperança de controlar o futuro: "o indivíduo, na malhação, pedalando a bicicleta, suando depois na esteira, fazendo dieta e tomando Prozac representaria meio caminho andado na direção da utopia da saúde perfeita. Pedalando e sonhando com o Genoma, ele teria confiança no futuro" (PERRUSI, 2001, p.5).

Castiel e Álvarez-Dardet (2007) discutem a concepção de saúde a partir do conceito de "saúde persecutória", um modelo de saúde orientado para o futuro. Estes autores problematizam os excessos cometidos pelos discursos de promoção da saúde, que ao impor a lógica do cuidado de si, alimentam um sentimento de indivíduo perseguido social e moralmente. Estes excessos são vistos como: precariedades do campo da saúde; formas obsessivas de prevenção contra danos futuros; resultado da economia dos riscos; estratégias corporativas com a indústria farmacêutica; criação e abertura no leque de doenças. A noção de prevenção da saúde persecutória – amparada no discurso biomédico - cria uma nova relação do sujeito com o tempo, pois, este se torna orientado para um futuro incerto, cuja única possibilidade de segurança está no cálculo racional dos riscos.

A ideia de "saúde persecutória" pode ser utilizada para discutir a relação do sujeito com o tempo e com a noção de risco, pois, expressa a compreensão de que a única possibilidade de segurança para o futuro está no cálculo racional e na prevenção, que devem ser perseguidos a qualquer custo. Pensando a partir deste conceito, Castiel e Álvarez-Dardet (2007) observam que a segurança do cálculo, da predição e gestão dos riscos, impele para a

[80] Sobre esta questão, sugiro o estudo de Arend, Pereira e Markoski (2017). O Sistema CRISPR/Cas9 e a possibilidade de edição genômica para a cardiologia. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php ?script=sci_ arttext&pid=S0066-782X2017000100081&lng=en&nrm=iso .

busca individual da manutenção da saúde a qualquer preço. Um exemplo disto é a mastectomia realizada por Angelina Jolie aos 37 anos de idade. A atriz informou em 2013 ao jornal *The New York Times*, em um artigo chamado "*My Medical Choice*", que fez o procedimento porque os médicos descobriram um "defeito" no gene chamado BRCA1. Angelina, cuja mãe morreu de câncer aos 56 anos, revelou também fez o procedimento por causa do risco calculado em 87% de chance de desenvolver câncer de mama e 65% de ter câncer de ovário[81]. Em uma sociedade em que o seio é um dos mais valorizados signos de feminilidade, observamos neste caso como a biotecnologia, aliada à predição dos riscos e à uma nova temporalidade do ser saudável, tem influenciado no cuidado de si e do próprio corpo.

No terreno da Educação Física, o conceito de saúde persecutória pode ser utilizado para discutir o conjunto de valores e práticas que estruturam tanto uma noção de saúde enquanto valor social a ser perseguido, quanto de sujeito, o perseguidor das recomendações de saúde, cada vez mais responsável por si e impelido à autovigilância. A saúde persecutória é perpassada por empreendimentos morais, entre os quais destaco o conceito de sedentarismo por causa da sua recente origem na racionalidade científica. Em alguns casos ela configura-se também nas entrelinhas dos discursos motivacionais, de responsabilização, de individualização, de causa-efeito (faça exercício e afaste a finitude), de cuidado de si, que convocam o sujeito a sempre "superar-se" e ser mais capaz. Ela é sutil porque traduz em *recomendações*, legitimadas por virem acompanhadas de expressões como *para a saúde*, o balizamento de comportamentos e crenças. Contudo, é importante frisar que os sujeitos, que desejam e agenciam discursos, são ativos neste processo.

Para colocar *A saúde em debate na* Educação Física (2003, 2006, 2007) uma série de três publicações reuniu textos de pesquisadores do campo, na tentativa de ampliar os horizontes teórico-metodológicos[82]. As publicações discutem de forma crítica os "novos" objetos de interesse da Educação Física (como gênero), que emergiram na época, e as "velhas" formas de tratar estes objetos. Os textos objetivaram não apenas levantar questões ainda pouco debatidas, mas abrir espaço para que outras perspectivas entrassem nesse debate, como a das ciências humanas.

Na época das publicações mencionadas anteriormente, primeira década do século XXI, a proposta política era fugir do viés biológico que, segundo os autores, predominava

[81] My Chemical Choice [minha escolha médica], The New York Times [online], 2013. Disponível em: http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/05/com-receio-de-cancer-angelina-jolie-retira-os-seios.html. Acesso em: 12 nov. 2018.

[82] Fruto de um Grupo de Trabalho Temático sobre saúde (GTTI), do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), instituição que costuma levantar questões decisivas para o campo.

desde regulamentação da profissão. Nestes textos havia uma crítica subjacente à ideia de saúde entendida como consequência, quase exclusiva, de uma atividade física regular. Para autores como Bagrichevsky, Palma e Estevão (2003), por exemplo, as relações de causa-efeito que legitimavam as *recomendações* de saúde desconsideraram por muito tempo questões de ordem cultural e social (moradia, trabalho, classe, disponibilidade de tempo, escolhas individuais, alimentação, relações amorosas, etc.).

Sobre os parâmetros das *recomendações* de saúde, importantes para a sua legitimação nas ciências e na biomedicina, gostaria de destacar uma característica relevante tanto para a tentativa de desnaturalização da noção de (*corpo) saudável,* quanto para a ideia de que esta noção é agenciada contemplando estratégias dos campos: os índices mais básicos de referência sobre saúde podem mudar e à medida que a racionalidade flexibiliza limites, sujeitos são classificados e reposicionados socialmente.

Em 2017, por exemplo, com base em estudos epidemiológicos, o *American College of Cardiology* modificou seus parâmetros devido ao aumento nos índices de hipertensos no mundo (1,13 bilhões em 2015). Os números expressivos, no entanto, segundo Oliveira et al (2017), têm relação com o envelhecimento populacional. Antes das novas diretrizes, o sujeito era considerado hipertenso se apresentasse números acima de 140 por 90 milímetros de mercúrio (mmHg). Na nova classificação isto caiu para 130 por 80 (“13 por 8”). Com esta medida, situações antes consideradas normais (120 a 129 por 80mmHg), agora já acionam o “sinal amarelo” (OLIVEIRA et al., 2017). Embora pareça uma mudança irrelevante, isto impacta diretamente tanto as políticas públicas de saúde quanto o aumento no consumo de medicamentos.

Dialogando com estes novos parâmetros, um artigo Editorial da Sociedade brasileira de cardiologia, intitulado *Metas de Pressão Arterial: Chegaremos a um Número Definitivo? Neste Momento, Tenho o Meu*, discute o “dilema das metas” (JARDIM, 2017, p. 1) e questiona como elas são estabelecidas a partir de estudos científicos. O questionamento do autor é sobre a observação das metas estabelecidas para o controle dos fatores de risco, que põe igualmente em dúvida a classificação saúde-doença. Algo parecido aconteceu com a dislipidemia recentemente. Neste ponto, Fleck (2010) poderia contribuir com a noção de condicionantes históricos do conhecimento, que no caso da medicina contextualiza o fato científico, o que quer dizer que, doença e saúde são representações que modificam ativamente a realidade ao passo que são por ele construídas.

Em setembro de 2013 a Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC) apresentou em seu congresso anual a proposta de redução da tolerância no nível de “colesterol ruim” (Low-

density lipoprotein-LDL) em indivíduos classificados como pacientes de alto risco[83]. Esta nova orientação, mais rígida que a americana e a europeia, pretendia controlar os níveis de colesterol de uma população brasileira de homens e mulheres cada vez mais obesos e hipertensos. O então presidente do Departamento de Aterosclerose da SBC e editor da proposta, Hermes Xavier, declarou à imprensa naquele ano que era a favor do uso de medicamentos para controle do colesterol e que o Brasil sairia na frente no combate aos riscos em relação ao resto do mundo. No entanto, a decisão de baixar os níveis de tolerância na tentativa de combater os riscos e operar em uma prevenção precoce respalda-se em estudos americanos.

> Vamos aumentar o consumo de estatina, sim senhor. O custo de um paciente infartado para o sistema de saúde é muito maior do que gastar mais com o medicamento — defende Xavier. — Temos que tomar partido neste momento. Não se pode achar que só porque o gasto será maior que não se deve fazer prevenção. Uma pessoa aparentemente saudável não quer dizer totalmente livre de risco no caso de aterosclerose (O GLOBO, 2013)[84].

Nesse mesmo ano corriam também rumores da eficácia de uma molécula inibidora da enzima PCSK9, que ajudaria a combater o aumento dos níveis de colesterol no sangue quando injetada em humanos. Em meio aos avanços nas pesquisas, diversas multinacionais farmacêuticas deram início a uma corrida por testes em larga escala, inclusive no Brasil. A abreviação do tratamento com a aplicação da injeção tem questões éticas e de saúde a serem discutidas, como o aumento de outras doenças em consequência, mas a sua comercialização nos Estados Unidos foi liberada em 2015 e no Brasil em 2016, em casos específicos e por um preço bastante elevado. As pessoas favorecidas com o novo remédio[85] seriam: aquelas que não conseguem mudar seu estilo de vida, reeducar a alimentação ou parar com o alcoolismo e tabagismo; aquelas que não suportam o consumo de estatinas (devido aos seus efeitos colaterais).

Retomando a questão da plasticidade dos parâmetros de saúde, assim como em 2013, anos depois, em 2017, os cardiologistas brasileiros decidiram movimentar mais uma vez os limites aceitáveis de colesterol ruim[86]. Nesta nova classificação, propôs-se que

---

[83] Os pacientes são classificados segundo a cardiologia em: muito alto, alto, intermediário e baixo risco. Cada um destes níveis possui taxas aceitáveis de colesterol. Pacientes de alto risco são aqueles com histórico familiar ou que associam tabagismo e hipertensão, por exemplo, o limite aceito neste grupo antes era de 100 miligramas e recentemente passou a ser 70 miligramas por decilitro de sangue.

[84] Cardiologia brasileira vai reduzir o nível considerado bom para o colesterol ruim - Pacientes de alto risco deverão ter menos 30% de LDL no sangue que na diretriz anterior. O GLOBO, (Duilo Victor e Renato Grandelle, 2013).

[85] Princípios ativos: Evolocumab (medicamento: Repatha, Amgem) e alirocumab (medicamento: Praluent, Sanofi e Regeneron Pharmaceuticals)

[86] Não desconsidero a importância das pesquisas e de um possível reposicionamento de parâmetros, o que discuto é a possibilidade de que isto aconteça e seus reflexos nas noções de saúde e doença e nas práticas.

indivíduos do grupo de "altíssimo risco"[87] deveriam manter seus níveis de colesterol em não mais que 50 miligramas por decilitro de sangue. Mais uma vez a intenção declarada pela SBC foi prevenir os riscos de "novos episódios graves", pois, um estudo realizado pela própria entidade concluiu que 67% dos brasileiros não sabem que taxas altas de colesterol. Na outra ponta da classificação dos grupos, ficam as pessoas consideradas de baixo risco (que devem manter seu colesterol até 130) e que são por vezes classificadas como pré-doentes, estimuladas a mudar seus hábitos na tentativa de prevenir a dislipidemia. São estas pessoas que as noções de saúde e risco, emprestadas da biomedicina e da epidemiologia pela Educação Física, buscam captar. Além disto, embora não sejam consideradas de alto risco, aqueles que já foram chamados de pré-doentes são convidados pelo (bio)mercado e pelo discurso de responsabilização sobre a própria saúde a consumir mais medicamentos para normalizar taxas sanguíneas.

Os movimentos no campo da ciência expressam a tentativa das tecnologias de não apenas sinalizar patologias desconhecidas, mas também intervir sobre elas. As críticas à essa possibilidade de agenciamento pela racionalidade tecnocientífica voltam-se para as distorções possíveis: repousam sobretudo no fato de que, considerando a promessa de segurança, "a determinação de ações sanitárias [são] baseadas não mais na ocorrência concreta de problemas e sim na probabilidade estimada (cálculo dos riscos) deles virem a acontecer em algum momento no futuro" (BAGRICHEVSKY, 2007, p. 3). Isto implica diretamente em ações preventivas e/ou de monitoramento.

A mobilização das categorias saúde/doença é importante para a Educação Física porque a norma biomédica baliza as intervenções em termos de práticas corporais. A questão do sedentarismo, por exemplo, não era uma preocupação para as populações até que a ciência formulou e fez estudos/mapeamentos bioquímicos/epidemiológicos dos riscos. Deste modo, as construções sociais de saúde e doença, bem como as formas de lidar com elas, são oferecidas à população pelas novas *expertises* na forma de categoria/conceito (ROSE, 2013). Isto impacta fortemente a percepção de saúde, a experiência da doença e as estratégias de cuidado de si.

Pensando na mobilização das categorias saúde/doença, é possível ver que "a lógica normalizadora operada na normalização biopolítica consiste em fazer a distribuição diferencial das normalidades, no plural" (PALMA; VILAÇA, 2010, p.113). Sob este ponto de vista, o discurso adquire importância maior longe da exclusão, ele mostra-se mais forte e

[87] Os pacientes do grupo de risco "muito alto" já passaram por eventos como infarto ou derrame.

sutil não na punição, mas na vigilância (FOUCAULT, 2003), pois, vigiar é melhor que punir. Como consequência disto, saúde enquanto categoria mobilizadora de subjetividades, torna-se valor social e ao mesmo tempo instrumento biopolítico.

Na Educação Física encontramos concepções de saúde intimamente ligadas aos cuidados com o corpo. Nos discursos institucionais principalmente, mas também do mercado, ela pode inserir-se em práticas discursivas de caráter subjetivo, tais como: "estilo de vida ativo"; "estilo de vida saudável"; "viver saudável", mas ainda assim traz junto à estas noções *recomendações* de práticas que são de algum modo incorporadas.

Sobre esse assunto, Fraga (2006, p. 19) escreve que o "estilo de vida ativo está em toda parte. Multiplica-se em textos científicos, matérias jornalísticas, filmes, novelas, clínicas médicas, academias de ginástica". O que este autor quer destacar é o potencial de alcance desta noção subjetiva. Seguindo esta ideia, os discursos de saúde e *corpo saudável* na Educação Física podem projetar-se no social, tanto objetivamente (na fisiologia do corpo, nas taxas, na norma), quanto subjetivamente (nas *recomendações*, no estilo de vida, no cuidado de si, na autoregulação).

Apesar da naturalização da saúde ainda estar presente como prática/ideia/discurso na sociedade ocidental contemporânea, os autores apresentados – embora ainda hajam muitos não contemplados - são alguns dos que oferecem leituras contextualizadas e alternativas. Os conceitos de saúde persecutória e saúde perfeita, por exemplo, exemplificam como as demandas sociais refletem nesta noção, agindo politicamente sobre os sujeitos. De um lado a "saúde perfeita" (SFEZ, 1996) aponta que os discursos de saúde estruturam ideais utópicos que são construídos e perseguidos, de outro, a "saúde persecutória" (CASTIEL; ÁLVAREZ-DARDET, 2007)) expõe como esta perseguição converte-se em valoração moral - do corpo e – do cuidado de si.

Sobre os discursos de saúde de um modo geral, retorno a Castiel e Álvarez-Dardet (2007) para lembrar da sua dimensão política, que consiste na ideia de que tais discursos são antes formas de pensar, escrever, falar sobre saúde e sua práticas, que uma realidade natural, sendo necessário situá-los em certos momentos históricos e conhecer as razões pelas quais eles são legitimados. Assim, o que tentei enfocar, por enquanto, é que a noção de saúde é perpassada por significados de caráter social/cultural e que ela é incorporada, ou seja, adiquire substância, sobretudo quando recorremos à noção de *corpo saudável*. A dimensão política dos discursos sobre saúde é um dos elementos que nos remetem à possibilidade de

tratar o corpo saudável como um dispositivo, algo que Dantas (2012)[88] sinalizou em seu estudo sobre a mídia.

6.2 CORPO E SUJEITO

Interesse histórico da Medicina e foco dos discursos da Educação Física, com o advento da revolução tecnológica o corpo foi fragmentado em moléculas como nunca fora, sobretudo desde o surgimento do projeto Genoma Humano no final do século XX.

Na Sociologia, o corpo foi resgatado do lugar de "objeto" homogêneo para *locus* de entrecorte de discursos polissêmicos. Tais discursos envolvem a convergência de forças que não podem ser alocadas de maneira simples em paradigmas como: natureza/cultura, mente/corpo, social/individual. Segundo Ferreira (2013, p. 496), o distanciamento do corpo por parte das ciências sociais ocorreu historicamente por dois motivos principais:

> as aproximações empíricas a esta realidade até há pouco tempo escasseavam na área das ciências sociais, sobretudo da sociologia; [...] por que sempre se tratou de uma realidade historicamente monopolizada pelas ciências da vida (...) em grande medida produtoras de saberes responsáveis por muitos dos *a prioris* naturalistas e essencialistas que regem as vivências corporais, dado o grau de generalização e de legitimidade social auferido pelo discurso biomédico relativamente a outros discursos sobre o corpo

Com sua vasta produção sobre o corpo, Le Breton (2011) atribui a "polissemia corporal" a três âmbitos de caráter social e cultural: (1) o crescimento de um sentimento de individualização, marcado pelo afrouxamento de vínculos, sobretudo nos grandes centros, e ao mesmo tempo pela personalização do consumo de produtos e serviços; (2) a emergência de um saber racional positivo e laico sobre a natureza (dando origem ao estudo do corpo como realidade em si mesma, separada do homem); (3) o avanço da medicina sobre questões como a vida e a morte (nomeada como detentora do saber oficial sobre como lidar com o corpo).

Maluf (2001) lembra quão caro é o debate sobre "o corpo" para a Antropologia, o que nos alerta sobre a necessidade de delimitação do "objeto" de estudo sem, contudo, fechá-lo em concepções previamente definidas. Esta autora oferece algumas ferramentas na

[88] *A produção biopolítica do corpo saudável: mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação.*

antropologia que servem à discussão de uma abordagem do corpo, não apenas como objeto da cultura, mas também como "dotado de agência própria, não apenas como receptáculo de símbolos culturais, mas como produtor de sentido". Sônia Maluf (2001) explica que embora diversos fenômenos sociais recentes (como o *body building*, os atentados suicidas islâmicos e a reprodução assistida) tragam o corpo (e a experiência deste) para o centro das análises, ele é antes: (1) uma construção simbólica que um produto biológico; (2) não um mero decalque dos investimentos da sociedade na forma de símbolos cultuais inscritos; (3) articulador de novas experiências de agenciamento.

Ainda sobre os estudos do/pelo corpo, Mari Luz Esteban (2004) aponta que nas Ciências Sociais aquilo que é chamado de "teoria social do corpo" é algo novo, explorado em geral por pessoas que pesquisam saúde, gênero ou, em menor número, antropologia da arte. Na perspectiva desta autora, o corpo é capaz de expressar mais que o social inscrito, remetendo à Bourdieu, ou mais que um retorno do sujeito para si mesmo, fenomenologicamente. Para Esteban, através do corpo pode-se realizar mediações entre objetividade e subjetividade. Buscando tais mediações, a autora dialoga com o conceito de *embodiment*[89] de Csordas e afirma que com ajuda deste, busca "superar a ideia de que o social se inscreve no corpo, para falar do corporal como autêntico campo da cultura, como 'processo material de interação social'" (ESTEBAN, 2004, p. 21). Próxima dos estudos feministas, para ela o corpo é: fundamental na discussão das transformações sociais; lugar de resistência e espaço reflexivo, onde são projetadas identidades corporais ideais, sobretudo no terreno do gênero. Sobre esta questão, Foucault (1999) nos lembra que o corpo é elemento chave na compreensão dos processos de subjetivação, sendo assim, falar de subjetividade, é também falar de corpo.

Usando o conceito de biossociabildiade e bioascese, Ortega (2002) entende que o corpo e a comida ocuparam o lugar central da sexualidade, tão enfocada na biopolítica oitocentista. Estes, seriam contemporaneamente fontes potenciais de ansiedade e diversas patologias, conforme escreve o autor:

> O tabu que se colocava sobre a sexualidade desloca-se agora para o açúcar, as gorduras e taxas de colesterol. A anorexia constitui um bom exemplo da relação entre dietética, moral e bioascetismo, bem como, do deslocamento para o corpo da sexualidade como locus privilegiado de problematização moral (ORTEGA, 2002, p. 61)

[89] Trad. Incorporação: proposta de aproximação entre fenomenologia e teoria da prática.

Ainda segundo este autor, vivemos uma cultura do ascetismo, cuja relação da biossociabilidade com a medicina implica na capacidade desta segunda definir para a primeira um conjunto de normas direcionadas a produção de um tipo específico de sujeito. Sendo assim, os sujeitos experimentam um declínio da cultura íntima ao mesmo tempo que experimentam uma somatização da subjetividade.

Para Vale de Almeida (2008) as temáticas ligadas ao corpo e à incorporação ganharam estatuto de "coqueluche" na produção acadêmica, de modo que é possível falar no resgate sociológico do corpo como temática de interesse. Primeiramente pelo reconhecimento da convergência de linhas de forças de origem social e cultural, às quais cada indivíduo responde de maneira particular, mas também pelo entendimento de que cada indivíduo não possui um corpo, mas que é o seu próprio corpo (FERREIRA, 2013).

Discutindo uma proposta epistemológica para falar do corpo na ciência, Latour (2007) aponta que ao estudar o corpo não há uma ciência boa ou má, o que há são ciências. Para ele, o "reducionismo não é um pecado de que os cientistas tenham que se redimir, mas um sonho tão inatingível como estar vivo e não ter corpo" (LATOUR, 2007, p. 59). Seria necessário primeiro abandonar as dicotomias entre corpo objetivo e subjetivo, depois, não relegar aos saberes médicos a centralidade do conhecimento, a não ser que este seja o objeto de desconstrução. Assim, a partir das possibilidades de discutir o corpo apresentadas, acredito que existem vários corpos na noção de corpo, assim como existem várias noções de *corpo saudável* para além da biomédica.

Le Breton (2007) coloca em xeque a efemeridade do estudo do "objeto" corpo, isto porque considera que ele não existe em sua realidade natural, e talvez nem sequer exista, mas sempre se encontra imerso em um emaranhado de significados e sentidos sociais, por isso, qualquer questionamento sobre o assunto pressupõe uma construção prévia da concepção de corpo.

Diante das propostas crescentes de "retorno ao corpo" nas ciências sociais, Miguel Vale de Almeida (2004, p. 3) questiona:

> trata-se de um movimento genuíno de reavaliação das nossas premissas epistemológicas e metodológicas através de um novo tema? Ou trata-se de uma estratégia de política académica para a conquista de "feudos" temático-teóricos? [...] de que falamos quando falamos de corpo?

Além de chamar atenção para a dimensão política da inserção do corpo nos debates das Ciências Sociais, Vale de Almeida (2004) escreve que ele não é a chave da resolução de todos os problemas, mas também não é o causador, é um objeto que tem muito a dizer sobre

o momento atual. O autor então acrescenta que ao estudar o corpo servem muito mais os itinerários que os mapas e que é muito mais frutífero colocar paradigmas em diálogo que estabelecer manuais monolíticos.

Um estudo sobre o corpo como tema da produção do conhecimento na Educação Física foi feito por Gomes et al. (2018) tendo como *corpus* analítico cinco periódicos de expressividade no campo. O que os autores chamaram de bibliometria incluiu estudos de 1987 até 2012, em revistas nacionais e que abordassem a temática do corpo (n=131 artigos). Entre os resultados encontrados, o percurso histórico das publicações evidencia que até meados da década de 1990 a temática *do corpo* não era destaque na Educação Física, mesmo a área tendo-o como foco das suas intervenções. As publicações que se aventuravam nesse sentido ou tinham como objeto a educação ou um crescente debate sobre a possbilidade da Educação Física inserir-se em serviços de saúde, mas a discussão sobre *o corpo* ainda era escassa no campo.

Sobre a relativização da própria noção de corpo, gostaria de destacar o clássico de Leenhardt (1971), que tem como campo empírico os canacos da Melanésia. Em seu livro *Do Kamo,* Leenhardt discute a cosmologia canaque e a noção de pessoa, concebida por este povo de modo relacional, uma espécie de "essência vazia", cuja paradoxal centralidade é orientada pela possibilidade de se relacionar e assumir diferentes personagens em diferentes contextos. Ou seja, longe dessas relações o canaco não existe, não tem voz, não tem lugar, não é sequer pessoa. O que é interessante pensar é que a individuação se dá a partir da aquisição de uma noção de corpo, pois o canaco tinha uma representação muito precisa da sua situação de continuidade em relação à natureza, mas não via sua existência ancorada fisicamente a *um corpo.*

A tribo canaque também não conhecia no seu idioma uma palavra que designasse os limites individuais da materialidade. Isto porque, para os nativos canaques, a substância da qual são feitos é a mesma da natureza, ou seja, a seiva das árvores, as rochas e as frutas (seus órgãos eram nomeados em analogia a elementos da natureza). Assim, podemos dizer que *o corpo* não existia, não de forma independente, antes da chegada dos missionários e da cosmologia cristã, que trouxe a oposição homem corporificado e Deus.

Como se pode observar, a noção de indivíduo passa pela corporificação e sua contribuição para a cosmologia é decisiva. O indivíduo para o canaco é, entre outras coisas, corporificado, mas esta afirmação é relevante para pensarmos também o indivíduo moderno, o "sujeito de direitos" (dos direitos humanos e da universalidade), o sujeito da psicanálise (FINK, 1998), o sujeito do feminismo e o sujeito do poder (BUTLER, 2017; FOUCAULT,

1995). Todos estes têm em comum, cada qual com suas especificidades teóricas, a constituição/sujeição mediada também pelo corpo.

Quando o assunto é o indivíduo moderno, Louis Dumont é uma importante referência. Em *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, por exemplo, este autor faz um exercício de comparação entre as religiões asiáticas, trazidas por ele para pensar sobre o sujeito fora-do-mundo. Para Dumont o sujeito fora-do-mundo se individualiza, não por estar fora, mas por ter se retirado da "sociedade", ser desta um renunciante (DUMONT, 1985). No caso do cristianismo, na relação com Deus há um individualismo absoluto e um universalismo absoluto. O valor infinito do indivíduo é ao mesmo tempo rebaixamento e desvalorização do mundo como ele é, pois afirma-se novamente um dualismo (Deus e homem, homem e mundo). Por fim, é importante observar que desde a ascensão do cristianismo enquanto religião próxima do Estado, o que ocorre é uma inversão hierárquica, que coloca o individualismo no centro da cadeia de valores sociais. Com a sua explanação, Dumont (1985,1992) nos lembra que o indivíduo moderno é um valor: individualismo como ideologia, diferente de individualidade como experiência.

Entre as teorias contemporâneas sobre indivíduo e sujeito, a psicanálise também oferece contribuições valiosas, por muito tempo negligenciadas pelas ciências sociais pelo risco de "psicologização". Assim, a subjetividade foi considerada incompatível com a noção de estrutura. Acontece que com o "pós-estruturalismo" o próprio conceito de subjetividade foi afetado. Mas quem é o sujeito na psicanálise?

Levando em conta as teorias lacanianas, Fink (1998) afirma que ele é social e nunca mais que suposto, assim encontrá-lo em Lacan é tarefa difícil. Por este motivo, o autor recorre à descrição do *que não é* o sujeito lacaniano: não é o sujeito do enunciado, ou seja, o sujeito que se apresenta. Essa afirmação estremece as bases de muitas estratégias metodológicas nas ciências sociais que contam com o relato de um sujeito consciente. Por outro lado, a perspectiva da psicanálise acerca do sujeito abre espaço – assim como o fez Foucault - para a leitura nas entrelinhas de um sujeito que aparece no *intermezzo* do discurso. Deste modo, mais do que compreender o sujeito como um ser voltado apenas para si e psicologizado, a psicanálise permite dividi-lo: consciente e inconsciente. Em resumo, o sujeito lacaniano é aquele que fala sobre si e ao falar torna-se sujeito, mas não é definido pelo conteúdo explícito de sua fala.

Pensando nas teorias sociais que dialogam com a psicanálise, há ainda a questão do desejo a ser destacada como parte importante da constituição do sujeito. Para Deleuze (1988), por exemplo, o desejo move os agenciamentos individuais – que têm significados

construídos coletivamente - e não é produto reprimido e recalcado, é antes a expressão da individualidade: “O desejo sempre foi, para mim, se procuro o termo abstrato que corresponde a desejo, diria: é construtivismo. Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto” (DELEUZE, 1995). Assim, o desejo expressa a capacidade produtiva, é aquilo que move e cria, o motor da diferença.

A questão do desejo em Butler ajuda a compor um quadro conceitual que traz subversão e sujeição como mecanismos que tensionam a agência. Para Butler (2017, p. 21) o “sujeito é derivado das condições de poder que o precedem, a operação psíquica da norma também é derivada, ainda que não de forma mecânica ou previsível, de operações sociais prévias”. A inserção dos sujeitos nos mecanismos de poder implica a possibilidade de resistência à medida que a norma necessita de repetição e a repetição pressupõe instabilidade. Isto porque o desejo é mutável, abrindo um precedente de fragilidade.

Articulando psíquico e social, Butler (2003) apresenta questões sobre o sujeito e a normatização, tais como: “Quem deseja o desejo de Estado?”. Com esta pergunta, ao abordar a temática do casamento homoafetivo, Butler discute em que medida a subjetividade e as emoções encontram na razão de Estado uma forma de reconhecimento do sujeito enquanto sujeito da norma, ou seja, porque as pessoas desejam legitimar-se em discursos de categorização que historicamente as normatizam se o desejo é o mecanismo que viabiliza a agência. Podemos dizer que Butler amplia a noção de resistência foucaultiana ao admitir que a agência não advém do próprio poder, mas advém do sujeito e não é contra o poder, mas está em seu interior.

Mas de onde ele vem? O desejo por este ou aquele padrão corporal, por exemplo, é desejo do sujeito ou é “desejo” da estrutura. O desejo pela violência, nos casos de feminicídio, é desejo de quem? Do sujeito que tem alguma “disfunção” entre suas estruturas inconscientes (como um psicopata), daquele que passa por formas de socialização prejudiciais à sua “alteridade” (como um filho que vê sua mãe ser espancada), ou é desejo de quem vive em uma sociedade patriarcal e de impunidade? São inúmeras as possibilidades.

Nesta esteira, quem deseja *o corpo saudável* preconizado pela Educação Física, pela biomedicina, pela bioeconomia, pelo mercado, nestas utopia de saúde? Que tipos de sujeitos os discursos vinculados ao dispositivo de *corpo saudável* produzem? Os sujeitos que não desejam o *corpo saudável* são afetados pelo biopoder? Butler (2017) nos diria que sim, pois, não existe resistência fora da norma e da linguagem. Nesse sentido, o desejo está na sujeição e na subversão. Estas são questões possíveis da dialética agente-estrutura envolvidas nas ações individuais, que passam pelo desejo quando é considerada a existência de um sujeito

contemporâneo e a possibilidade de incorporação de um ideal de *corpo saudável* socialmente construído.

Considerando a possibilidade de agência individual, desejar *um* corpo saudável ou belo é construir para si esta noção, mas também é agir sobre si mesmo e sobre os discursos. No viés social, é agir sobre as relações. No viés da bioeconomia é ser teoricamente "livre" para escolher *expertises* e formas de fabricar o corpo, afastando sinais de finitude. Ainda que esta liberdade seja balizada, como lembra Le Breton (2012), o dobrar-se sobre o próprio corpo no cenário atual pode ser interpretado como uma forma de personalizar-se e garantir o individualismo em meio à coletividade, bem como o poder de ação simbólica sobre algo que nasce incompleto e necessita da construção social da sua narrativa pessoal, para escapar do enraizamento a uma identidade herdada.

No processo de fabricação dos seus corpos, os sujeitos hoje reinvindicam a liberdade de experimentar novas técnicas e tecnologias para subverter a lógica da incerteza do "destino", na tentativa de dominar a si mesmos dominando o próprio corpo. Isto por que

> as novas tecnologias de incrementação molecular não tentam hibridizar o corpo com equipamento mecânico, mas transformá-lo no nível orgânico, remodelar a vitalidade a partir de dentro: no processo. O humano trona-se não menos biológico, mas *ainda mais* biológico (ROSE, 2013, p. 37, grifo do autor).

O contexto em questão reforça a supervalorização das possibilidades de potencialização corporal, não apenas para atender às expectativas/recomendações dos discursos, mas para atender aos desejos. Seguindo esta ideia, *o corpo saudável* como valor social tem mobilizado saberes em diferentes áreas (nutrição, fisioterapia, medicina, psicologia, farmacologia, cosmetologia, etc.) para a criação de novas e renovadas práticas que ajudam a conquistar e oferecer ganhos no terreno da estética, do desempenho e/ou das condições de saúde. O lugar da Educação Física nesse cenário tem sido de, enquanto área de conhecimento ligada à biomedicina, agenciar seus discursos e aplicar – segundo os interesses do campo - os saberes produzidos na ponta operacional da promoção da saúde.

Como abordei na minha dissertação de mestrado, quando questionados sobre sua concepção de *corpo saudável*, os profissionais de Educação Física que entrevistei apontavam marcadores biomédicos, mas não tinham uma concepção holística, embora este termo fosse usado no seu cotidiano. A mesma resposta era dada quando se tratava de corpo belo (GOMES, 2014), que remetia à proporcionalidade, à magreza, ou à hipertrofia. "Há uma tendência de o próprio exercício da profissão privilegiar o discurso biomédico técnico-científico a considerar as diversas identidades que atravessam os alunos na musculação em

academias de ginástica" (SILVA, 2014, p. 381). Com isto, observei que as construções de corpo belo e saudável se amparavam na medicina, na norma, ao mesmo tempo em que a sua equivalência representava tanto estetização da saúde quanto quantificação do belo. Sabendo que os especialistas são fortes representantes da "verdade", mesmo não tendo entrevistado não-praticantes de atividade física, seu discurso expressa de certa forma as estratégias e saberes do campo.

A discussão empreendida até aqui teve como objetivo tratar de duas categorias fundamentais para o que entendo ser o dispositivo de *corpo saudável:* corpo e saúde. Vislumbramos corpo e saúde como valor no cenário contemporâneo e como construções sociais, perpassadas pelos saberes científicos e pela sua dimensão política. Proponho, para além do que foi dito, que o *corpo saudável* é fruto da articulação entre essas duas categorias: um dispositivo multifacetado igualmente perpassado pelos saberes científicos, cujo conceito de sedentarismo – como operacionalização do risco epidemiológico - o reforça. Ele emerge no campo da Educação Física e da biomedicina, no final do século XX, para corporificar recomendações e normas em um cenário de autorregulação e cuidado de si, que garantem a sua manutenção.

O que pretendo com esta hipótese é muito menos tratar da disciplinarização e exclusão dos corpos e da imposição social de padrões e categorias, que chamar atenção para a influência de uma ideia subjetiva de *corpo saudável* que ao ser legitimada e normatizada produz tantos hábitos e afirmações sobre saúde quanto forem possíveis, incluindo-se neste montante o que pode resultar em adoecimento físico ou psíquico.

6.3 DISPOSITIVO DE CORPO SAUDÁVEL

A formulação discursiva "*corpo saudável*" é muito presente na mídia, nas capas de revista, nas propagandas, nas redes sociais. Nestas, convites como "tenha um corpo saudável" são facilmente encontrados precedendo um leque de *recomendações*. De sentidos múltiplos, ela adiquire contornos específicos no terreno em que é evocada. Nos estudos científicos, por exemplo, ele não costuma ser descrito, a não ser pela soma de suas partes, os estudos que tratam-no sob a perspectiva crítica, comumente abordam questões mais amplas a partir do objeto corpo.

Na Educação Física, *corpo saudável* tangencia outras noções – sobretudo nas instituições – como: “estilo de vida saudável”, “estilo de vida ativo”, “ser saudável”, “vida saudável”; que são noções mais amplas e de efeito subjetivo que o dispositivo aqui proposto.

Em um artigo entitulado *As narrativas do corpo saudável na era da grande Saúde*, Prado (2007) aponta, usando como recorte capas de revistas nacionais que tratam do tema, como este corpo é retratado na mídia. O culto ao corpo é apontado como categoria analítica pelo autor e o cuidado (do corpo), bem como a juventude e a beleza, é componente importante do *corpus*, pois, para ele estão sempre em ênfase nas revistas[90]. Além destes elementos, as substâncias químicas, os alimentos dietéticos e as intervenções cirúrgicas são apresentadas como práticas fundamentais para a fabricação deste *corpo saudável*.

Por fim, Prado (2007) questiona as contradições do próprio discurso: em alguns momentos há um chamado para o combate aos excessos, ao mesmo tempo em que as imagens representam um grande investimento sobre o corpo; em outros, há uma analogia à transgressão de “limites” do corpo como trangressão de limites da existência. Assim, as recomendações (figura 13) e as imagens expõem contradições entre dito e não-dito:

> Aqui, mais do que receitas de tipos e números de exercícios a reportagem procura mostrar em geral os benefícios de ginástica sem excessos. Entretanto, nas fotos as figuras são de gente sarada, todos belos, apresentando em fichas individuais (altura, peso, horas diárias de atividades e periodicidade na semana) a indicação de que todos praticam bastante (3 a 5 vezes por semana, média de 2 horas diárias) atividade física (PRADO, 2007, p. 21).

Figura 13 – Revistas analisadas

Fonte: Prado (2007)

[90] Revistas: Época, Veja, Istoé (2000-2006)

As contradições descritas por Prado (2007) também foram observadas no estudo de Dantas (2007), que as interpretou – aparentemente - como possibilidade de resistência, traduzidas pelo autor nos termos "excesso e moderação". Ao analisar a estruturação do dispositivo de *corpo saudável*, a partir das capas da revista nacional *Saúde!*, este autor verificou o reforço da norma biomédica e de uma concepção historicamente domindante de saúde, no entanto, sugeriu que matérias das próprias revistas trazem uma abertura para a resistência:

> [mostramos que o] discurso médico oficial, que não só rejeita como estigmatiza a doença e a enfermidade, a partir de critérios unicamente científicos de normalidade biológica expressos na compreensão da saúde enquanto ausência de doenças [coabita com] as forças que põem em questão essa concepção hegemônica difundida pela *Saúde!*, como a veiculação pela própria revista de formas alternativas de vivermos a saúde do nosso corpo, inclusive na convivência com a doença e suas limitações (DANTAS, 2007, p. 163).

Creio ser arriscado afirmar que no discurso da mídia, dos meios de comunicação e do mercado, posicionar lado a lado excesso e moderação signifique pôr em questão concepções hegemônicas. Acredito que as peças publicitárias utilizadas como campo empírico pelos autores citados veiculam os discursos não no intuito de fornecer espaços de resistência, embora isto possa partir dos sujeitos, mas circunscrever uma noção corporificada atenuada pelo significado cultural de moderação, à medida que emitem discursos implícitos através de signos de saúde presentes nas capas (como a rigidez muscular, a magreza, a pele clara, o halter, o exercício, etc.).

Retornando ao estudo de Prado (2007), este autor enfatizou na sua análise a variedade de recursos *recomendados* pelas revistas para os sujeitos, que com a disponibilidade de informação são responsabilizados pelo cuidado de si. São receitas – legitimadas ou não pela ciência - que determinam formas de ver e lidar com a fabricação do corpo. Em discursos midiáticos e de mercado, que focam no consumo, nas recomendações, práticas e técnicas, a ideia de fabricação de Viveiros de Castro (1979) torna-se ainda mais plausível, pois, o corpo é colocado não só pelo mercado e pelos meios de comunicação, mas também pelas *expertises*, como um empreendimento a ser construído.

O consumo, como afirma Panier (2010), é a dimensão mercadológica da produção do dispositivo de *corpo saudável*, que resulta da privatização dos cuidados com o corpo na nova configuração do biopoder.

> A relação entre representações de saúde e beleza pode ser rastreada desde a década de 1980 quando, com a consolidação do modelo de consumo de massas, começaram a dectectar alguns problemas em

> grande parte da população, nos quais se cruzavam beleza, saúde e a esfera do consumo (PANIER, 2010, p. 8).

O *corpo saudável* das novas *expertises* é o corpo ligado às imagens e representações da mídia, um corpo que conta com as contribuições da materialidade na sedução. Contudo, o discurso não afeta diretamente toda a população e certamente há aqueles que não buscam ter um *corpo saudáveli* segundo estas normas, não se importam em ser classificados como sedentários, não lançam mão do consumo de produtos ou práticas para potencializar a saúde.

No entanto, mesmo as pessoas que não aderem às estratégias hegemônicas de produção do corpo são inseridas no campo (seja pelo mercado, pela biomedicina, ou pelos próprios profissionais) como pode ser observado em relação às matérias. Não se trata de uma inserção forçosa, mas do fato que, o campo disciplinar não é composto apenas por profissionais, ele é também composto pela rede humana e está disposto na sociedade e na cultura com parte destas. Certamente as pessoas que não são afetadas pelo discurso da Educação Física de forma direta contribuem de alguma forma com a dinâmica da área, demandando ao menos a criação de outras estratégias para que sejam finalmente captadas pelo discurso e/ou pelo dispositivo.

Recentemente Santos et al. (2019) publicaram também um estudo sobre *o corpo saudável* tendo como foco os "signos-saúde" no mercado e na mídia[91]. Adotando como pano de fundo o contexto da sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 2007), os autores compreendem que "o consumo massificado exige uma padronização de relações e a entronização de certos discursos sobre si" (SANTOS et al., 2019, p. 241), sendo esta sua principal forma de agir sobre as subjetividades. Esta "entronização" – ou interiorização - resulta em signos-saúde que correspondem muito mais às expectativas de mercado que uma noção de saúde individualizada.

Para chegar a essa conclusão, Santos et al,. (2019) analisaram e mapearam peças publicitárias que traziam *saúde* junto a imagem de um corpo, ou seja, a representação do *corpo saudável*. Uma vez que a imagem do que conhecemos como padrão estético socialmente construído é vinculada ao discurso de saúde, configura um ideal de saúde incorporado. Deste modo, o corpo da imagem torna-se imediatamente uma representação do não-dito, um signo-saúde que por não ser narrado explicitamente admite todas as interpretações possíveis.

[91] Este é um território analítico que foge do meu escopo aprofundar, embora acredite ser de suma importância.

Sintetizando o que concluíram ser *o corpo saudável* presente na mídia, a partir das peças analisadas, Santos et al. (2019) defendem que este valor da sociedade pós-moderna (como classificam o cenário atual) é de natureza apolínea (corpo fabricado racionalmente com todos os recursos possíveis) e princípios espartanos (esforço, dedicação, educação e disciplina). Tal síntese assemelha-se ao que sugiro ser uma articulação co-produzida[92] (pela ciência e pelo campo da saúde) de estética e (bio)*performance*[93].

Observando os estudos, podemos questionar: porque as capas das revistas são tão frequentemente usadas para construir um *corpus* analítico sobre *corpo saudável*? As capas das revistas trazem possibilidades de abordagem e classificação instantânea dos sujeitos mesmo antes da popularização das redes sociais. Com uma mistura de signos e significados, imagem e texto, o discurso aproxima saberes médicos e científicos (em confluência com a Educação Física), signos culturais de beleza e saúde e tendências de mercado. A análise das revistas corrobora com a ideia de que *corpo saudável* é uma máquina de fazer ver e fazer falar, o que quer dizer que traz à visibilidade representações e abre espaço, não sem vigilância, para que outras representações sejam construídas.

Contornando a mídia e o mercado, e partindo para as academias como campo empírico, encontramos alguns estudos com homens praticantes de musculação (muitas vezes envolvendo anabolizantes). Nestes, a concepção de *corpo saudável* predominante é basicamente amparada pela estética e pela *performance* (PEREIRA, DA MATA, BISPO, 2013; IRIART, CHAVES, ORLEANS, 2009). Isto já foi chamado de estetização da saúde (FERREIRA, 2006), ou seja, a adoção de parâmetros estéticos como signos de saúde, compondo o que seria um corpo – e consequentemente um sujeito – saudável.

Em sua pesquisa de mestrado, Chaves (2010) percebeu que o "ser homem saudável" em Salvador (BA) mistura elementos contraditórios quando o assunto é a fabricação do corpo e das masculinidades: se por um lado o "homem de bem", que vive longe da violência e do tráfico, prega o discurso de controle sobre os excessos na vida mundana, por outro, a busca pelo corpo saudável/ nas academias admite excessos (riscos) que são legitimados por uma estruturante representação de saúde como sinônimo de força. Isto significa dizer que o imperativo moral e classificatório dos sujeitos é uma noção estetizada de saúde que pode, inclusive, romper com a própria noção biomédica que a respalda (quando lançam mão de anabolizantes, por exemplo).

[92] Tomo o termo emprestado de Sheila Jasanoff (2004).
[93] Discuto melhor o termo em outro capítulo.

Diante das concepções apresentadas, a partir dos estudos recentes, é preciso lembrar que elas situam-se em meio a uma discussão de viés crítico e que representam uma norma a ser descontruída, mas que longe destas concepções também existe corpo saudável, não o delimitado pela ferramenta do dispositivo, mas formas de subversão deste. Deste modo, não foi surpresa durante a realização da cartografia encontrar *o corpo saudável* da norma sendo reforçado em espaços em que ele é buscado, pois, estes são voltados para sua fabricação.

Deleuze, em *O que é um dispositivo* dá pistas da possibilidade de o dispositivo assumir diversos contornos sem que precise ser delimitado, quando escreve que repudia os universais, pois, o universal nada explica, ele que deve ser explicado.

> O uno, o todo, o verdadeiro, o objecto, o sujeito, não são universais, mas processos singulares, de unificação, de totalização, de verificação, de objectivação, de subjectivação imanentes a dado dispositivo. E cada dispositivo é uma multiplicidade na qual esses processos operam em devir, distintos dos que operam noutro dispositivo (DELEUZE, 1999, p. 3).

Diante do exposto, assim como a própria noção de saúde, não é possível limitar *corpo saudável* à biologia, pois, ao agregar outros elementos (como desejo, agência, estética, *performance* e mercado) ele transita entre natureza e cultura. Menos biológico do que a biomedicina propõe e mais material do que uma formulação discursiva, *o corpo saudável* dispositivo é antes um agenciamento, uma forma de interpelar os sujeitos com normas, *recomendações* e classificações (como vemos com a segregação do sedentário). Neste sentido, ser saudável e ter(ser) um *corpo saudável* pode agregar elementos diversos, oriundos das mais diversas fontes.

Estudos como o de Cordeiro e Montardo (2016), por exemplo, permitem que relativizemos esta noção. Realizada no baixo amazonas, a pesquisa traz um *corpo saudável* feito nas relações, sobretudo de parentesco. A construção no corpo da mãe começa com uma prática chamada de puxar/pegar barriga, que consiste em manobras executadas tocando a barriga da grávida com o intuito de moldar um corpo em processo de produção. Como lembram estas autoras, a moldagem do corpo é comum entre os ameríndios e implica na força de um corpo sendo preparado. Temos a partir daí um exemplo de *corpo saudável* fabricado e como esta "fabricação" tem ligação com a cosmologia ameríndia, outra forma de ver natureza e cultura.

Os resguardos - de mão e de boca da mãe e do pai – representam a valorização de certas partes (como o umbigo) e sua inserção em rituais decisivos implica em uma preparação, amparada na cultura, do "corpo saudável". Outras questões interessantes são abordadas pelo estudo, como a negação dos saberes institucionalizados pelas mães locais e

o recorte de gênero na responsábilidade pela formação de um corpo mal gerado (que recai sobre a mulher). O corpo saudável nesse sentido, é um corpo bem formado, bem moldado, cujo umbigo é bem cuidado pelas mulheres e o sujeito é feito na medida em que é *feito* o seu corpo (CORDEIRO; MONTARDO, 2016).

Um estudo realizado por Cintra e Pereira (2012) sobre concepções de corpo saudável entre pacientes e profissionais de Medicina Tradicional Chinesa (MTC), do Centro de Saúde Escola do Butantã (SP), traz um contraponto ao *corpo saudável* que temos discutido aqui. Neste estudo, que aborda o que conhecemos como "prática alternativa" (ou complementar), as autoras encontraram três noções de corpo: (1) corpo integrado (total, sem fragmentação); (2) corpo biológico (da biomedicina, onde se dão as intervenções diretas e fragmentadas, também suporte da alma); (3) corpo condensador de energia (motor da força vital). Como a MTC tem base na cosmologia Taoísta, seus princípios são o equilíbrio e a harmonia entre corpo, mente e espiritualidade, o que explicaria as três visões sobre corpos.

Por outro lado, os interlocutores de Cintra e pereira (2012) apontaram que um corpo "não saudável" seria um corpo deficiente, disfuncional ou desequilibrado (energeticamente, mentalmente ou fisicamente). Sobre as emoções que caracterizam um corpo saudável, foram citadas: alegria, alivio, liberdade, mobilidade e interação social. Dor, sofrimento, dificuldade de locomoção ou interação foram citados como emoções que caracterizam um corpo não saudável. O estudo em questão não buscou trazer um consenso sobre o que é um corpo saudável, embora a dicotomia saúde/doença tenha permanecido, o que ele sugere em conclusão é a possibilidade de outras saúdes e um certo holismo na adoção de práticas corporais:

> Essa outra concepção de corpo revela-se à medida que as pessoas incluem no seu cotidiano a preocupação de cuidar de seu corpo, não mais exclusivamente como um agrupamento de órgãos e tecidos com funções fisiológicas, mas considerando a dimensão imaterial e energética como antecessora da dimensão da matéria orgânica. Reconhecendo, nas sensações corpóreas e nos resultados alcançados durante o tratamento, a dimensão metafísica agindo sobre seus corpos e reestabelecendo o estado de equilíbrio e saúde (CINTRA; PEREIRA, 2012, p. 205).

Retornando ao nosso campo, no rastro do *corpo saudável* da Educação Física, destaco a tese *Mens Sana in Corpore Sano*: *compreensões de corpo, saúde e* Educação Física (MENDES, 2005), que discute como tais compreensões (corpo e saúde) foram reorganizadas por teorias científicas e pedagógicas nos séculos XIX e XX. A autora fez um levantamento das publicações sobre o tema em um periódico nacional (Revista Brasileira de Ciências do

Esporte) e evidenciou, entre outras coisas, as transformações na categoria saúde e como estas ajudaram a compor uma mudança de paradigma que se reflete no campo.

No estudo de Isabel Mendes (2005) nos interessa também a sua perspectiva crítica, que deu origem ao que ela chamou de teoria do *Corpore sano* (*corpo saudável*). Para refletir sobre os discursos do campo, a racionalidade científica e seus desdobramentos no terreno das práticas corporais foram colocados em perspectiva. Assim, a autora aponta que após 1980, aos poucos, as publicações da Educação Física abriram espaço para as ciências humanas, não de forma homogênea, mas com uma polarização entre abordagem biológica e visão histórico-social, e que seria preciso ainda avançar nesta possibilidade. Por fim, a contribuição deixada pelo estudo há pouco mais de uma década foi evidenciar a necessidade de concepções de saúde e corpo que permitissem um olhar crítico sobre as práticas corporais.

Desde as últimas décadas do século XX, instituições nacionais reúnem profissionais de diversas áreas para debates no campo da Educação Fìsica, como o que acontece nos eventos realizados pelo CBCE (Colégio Brasileiro De Ciências Do Esporte), pela Sociedade Brasileira de Atividade Física e Saúde (SBAFS) e pela recém criada Associação Brasileira de Ensino da Educação Física para a Saúde (ABENEFS), entre tantos outros. Nestes espaços, geralmente são levantadas discussões epistemológicas e direcionamentos, na tentativa de selecionar conceitos e práticas mais apropriados para o campo.

Rigo, Pardo e Silveira (2006), por sua vez, acreditam que: estes debates instauravam impasses e paralisias; no seu curso são invocadas verdades científicas de viés político; a racionalidade é seletiva (como as afirmações sobre risco, por exemplo) e os agenciamentos de conceitos atuam em favor de determinados pontos de vista e interesses de grupos específicos. Segundo estes autores, tais agenciamentos colocam o plano de consistência dos conceitos (sua origem e desdobramentos) em lugar secundário. Isto significa dizer que a Educação Física atravessa, desde as últimas décadas, um momento em que as disputas teóricas e conceituais são dominadas por jogos de poder.

Para ilustrar o que esta crítica enfoca, recentemente o trabalho de Neira e Borges (2018) analisa as *recomendações*[94] do Conselho Federal de Educação Física para a prática/formação profissional. No decorrer da análise, os autores afirmam que: as diretrizes adotadas pela instituição regulamentadora são uma forma de reprodução das relações de poder-saber já estruturadas no interior do campo, sobretudo no terreno da saúde; o voltar-se para o saber científico é "seletivo" quanto aos posicionamentos adotados, favorecendo o viés

[94] Sempre que utilizar o termo *recomendações* (em itálico) me refiro a uma forma atenuada de reforço da norma presente no discurso.

cultural da ciência; a educação para a saúde desde a infância é fruto de um projeto político, que delimita padrões rígidos de "hábitos saudáveis" e legitima o campo como responsável por uma "alfabetização motora".

Sintetizando o regime de crenças e práticas idealizado para os profissionais, os autores destacam:

> A questão fulcral, portanto [das recomendações feitas como diretrizes], é convencer o professor que um estilo de vida saudável pode ser obtido exclusivamente por meio da prática sistematizada de exercícios físicos sem considerar a variedade de fatores que interferem nesse processo. O recurso à linguagem alarmista pode ser entendido como simples estratégia de convencimento direcionada a eventuais questionadores da validade das aulas do componente na escola. [...] Além de incitar a cultura da performatividade, a quase totalidade das obrigações [do professor] remete a assertivas típicas das propostas baseadas na educação para a saúde. (NEIRA; BORGES, 2018, p. 581-582).

Essa afirmação serve para relembrarmos que a via de mão dupla que constitui o biopoder é formada pela biopolítica e pela capilaridade: na sociedade e no/para o campo da Educação Física são elaboradas formações e práticas discursivas (temporais e contextualizadas) que organizam várias noções sob a forma de discurso, como a construção social de *corpo saudável*, mas são os sujeitos (da agência) que estão na ponta operacional destes discursos. Por fim, no que diz respeito aos interesses político e econômico, que perpassam a produção do *corpo saudável* no campo, o texto traz uma conclusão:

> No cerne da biopolítica neoliberal, encontra-se o corpo saudável, nestes tempos, mais uma *commodity* a ser adquirida com vistas à inserção e à permanência no mercado de trabalho. No modelo de Educação Física escolar sugerido pelas *Recomendações* do CONFEF (2014), os sujeitos são convocados a lidar com seus próprios riscos e, assim, responsabilizados em caso de eventuais *fracassos*, sofrendo a penalidade em voga, qual seja, serem postos de lado caso não correspondam ao que deles se espera.

Em sua perspectiva crítica, o estudo de Neira e Borges (2018) argumenta em favor da liberdade de decisão do professor sobre as práticas a serem adotadas em sala de aula, ao mesmo tempo em que critica a instituição regulamentadora nacional. Faço coro à esta crítica no âmbito escolar, mas no caso do âmbito não-escolar (sobretudo os bacharéis que trabalham nas academias) os profissionais também se aproximam da lógica neoliberal intencionalmente, não são passivos neste contexto. Ainda podemos observar que a explanação das diretrizes institucionais para o campo representa para os autores uma mistura de "cultura da performatividade" e um apelo à busca individual *do corpo saudável*.

Sobre o discurso institucionalizado do campo, o CONFEF, órgão regulador de âmbito nacional, assume parte da responsabilidade de veicular e estabelecer conceitos e

diretrizes que serão adotados no país, tanto no âmbito jurídico quanto no exercício da profissão (área escolar, não-escolar e esportiva). Sobre todo seu período de existência, seu discurso publicitário, seus objetivos e forma de atuação, Jorge Steinhilber (presidente do Conselho) afirma que:

> A nossa publicidade e campanha institucional sempre teve como objetivo principal divulgar mensagens de cunho social e disseminar um conceito para a profissão, para a Instituição e para a sociedade. Durante duas décadas, veiculamos conceitos e argumentos que reforçam a identidade e os valores da profissão, propagando a finalidade do Sistema CONFEF/CREFs e a nossa personalidade. [...] Essa estratégia equilibra o conteúdo técnico e científico com o *marketing*, atrelando à marca Sistema CONFEF/CREFs, identidade e valores subjetivos, garantindo-lhe credibilidade (CONFEF/CREF, 2018).

Mais adiante no documento, o sistema CONFEF/CREF expõe como a noção de "sedentarismo" *versus* "estilo de vida ativo" foi endossada pela instituição, aliada à legitimidade dos conteúdos técnicos e científicos e ao *marketing* institucional (podemos citar o reforço anual da "homenagem" ao professor)[95]. O órgão em questão reivindica para si o reconhecimento conquistado pelo profissional e afirma que contribuiu para a sua valorização atual (destacando a vigilância ao cumprimento da lei 9.696/98, de regulamentação). Assim, argumenta que foi responsável por projetar a Educação Física como ponta operacional nos serviços de saúde:

> As ações [do conselho] também promoveram o debate sobre questões relacionadas ao sedentarismo, à obesidade e à inatividade física, incentivando a adoção de um estilo de vida ativo, além do reconhecimento da atividade física e do desporto como fator de desenvolvimento humano. [...] Vinte anos de comunicação - iniciada com a veiculação de jornal, crescendo pelas campanhas em cartazes, seguindo em revistas até chegar à televisão. O resultado desse trabalho tem sido uma infinidade de veiculações espontâneas em vários meios de comunicação (CONFEF/CREF, 2018).

Sobre o maquinário[96] do "estilo de vida ativo", uma dimensão mais subjetiva da atividade física, Alexandre Palma (2006, p. 28) conclui em sua tese que

> Constitui-se uma forma de controle que opera sobre corpos através de tecnologias de poder destinadas não só a imprimir um determinado modo de conduzir a vida [subjetivação], mas também regular as múltiplas formas de manifestação do viver [objetivação]. Esse discurso aciona um novo sentido de corpo perfeito, não só relacionando à superação de limites físicos em prol da modelagem padrão, mas também, e principalmente,

[95] Uma das estratégias de *marketing* mais conhecidas é a criação (2003) e popularização do dia do profissional de Educação Física (1 de setembro), cujo incentivo do Conselho à comemoração nos estabelecimentos (sobretudo privados) é aliado à divulgação na mídia, na tentativa de dar visibilidade ao campo e ao próprio Conselho.

[96] Palma utiliza o conceito de máquina desenvolvido por Deleuze e Guattari.

> ligado à capacidade de cuidar de si mesmo e evitar males que venham a comprometer o equilíbrio físico sanitário, tanto individual quanto coletivo.

Agenciadas pelo órgão no discurso, as noções de sedentarismo, inatividade e obesidade são colocadas como contraponto de um estilo de vida ativo, por isto, embora possam parecer situados em lados diferentes, sedentarismo/risco e *corpo saudável* compõem um mesmo panorama que alterna vigilância sobre o desvio e *recomendações* no cuidado de si. Na Educação Física ele se desdobra atualmente em valorização e potencialização da vida humana e da forma do corpo, a partir do investimento biotecnológico sobre ele. Estabelecem-se assim novos tipos de disputa no terreno da saúde, "nos quais a vida como um objeto político se volta contra os controles exercidos sobre ela, em nome das reivindicações de um 'direito' à vida, ao próprio corpo, à saúde, à satisfação das necessidades" (RABINOW; ROSE, 2006, p.24).

Como exemplo, anteriormente tentei apontar a dimensão política das ciências e como o sedentarismo advém da racionalidade científica, este que foi produzido no cenário contemporâneo como o comportamento desviante por execelência. Para o dispositivo de *corpo saudável*, o sedentarismo assume conotações negativas e função positiva ao mesmo tempo. O sedentário é o desviante que existe apenas na relação com o risco e em oposição ao sujeito ativo (a norma), no discurso hegemônico da saúde. Como consequência desta articulação, o aparelho de *corpo saudável* (com todas as suas recomendações e saberes envolvidos) sugere que: o desejo hipotético de autorregulação, autovigilância e fabricação do corpo pode conduzir a um retorno à norma. Sendo assim, ao ser legitimado como comportamento desviante na epidemiologia, o sedentarismo reforça a importância dos sujeitos buscarem saúde, e, consequentemente na Educação Física isto é traduzido como necessidade de buscar um *corpo saudável*.

A leitura da carta de Jorge Steinhilber no prefácio da publicação *Campanhas sistema CONFEF/CREFs* (2018) nos oferece uma compreensão de como é agenciada a articulação entre conceitos e saberes técnicos (elaborados como ações em consonância com a ciência e discutidos em eventos nacionais e seletivos), estratégias de *marketing* no campo e políticas públicas de intervenção.

Ainda sobre os arranjos do poder no campo, Rigo, Pardo e Silveira (2003) apontam que as razões que influenciam os seus jogos desde os anos 1980 são as descritas ao longo deste estudo: a necessidade de se solidificar enquanto área acadêmica de legitimidade, ao tratar de saúde; um rápido investimento de fundo neoliberal na formação, especialização de

profissionais; o interesse da mídia e do mercado em propor um novo modelo de corpo e saúde mais individualizado e mais exigente; a inconformidade da área com seus próprios paradigmas de fundação (o forte vínculo à educação e a limitação da nomenclatura, por exemplo). Isto tem relação direta com a criação de conceitos porque, embora estes sejam formas de intervenção no mundo, necessitam de condições de possibilidade para que possam se afirmar enquanto conceitos.

O que observamos no final das contas, a partir dos trabalhos de Rigo, Pardo e Silveira (2006) e Neira e Borges (2018) é que as formulações discursivas – convergências da biomedicina, da própria Educação Física, do mercado e da ciência – são agenciadas pela área (podem ser traduzidas em práticas, conceitos ou *recomendações*), nem sempre considerando uma tão subjetiva pertinência. Pensando que o discurso do campo produz ação individual e subjetividades, dentro de uma dinâmica que se funda em conhecer, combater (como no caso do sedentarismo) ou reforçar, a pergunta que inquieta é: até que ponto isto afeta a compreensão que os sujeitos tem de si, uma vez que a Educação Física reivindica o lugar de profissão responsável pela "qualidade de vida" em todas as suas fases?

Para Foucault (2008) a análise das formulações discursivas demanda compreender o enunciado como acontecimento, ou seja, como uma formulação de existência singular que se desdobra na produção provável de outras formulações. Ou seja, na construção das hipóteses sobre o discurso passam a ser implícitas as relações de poder, que ampliam seu horizonte para a capilaridade e a micropolítica.

Diante da crítica às *recomendações*, termo ironicamente destacado no estudo de Neira e Borges (2018) por ter conotação não explícita de forte influência, devemos lembrar que há na atuação profissional a possibilidade de agenciamento individual. Como disse, os sujeitos não são passivos em meio à complexidade dos jogos de saber-verdade, podendo por vezes apresentar condutas comprometidas e sensíveis aos anseios e medos do outro, diferentemente da rigidez dos protocolos que estabelecem causa-efeito, saúde e doença, morte e vida. Isto abre espaço para concepções reelaboradas individualmente, mesmo que signifique ir contra as normas do campo:

> Conceituar, nessa perspectiva [de reflexividade dos profissionais], é operar eticamente o pensamento, dobrá-lo em ações criadoras, emergentes de uma experiência que se interroga o tempo todo [...] Esses elementos, quando organizados segundo pressupostos éticos, estéticos e políticos visam a contribuir um princípio racional de ação conduzido pela busca de expansão de das forças vitais criadoras em contraposição ao "tu deves" (NEIRA E BORGES, 2018 P.167)

Exponho a hipótese de que conceito e prática são social e politicamente construídos, mas o agenciamento individual - que resulta na ação - é a expressão da ética, com base na minha vivência no campo. Musculação é uma área que não domino, mas tenho algum conhecimento sobre fisiologia e biomecânica que me permitem me aventurar nas digressões sobre o que me aconteceu na academia: enquanto minha primeira professora da academia Norte (Raquel) insistiu para que eu erguesse o peso do meu corpo no meu primeiro dia de treino de pernas (na *leg press* 45°), pois, "era normal que eu conseguisse erguer meu peso", a professora da academia Sul foi bastante sensível às minhas limitações e não me impôs nenhum "sacrifício". Raquel insistia que era "apenas o peso do meu corpo", fazendo com que eu olhasse para os demais, que não faziam "corpo mole". Se não fosse a pesquisa de campo, teria sido meu último dia na academia. Assim, do mesmo jeito que há possibilidade de reforço da norma, há sujeitos que podem subvertê-la (BUTLER, 2017; FOUCAULT, 1999).

Mas antes de concluir a discussão sobre agenciamentos do campo (coletivos) e agenciamento individual/maquínico (a dimensão da ética), em que expus que nem tudo que o campo determina é transformado em ação pelo profissional, gostaria de trazer um trecho de uma entrevista concedida pelo presidente do Conselho, na ocasião da comemoração do dia do profissional (2019):

> *Muitas pessoas se colocam a disposição para prestar serviço em atividade física. Nesse caso, o mínimo que a sociedade, que a população pode fazer é consultar o portal do Conselho Federal de Educação Física ou dos Conselhos Regionais e verificar se aquela pessoa que está prescrevendo aquelas atividades ele é um profissional de Educação Física registrado. Sendo um profissional de Educação Física registrado, ele tem a responsabilidade ética do que ele está prescrevendo e da forma como ele está desenvolvendo. Certamente, terá uma segurança maior do que uma pessoa que não tem nenhuma formação, nem um vínculo com conhecimento científico.* (BADU, 2019)[97]

Atentos para os termos responsabilidade ética e segurança, o presidente assegura que o registro no Conselho (e pagamento anual)[98] é o que oferece a garantia de que os profissionais irão ser idôneos e éticos em suas "prescrições", ou seja, a ética estaria vinculada à institucionalização do profissional e não à possibilidade de contextualização dos protocolos (ressignificação individual). A fala destacada, a meu ver, tanto desqualifica a necessidade

[97] Ana Luíza Badu. Reportagem Especial: Dia do Profissional de Educação Física (programa trabalho e justiça, Rádio Justiça - Brasília – 104,7 FM), set. 2019. Disponível em: < http://tst.jus.br/web/guest/noticia-destaque-visualizacao/-/asset_publisher/89Dk/content/reportagem-especial-dia-do-profissional-de-educacao-fisica/exclusive? ...>

[98] Em 2019 o valor da anuidade de Pessoa Física é R$ 603,07 e de Pessoa Jurídica é de R$ 1.490,40 sem descontos. O conselho tem sido incisivo na necessidade de registro para o exercício da profissão.

reflexividade e ética, quanto condiciona a segurança, bem tão precioso no cenário de valorização da vida e das incertezas do corpo (ORTEGA, 2008), à instituição. Me pergunto diante disto se os profissionais que apresentam certas condutas que não condizem com os "princípios éticos" da profissão – que afinal são construções sociais – estão registrados no Conselho.

Pensando sobre isto, reitero a "crítica prudente" de Mira (2003), que à época era bem incisiva por causa do contexto de abertura para as ciências humanas: a pretensão com esta discussão não é negar os benefícios do exercício físico, mas repensar o entusiasmo (muitas vezes acrítico), traduzido em obrigatoriedade e vigilância, com o qual leigos e profissionais tratam a relação causa-efeito que existe entre atividade física e saúde. O que é necessário na realidade é expor a dimensão cultural e social desta categoria de imenso valor, que foi naturalizada por quem detém o poder legítimo de estabelecer seus limites e normas, delimitando, entre outras coisas, o que seria ou não sinônimo de *corpo saudável*.

Sobre esta questão, podemos recorrer à genealogia do poder de Foucault (2003; 1999), que compreende que os seus mecanismos se desdobram tanto no discurso quanto na dinâmica das relações face a face, cuja (auto)vigilância dos gestos e das ações expressa um exemplo da sua capacidade produtiva. Ambos os níveis encontram um ponto de intersecção: toda ação sobre os corpos representa ação sobre os sujeitos (e vice-versa). Este é o sentido dado por Foucault ao corpo, o lugar de convergência do biopoder, porque para o discurso não existe *um* corpo, existem vários corpos, e nas formulações discursivas acerca destes podemos encontrar pistas sobre formas de produção/classificação dos sujeitos (FOUCAULT, 2008). No seu quadro analítico, onde encontramos o conceito de dispositivo, mesmo as noções mais enraizadas na cultura ou na sociedade podem ser repensadas à luz da tríade saber-poder-subjetivação.

Segundo Foucault (2004, p. 34) os dispositivos são um conjunto heterogêneo de "discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas". Um constructo das práticas culturais e dos discursos, oriundo de instâncias diferentes, que faz com que uma ideia específica adquiria sentidos diferentes ao longo da história. Nos entremeios do dispositivo está tudo aquilo que se pode falar sobre ele, e a rede que liga os discursos no seu interior é o próprio dispositivo, cuja relação dos componentes heterogêneos constituem e organizam os sujeitos (DREYFUS; RABINOW, 2012).

Dreyfus e Rabinow (2010), analisando o dispositivo foucaultiano, propõem que ele foi um termo técnico adotado para descrever uma ferramenta e não um conceito. À princípio,

esta ferramenta é: (1) distinta da episteme; (2) formada por componentes heterogêneos (sua origem difusa); (3) utilizada para reunir e isolar relações flexíveis de um aparelho específico. Sobre sua capacidade produtiva, a novidade está não no que é dito, mas nos seus desdobramentos, tanto em termos de discursos e práticas quanto em termos de sujeito (AGAMBEN, 2005).

Deleuze (1995) explica que no dispositivo "os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos em posição são como vetores ou tensores.". Além disto, ele pontua as três dimensões de um dispositivo: em primeiro e segundo lugares as "curvas de visibilidade e as curvas de enunciação [...] [em terceiro lugar], as linhas de força" (DELEUZE, 1995, p. 157). O dispositivo mostra sua especificidade e potência no "teor de novidade e criatividade, que marca ao mesmo tempo sua capacidade de se transformar, ou de se cindir em proveito de um dispositivo futuro, ou ao contrário, de fortificar-se sobre suas linhas mais duras, mais rígidas ou sólidas" (DELEUZE, 1990, p. 159). Isto implica na visibilidade do dispositivo pela sua face produtiva e quer dizer que, ele tanto se desdobra sobre si mesmo, buscando se reinventar, quanto age na vigilância cotidiana, na crença nesse sistema, na sutileza dos discursos, estimulando práticas e comportamentos. Afirmar a capacidade produtiva do dispositivo não significa que o poder coage cerceando a liberdade, pelo contrário, significa poder ecoar em vários espaços ao mesmo tempo, das formas mais variadas.

Sobre dispositivo e sujeito, em Agamben encontramos a crítica à dessubjetivação contemporânea, ou seja, a ideia de que se antes o dispositivo produzia apenas subjetivação, agora ele produz ao mesmo tempo as duas coisas sem, no entanto, dar origem a um novo sujeito. Isto implica em inércia e no deixar-se capturar pelos diversos dispositivos:

> Daqui, sobretudo, a singular inquietude do poder exatamente no momento em que se encontra diante do carpo social mais dócil e frágil de que se tenha notícia na história da humanidade. É por um paradoxo somente aparente que o inócuo cidadão das democracias pós-industriais [...], que executa pontualmente tudo o que lhe é dito para fazer e deixa que os seus gestos cotidianos como a sua saúde, os seus divertimentos, as suas ocupações, a sua alimentação e os seus desejos sejam comandados e controlados par dispositivos até nos mínimos detalhes, e considerado - talvez exatamente por isso - pelo poder como um terrorista virtual (AGAMBEN, 2005, p. 15).

Antes de caminhar para a discussão do dispositivo de *corpo saudável*, Pellejero (2006) nos lembra que há uma possível articulação do dispositivo com a ideia de agenciamento de Deleuze, que vem desde a origem deste conceito, embora não seja conclusivo quanto a esta relação. Por hora, uso o conceito de agenciamento para falar das

negociações micropolíticas (inclusive no terreno do desejo) e agenciamentos do campo, já o conceito de dispositivo parece-me ferramenta útil para reunir pistas do meu objeto.

O conceito de agenciamento para Deleuze e Guattari comporta duas dimensões: uma de conteúdo e uma de expressão. A primeira é aquilo que os autores chamam de agenciamento coletivo (enunciação), a segunda, agenciamento maquínico. "O*s Agenciamentos coletivos de enunciação* funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos, e* não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos" (DELEUZE, GUATTARI, 1995b, p. 14, grifo do autor). Os agenciamentos maquínicos relacionam-se com os corpos, as ações e as intensidades. Tal relação, no pensamento de Foucault, pode ser enxergada sob a ótica da dimensão capilar das relações corpo a corpo. Os agenciamentos coletivos, ou de enunciação são, entre outras coisas: formulações discursivas de caráter social e cultural; elaborações no terreno da linguagem e dos enunciados; gestos, comportamentos; subjetividades.

Ciente da sutileza do dispositivo, tentei seguir a pista dos discursos e das práticas, que são movimentos pendulares, ou mesmo, da capilaridade do poder. Durante o trabalho de campo, por exemplo, ouvi com frequência "estou acima do peso" (que peso?). Está implícito na frase que acima do peso significa diferente da norma biomédica e o referencial não é o próprio sujeito nestes casos, do contrário, a frase poderia ser: estou acima do meu peso. Esta formulação é apenas um dos exemplos de que o que se fala sobre o *corpo saudável* está muitas vezes implícito, o que gera uma imensa dificuldade no trabalho de campo. Neste sentido, o dispositivo nem sempre está posto, ele está nos entremeios e se revela muito mais nas possibilidades de dizer algo do que no que é dito por si só.

Tentei mostrar até agora que na sociedade ocidental contemporânea *corpo saudável* é um "gatilho" que recruta diversos significados. Sendo objeto histórico do campo da saúde, com frequência nos deparamos com índices de normalidade (LDL, HDL, colesterol, insulina, etc.), proporcionalidade e medidas de desempenho ao buscar esta noção no campo. Pensando nos discursos hegemônicos: para a biomedicina é importante que as taxas estejam normais e o sujeito livre de doenças; para o mercado que o sujeito consuma e mostre poder aquisitivo; para a mídia a estética é fundamental; nas tecnociências o corpo é esquadrinhado e manipulado; para o Estado é importante que os sujeitos cuidem de si e mantenham a saúde; para a Educação Física importa a *performance* e a fabricação do corpo saudável/belo. Em cada âmbito, *corpo saudável* adiquire níveis e ênfases distintos, mas que convergem para uma ideia minimamente compartilhada do que possa expressá-lo. O que procuro explicar é

que a dimensão positiva/produtiva do dispositivo expressa a sua versatilidade ao reinserir-se nos discursos. Em suma, sua capacidade de se reproduzir em várias direções.

O dispositivo como ferramenta analítica e política foi utilizado neste estudo na tentativa de aproximar discursos e práticas que expressam uma noção aparentemente naturalizada, que é passível de desconstrução. Embora em alguns momentos traga o discurso biomédico, o interesse foi montar o esqueleto um panorama geral para abrir mais um precedente para a desconstrução, partindo do meu olhar pessoal de construção do objeto.

Retomo a ideia de corpo como uma construção social, mas enfatizo que esta noção que apresento não nega a biologia, ele torna a saúde noção corporificada, seja pelo contraste com a doença, seja pelos signos projetados no corpo. Na especificadade do campo, essa discussão acaba demandando substancialização/materialidade, que pode assumir a forma de imagem e/ou de (bio)*performance*, devido a aproximação histórica entre saúde, beleza e desempenho. Trazer contribuições da ciência e da medicina em sua composição não quer dizer que este *corpo saudável* é biológico e que seja a única alternativa possível, mas que ele, dotado de capacidade produtiva, estrutura discursos por ser foco importante das intervenções, conforme aponta Bagrichevsky (2007, p.2).

> A noção ambígua de um corpo saudável [...] talvez seja um bom ponto de partida para pensar a utilização contemporânea das racionalidades e biotecnologias incidentes sobre ele (o corpo), uma vez que compõem um instrumental diversificado que o redimensiona numa velocidade espantosa, ao mesmo tempo em que o torna radicalmente contingente.

Corpo saudável aparece no campo da Educação Física como uma junção de abordagens ou como sinônimo do *ser saudável*, e a mídia e o mercado exploram amplamente esta noção na busca por um produto comercializável, tornando-o ainda mais amplo e corporificado. No discurso científico ele surge também nas definições do que *não é corpo saudável*: estar acima do peso, estar abaixo do peso, ter muito açúcar no sangue, não poder comer açúcar, dormir demais, dormir de menos, ficar muito tempo sentado, etc. A dimensão subjetiva do dispositivo está bastante presente na "cartilha social" de comportamentos de saúde, que traz *recomendações* de comportamentos e práticas. Tais comportamentos objetivados mudam com o contexto, mas não excluem os que não creem no dispositivo, pelo contrário, tentam incluir cada vez mais sujeitos. Aquele que não crê no *corpo saudável* é um não-crente, um sujeito resistente, dotado de agência, mas ainda assim não é um fora-do-mundo (DUMONT, 1985).

Agenciada pelo campo da Educação Física, a noção mobiliza uma cadeia de saberes e especializações, que implicam em um mercado do conhecimento. Embora seja um valor

social, *corpo saudável* não é império de nenhuma ciência, cultura, sociedade, porque assume diversas faces: na existência corpórea, nas crenças, nos desejos, na resistência, na intersubjetividade, no mercado, na subjetivação. Ele mobiliza discursos e sujeitos acerca do que se pode falar sobre ele. Deste modo, os contornos do *corpo saudável* não são precisos, são difusos e as formas que o dispositivo assume são a expressão da sua capacidade de desdobrar-se, implicando menos no interesse de delimitar sua forma que nas suas condições de possibilidade.

7 FABRICANDO *O CORPO SAUDÁVEL*

No primeiro dia de treino me dirigi ao *bureau* do professor responsável pela assistência aos alunos naquele horário, que me fez perguntas sobre meus objetivos, hábitos, desejos e experiências anteriores. Sei que este momento "confissional" é comum na anamnese, instrumento que auxilia diagnósticos, cujo nome significa trazer de volta memórias sobre práticas anteriores.

Para a Educação Física a anamnese é um recurso interpretativo, em que se equacionam: a objetivação do histórico de comportamento do cliente/aluno; a probabilidade de risco em eventos futuros; os objetivos a serem alcançados. Em termos de narrativa, ela demanda autoanálise e classificação dos hábitos. Deste modo, aquele que narra suas ações passadas faz um exercício de subjetivação a partir das memórias, aproximando-as dos referenciais da saúde, pois, precisa traduzir em seus termos o que lhe é perguntado: *"Você pratica alguma atividade física? Quanto tem de altura e peso? Sobe escadas? Sente dores articulares? É diabética? Toma algum remédio controlado?"*.

Durante a "confissão anamnética" conheci Pedro (32 anos, moreno, 1,75m, com musculatura definida, cabelo e barba sempre cortados rente a pele). Ele foi meu professor e interlocutor durante a maior parte do trabalho de terreno na academia Norte. Na ocasião, não tive como expor que estava na academia apenas para fins acadêmicos. Então, só falei sobre os horários e a modalidade escolhida (musculação). Disse que não queria emagrecer, mas não defini o que queria. Isto porque, tinha ouvido alunos antes de mim serem questionados sobre seus objetivos e respondendo que queriam um treino voltado para partes específicas do corpo. Eu não saberia responder esta pergunta. Dentre os objetivos que ouvi naquele dia, a palavra saúde não se fez presente, mas no decorrer da pesquisa percebi que ela aparece bastante no discurso como justificativa/motivação ou na forma de parâmetros legitimadores do exercício. Isso será discutido em outro momento.

Conversando com alguns alunos depois da anamnese, na primeira sessão de treino, ouvi que era deles que partiam objetivos como "ganhar braço ou perna", isso que interpreto como uma ideia fragmentada de corpo. Ou seja, na sua visão não era algo imposto, era "natural" a metonímia corporal. Uma mulher jovem ao meu lado queria "perna e bunda", uma outra jovem (ambas entre 25-30 anos), achando que estava "flácida", queria definir o braço, "mas não muito".

Observando a fragmentação do corpo nas narrativas das alunas da academias de ginástica, é possível compreender que o desejo pelo enrigecimento de uma parte específica do corpo tem a ver com questões cutlurais que passam despercebidas por terem sido naturalizadas, algo semelhante à discussão da proeminência da mão direita sobre a esquerda (como expressão da distinção entre bem e mal). Pensei que enquanto os resguardos de mão, boca e umbigo ajudam a moldar o corpo saudável e fazem o sujeito no baixo amazonas (CORDEIRO; MONTARDO,2016), nas academias de ginástica o *corpo* é fabricado pelo sujeito moldando pernas, braços e abdome, tanto entre homens quanto entre mulheres. Pensei também que da mesma forma que observaram estas autoras, o cuidado com partes do corpo guarda em si também uma dimensão estética, mesclando assim atributos físicos do corpo, formação do sujeito e algo de saúde. Sobre esta questão, Foucault (2003) nos lembra que a forma de o sujeito se constituir de maneira ativa, por meio das práticas de cuidado de si, não é algo inventado, são esquemas culturais propostos, sugeridos e impostos pelo seu grupo social.

Na academia de ginástica a fragmentação do trabalho sobre as partes remete à noção de corpo como máquina, que marcou a Educação Física nas últimas décadas. Neste contexto, é preciso lembrar que as demandas – campo e sujeito - se retroalimentam: o campo – da Educação Física - legitima este tipo de "ênfase", produzindo a noção de que o corpo é realmente uma máquina, mas os indivíduos escolhem e informam ao campo seus desejos, projetam e são projetados nos discursos, e nos entremeios do poder se constituem como sujeitos (BUTLER, 2017).

Ao tocar a questão do corpo fragmentado, é pertinente pensar que esta noção advém de uma interpretação moderna do corpo esquadrinhado pela ciência, dividido em partes e ao mesmo tempo suporte de um indivíduo voltado para si, que busca diferenciar-se. Mas em que a fragmentação do corpo, herança da modernidade, contribui para o processo contemporâneo de fabricação do *corpo saudável*? O *corpo saudável* é fruto do investimento sobre as partes?

Ao discutir o corpo fragmentado, Ortega (2008) apresenta um breve histórico das suas transformações ao longo dos séculos. Este autor lembra que em algumas interpretações o "corpo total", representado na arte classicista como unidade, surgiu como as ambições humanas de encontrar um ideal normativo que remetesse à harmonia por meio de uma visão antropomórfica. Por outro lado, para alguns autores o corpo fragmentado, sem limites encerrados em si da arte modernista, é um manifesto contra as ilusões de identidade e humanismo, ou seja, uma crítica à modernidade. Ao apresentar estas interpretações, Ortega

(2008) questiona se na pós-modernidade a fragmentação não é a expressão mais universalizante da norma, uma vez que é de partes normais que essa imagem do corpo unificado se constitui. Então, ele chama atenção para o *páthos* da fragmentação presente na visualização médica do corpo, que na cultura atual implica na "cultura da dissecação", da hiperespecialização e da tecnificação (ORTEGA, 2008, p. 176). Também aponta o fato de que ao enfocar cada parte, a biomedicina as torna independentes, nos fornecendo um modelo de corpo ideal igualmente fragmentado.

No mercado, esta fragmentação está explícita na variedade de produtos de caráter hiperespecializado: temos shampoo para todos os tipos de cabelo, sabonetes para todos os tipo de pele, calçados para todas as ocasiões, protetor solar para diferentes horas do dia, etc. Neste contexto, a unidade orgânica chega a ser um empecilho para a mercantilização, isto porque, as partes do corpo representam vários corpos em um mesmo corpo, todas passíveis de intervenção. Mas no que diz respeito ao sujeito e seu corpo, ele ainda o experimenta de forma unificada, pois, a fragmentação é muito mais um discurso do que uma realidade (ORTEGA, 2008). Desejar que as partes sejam investidas na musculação, na cirurgia plástica, nos procedimentos estéticos, ainda é muito mais uma forma de individualização e ao mesmo tempo de homogenização, perpassada por discursos mercadológicos e biomédicos, que uma forma real de experimentar o corpo de modo fragmentado, pois, no final das contas o corpo é o próprio sujeito.

A fragmentação do corpo já foi comparada à composição da máquina, cujas partes são passíveis de intervenção (KEHL, 2003). Esta afirmação tem relação direta com a especialização do conhecimento tecnocientífico e com a (bio)medicina, que a partir dos exames de imagem e das técnicas de investigação molecular conseguiram separar o corpo em partes microscópicas. A fragmentação também está expressa na proposição do corpo ideal "superinvestido" da mídia, na qual os discursos convidam tanto a ter um corpo saudável quanto a ter um abdome sarado, uma cintura fina, braços fortes, pernas torneadas, etc. Neste cenário, o resultado é a emergência de níveis de discursos de corpo: de um lado o ideal de *corpo saudável* – dispositivo - legitima os investimentos sobre as partes nesta construção de grande valor social; de outro, a atenção para com cada parte representa a possibilidade de cada sujeito, mediante esforço e invetimento, poder controlar a si mesmo.

A máquina, assim como a prótese, a cirurgia, o anabolizante, a suplementação, é fruto da união entre ciência e tecnologia, que são, por sua vez, perpassadas pela biopolítica[99]. Se

[99] O conceito de biopolítica, que advém do biopoder, é utilizado por Foucault para referir-se a uma mesma corrente caracterizada pelo desenvolvimento de duas formas de poder: (1) uma anatomopolítica do corpo, por

observarmos bem, esta malha de linhas de força no cenário atual induz ao uso encadeado de todo o leque de opções de recursos e saberes, que implica em um sujeito que constrói a subjetividade a partir do corpo lançando mão de inúmeras fontes.

Nas primeiras semanas de treino, bastante cansada por causa do treino em si e por causa das voltas que dava na academia tentando encontrar as máquinas com as quais não estava familiarizada (como o *pullover* , o *crossover* e a *hack*), percebi uma pessoa atrás de mim a me encorajar. Daniela (22, estudante) era aluna como eu, mas treinava há mais tempo e percebeu meu cansaço. O local em que estávamos era movimentado e favorecia interações (por causa do revezamento de máquinas), então ela veio até mim e me contou que todo início era difícil, mas que era só ter "força de vontade no começo" para transformar "a gordura em suor", o que nas entrelinhas significava que com algum (ou muito?) esforço eu atingiria meus objetivos. Em seguida, Daniela me deu algumas dicas de como ajustar as máquinas que precisava utilizar naquele dia e me fez pensar que para caminhar na trilha da fabricação de um *corpo saudável* seria necessário conhecer e dominar a técnica.

O simples fato de conseguir transitar pela academia corretamente já exigia no mínimo o conhecimento das máquinas (em sua maioria nada autoexplicativas). Também era importante saber os horários de maior e menor fluxo, para que o treino pudesse estar correto, ou seja, conhecer a dinâmica do ambiente. Levei quase duas horas nas primeiras semanas para conseguir completar o treino e algumas semanas para me adaptar a treinar sem precisar apertar o "botão de emergência da máquina" (que alertava o professor sobre os chamados), uma espécie de extensão do professor por toda a academia. A existência deste botão prometia multiplicar a atenção e fazia parecer que o professor estava em todos os lugares, como um desdobramento da sua presença. Apesar disto, o espaço era grande e a quantidade de profissionais era reduzida (típico das academias *low cost*), o que geralmente implicava em distância dos professores.

Nas semanas seguintes, na academia Norte, fui percebendo coisas como: nas segundas-feiras as máquinas para músculos inferiores estavam geralmente ocupadas por mulheres, enquanto as máquinas de músculos superiores estavam geralmente ocupadas por homens; quem detinha o poder legítimo de uso dos equipamentos complexos eram os mais treinados; as pessoas novatas eram as únicas a procurar o professor com frequência; existia

meio da ação das disciplinas que atravessam a totalidade do tecido social; (2) uma biopolítica da população, centrada em uma grande variedade de controles e intervenções reguladoras do bem-estar, dirigidas à população considerada como corpo-espécie (MITJAVILA, 2015, p. 118).

uma ética específica do espaço que consistia basicamente em organização e higiene (guardar os pesos e limpar o suor das máquinas era indispensável).

Quase um mês depois do início dos treinos, ainda sentia dificuldade em memorizar os nomes e a forma de ajustar as máquinas, o que me ajudou de certa forma no contato com alguns informantes. Mencionei que o modo de contactar o(a) professor(a) era através de um botão vermelho localizado na máquina, que fazia piscar o seu relógio de pulso, isto atrasava um pouco a sua chegada quando ele estava longe. Enquanto o professor me localizava em meio as máquinas, as vezes aparecia um ou outro aluno que me auxiliava, o que rendeu boas conversas.

Novamente no trabalho de terreno, oito horas da manhã, cheguei na academia e encontrei Fernanda[100] (33 anos). Nos conhecíamos da escola, mas não a via há algum tempo. Ela treinava há alguns meses e combinamos de treinar juntas daquele dia em diante. Entramos na sala, ela me contou sobre os seus treinos e me apresentou Larissa (33 anos, empresária), que costumava frequentar a academia no mesmo horário que nós. Seguimos juntas. Fernanda e Larissa se tornaram interlocutoras importantes porque o horário em comum nos treinos favorecia as nossas conversas.

Frequentar os mesmos espaços na academia é fundamental para estabelecer laços. Usar as mesmas máquinas nos mesmos horários, denota estratégias, objetivos, posições e formas de fazer que se entrecruzam nas trajetórias cotidianas (CERTEAU, 2003), traduzindo-se como aproximação ou possíveis afinidades, neste local que configura-se como *pedaço-mancha* (MAGNANI, 2002): uma espécie de afinidade que considera as escolhas individuais, na trajetória de fabricação do corpo, como elemento estruturante.

Estar nas esteiras ou nos elípticos (na entrada) e no banheiro (na saída), geralmente no turno da manhã[101], fez de nós três parte da "turma da manhã" (nome dado por Flavia, 36, encarregada da limpeza do banheiro feminino), que também era formada por Cintia (25 anos, estudante de jornalismo), Raquel (*personal trainer*, 33 anos), além de Larissa (27 anos, empresária), Sônia (42 anos, dona de casa) e Daniela (22 anos, estudante), algumas das minhas principais interlocutoras. É perceptível a predominância do gênero feminino na academia Norte, algo que atribuo ao que citei anteriormente sobre os fazeres.

---

[100] Colega de treino por muito tempo e interlocutora a quem credito muitas conversas produtivas e certa abertura no campo, pois, Fernanda transitava bastante na academia e costumava me inserir em conversas com alunos e professores.

[101] Cheguei a ir mais de uma vez por dia, mas nunca deixei de ir pela manhã. Busquei os mesmos horários por causa destas questões e quando achava importante também ia de tarde.

Alguns dias depois, chegamos juntas à academia, eu e Fernanda. “Mais um treino pra conta” (Larissa, 27), que em pouco tempo “estaria pago”. Meus professores e muitos dos colegas de treino usavam estes termos. Pedro achava engraçado quando me referia à esta expressão como algo inusitado: “não é assim que fala? ‘Tá’ pago!...Então... ‘Tá’ pago!”, eu falava. Uma conta e uma dívida a pagar, cada dia que passava percebia que as pessoas da academia Norte se sentiam realmente assim: em dívida com seu corpo.

Comentei em uma das conversas com a “turma da manhã”[102], depois do treino no banheiro/vestiário da academia, que treinava para poder relaxar no final de semana, afinal de contas, comecei a pensar – com grande ajuda das pessoas que me perguntavam constantemente: “mas você agora não é *fitness*?” - que poderia aproveitar o final de semana “melhor” se treinasse corretamente. “Tudo pago, o final de semana seria de descanso e alimentação livres”. Falei isto de forma tão espontânea que fui surpreendida por uma moça que trocava de roupa e respondeu (Daniela, 22):

> *não, mas você não tem que pensar assim, a gente tem que treinar “pra” definir, não pra enfiar o pé na jaca. Pé na jaca[103] é só uma vez por mês, se não a gente ganha tudo que perdeu [peso]. Eu, sinceramente, quando como muito fico me sentindo culpada. É foco!*

Cintia (25) disse em seguida: *“Ah! Mas eu nem ganhei [músculo] ainda tudo que eu queria, nem posso pensar nisso”*. Conversamos mais um pouco sobre ganhar e perder, cada uma das minhas interlocutoras com seus objetivos e desejos, e eu sem uma meta específica (a não ser a cartografia). Enquanto ouvia as dicas de alimentação, exercício, sono, foco, eu pensava na minha trajetória pessoal (crenças e desejos) e na tarefa de agenciar as recomendações para compreender a questão da renúncia e do “foco” na fabricação do *corpo saudável*.

Compreendo que as *recomendações* advém de um panorama mais amplo que envolve cultura, sociedade, ciência e meios de comunicação. Por este motivo, acredito que com o aumento da disponibilidade de informação, saberes e recursos no século XXI, estas “*recomendações”*, somadas à uma ideia de dívida “a pagar” (“tá pago!”) por meio estratégias individuais de cuidar do corpo, podem ser interpretadas à príncipio como formas de responsabilização sobre si. Responsabilização e não responsabilidade, porque resulta em

[102] Chamarei assim a turma composta pelas interlocutoras citadas e por mim porque era assim que Flávia nos chamava quando saíamos do treino e chegávamos no banheiro. Nem sempre todas estavam presentes nas conversas, ou mesmo outras pessoas se juntavam a nós, mas com idas e vindas era comum que nos encontrássemos formando este grupo.

[103] Advém desta expressão popular o termo enjacar, usado para falar que alguém engordou.

autovigilância, que significa manter constantemente os investimentos sobre o corpo. Uma dívida que no final das contas nunca estará paga.

A responsabilização, enquanto ferramenta biopolítica dúbia, que oferece e regula o cuidado de si, ganha respaldo nos mecanismos de valoração moral e na noção de fundo neoliberal de que cada sujeito é capaz e deve ser empreendedor de si. Nesta, no lugar das proibições, leis, sanções, normatividades, entram em cena a iniciativa e a motivação. Seu efeito sobre os corpos é canalizar os sujeitos para práticas específicas (elaboradas pelo/no discurso), que, por sua vez, colocam o corpo como elemento central na produção de subjetividades: "tenha um estilo de vida ativo e seja feliz, saudável, forte, jovem, belo"; "seja sedentário e assuma as responsabilidades de ser desleixado". Isto implica dizer que a responsabilização é um mecanismo que atua sobre a individualidade, neste caso opera "incorporada", e, portanto, nos remete à questão de como as instituições e os discursos produzem não o corpo, mas regimes de corpo.

Minhas colegas sugeriram dali em diante "ir mais devagar" no final de semana. Depois de ouví-las, senti como se a minha dívida dobrasse, pois, segundo elas, eu perdia todas as minhas conquistas semanais por não "ser focada". Assim, a ideia subjetiva de foco traduz-se também em autovigilância e necessidade de investimento na fabricação do corpo. Estas noções subjetivas, aliadas a uma ideia de corpo específica, compunham por fim o início do projeto de fabricação de um *corpo saudável* que parecia diferente do meu.

Sobre o leque de *recomendações* que ouvia, que na verdade são estratégias agenciadas individualmente a partir do discurso de corpo, vão ao econtro do que escreveram Santos et al (2019, p. 247, grifo nosso):

> *O receituário da saúde* para assegurar a conquista da longevidade com saúde plena é claro e transparente: todos nós sabemos que é preciso comer com moderação, fazer uma dieta saudável e exercitar-se regularmente. O posicionamento científico, ao ser traduzido pelo mercado de consumo, apresenta esse receituário em poucas palavras: comer pouco, malhar muito.

O "receituário de saúde" (que vem amparado por signos estéticos) traduz-se em escolhas racionais, supostamente livres, autovigilantes e produtoras de práticas. Nesse sentido, Ortega (2003) considera que os processos de subjetivação que envolvem as práticas de cuidar de si e cuidar do corpo implicam no autocontrole do indivíduo, um controle menos vigilante do outro e mais vigilante de si mesmo, uma "autoperitagem". Na base destes processos de subjetivação está a noção de risco, categoria que suporta a racionalidade nos cuidados com o corpo, cujo discurso atual produz sujeitos dotados de uma "reflexividade corporal" específica:

> O indivíduo se constitui como autônomo e responsável através da interiorização do discurso do risco. O corpo e o *self* são modelados pelo olhar censurante do outro que leva à introjeção da retórica do risco. O resultado é a constituição de um indivíduo responsável que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o desvio aos riscos (ORTEGA, 2003, p. 64).

A partir de Ortega (2003), verificamos que a importância de pensar a autovigilância, bem como a responsabilização, deve-se às subjetividades que elas mobilizam e ao fato de que tanto justificam excessos, na busca por ideais de corpo a qualquer custo, quanto legitimam sistemas de classificação que apoiam-se na moralidade. Bagrichevsky (2007, p. 4) trata esta questão ética a partir da discussão dos "imperativos morais" que perpassam o *corpo saudável* e o ideal de saúde contemporâneos:

> [...] intelectuais críticos da modernidade tardia chamam atenção, de diferentes maneiras, para a metamorfose que o papel do cuidado individual com a saúde e com o corpo vem sofrendo hoje no mundo globalizado. Essa mudança de sentido prolifera ênfases retóricas que fazem alusão à responsabilidade pessoal e à obrigação moral do 'dever-ser'... saudável, belo(a), magro(a), jovem, ativo(a)!. Trata-se de uma dimensão ascética pulverizada através de recomendações sobre mudanças de comportamentos (estilos de vida) e cuja circulação tem se tornado cada vez mais ampliada

A ideia de saúde persecutória de Castiel e Alvarez-Dardet (2007), apresentada anteriormente, cuja metáfora aponta para hábitos e comportamentos enquadrados por estratégias de caráter biopolítico, é interessante para pensar que os discursos terminam por moldar crenças e valores acerca da relação do sujeito com o próprio corpo. Na saúde persecutória o corpo não suporta a subjetividade, o corpo é o próprio sujeito e o discurso de saúde estrutura o arcabouço moral que determina que tipo de sujeito este corpo deve vir a ser.

Para além do paradigma da moralidade, é preciso frisar que podemos analisar este "receituário de saúde" (SANTOS et al., 2019, p. 247) e as estratégias agenciadas pelas minhas interlocutoras sob a perspectiva positiva, que no cenário contemporâneo em muito se aproxima da discussão sobre um sujeito empreendedor de si. Esta perspectiva tem relação com o momento atual e com o que muitos autores chamam de individualismo de massa, no qual as condutas são constantemente avaliadas e o sucesso ou fracasso advém das escolhas do próprio sujeito:

> pode-se supor que os valores de autonomia, responsabilização, empreendedorismo, entre outros, possam ser o norte das condutas das pessoas. [...] Pois bem, nossa sociedade exige uma adaptação permanente a mudanças constantes. Esse ajustamento de conduta, logo, seu fracasso ou

> sucesso, é uma responsabilidade individual – não há mais uma coletividade que possamos culpar ou projetar nossas desventuras. O indivíduo é avaliado e responsabilizado de forma sempiterna. Seu desempenho é, justamente, a realização prática de sua responsabilidade (PERRUSI, 2015, p. 154).

Não se trata apenas de (auto)vigilância, mas, de uma noção de que hoje, compreendendo saúde e corpo como valor, cada sujeito deve buscar seu ideal de *corpo saudável*, não apenas para não ser excluído, mas para tornar-se o sujeito empreendedor dos discursos. Esta visão positiva é o que propus acerca do dispositivo de *corpo saudável*, pois, acredito que sua capacidade produtiva e de desdobrar-se sobre si é o que permite que os matizes entre saúde e doença sejam capturados pelo discurso e pelos biopoderes em um mecanismo diferente o maniqueísmo.

Ainda sobre o receituário de saúde, lido a partir das positividades neste cenário, inserem-se neste as ciências biomédicas e as formas de *expertise* que dela se aproximam ou derivam. Enquanto campo de saber legitimado, possuem terreno amplo para a organização de discursos e formas de atuação, o que resulta, por fim, na conquista de (bio)mercados diversos. Foi atenta à estas questões que a Educação Física debruçou-se sobre o terreno da saúde, da prevenção, do desempenho e da estética, oferecendo a possibilidade de produção de corpos saudáveis, ativos, jovens, etc. Articulando-se com a noção de empreendedorismo de si, a bioeconomia (mercado que mobiliza a vida como valor) na qual a Educação Física se insere como *expertise* pastoral do corpo (ROSE, 2013), desempenha um importante papel na produção de subjetividades, tendo em vista que o consumo de práticas e produtos é influenciado diretamente pelo valor-corpo produzido no campo da saúde.

Rose (1989) considera que as negociações entre: *expertises*, subjetividades, desejo dos indivíduos em se "autogerenciar" através de intervenções e a prioridade dada a produção de um *self* autêntico, autorrealizado e livre, são aspectos cruciais para pensar o domínio sobre si mesmo no contexto atual. Mas nada disso seria novidade se não se projetasse sobre essa dinâmica a questão da centralização do soma, da inserção da carne, do gene, da célula e da corporeidade.

A centralização do soma, ou a "ética somática" de que fala Rose (2013), baseia-se na existência corpórea. No contexto atual, ela implica em um sujeito que modela a si mesmo no percurso da vida, ou seja, ao moldar o próprio corpo, de forma muito mais fragmentada e envolvida pela biologia que antes, ele molda sua existência. Entre outras questões, essa fabricação constante de si muda a relação do sujeito com o tempo, pois, as expectativas de vida e de morte projetam o seu futuro e balizam ações no presente, um processo dialético

entre racionalidade-intencionalidade e prolongamento da vida. Isto acontece não apenas a partir dos saberes biomédicos, pois, com os desdobramentos do biopoder cada dimensão da vida passa a demandar um leque de *expertises* que conferem ao sujeito uma parcela deste poder/saber e um lugar nos seus jogos, que configura as escolhas como "liberdade" e autogestão. Cito posteriormente que estas *expertises* se articulam não apenas em disputa, mas em uma malha costurada no/pelo próprio discurso.

Esta liberdade é uma forma possível de expressão do que Le Breton (2012, p. 15) chama de "liberdade formatada", na qual a "decisão pessoal é limitada pelos fardos sociológicos, pela ambiência do tempo, pela condição social, pela história própria". Ou seja, uma liberdade de escolha que é ao mesmo tempo limitada e determinada dentro das possibilidades legítimas de escolher.

No terreno da subjetividade, Han (2015) nos oferece uma forma de compreensão das liberdades contemporâneas como negação da negação e escreve que

> [o sujeito do desempenho] se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado (HAN, 2015, p. 32).

Sobre o ideal de corpo subjacente nas *recomendações* das minhas colegas de treino, ao fabricar meu corpo levando-as em conta estaria ao mesmo tempo dando significados próprios na minha trajetória pessoal (meu próprio itinerário corporal)[104] e incorporando um discurso (ESTEBAN, 2004) que para elas era condizente com o discurso do ideal de *corpo saudável*: "malhar muito, comer pouco", "esforço", "foco", "disciplina", "autocontrole" e algum prazer em ver no espelho a autoestima aumentar, junto com as conquistas não desperdiçadas no final de semana. Esta seria uma pista das formas de fabricar o *corpo saudável* que busquei na academia? Sendo *corpo saudável* um ideal, uma formação discursiva e não um fim, no processo de agenciamento individual/ressignificação do "receituário de saúde" eu já estaria fabricando um *corpo saudável*? Ao menos era esta a promessa da *turma da manhã*.

104 Esteban (2003, p.54), sintetiza a ideia de itinerários como: "processos vitais individuais que nos remetem sempre a um coletivo, que ocorrem dentro das estruturas sociais concretas e nos quais damos toda a centralidade às ações sociais dos sujeitos, entendidas como práticas corporais. O corpo é entendido como o lugar da experiência, desejo, reflexão, resistência, resposta e mudança social em diferentes encruzilhadas econômicas, políticas, sexuais, estéticas e intelectuais". (tradução própria)

Voltando ao trabalho de terreno na academia, enquanto a "falta de foco" mobiliza responsabilização, pois, representa falta de "fé" e de comprometimento com um projeto de *corpo saudável*[105] idealizado. A "força", que complementa a máxima dos treinos[106], é uma forma quantificada de mensurar o desempenho pelo peso, exposta nas *perfomances*, mas também é a capacidade de superação de si nos novos arranjos em que o medo não vem apenas da exclusão e da classificação, mas também do fracasso. Pensando a partir da metáfora, o sujeito do poder na academia de ginástica é o sujeito que tem "foco, força e fé", requisitos aliados na busca por saúde/beleza. Deste modo, congregar estes elementos é mostrar apetência e competência na fabricação do *corpo saudável*.

Exponho no capítulo sobre objetos como o espelho e a máquina estão implicados no processo de fabricação do corpo e como isto tem relação com a técnica (para a produção circunstancial da uma [auto]imagem de sujeito capaz). Ainda sobre esta relação, na academia Norte só os mais aptos faziam determinados exercícios, manipulavam os pesos mais elevados e não eram *outsiders* no "cantinho dos treinados" (Fernanda, 33). Lembro inclusive que havia uma grande máquina que simulava o remo que não cheguei a utilizar. O cantinho dos treinados era onde ficavam os sujeitos que frequentavam a academia há mais tempo, geralmente os hipertrofiados e alguns *personais* que treinavam em horário de folga. Neste lugar eram executados exercícios mais livres (por quem parecia ter mais destreza) e estavam as máquinas que demandavam manuseio específico. Acredito que esta configuração específica seja potencializada no espaço que cartografei, embora possa ocorrer em outras academias.

Em academias do segmento *low cost* as máquinas são pensadas para que o treino (e o sujeito) seja totalmente autônomo, ou seja, são condicionantes autogeridos do movimento e possuem todas as suas peças voltadas para um ajuste simples e limitado. Por outro lado, no caso dos exercícios mais livres, não há como escapar do conhecimento técnico, que mostra-se como uma ferramenta de classificação. Estes acordos tácitos que citei não são generalizantes, variam de contexto para contexto, pois, podem ser afetados por vários fatores, tais como: recorte de gênero e/ou geracional, valores, condição socioeconômica, compreensões acerca do ideal de corpo, etc.

---

[105] Reitero que uso *o corpo saudável* (em itálico) para falar de uma face específica do dispositivo, ou seja, um tipo de *corpo saudável* construído socialmente como fruto da confluência entre os discursos da Educação Física, da biomedicina, da mídia, do mercado, da cultura, da sociedade. Um corpo saudável de que transita ente a norma, a estética, a *(bio)performance*, que discuti em outro capítulo e que não é a naturalização da saúde, nem a única possibilidade.

[106] "foco, força e fé" é uma frase de caráter motivacional, que expressa uma conduta ideal, comumente associada ao exercício físico.

Para que pudesse treinar precisei de roupas específicas (*legging*, tênis de corrida e camiseta). Embora não praticasse atividade física há algum tempo, por ser formada em Educação Física, já havia usado antes as roupas "típicas" (sem exotização) da academia, que Malysse (2002) apontou como signos de pertencimento àquele terreno. Do ponto de vista das classificações, não só o uso das máquinas, mas as roupas também representavam *status*. Do ponto de vista da funcionalidade, as roupas justas e flexíveis viabilizam certos movimentos, no entanto, se levarmos em conta as ideias de Miller (2013, p. 22) sobre as roupas e a cultura, elas não são meros signos que carregamos, elas são parte do que somos ou gostaríamos de ser:

> Na verdade, como observou Peer Gynt, o personagem de Ibsen, todos nós somos cebolas. Quando se descascam nossas camadas, descobre-se que não resta absolutamente nada. Não existe nenhum eu interior [um sujeito *a priori*]. Nós não somos imperadores representados por roupas, pois, se removermos as roupas, não há um cerne interior. As roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser.

Nesse sentido, as roupas são mais que formas de classificação e viabilização, são parte da fabricação do ideal de *sujeito/corpo saudável*. Além das roupas, durante a cartografia fui adiquirindo outros objetos, a partir de escolhas "livres", que eram vistos como importantes. Comecei com uma garrafa de água, que posteriormente foi trocada por uma coqueteleira no período em que usei suplementos (*whey protein*). A coqueteleira, que tem a funcionalidade de misturar suplementos, possuía também quatro divisórias e espaço para colocar desde alimentos até comprimidos. Além dos signos e símbolos que poderia descrever a partir do seu exterior (coqueteleiras grandes com marcas de suplemento famosas ou de valor elevado remetem à pessoas mais treinadas), e à despeito da perspectiva de Miller (2013), seu conjunto comunicava pertencimento à dinâmica do espaço, engajamento no processo de fabricação do corpo.

Logo depois, adiquiri *headphones* e uma pulseira eletrônica, que me ajudava a monitorar meu batimento cardíaco, assim como luvas que amorteciam o impacto com as máquinas, por sugestão de Pedro (32). Cito estes objetos a partir da minha experiência, mas o mercado da fabricação do *corpo saudável* tem um leque amplo de possibilidades. Sobre esta questão, Donna Haraway observou, acerca do esporte em geral, que a especificidade dos objetos representa uma dimensão igualmente especializada dos saberes, um projeto contemporâneo:

> "Pense sobre a tecnologia dos calçados para esportes", diz ela. "Antes da Guerra Civil [americana], nem sequer havia, na indústria calçadista, qualquer diferenciação entre o calçado do pé esquerdo e o do pé direito.

> Agora, temos um calçado para cada atividade". Vencer os Jogos Olímpicos na era do ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com "a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo" (KUNZRU, 2009, p. 19).

Existem muitos objetos que podem ser associados à frabricação do *corpo saudável*. Como mencionei, desde roupas específicas, até acessórios, recursos eletrônicos e aplicativos de celular que se tornaram populares. Durante o trabalho de terreno pude acompanhar a popularidade dos aplicativos entre os praticantes - e não praticantes - de atividade física. Flávia (36 anos) encarregada da limpeza do banheiro feminino pela manhã, certa vez me contou que ela e o namorado tinham baixado um aplicativo, "mas que não tinha tempo de usar" porque chegava em casa à noite e tinha que cuidar dos filhos. Perguntei porque ela instalou o aplicativo, ela me respondeu que era pra ver se "fazia alguma coisa" (atividade física), mas o cansaço do trabalho a impedia.

Esta dimensão do "fazer alguma coisa", a partir da informação e popularização de discursos sobre formas e possibilidades de coisas a fazer, tangencia a discussão de Soares (2005, p. 49-50), que explica que:

> A grande novidade que se apresenta em nossos dias no âmbito deste universo das práticas corporais é a de se fazer norma geral e, ao mesmo tempo, estimular *performance*s individuais: "o importante é fazer alguma atividade física"; "subir e descer as escadas do prédio em vez do elevador"; [...] Entre estas e muitas outras indicações de como ganhar uma melhor *performance*, nela incluindo, é claro, o corpo magro e jovem, o que está em jogo aqui é exatamente uma idéia de medir de um modo extremo as atividades cotidianas e, ao mesmo tempo, produzir uma cartografia da vida.

Na esteira do pensamento de Soares (2005), podemos interpretar a fala de Flávia também a partir do que escreve Han (2015), sobre o excesso de positividade[107] e estimulação que vivemos no cenário contemporâneo. Para este autor, a positividade trata-se da expansão das possibilidades de "ser" e não apenas do "dever ser" (mobilizando categorias como igualdade), uma hipótese que a meu ver, em partes, aproxima-se das perspectivas contemporâneas de (captação do) poder, à medida que este possui também capacidade produtiva (AGAMBEN, 2005; RABINOW, ROSE, 2006).

Retomando a questão dos aplicativos, eles podem funcionar conjuntamente com acessórios ligados ao corpo (cintas, relógios e pulseiras). Tive contato com as pulseiras (hoje

[107] Para Han (2015) positividade é o resultado da profusão excessiva de estímulos e informações, que acabam produzindo no cenário atual mudanças estruturais na economia da atenção.

populares no formato de *smartwatch*[108]), uma verdadeira febre em termos de avaliação e *feedback* eletrônico. Fernanda (33) era uma das interlocutoras que usava este acessório para monitorar todas as atividades do corpo durante o dia. Ela me contou entusiasmada que a pulseira eletrônica inteligente – quase rente à pele - monitorava passos, sono, horários de refeições, os batimentos cardíacos, mensagens, calorias, elaborando por fim um programa de treino personalizado através do seu contato com um aplicativo de celular.

Apesar da sua popularização entre praticantes – e não praticantes - de atividades físicas, a pulseira utlrapassa o domínio específico da Educação Física, que, enquanto campo disciplinar (BOURDIEU, 2004), se encarregou de produzir seus próprios objetos desde o final do século XX. Para delinear contornos próprios, atendendo obviamente aos anseios da área, o campo buscou no seu leque de saberes técnicos, com ajuda do mercado da ciência e da tecnologia, a possibilidade de adoção de *trecos* (MILLER, 2013) específicos para a fabricação do *corpo saudável:* instrumentos que marcam sua forma de atuação sobre o corpo, culminando com o que é hoje é um vasto mercado de máquinas.

Pensando sobre a pulseira como recursos de (auto)avaliação dos sujeitos, corroboro com o pensamento de Gomes (2008, p.11) sobre a "exacerbação de formas de controle conectadas com a busca do conforto e do prazer". Este autor entende que os novos hábitos dos consumidores denotam novas subjetividades, ou seja, a carência de um *feedback* avaliativo constante sobre o corpo é a carência de certezas e referências próprias sobre o *corpo saudável*. Por fim, isto se desdobra em insegurança e novos significados corporais que buscam respaldo nos saberes legitimados socialmente e nos recursos eletrônicos. Isto vem no bojo de um processo de normalização/individualização dos sujeitos, que, diferente do que acontecia anteriormente, se dá no/pelo corpo não apenas por meio da adequação à norma, mas por meio da capacidade de gerir-se diante da norma.

Do ponto de vista da materialidade, Miller (2013) poderia nos fornecer a compreensão de que a pulseira é um elemento que funciona como extensão do corpo. Um *treco* elaborado com um fim, de forma não aleatória à sua compreensão em uma rede de signos culturais (isto explica por que é uma pulseira e não um chapéu, por exemplo). Pervertendo a lógica da função das pulseiras, que não servem no todo para monitorar pressão, calorias, sono, etc., esta é utilizada para monitorar o cotidiano dos sujeitos dentro e fora das academias. Como todo objeto é produzido com base em demandas culturais e sociais, lembra

[108] Relógio que monitora as funções do corpo e também funciona como *smartphone*. Uma versão ampliada das pulseiras da época.

Miller (2013), a pulseira expressa o desejo de (auto)controle, que é exercido sobre o corpo de forma racionalizada.

Do ponto de vista da compreensão acerca das demandas sociais de corpo, a pulseira eletrônica inteligente divide com o indivíduo a responsabilidade de autovigilância e aciona recursos tecnológicos, saberes biomédicos, saberes da Educação Física, saberes da nutrição (há no aplicativo noções de treino e alimentação), com o objetivo de assegurar a melhor forma de cuidar de si. A partir desta afirmação, podemos pensar que as *expertises* têm compartilhado espaço com os recursos tecnológicos na adoção de práticas corporais pelos sujeitos.

Sendo um espaço aparentemente mais aberto à agência, na academia Sul o *corpo saudável* mostrou outros matizes, começando pela minha professora, que classificava o próprio corpo como "diferente do que se espera de uma *personal trainer"* (uma jovem de 31 anos, 1,58cm, em torno de 60 kg, que se dizia acima do peso). Apesar de se reconhecer como "diferente", Rafaela sentia-se tão capaz quanto qualquer outro profissional e de fato era (sem fazer juízos de valor). Os alunos não pareciam insatisfeitos, pelo contrário, confiavam muito no trabalho dela. A única exceção era Carlos (34 anos, comerciante local), que me disse que "jamais treinaria com um professor gordinho". Esta visão do profissional como sujeito que incorpora um padrão ideal ainda é recorrente e está ligada à uma tendência tecnicista histórica (reforçada em alguns momentos pelo próprio campo) de encarar o *personal trainer* como super-atleta: na teoria, sabendo cuidar do próprio corpo ele mostra que sabem cuidar do corpo do outro. Em outra interpretação, isto decorre da influência do mercado e das leituras do empreendedorismo, que viabilizaram o capital corporal como estratégia de *marketing* (GOMES; CAMINHA, 2014).

Ainda sobre as conversas com Rafaela (31), vez ou outra ela perguntava como era a academia em que eu treinava anteriormente, pois, tinha ouvido rumores sobre a especificidade do segmento *low cost*, que trazia um tipo diferente de alunos (mais "independentes", do tipo *self service*) e professores menos "incisivos" nos treinos. Ela conhecia os professores da academia Norte e nas entrelinhas do seu discurso parecia discordar dos seus métodos, mas não me falou explicitamente. Nos primeiros treinos na academia Sul – mostrando ser uma "aluna *expert*"[109] - questionei se ela não ia fazer comigo o mesmo procedimento que Raquel fez na academia Norte: um teste de repetições na *leg*

[109] Termo que uso para falar de alunos que buscam de forma autônoma conhecimento tecnocientífico para gerirem a si, ou seja, o equivalente aos sujeitos que praticam automedicalização.

press 45°[110]. No teste em questão, precisei erguer a carga equivalente ao peso do meu corpo, o que me causou um imenso desconforto. Lembro de ter relutado em terminar a série de exercícios e ser acusada de fazer "corpo-mole": "é o mesmo peso do seu corpo! Você consegue!"[111].

Nesse dia tive minha primeira experiência com a dor nos treinos, mas esse procedimento intenso não é tão comum na musculação. Já no *crossfit* há uma espécie de batismo que tem sido frequentemente exposto (com orgulho) nas redes sociais, resultando muitas vezes em machucados no corpo, sobretudo nas mãos. Este momento que simula um ritual é exposto como a transição de um neófito e sua inserção no *pedaço-mancha* (forma de sociabilidade presente nos *boxes* de *crossfit*). O que é interessante pensar sobre este fato que tem se tornado comum é até que ponto os sujeitos estão dispostos a agir sobre o corpo para agir sobre a subjetividade – o foco, força e fé do "guerreiro" - que carece de reforço constante, e em que medida isto representa desterritorialização do sujeito sem lugares de reterritorialização? (AGAMBEN, 2005)

Pensando sobre a minha própria experiência com a dor, horas depois escrevi no meu diário de campo:

> *Afinal, mesmo sendo a dor um grande enigma, se é algo subjetivo ou não, quem determina que limites meu corpo pode/deve ou não alcançar? Alguns polarizam a dor em fisiológica ou psicológica, resposta motora e representação, natureza e cultura, mas naquele momento eu só conseguia pensar em "por que eu deveria continuar?". Meus músculos não estavam acostumados à carga, mas posterguei a dor em nome das investidas da professora. No meio do processo de fazer o meu corpo saudável, com a mediação do outro, mas com minha própria agência, encontrei a dor, encontrei o perigo ou o risco?*

A experiência com a dor me remeteu à tese de Silva (2014) sobre "limites", na concepção de praticantes de musculação e professores. Esta etnografia foi um achado no começo da redação desta tese, pois, tinha muitos pontos em comum com as questões que me inquietavam em relação ao agenciamento do risco na fabricação do corpo.

Sobre a questão da dor e do "limite"[112], especificamente, encontrei um dado oposto ao que constatou Silva (2014): enquanto para este autor, na academia "P" (descrita como frequentada por pessoas de classes populares), a dor era "naturalizada" e relacionada ao

[110] Talvez a máquina mais popular entre homens e mulheres no treino de pernas dentro da academia. Possui diversas variações e trabalha quase toda a musculatura das pernas, à medida em que erguemos o peso com a sola dos pés, em um ângulo de 45° em relação ao solo.
[111] Nos testes de 1RM (repetição máxima) é comum colocar uma carga elevada para que a quantidade de peso a utilizar no treino seja mensurada. Há um protocolo a seguir e geralmente ele é aplicado com sujeitos treinados, pois, tem riscos desnecessários à não treinados. Embora não seja especialista acredito que não era este o caso.
[112] O termo "limite" é usado pelo autor como termo nativo. Consta em seu estudo que frequentemente os alunos tratavam das negociações entre dor e risco em termos de "limites".

trabalho, na academia "G" os alunos tinham auxílio de *expertises* e eram menos "resistentes" a dor, por não estarem familiarizados com eventos desse tipo.

Na minha cartografia, tomando emprestado os termos de Silva (2014) para traçar um paralelo, enquanto os alunos da academia Norte (de condição socioeconômica superior) estavam mais dispostos a superar os "limites" do seu corpo (incluindo dor e abdicação), na academia Sul (frequentada também por pessoas de classes populares) quando a dor se instalava as atividades eram interrompidas por que os sujeitos não podiam ter outros âmbitos da vida afetados pela dor ou pela possibilidade de adoecimento. Ou seja, as pequenas conquistas – ainda que estimuladas a serem constantes - prevaleciam em relação à cobrança excessiva pela autosuperação. O bom desempenho e a estética eram valorizados, mas outros elementos também compunham a noção de *corpo saudável* dos sujeitos, tornando-a mais flexível. Digo isto porque quando Rafaela sentia falta de algum aluno que estava ausente comentava conosco que ele podia estar doente, ou com dor e que deveria estar se recuperando para voltar em seguida. O discurso de superação estava restrito ao que os sujeitos se dipunham a fazer dentro das suas possibilidades. Já na academia Norte, como mencionei, o "corpo mole" era um indício de que ainda havia muito o que fazer, com ou sem dor. Não é à toa quem muitos autores falam em culto ao corpo (DANTAS, 2011; IRIART, CHAVES, ORLEANS, 2009).

Diante do exposto, dentro desta discussão, fabricar *o corpo saudável* na academia Norte tinha relação com: fabricar partes do corpo de forma fragmentada (perna, abdome, glúteo, peito, etc.); ter "foco" e "fé" e manter a autovigilância; superar a dor, mesmo que paradoxalmente envolvesse algum risco; seguir cotidianamente as recomendações ditas "saudáveis"; mostrar uma *performance* condizente com o ideal de um corpo capaz (força e técnica).

Já perto do final do trabalho de terreno na academia Norte, comecei a perceber que tinha o pertencimento reconhecido pela *turma da manhã*. Meus colegas de treino ressaltavam a minha evolução em termos de musculatura e a minha *performance*. Neste período comecei a me sentir confortável para executar os tais movimentos livres (do "cantinho dos treinados"), aumentando cada vez mais a carga. Em alguns momentos o sentimento alimentado é realmente de necessidade constante de superação de si e a competividade, típica do esporte (e do *crossfit*), passa a ser significada como competição consigo, ou seja, não planeja um ponto de chegada (HAN, 2015).

Como resultado de um aumento excessivo de carga no agachamento terra[113] sofri uma lesão na articulação do punho, mas ainda assim, para os meus colegas – e para mim - estava evoluindo. Alguns dias depois lesionei o outro punho e resolvi procurar um médico[114], que recomendou um fisioterapeuta e repouso: a minha *performance* de *corpo saudável* tinha me deixado também com o corpo doente. É impressionante como o ser afetado nestes espaços vem de forma sutil. As trocas de informações nos corredores, as *recomendações* dos alunos e professores, as imagens nos folhetos, as máquinas, os conselhos, as formas de *feedback* sobre o corpo (desde espelhos até o olhar do outro), e mesmo os programas de TV que são transmitidos enquanto estamos nas esteiras, tudo converge para um discurso específico de *corpo saudável* que se apresenta corporificado e envolve em uma atmosfera em que tudo impele para o trabalho sobre si.

Mencionei anteriormente que os alunos da academia Norte mostraram-se mais conformados com a dor, tendo em vista que o seu projeto de fabricação do corpo era uma meta a ser priorizada (creio que a fabricação era a própria meta). Comentei com algumas colegas que estava sentindo dores no pulso e elas achavam normal. Algumas também compartilharam que sentiam alguma dor que atribuíam aos exercícios, mas era "normal". Vi diversas vezes Larissa (28) e Daniela (22) tomando um tipo de medicamento relaxante muscular e analgésico antes de começar o treino, por não terem se recuperado do treino do dia anterior. Apesar das suspeitas que tinha de que aquela dor não era normal, me deixei levar pelas palavras de motivação.

Esta ideia de negociação dos riscos como parte da fabricação do *corpo saudável* foi evidenciada no caso de Lino, que entrevistei (fora das academias) por causa da relevância sua história para a cartografia. Mesmo bastante lesionado e conhecedor dos riscos, Lino (31) era um estudante de Educação Física que treinava e dava aulas. Sentindo os efeitos da lesão, ele continuava seu programa de exercícios por motivos externos (profissionais, econômicos, sociais) e internos (crenças, valores). A despeito do seu sofrimento físico e psíquico (ele tinha sintomas de depressão que o exercício amenizava, segundo ele), tentava fabricar cada vez mais o que interpretava como um corpo bonito e saudável, que não era uma meta a conquistar, mas um investimento, até chegar ao ponto de se tornar inviável. Isto será discutido em outro momento.

[113] Exercício em que seguramos uma barra com pesos à frente dos joelhos e agachamos até as pernas formarem um ângulo de 90° em relação ao solo.
[114] Tomei remédios e não cheguei a fazer fisioterapia, mas precisei parar os treinos por mais ou menos um mês.

Como mencionei antes, a forma de lidar com o corpo é afetada pelos diferentes contextos. Sofre influência das condições socieconômicas, das preferências locais, da cultura, da trajetória pessoal, do mercado, da (bio)política, etc. Isto foi observado em algumas diferenças pontuais entre as duas academias frequentadas. A academia Sul situa-se em uma cidade mais afastada da capital (onde fica a academia Norte) e apesar de terem muitas semelhanças, lá consegui perceber nos discursos – da professora e dos alunos (não todos) – um tom mais ameno em relação à necessidade de empreender sobre o corpo.

Na academia Sul os alunos se conheciam ou conversavam com mais frequência. O "cantinho dos treinados" não existia, mas existia um horário em que os mais jovens se encontravam para treinar juntos. Geralmente neste mesmo horário os mais treinados, na maioria homens, também estavam presentes (no começo da noite). Pela manhã algumas idosas costumavam frequentar a academia, um público escasso na academia Norte. Meu horário de treino era intermediário, no final da manhã, junto com alguns jovens adultos que costumavam ficar conversando depois de treinar, então eu tinha contato com diferentes públicos.

Uma das alunas da academia Sul me chamou atenção por ser uma mulher (em média 35 anos) com um discurso muito resistente à qualquer forma de enquadramento em padrões, tendências de moda, mercado e tudo que aparece ligado aos discursos hegemônicos, mas no final de uma conversa que tivemos após o treino (as pessoas se reuniam perto da saída) ela me disse que entre todas as motivações para estar ali a principal era o crescimento de uma "protuberância abdominal". Ou seja, quando perguntei qual o motivo para a entrada na academia, a resposta estava ligada à saúde ("deixar de ser sedentário[a]" era recorrente), mas nos desdobramentos do que ela entendia por saúde também estava a estética. No caso das pessoas aparentemente *menos* ligadas à padrões estéticos, como no caso acima, o desempenho também parecia ser menos enfatizado no discurso, embora citassem as atividades do cotidiano (caminhar, subir escadas, correr, levantar objetos, etc.) como determinantes para a noção de *corpo saudável*.

Podemos pensar estas diferenças sobre o corpo e seu contexto a partir de Boltanski (2004) e Novaes (2010). O primeiro autor vem na esteira da reflexão sobre como as concepções de doença e saúde são afetadas, e afirma que:

> O corpo efetivamente é, do mesmo jeito que todos os outros objetos técnicos cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes, pela sua cor (descorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e musculosa), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto) [...] um sinal de *status* – talvez o mais íntimo e mais importante – cujo resultado

> simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita (BOLTANSKI, 2002, p. 167)

Considerando esta reflexão, interessa também a pesquisa de Novaes (2010) que discute sociabilidade e usos do corpo por mulheres de camadas altas e populares. Esta autora traz a narrativa de mulheres de classes populares que não veem na magreza um padrão a ser seguido, mas enfatizam o gosto pelas curvas bem delineadas, principalmente devido às demandas das relações afetivas no contexto no qual se inserem. Neste caso não seria correto falar em gordura como sinônimo de feiúra, mas como uma caracteríStcia fisiológica negada pelas classes altas e negociada individualmente por estas mulheres.

Apesar de ter algumas diferenças em relação à academia Norte, na Sul também havia espaço para as *(bio)performances do corpo saudável*, como a de Carlos (34), com quem vez ou outra conversava. Ele ficava várias horas por dia na academia e as vezes treinava mais de uma vez, em turnos diferentes. Usava roupas coladas que destoavam dos outros homens e exibia uma musculatura digna de um fisiculturista. Carlos gostava de me ajudar com minhas sessões e sempre cobrava um pouco mais de empenho. Achava curiosa a minha pesquisa e me contou que jamais treinaria com um *personal* que não tivesse sua compreensão sobre a fabricação do corpo. Era um aluno *expert*, já treinava há muitos anos e às vezes – não sempre - dispensava orientação.

Carlos me apresentava com orgulho alguns alunos que tiveram grande evolução, alguns estavam acima do peso (como Murilo) e conseguiram emagrecer drasticamente, outros tinham hipertrofiado ou "estavam levantando muito peso". No contexto da academia Sul, em que as pessoas exibiam *performance*s do *corpo saudável* de acordo com valores locais de uma cidade quase interiorana, conseguir estar na academia com frequência (conciliando-a com trabalho e/ou família) e cumprir as demandas dos treinos propostos já era um grande passo na direção da saúde. Embora os padrões hegemônicos fossem citados pelos alunos como uma meta, outras questões de caráter social e cultural disputavam espaço com a *performance*.

Como citei anteriormente, dentro do espaço da academia Norte me vi rapidamente envolvida em uma malha de *recomendações* e *expertises*. O *personal* indica um nutricionista, que indica um fisioterapeuta, que conhece um esteticista, tudo tão sutilmente que se torna normal transitar entre esta "*malha de expertises*". Uma coisa não funciona junto com a outra e ao mesmo tempo tudo está interligado no sistema de co-produção de *corpos saudáveis* (JASANOFF, 2004). Muitos espaços, inclusive, são coabitados pelas *expertises*,

que podem dividir ainda espaço com a mídia e o mercado: conteúdo midiático e objetos pensados especificamente para este terreno.

A "liberdade" de escolha entre quais *expertises* buscaremos ao fabricar *o corpo saudável* se traduz na bioeconomia em autonomia para escolher o produto ou serviço com o qual mais nos identificamos (ROSE, 2013). Nesse sentido, as tecnologias do corpo tem agido no sentido de proporcionar recursos para operar mudanças. Como resultado, estratégias cada vez mais molecularizadas são elaboradas em diferentes áreas para conquistar e oferecer ganhos no terreno da estética, do desempenho e/ou das condições de saúde, e os sujeitos contam com uma gama de opções para fazer seu corpo. Mas, antes que suponhamos um indivíduo totalmente livre e saberes despretenciosos, sem perder de vista os novos arranjos do biopoder (RABINOW; ROSE, 2006), nem todas as *expertises* são legitimadas nestes espaços.

Quando me lesionei na academia Norte observei que sofria também espasmos musculares localizados[115], não sei se em decorrência da lesão na articulação dos pulsos ou por outras questões externas. Comentei com alguns colegas de treino que fui ao médico e que buscaria terapias alternativas que me ajudassem a relaxar, poderia ser alguma terapia floral (sugerida por uma colega da universidade) ou mesmo a acupuntura. Ouvi de muitos que "nada disso fazia efeito", que "não acreditavam", que "não tinha nada comprovado", que eu deveria mesmo era buscar um fisioterapeuta. Ou seja, podemos nos deixar enredar pela *malha de expertises*, desde que estas estejam dentro do leque de possibilidades legitimadas social e culturalmente, tendo geralmente os saberes biomédicos e/ou científicos como parâmetros. Sobre esta questão, Santos et al. (2019) fazem a seguinte consideração:

> A prática em saúde segue uma ética normatizadora, naturalizada na formação acadêmica e consolidada na atuação profissional. Por exemplo, quando ouvimos a frase: "são vários os prejuízos à saúde causados pelo consumo excessivo de açúcar", imediatamente identificamos sua relação com um discurso perfeitamente inteligível [...] Mais do que tudo, a conscientização das pessoas quanto aos seus erros e excessos alimentares torna-se um ideal altamente desejável, sendo a mudança de comportamento a meta a ser alcançada. Pouco importa se os valores, crenças e atitudes que o indivíduo traz em sua bagagem cultural o predispõem a pensar que o melhor é comer de tudo, evitando a todo custo o desperdício, como é bastante disseminado nas camadas populares. (SANTOS et al., 2019, p. 248)

[115] Os espasmos musculares são contrações involuntárias do músculo. É comum que as pessoas sintam na pálpebra, quando estão sob stress, mas também são um mecanismo de proteção muscular em resposta a uma lesão. Uma das causas comuns é a fadiga extrema, causada por esforço.

Algumas semanas antes, Cintia (25) havia sugerido que eu procurasse um nutricionista. Conversávamos sobre a frequência com que as pessoas consumiam suplementos ultimamente e ela me contou que tinha comprado alguns e que achava fundamental para os treinos. Minha professora da academia Sul também sugeriu que eu procurasse um nutricionista, inclusive nesta academia havia uma sala dedicada a consultas.

No mesmo dia em que conversei com Cintia comentei com Fernanda sobre os suplementos, que por sua vez me contou que buscou na internet tudo que julgava necessário em termos de alimentação e suplementação (passou a tomar chás e fazer dietas restritivas), mas que não ia procurar um profissional por enquanto, pois já sabia o que tomar e que em qualquer loja podia comprar um *whey protein isolado*[116]. Ela era uma entre vários alunos que faziam "autosuplementação", prática comum, embora não seja recomendada, uma vez que suplementos são produtos sintéticos que podem provocar alterações irreversíveis no organismo (tais como diabetes e sobrecarga renal). Não pretendendendo me deter à questão da "autosuplementação", que ao meu ver é análoga à automedicação, gostaria de reforçar que a falta de interesse da ciência, da cultura e da sociedade em des-legitimar determinados comportamentos recorrentes implica em não configurá-lo como potencialmente prejudical à saúde e, por fim, não torná-lo um fato científico[117] (FLECK, 2010).

A maior parte dos meus colegas de treino na academia Norte já havia consumido algum suplemento, feito dieta ou adotado alguma estratégia nutricional (chá de ibisco na época era popular). Fernanda sugeriu e compramos juntas o *whey protein* em uma loja próxima. Seguimos a dosagem recomendada por um vendedor, que nos garantiu segurança e resultados. Fiz isso porque me propus a percorrer as trilhas abertas no campo junto com meus interlocutores, mas também porque era comum. Tomamos juntas a proteína isolada durante alguns meses, mas senti que não me fazia bem e parei de tomar antes de entrar na academia Sul.

O comportamento brevemente descrito retrata o que fazem os alunos/pacientes *experts*: adotam estratégias autorreguladas de fabricação do corpo a partir de informações disponpíveis nos meios de comunicação e na mídia, que teoricamente tem como base os

[116] Suplemento em pó, feito de proteína do soro do leite, em sua forma mais "pura", que conheci através de Fernanda. Na ocasião ela me explicou as diferenças entre os três tipos de proteína.

[117] Sem o interesse de aprofundar a discussão, para ilustrar porque acredito que a autosuplentação é uma prática que não adiquiriu o *status* de fato científico porque não há convergências, trago duas reportagens recentes que se contradizem, cujo título é autoexplicativo: (1) Suplemento alimentar só tem efeito se a pessoa fizer atividade física-Consumo indevido pode comprometer os rins e o coração. O ideal é consultar um médico ou nutricionista antes de usar (Programa BEM-ESTAR, Rede Globo, 2013); (2) Suplemento pode substituir exercício, diz estudo (Universidade de Michigan, nos Estados Unidos), será mesmo? Pesquisa indicou que a proteína chamada "sestrina" pode dar os mesmos efeitos que as atividades físicas (Portal R7.com, 2020).

saberes médicos, mas nem sempre levam em consideração a individualidade. Os alunos/pacientes *experts* são também sujeitos que buscam "informações sobre diagnósticos, doenças, sintomas, medicamentos e custos de internação e tratamento" (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008, p. 581). É comum entre eles a prática de automedicação, autosuplementação e adoção de dietas restritivas por iniciativa "própria". São os empreendedores de si que resistem e ao mesmo tempo são normatizados. Os alunos *experts* são também os sujeitos do *corpo saudável*, capturados pela positividade do dispositivo e estimulados à autonomia pela quantidade de informações das quais dispomos no cenário contemporâneo (HAN, 2015).

Na academia Sul a suplementação não era tão comum. Ela demanda conhecimento, investimento financeiro[118] e as pessoas preferiam adotar estratégias a partir de alimentos do seu cotidiano (dietas ou chás, geralmente). Encerrando esta questão, apontei que além das *expertises* somáticas (ROSE, 2013), nesta cartografia, a suplementação, o uso de acessórios tecnológicos (pulseiras, contadores de passos, aplicativos, fones de ouvido, etc.), roupas, calçados, etc., configuraram uma rede de recursos que pouco a pouco foram agregados na fabricação do *meu corpo saudável*. Neste sentido, compreendo que cabe a cada indivíduo integrá-los em uma forma própria de fazer (CERTEAU, 2003), ou seja, ao agenciar o discurso de *corpo saudável*, os fazeres expressam o que chamei de *bioperformances*. Por hora, gostaria que este termo não fosse compreendido como performatizar saúde, o que pode remeter equivocadamente à algo biológico a ser encenado, tendo em vista que a noção de saúde ainda é naturalizada em algumas esferas sociais.

Gostaria que o termo pudesse considerar *performance* como um ato comunicativo e produtivo de caráter social e cultural (SIBILIA, 2015) que, ao ser executado, remonta à interpretação do sujeito acerca da noção de corpo saudável e consequentemente saúde. Neste sentido, saúde e doença não podem ser polarizados, pois, o que existem são noções de saúde e adoecimento. Não pretendo também dissolver estas fronteiras, mas, ressalto que trato de um dispositivo, de categorias-valor e não de realidades biológicas encerradas em si.

Encerrando o trabalho de terreno, me despedi da *turma da manhã* da academia Norte e do professor Pedro em um dia de treino comum. Expliquei que a pesquisa ia explorar outros terrenos e que precisava buscá-los. Como estávamos perto do período de férias de final de ano, algumas das minhas interlocutoras também estavam saindo da cidade para viajar, então perdi o contato com elas, com excessão de Fernanda e Larissa, cujas redes sociais ainda

[118] A proteína isolada que consumíamos na academia Norte custava em torno de R$100,00/Kg e durava menos de um mês.

acompanho. Na academia Sul, a despedida foi semelhante, informei à professora Rafaela que precisava encerrar o trabalho e me despedi dos colegas de treino que estavam presentes (Murilo, Carlos e Cássia). Ainda mantenho contato com Rafaela e com Cássia e acompanho os demais nas redes sociais.

Como tentei descrever ao longo deste capítulo, o *corpo saudável* é um valor que demanda fabricação. Mas se nesta noção temos um ponto de convergência de discursos, cada corpo representa *um* corpo no mundo, ou seja, tem sua trajetória e seus fazeres (CERTEAU, 2003), individualizando assim a sua busca. Isto porque, o discurso pressupõe tanto relações de poder quanto a produção da diferença, e a afirmação que fiz anteriormente sobre a corporificação da noção de saúde, investimento social do poder, entende o *corpo saudável* como lugar de possibilidade de reafirmação/resignificação da norma, mas também o vê como lugar de agência.

Pensar em desnaturalização/desconstrução a partir do dispositivo é pensar em formas de resistência, é pensar em outros corpos saudáveis que tem seu significado subvertido/agenciado pelos sujeitos. Nessa esteira, a discussão feita até aqui teve como objetivo dar visibilidade aos efeitos de uma noção hegemônica de *corpo saudável,* presente nos discursos da Educação Física, sobre as práticas e sobre os sujeitos a partir da minha experiência. O que será feito a seguir é a apresentação e discussão de outros fazeres que pus em diálogo para destacar o caráter processual de uma noção de saúde que demanda corporificação, fabricação, reiteração, bom desempenho e em certa medida *performances*.

7.1 TRILHANDO FAZERES: DESEMPENHO E *PERFORMANCE*

> Há programas específicos de atividade física e saúde que invadem de uma maneira jamais vista, em termos de intensidade e de detalhamento, os gestos mais íntimos, impondo *performance*s sempre mais pessoais. [...] Uma cultura da *performance* invade a vida e cria parâmetros gerais para os gostos, estimula uma competição íntima e condena o ócio, a lentidão, a inutilidade dos gestos prazerosos feitos ao acaso e desenha o prazer de ser esportivo, prazer único e verdadeiro (SOARES, 2005, p. 49-50).

Já finalizado o trabalho de terreno, no curso das análises do meu diário de campo surgiu a ideia de discutir *performance*, que será melhor apresentada neste tópico. Isto aconteceu porque, em muitas ocasiões percebi que o impacto do corpo em movimento sobre o olhar do outro era fundamental para a experiência e composição do que seria *o corpo*

saudável. A figura estática de um sujeito hipertrofiado não faz mais sentido do ponto de vista do que é admitido como saudável, pois, carece da dimensão do *ser capaz de* para que a moldura esteja completa. Se houvesse pensado em uma investigação que vislumbrasse a estética talvez não tivesse caminhado nesta direção, mas diferente da abordagem da estética, a abordagem do que é atribuído à saúde reúne características mais próximas do desempenho no terreno que cartografei. Assim, não faria sentido pensar na fabricação *do corpo saudável* sem enfocar em algum momento no movimento.

Atenta à complexidade da categoria *performance* e seus desdobramentos contemporâneos, foge ao meu escopo fazer grandes incursões na "Antropologia das *performance*s", uma vez que o que tentarei apresentar aqui trata-se muito mais de uma proposta em desenvolvimento, uma ferramenta na compreensão das negociações/agenciamentos do dispositivo de *corpo saudável* do que uma teoria ou um novo paradigma. Na verdade, antes mesmo do retorno às análises, talvez a ideia de *performance* fosse subjacente, tendo em vista que os discursos de corpo não são necessariamente os ditos. A própria noção de fabricação do corpo, que uso inspirada em Viveiros de Castro (1979) e me serve amplamente no que quero expressar como processo, pressupõe ação[119]. Dito isto, gostaria de voltar-me para o meu objeto e explicar primeiro que uso em alguns momentos desempenho em vez de *performance*.

Noção recorrente no campo da Educação Física, desempenho é uma forma de quantificação/mensuração das práticas motoras, ou seja, classificar atos que podem de alguma forma fornecer o que se conhece como *feedfback.* Para que um sujeito obtenha alguma forma de (auto)avaliação, elemento importante atualmente, é necessário que ele seja medido em termos de desempenho (quantos quilômetros alguém pode correr, por exemplo). Geralmente este termo é utilizado como sinônimo de *performance* na Educação Física, mas esta última também pode adquirir o sentido de bom desempenho no senso comum.

---

[119] Entre os ameríndios a materialidade do corpo se configura como fundamental para a noção de pessoa (e para a cosmologia), como aponta Segger et al. (1979, p.4): "Ele, o corpo, afirmado ou negado [...] tende sempre a ocupar uma posição central na visão que as sociedades indígenas têm da natureza do ser humano. Perguntar-se, assim, sobre o lugar do corpo é iniciar uma indagação sobre as formas de construção da pessoa". De acordo com Viveiros de Castro (1979, p. 40), uma das ideias centrais no pensamento Yawalapiti é a centralidade do corpo: "o corpo humano necessita ser submetido a processos intencionais, periódicos de fabricação [...]". Tal fabricação acontece por meio de intervenções sobre as substâncias que comunicam o corpo e o mundo: fluidos corporais, alimentos, eméticos, tabaco, etc. Isto significa que não é possível fazermos uma distinção ontológica entre corpo e processos sociais. Compreendo que isto relaciona-se diretamente com a cosmologia e o perspectivismo ameríndio, deste modo, a noção de fabricação, presente também no trabalho de Cordeiro e Montardo (2016), é a inspiração para discutir uma noção de corpo que creio ser fabricada (e reiterada) processualmente, pois, não existe *a priori*.

Diante disto, uso desempenho aqui como ação passível de (auto)avaliação e de classificação, cujo discurso da Educação Física se apropria atualmente não mais em termos de norma e desvio apenas, mas em nuances. Isto significa que a norma ainda é presente, pois, os saberes biomédicos e científicos que perpassam a saúde são basicamente balizados por normalizações, mas não em termos dicotômicos no caso dos desempenhos contemporâneos. Na vida do sujeito do *corpo saudável*, a entrada do desempenho como referência é fundamental para a (auto)avaliação, reflete, entre outras coisas, em um sujeito voltado para si, mas que tem na relação com o outro a sua legitimação.

A compreensão que tenho de desempenho tangencia a noção de desempenho Han (2015), mas no sentido de que este desempenho do *corpo saudável* é apenas uma das possibilidades no cenário que descreve o autor (a sociedade do desempenho), na qual ele é um imperativo. Embora não defina o que é desempenho, Han exemplifica-o em vários campos, como no caso da filosofia, que tem um "desempenho cultural". A partir das correlações que este autor faz podemos inferir que se trata de produção, possibilidade, iniciativa, em um cenário de positividade:

> Se o doping fosse permitido também no esporte, decairia para uma concorrência farmacêutica. Só a proibição, porém, não impede aquele desenvolvimento pelo qual não só o corpo, mas também o homem como um todo se transforma numa máquina de desempenho, que pode funcionar livre de perturbações e maximizar seu desempenho. O doping não passa de uma consequência dessa evolução na qual a própria vitalidade, que é constituída por um fenômeno bastante complexo, é reduzida a uma função vital e um desempenho vital. Como contraponto, a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade (HAN, 2015, p. 45).

Han, crítico de Ehrenberg (2010), não usa a ideia de *performance* que este último adota, mas possui com *O culto da performance* algumas aproximações. Ehrenberg (2010) usa o termo *performance* para falar de um paradigma contemporâneo. Seu pensamento volta-se para a ideia de que os sujeitos tem sido impelidos à autogerência e com isto sentem-se responsabilizados pelo presente e pelo futuro. A meu ver, embora se aproxime de Ehrenberg em vários momentos (mesmo que este não reconheça), a crítica de Han é dirigida à noção restrita de um sujeito que é voltado unicamente para a economia de si mesmo, mas cuja leitura não passa pelas pressões e pela sutileza do discurso de *poder ser*. Ou seja, ao pressupor que o fracasso na sociedade da *performance* (similar a uma empresa) é o fracasso do mal empreendedor, Ehrenberg negligenciou a atmosfera de criação de condições de possibilidade para que este pensamento se insaturasse.

Ainda na esteira da crítica de Han, a *performance* foi utilizada por Ehrenberg (2010) com um sentido individualizado do ponto vista psíquico (típico das teorias motivacionais do mundo corporativo) e parece ser algo transplantado do esporte e melhor traduzido como desempenho[120]. Em certos termos esta crítica é endossada por Sibilia (2015, p. 363), que não acredita na *performance* como paradigma, mas como forma de visibilização das "personalidades alterdirigidas", ou seja, além de ser, é preciso que o sujeito performatize o que acredita ser, não como um teatro, mas como forma de afirmar o que se crê e se é.

Dito isto, utilizo a noção de *performance* para descrever as ações de caráter comunicativo e ao mesmo tempo produtivo, que se desdobram a partir de significados de fundo social e cultural. No caso deste estudo, as *performance*s que levo em conta são as desempenhadas no terreno da academia (que visam comunicar e produzir, entre outras coisas, um desempenho condizente com o que se espera de um *corpo saudável*). Embora não compreenda *performance* como teatralidade (SIBILIA, 2015), mas como ação participa da construção e comunicação de noções por meio do corpo, poderíamos pensar que em cada *performance* um corpo e um sujeito são produzidos e um discurso específico é agenciado.

Feitas as distinções, apresento fazeres que advém da cartografia e que foram, a meu ver, mais fortemente marcados por *performance*s, desempenhos, escolhas individuais e construções sociais acerca da categoria *corpo saudável*. Tentarei mostrar como os fazeres me levaram a pensar que desempenho, saúde, estética e *performance* podem convergir e produzir discursos de *corpo saudável*, e como isto pode implicar no sujeito empreendedor de si e ao mesmo tempo imenso em uma sociedade do desempenho.

Ainda em tempo, esclareço que compreendo fazeres a partir da ideia de Certeau (2003), na tentativa de circunscrever a dimensão individual da fabricação do corpo:

> Essas "maneiras de fazer" constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de "táticas" articuladas sobre "os detalhes" do cotidiano; contrárias, por não tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da "vigilância". Esses modos de proceder e essas astúcias de

[120] Esclareço ainda que nas teorias do mundo corporativo que parecem ter influenciado o pensamento de Ehrenberg, desempenho são ações realizadas no passado, circunscritas, sobre as quais é possível fazer alguma avaliação (semelhantemente ao que se vê na Educação Física). Já performances são conjuntos de desempenhos cuja avaliação possui um desdobramento possível no presente, ou seja, são passíveis de modificar desempenhos futuros.

> consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina que é o tema deste livro (CERTEAU, 2003, p. 41).

7.2 CORPO SAUDÁVEL E *(BIO)PERFORMANCE*

O cenário contemporâneo pode ser interpretado como de individualização e responsabilização dos sujeitos pela própria saúde e pelos riscos (de morrer, de ser sedentário, de adoecer, etc.). Apesar desta afirmação, que evidencia a capacidade produtiva de noções como risco, saúde e sedentarismo, é preciso lembrar, que a dimensão micropolítica – maquínica - experimenta a agência (DELEUZE, GUATTARI, 1995; BUTLER, 2017). Se por um lado a capilaridade do poder age sobre os sujeitos produzindo subjetividades, que passam pela noção de corpo, por outro, a agência oferece margem para a liberdade. Esta afirmação expressa a capacidade do sujeito de estabelecer negociações na fabricação *do seu corpo*.

Na trilha destas negociações, durante a cartografia conheci um rapaz chamado Lino, não na academia, mas em um ambiente institucional relacionado à Educação Física. Em um encontro de professores e alunos conheci a sua história. Ele, um rapaz alto (1,80m), jovem, moreno, forte, praticante de artes marciais e *crossfit*, entrou na sala com um tensor de cervical[121] e aparentemente muita dor (pensei nisso por causa da expressão facial, do encurvamento e do enrijecimento do corpo).

Estávamos em uma sala pequena e imediatamente ficamos preocupados com a sua situação. Seus colegas mais próximos nos deram algumas informações sobre o que havia acontecido, mas a explicação do sujeito adoecido – um exímio esportista - foi uma verdadeira surpresa: machucou-se praticando atividade física. Imediatamente pensamos em várias possibilidades, entre elas um golpe aplicado com excesso de força ou por algum colega neófito (algo recorrente nos treinos dos lutadores), mas na realidade as dores no pescoço eram fruto de uma lesão que ele identificou como sendo oriunda da musculação e do *crossfit*. Evitei inquirir o rapaz naquele momento devido a sua aparente fragilidade em relação ao problema, mas já com a pesquisa em andamento não perdi de vista sua história.

Alguns meses depois consegui reencontrá-lo nos corredores da universidade e marcar uma entrevista. Contei inicialmente que lembrava do que tinha acontecido com ele e

[121] Objeto que imobiliza o pescoço.

que queria conversar sobre o assunto, por causa do interesse que tinha pelos processos de fabricação do corpo saudável na tese. Ele aceitou.

Por decisão do próprio Lino, a entrevista aconteceu na universidade, em um ambiente aberto, longe das salas de aula. O foco inicial da conversa foi a sua relação com o exercício físico, um assunto que lhe interessava bastante. Segundo ele, desde jovem alimentava o interesse pelos esportes, assim como sua irmã mais velha, também esportista. Sendo assim, praticou diversas modalidades e devido ao gosto pelo exercício ingressou no curso de Educação Física. Naquele contexto, a prática esportiva foi descrita por Lino como uma linha de fuga diante do aparecimento de sintomas que ele mesmo identificou como de depressão.

Lino relatou que ao perceber melhoras na saúde mental, na auto-estima, no desenvolvimento da musculatura, do desempenho e na vida profissional (que para ele era fundamental na época), começou a sentir-se motivado e a "exceder seus limites", que interpreto no contexto da sua fala como a fronteira entre estar ou não estar com o corpo em risco (pois, ele narrava o aparecimento da sua lesão).

No relato de Lino sobre porquê o exercício afetava sua vida profissional ele narra que a cobrança excessiva dos seus empregadores e alunos, aliada ao desejo de se sobressair entre os colegas de profissão, afastar a depressão e ter um corpo bonito e saudável, o levou a colocar a fabricação do corpo em primeiro lugar. Naquele momento, a vida profissional em ascensão e a depressão latente mobilizavam um desejo de superar-se (na técnica e no desempenho). À princípio reencontramos aqui um dilema do campo: o tecnicismo presente desde a origem da Educação Física que se converte ainda na projeção de uma identidade ético-estética do professor como atleta por excelência (e todo universo simbólico que esta palavra recruta).

O profissional de Educação Física, especialmente aquele que atua como *personal trainer*, do mesmo modo que seus assistidos, é perpassado por elementos estéticos que tem valor na cultura e na sociedade. No caso do profissional, eles são recrutados na criação de um *modus operandi* (GOMES; CAMINHA, 2014) que afeta as crenças sobre corpo e saúde e que pode ser intepretado como estrutura estrurante que estrapola o próprio campo. Sobre esta questão, durante a pesquisa de campo observei que Pedro (professor que me assistiu na maior parte do tempo na academia Norte – *low cost*) era frequentemente cobrado pelos alunos. Ao mesmo tempo em que os assistidos[122] perguntavam coisas como: "não vai treinar

[122] Uso o termo como sinônimo de alunos.

hoje?", "'tá' mais forte?", " 'tá' de relógio novo?", "chá de ibisco emagrece?", queriam saber detalhes sobre os tênis que ele usava, o treino pessoal dele e seus hábitos cotidianos (principalmente informações sobre suplementação)[123]. Os alunos pareciam não aceitar bem uma informação que não atendesse às suas expectativas sobre a disciplina do professor em relação aos cuidados com o corpo, como pode ser observado neste diálogo que presenciei:

> Pedro: ontem foi o dia do lixo! [dia em que se sai da dieta]
> Aluno: "oxe" rapaz, então vai treinar dobrado pra compensar. Bebeu?
> Pedro: deus me livre, se beber fico morto, fico inchado.
> Aluno: menos mau... eu não resisto e bebo, segunda tô aqui morto. Mas eu sei que é errado. Perco dois dias de treino, segunda e terça. Vou deixar de beber, você que tá certo.

Na esteira das interpretações bourdieusianas, apontando um possível *habitus*[124] no campo da Educação Física, Silva (2014) entende que existem certas características que são recorrentes entre profissionais e que este *habitus* serviria à comunicação sobre formas de produzir o corpo entre profissionais e alunos, ou seja, a forma como o profissional fabrica o próprio corpo influencia na forma como os alunos desejam fabricar:

> [o *habitus*] em diálogo com um *ethos* da própria profissão imperavam no que diz respeito aos corpos estarem ou não no "limite" ou em "risco". Ao mesmo tempo em que o professor de Educação Física cultuava certos usos do corpo para os seus alunos, era influenciado ou sofria sutilmente de uma representação acerca de como se exercitar ou atuar na musculação Silva (2014, p. 382)

Sob a ótica do capital corporal, poderíamos pensar no relato de Lino como vontade de aquisição de algum capital simbólico (BOURDIEU, 2003) ou, nos termos de Foucault, de biopoder (FOUCAULT, 1995; ROSE, 2013), mas se a forçosa homogeneidade é uma ressalva que se faz à teoria dos campos bourdieusiana, e a centralidade do poder é uma ressalva que se faz à Foucault, Deleuze e Guattari oferecem o desejo como veículo de agenciamento na escolha individual, ampliando os matizes da relação sujeito-corpo.

Se um poder externo não repousa sobre o sujeito e torna-se o cerne de todas as subjetividades e escolhas, a constituição deste poder e desse sujeito – cujas ações não são necessariamente opostas ao que lhe assujeita - abrem espaço para o que Butler (2017) chama de apego apaixonado e cumplicidade primária com a subordinação. Cabe aqui retomar o

[123] O professor de Educação Física não está autorizado a recomendar nenhum tipo de suplemento aos seus alunos (competência da nutrição), contudo, o fornecimento de "dicas" e informações é comum.

[124] O *habitus* pode ser descrito como um "sistema de disposições socialmente constituídas que [...] constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes" (BOURDIEU, 2007, p. 191). Sobre ele, Montagner escreve que se expressa através da *hexis* corporal. Segundo Wacquant (2007, p. 65), "é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade (...)", ou seja, a forma como uma sociedade é incoporada pelas pessoas na forma de disposições.

desejo como forma de apego – apaixonado, obstinado - ao próprio poder, o que não afirma uma contradição fatal ao núcleo do sujeito. Mantendo-se nessa ambivalência, ele não escapa ao que está vinculado, pois o vínculo o constitui. No terreno do *corpo saudável* e da Educação Física, isto representa um rompimento com afirmações que colocam o sujeito como vítima de um discurso hegemônico de corpo ideal que lhe é externo, ou seja, o impele a buscar padrões de forma quase passiva. De modo algum pretendo colocar o sujeito como passivo neste contexto.

Quando Butler (2003) se pergunta quem deseja o desejo de Estado (sobre o casamento homoafetivo), por exemplo, ela está questionando quem deseja fazer parte da hegemonia do casamento enquanto norma e instituição reconhecida legalmente pelo Estado. Em analogia, quando questionamos quem deseja *o corpo saudável* do discurso biomédico[125]/do campo, consequentemente das instituições que detêm o poder de falar sobre saúde, pensamos no desejo por determinados padrões construídos socialmente, não apenas como uma forma de controle unidirecional dos mecanismos de poder, mas como possibilidade de tornar-se *o sujeito* saudável do discurso. O fato é que o mesmo discurso/mecanismo que estabelece o que é ou não passível de ser classificado como saudável também abre espaço para a agência, pois, implica em formas de ressignificação dos discursos.

Na academia Sul, por exemplo, Rafaela (31) costumava dizer que não se via na figura coletivamente idealizada de um *personal trainer*, mas que não tinha problemas com isto, porque ela precisava contribuir com as demandas de corpo dos alunos e tendo conhecimento técnico ela seria reconhecida como profissional "competente" e não como "um corpo bonito". Sobre seu corpo, segundo Rafaela, bastava a *técnica* e a capacidade de, dentro da academia, realizar os exercícios de uma maneira que ela fosse reconhecida como "competente", para que fosse vista como uma boa *personal*, ou seja, uma profissional que sabia cuidar dos corpos. É preciso enfatizar, contudo, que esta noção de cuidado está sujeita ao contexto. Para os alunos da academia Sul, com algumas exceções, o corpo da professora era ideal porque *corpo saudável* tinha relação com o desempenho (de realizar determinado exercício ou determinada atividade cotidiana) não estava amarrado a um padrão estético.

[125] Pontuei em um dos capítulos da tese as possíveis características do um corpo saudável (construído pelo discurso do campo da Educação Física e biomedicina) no começo do século XX (quando predominava a ênfase no controle sobre o corpo e as atividades coletivas) e sua virada no começo do século XXI (quando o foco sutilmente se desloca para a incerteza, a existência somática e as atividades individualizadas). Aponto que *o corpo saudável* – dispositivo - tende a tornar-se performático, incerto (ORTEGA, 2008), quase efêmero, mas necessariamente resistente e eficaz.

Mas considerar a possibilidade de agência não descarta o fato de que a norma impõe constrangimentos e pressões sobre os sujeitos, pelo contrário, é diante da possibilidade de agência que o poder se refina. O desejo que os alunos manifestaram de esculpir partes específicas do corpo, por exemplo, é algo incorporado de modo muito sutil, cujas possibilidades de resistência são comprometidas pela naturalização de certos padrões. Sobre a sutileza e abusos do poder, escreve Butler (2017, p. 29), os mecanismos são eficazes pela vulnerabilidade dos sujeitos e não pela sua imposição:

> Para ressaltar os abusos do poder como reais, e não como criação ou fantasia do sujeito, o poder é muitas vezes projetado como inequivocadamente externo ao sujeito, como algo imposto contra sua vontade. Mas se a própria produção do sujeito e a formação dessa vontade são consequências de uma subordinação primária, é inevitável que o sujeito seja vulnerável a um poder que não criou. Essa vulnerabilidade qualifica o sujeito como um ser explorável.

Retomando a conversa com Lino, motivado pela superação e praticante ativo de exercícios físicos cada vez mais exigentes (da técnica e do corpo), a dor era um sinal por ele negligenciado. Ele contou que sentia exaustão física depois de um dia de aulas mesmo antes de "adoecer", mas que apesar disto continuava praticando musculação e *crossfit*. Com o passar do tempo, à medida em que diminuía a intensidade e a frequência dos exercícios, Lino relatou que percebeu a cobrança dos alunos - e dos empregadores - para que ele sempre fizesse as aulas junto com seus assistidos. O fato de ele apenas orientar e assistir as aulas vinha sendo interpretado pelos alunos como algo negativo (perguntavam: "você está doente?"), mas que ele justificava como o resultado da quantidade de aulas que dava por dia.

Como manter-se ativo por horas em aulas seguidas que buscavam exaustão dos alunos? Isto resultava em uma rotina diária de horas de exercício físico exaustivo. À esta altura, Lino já sentia dores na porção cervical da coluna (pescoço) e percebia que "o corpo dava sinais de que algo estava errado". Em decorrência de uma lesão em processo de instalação, suas mãos começaram sofrer com tremores e as pernas estavam enfraquecidas em alguns momentos do dia.

Depois de muitas dores e de relutar, Lino resolveu procurar um médico. Me contou que associava as dores e o que estava acontecendo com seu corpo ao exercício, pois, depois dos treinos mais intensos passou a se sentir mal, mas mesmo assim mantinha a rotina. Chegando ao consultório médico, Lino foi avaliado como um caso cirúrgico de urgência e imediatamente encaminhado para uma intervenção. Perguntei se ele achava que procurou tratamento na hora certa e ele contou que protelou o máximo que pôde, porque mesmo com as dores e os tremores o que ele queria era continuar com suas atividades "de sempre",

continuar ali, treinando. Em seguida, ele reconheceu também "que poderia não ter tido tanta sorte e ficado tetraplégico".

O caso de Lino poderia ser o relato de um fazer específico, mas é um relato comum, embora extremo, de um sujeito que prioriza a *performance* de forma excessiva, mesmo diante dos riscos. Ao apresentar um dispositivo de *corpo saudável* que envolve tanto uma estética corporificada, quanto a necessidade de desempenho e um ideal de saúde socialmente construído, trato justamente de como este dispositivo e os discursos que se desdobram com/a partir dele, legitimam determinados excessos. Tais excessos, poderíamos pensar, encontram um sujeito que vive na sociedade do desempenho, que também é a sociedade do cansaço (HAN, 2015).

Mencionei anteriormente que as subjetividades que perpassam a fabricação do *corpo saudável* envolvem responsabilização, autogestão, corpo-valor social e ao mesmo tempo empreendedorismo de si. No universo do esporte e do exercício, isto pode ser visualizado na metáfora do atleta, do guerreiro.

> Dimensão heróica, sem dúvida, poucas vezes tratada de maneira clara, a relação entre esporte de alto rendimento e sofrimento, entre dor física e glória esportiva, faz-se presente no imaginário das práticas corporais mais singelas em que a *performance* é do indivíduo consigo mesmo. É a imanência mesma desta atividade referência que se faz presente nas mais distintas esferas da vida e nas inúmeras práticas corporais (SOARES, 2005, p. 60).

Lino ressignificou as dores e os riscos em nome de um projeto de corpo específico. Depois das intervenções cirúrgicas que sofreu e do lento processo de recuperação (que segundo ele foi mais difícil do que lidar com a lesão em si), Lino reconheceu que "correu um risco" de forma deliberada. Negar suas dores e a incapacidade de realizar atividades cotidianas que antes realizava normalmente (como manipular objetos e pilotar sua moto), foi a forma que ele encontrou de manter-se "ativo". O evento em questão parece tê-lo marcado negativamente por fim, fazendo com que abandonasse todos os exercícios que praticava.

Perguntei o que ele achava do *crossfit* hoje e como ele via o próprio corpo. Ele respondeu que não tinha a mesma saúde (de antes), "mas queria ter aquele corpo hipertrofiado, seco e forte com a cabeça que tem hoje". Sendo assim, seu *corpo saudável* era o corpo anterior ao processo de adoecimento e também o corpo de hoje, embora o trauma apontasse a necessidade de ressignificação da experiência com a fabricação deste mesmo corpo. Hoje ele adota outras práticas corporais, canta, medita, desenha, e "relaxa para evitar tomar os remédios que o médico passou", mas não treina. Lino mudou sua (bio)*performance* de *corpo saudável*.

Lino me contou também que achava que a Educação Física não via o *crossfit* com "bons olhos", algo que ele constatou na sua experiência profissional, por causa de "disputas de espaço". Por não poder controlar seu mercado e a formação dos profissionais atuantes, porque se trata de uma franquia/modalidade patenteada, a Educação Física não a via com bons olhos. A fala de Lino expõe algumas das disputas de poder internas do campo e como a economia, cultura e sociedade coexistem na determinação de quais práticas corporais são tomadas como legítimas. Para ele, o *crossfit* cresceu exponencialmente em termos de popularidade e os profissionais que estão fora deste mercado tentam deslegitimar a modalidade sem deslegitimar o exercício, o que leva, por exemplo, à estratégias de distinção entre *crossfit* e musculação (adoção de técnicas, objetos, termos distintos, mesmo que tenham o mesmo objetivo). Isto foi narrado em tom crítico, porque para ele o motivo real de preocupação eram os riscos que ele havia percebido e assumido (como no exercício que crê que o lesionou, figura 14) durante uma prática corporal que deveria levá-lo a ter um *corpo saudável*.

Figura 14 - Exercício popular no *crossfit*.

Fonte: google imagens.

Antes de nos despedirmos, ele ainda me disse que as pessoas se interessavam pela modalidade por que ela era "uma droga poderosa", cujo vício estaria ligado não a produção apenas de um *corpo saudável*, mas de um corpo competitivo. Isto advém de um trecho do seu relato em que Lino menciona que perdeu a saúde ao estar totalmente limitado nas suas atividades cotidianas, ou seja, enquanto era ativo, mesmo com dor (embora não diagnosticado como lesionado), ainda se via com saúde. Assim, observando o relato de Lino, o *corpo saudável* apareceu também vinculado à ideia de (bio)*performance*, como expressão/fabricação de um ideal de saúde socialmente construído, não de uma saúde como

fim a ser alcançado. A *performance* de *corpo saudável* de Lino era continuar seus treinos normalmente.

Bioperfomance expressa ações/práticas, que por sua vez, de acordo com o contexto, podem ser interpretadas ou não como ligadas à saúde. Trata-se de uma noção que não é apenas circunstancial, mas que questiona a ideia de saúde como natural, ao passo que vê no mesmo sujeito a possibilidade de apresentar características/comportamentos ligados à um ideal de saúde ou não.

No campo da Educação Física encontramos frequentemente a ideia de que alguém é ou não é saudável, que seu corpo é ou não é saudável (se é que ele existe fora do discurso), mas raramente falamos em corpos que estão saudáveis - ou não - de forma menos estável e que não implique necessariamente em uma vinculação às *expertises* e aos saberes legitimados. A ideia de *performance* denota a capacidade de desempenhar ações que expressem saúde (como comer bem, dormir bem, praticar alguma atividade física, meditar, etc.) e parte desta interpretação de corpo saudável/belo ligado à noção de ser capaz, exposta pela metáfora do guerreiro nas academias de ginástica. O guerreiro é o sujeito que expressa a força e a vitalidade muito mais nas lutas que trava ao reforçar a fabricação do seu corpo do que a partir da sua composição corporal.

Discuto em outro capítulo como a necessidade de ser ativo encontrou força na moralidade após a década de 1990 no Brasil, momento em que a busca "autovigilante" pelo exercício e pela definição muscular começou a ser atrelada pela Educação Física ao discurso de corpo saudável, resultando mais tarde neste *corpo saudável* que chamo de *bioperformatizável*. Este momento histórico por um lado embasou a condenação social dos "desleixados" consigo (algo que vem sendo desconstruído graças ao posicionamento das minorias segregadas), por outro, fomentou crenças que circunscrevem e distinguem atitudes "capazes" até hoje, como por exemplo: "o suor é a lágrima da gordura e a curva do músculo definido é o sorriso do corpo" (Cassia, 31). Esta frase foi dita por uma colega de treino em uma das minhas primeiras sessões e lembra os sentimentos envolvidos em ter ou não um corpo definido, sem esquecer do esforço necessário nesta caminhada.

A ideia que uso de fabricação do corpo para tratar de um processo, é ao mesmo tempo fabricação do corpo e do sujeito. É neste sentido que penso em um sujeito que está no meio, que não *é* naturalmente saudável, que está muito mais próximo de um processo constitutivo do *estar* do que do *ser,* que quando converge para as formas de resistência torna-se devir (DELEUZE, 2012). No final das contas, ao adotarmos a ideia de fabricação do corpo como fabricação do sujeito, algo que vimos em meio às relações no baixo amazonas (CORDEIRO,

MONTARDO, 2016), as ações que decorrem de um processo em andamento representam a possibilidade de interpretar saúde e *corpo saudável* como valores menos ancorados na natureza. Considerando esta afirmação como vinculada ao contexto contemporâneo, corroboro com o que pensa Bagrichevsky (2007, p.2) sobre saúde e o *corpo saudável* da Educação Física:

> Prolongar a vida ao máximo, multiplicando suas possibilidades, desviando seus acidentes e compensando suas deficiências e incapacidades tem sido palavra de ordem no contexto vigente de nossa 'civilização'. [...] Para tal perspectiva, a saúde pode ser concebida como o próprio estilo de vida, no interior dessa retórica e prática política de uso do corpo.

A chave desta ideia que tentei descrever é o sujeito da ação, que não é vítima das disputas de poder, nem uma unidade homogênea passiva, embora seja constituído em meio aos discursos (FOUCAULT, 2009). Desta matéria prima é feita o sujeito que performatiza sua noção de *corpo saudável*: através do corpo, dia após dia, encontra-se em uma constante busca pelas ressignificações individuais do *estar saudável*, o que só pode ser reiterado ou negado, mas aparentemente não é uma meta a ser alcançada.

Este cenário é o mesmo cenário da sociedade do desempenho, da vida ativa, em que a positividade leva à variações do poder fazer. O sujeito pode e sempre pode na direção do (bom) desempenho, que se tornou uma prioridade.

Ainda que pareça paradoxal falar que as concepções biomédicas de saúde têm sido o princípio regente dos jogos de poder no campo da Educação Física e em seguida afirmar que os padrões criados por tais concepções e desejados/buscados pelos sujeitos, que creem na sua eficácia simbólica ou que desejam o (bio)poder, em última instância têm conduzido à *performance*, creio que esta seja uma vertente de análise plausível. Isto porque, a ideia de *performance* que surge neste estudo vem com a reiteração da noção de saudável (além das características estéticas e da norma biomédica) como expressão do "ser capaz de", ou seja, uma construção agenciada que ganha significado em movimento: *o corpo saudável* é fabricado e comunicado na ação, o que explica, entre outras coisas, o interesse pela discussão da agência circunstancial dos objetos.

Em um contexto mais amplo, a possibilidade que aponto advém também da hipótese de transformação do padrão de corpo saudável/belo de décadas atrás, com apelo prioritariamente estético (na transição entre *cooper* e o corpo da mídia), em um padrão que equaciona signos que representam beleza, características que representam saúde e ações que expressam juventude e potência. A *bioperformance* pode assim implicar, em alguns casos, em um corpo paradoxalmente mais aberto a possibilidades, o que não quer dizer que seja

menos alvo do biopoder, mas a noção de *performance* remete à características menos cristalizadas.

Não afirmo isto julgando que a *bioperformance* seja uma possibilidade que representa puramente resistência, o que quero afirmar, por fim, é que este *corpo saudável* que encontramos agenciado coletivamente no discurso da Educação Física nas últimas duas décadas é também agenciado de forma maquínica pelos sujeitos constituídos pelo/no poder, que por sua vez fabricam individualmente o que concebem como saúde. Ao concluir que o *corpo saudável* no discurso do campo da Educação Física no século XXI é um corpo que abriu espaço como nunca antes para a *performance*, penso na *bioperformance* como forma de congregar sem equiparar beleza e saúde, em meio a escolhas e ações envolvidas nas trajetórias individuais de busca pelo corpo saudável. Ou seja, um termo que denota a especificidade da fabricação dos corpos saudáveis, levando em conta a ação e o contexto em detrimento da naturalização de saúde.

O discurso de *corpo saudável* da Educação Física é perpassado por várias noções no cenário contemporâneo, dentre elas: corpo fisicamente ativo, jovem, magro, proporcional, livre de doenças, empoderado, feliz, autônomo, competitivo, forte, capaz, belo, etc. Todas são noções que podem tangenciá-lo e reconfigurá-lo, tão distintas quanto possíveis. Articulando algumas destas noções, o dispositivo de *corpo saudável* age produzindo subjetividades.

Como foi exposto, um elemento importante para a fabricação do *corpo saudável* e para sua configuração no campo da Educação Física é a ideia de desempenho. Isto foi explicitado não só nas práticas corporais (na técnica e na força, por exemplo), mas em situações em que os riscos foram negociados/agenciados em nome de um ideal de corpo. Esta priorização do desempenho, pensando a partir de Han (2015), é fruto da positividade que experimentamos atualmente em diversos âmbitos da vida. Sendo o motor dos desempenhos, os sujeitos são os responsabilizados pelos seus fracassos e sucessos, ou seja, o declínio das referências psíquicas externas em termos de "sim e não" está vinculado à insegurança e à constante competição consigo, em outros termos, a necessidade constante de superar a si (EHRENBERG, 2010; PERRUSI, 2015).

A noção de *corpo saudável* que experimentei nas academias de ginástica é algo próximo da noção de movimento e ação, pois, especialmente nestes espaços, o corpo está em constante fabricação. As máximas, populares entre os praticantes de exercício físico, "no pain, no gain" e "está pago" explicitam a necessidade de vencer o desafio cotidiano de ampliar e manter os "ganhos". Obviamente há níveis, casos particulares, resistência e desvio.

O que ressalto é como a norma se desdobra e se amplia dentro e fora da própria norma, o que pode ser interpretado, a partir dos conceitos iniciais do trabalho, sob a ótica: da manutenção do dispositivo, que com suas rupturas e deslocamentos se reinventa; do agenciamento de discursos ou da noção de estratégia do campo, que significa dizer que o campo tem conflitos que resultam em mudanças para o seu fortalecimento.

Pensar em *corpo saudável* como algo que incorpora aos elementos de saúde e beleza, já discutidos na literatura (DANTAS, 2007; FRAGA, 2005), a noção de movimento, de desempenho, de ser capaz, é pensar também que o "padrão saudável dilui-se em esforços constantes para se adequar aos conselhos disponibilizados aos indivíduos" (GOMES, 2008, p. 50), ou seja, um padrão que carece de reforço constante e que é comunicado, fabricado, construído neste processo.

Deste modo, os sujeitos do discurso de *corpo saudável* vivem uma posição ambígua: enquanto são objetivados pelos discursos, subjetivam-se nestes, adiquirindo (bio)poder, o que é viabilizado pela noção de saúde como categoria de valor social. Ao se enxergarem na norma, os sujeitos são produzidos e produzem discursos de saúde, adotam práticas e comportamentos que consideram saudáveis.

A partir do que foi discutido até aqui, considero por fim que para a Educação Física, a noção de *corpo saudável* agrega vários elementos, entre eles: (1) os parâmetros da biomedicina e sua racionalidade preventiva (os dados de normalidade e a lógica de combate ao risco e do sedentarismo); (2) a dimensão simbólica e incorporada da técnica, que implica na capacidade de cuidar de si; (3) a dimensão do mercado e da estética, que corporifica signos de saúde e envolve tudo aquilo que deve ser consumido para o alcance deste corpo (suplementos, alimentos diet, light); (4) a dimensão subjetiva do desempenho, da vida ativa, legitimadas pela valorização da vida e da saúde no cenário contemporãneo; (5) o desempenho como forma de afirmação e produção da saúde, da técnica, da estética e do ser capaz.

Cartografando os discursos de *corpo saudável*, algumas pistas foram encontradas acerca das subjetividades envolvidas na sua fabricação, tais como: a responsabilização sobre o cuidado de si (autovigilância); a racionalização da experiência subjetiva e da vida (via *expertises*); a autogestão na busca por uma estética idealizada de corpo saudável/belo, nos termos do mercado e da cultura (signos corporais de saúde e objetos implicados); a necessidade de reafirmação e ao mesmo tempo subversão da norma (por meio da *performance* e da técnica); o estímulo ao desempenho e à autoavaliação que tem como referência o próprio sujeito que se coloca diante da norma.

Nossos “corpos têm se tornado nós mesmos, têm se tornado central para nossas expectativas, esperanças, nossas identidades individuais e coletivas, e nossas responsabilidades biológicas nessa forma emergente de vida” (ROSE, 2013, p. 154). Pensando nesta afirmação, a questão da vida como valor é correlativa ao corpo como valor (moral e mercadológico), e a produção do corpo é correlativa à produção do sujeito. Seguindo esta noção noção, que mobiliza a relação sujeito-corpo-subjetividade, Rose (2013) argumenta que o agenciamento da saúde e da vitalidade foi há algumas décadas ridicularizado por ser considerado desgaste excessivo de natureza narcisista, mas que hoje atingiu um patamar ético de condição de existência. Isto se dá em uma estreita relação com o (bio)capital em um contexto social em que o valor da vida se atualiza e possui formas específicas de se sustentar e se reinventar.

Como disse anteriormente, o *corpo saudável* é um valor que demanda fabricação. Contudo, se nesta noção temos um ponto de convergência de discursos, cada corpo representa *um* corpo no mundo, ou seja, tem sua trajetória e seus fazeres (CERTEAU, 2003), individualizando assim o seu processo de fabricação. Isto porque, o discurso pressupõe tanto relações de poder quanto a produção da diferença, e a afirmação que fiz anteriormente sobre a corporificação da noção de saúde, investimento social do poder, entende o *corpo saudável* como lugar de reafirmação/resignificação da norma, mas também o vê como lugar de agência.

Pensar em desnaturalização/desconstrução a partir do dispositivo é pensar em formas de resistência, é pensar em outros corpos saudáveis que tem seu significado subvertido/agenciado pelos sujeitos. Nessa esteira, a discussão teve também como objetivo dar visibilidade ao efeito de determinadas práticas discursivas presentes no campo da Educação Física e da biomedicina, que influenciam os sujeitos a partir de uma noção construída do que pode ou não ser um *corpo saudável*, fazendo com que fora destas noções os sujeitos não se reconheça como tal.

8 CONCLUSÃO

No decorrer das discussões sobre a reestruturação do campo da Educação Física como campo disciplinar discuti como o contexto de valorização do corpo e da saúde, que se estabelece a partir dos anos 1980 no Brasil, teve influência do reposicionamento do Estado, da ciência (desde Cooper) e da mudança de pensamento acerca da disciplina e da individualização. No contexto da década de 1990, a função social da ideia de risco, traduzida como sedentarismo na Educação Física, voltou-se para a tentativa de impelir racionalmente ou moralmente os sujeitos para o cuidado com a saúde, com ajuda do argumento acerca dos fatores de risco.

Na discussão das categorias de saúde e risco, tendo como pano de fundo o "fato científico" (FLECK, 2010), vislumbramos a Educação Física como campo disciplinar (BOURDIEU, 2004), que ao agenciar discursos sobre saúde e corpo em função de estratégias do campo, mobiliza discursos de *corpo saudável* e, consequentemente, subjetividades. Essa discussão é uma das preocupações na sociedade contemporânea, na qual a ciência e a (bio)medicina, com seus avanços biotecnológicos, se apresentam em dupla perspectiva: produzem positividade, verificada a partir dos avanços no leque de recursos oriundos das descobertas científicas no campo da saúde; produzem negatividade, que normaliza o conhecimento em saúde, lançando aos sujeitos variáveis atualmente ordenadas em diversas nuances de classificação.

Entender os processos sociais atuais é também compreender os movimentos da ciência, articulando suas "descobertas" as novas demandas e com os mecanismos de poder. Isto por que, a produção do conhecimento se dá em uma via de mão dupla: a sociedade produz a ciência assim como a ciência mobiliza a ordem social. Isto implica em uma grande variedade de formas de interpretar as estruturas e categorias sociais, levando em conta estudos do passado e do presente (JASANOFF, 2004). Um dos paradigmas que esta compreensão da ciência e da ordem social quebra é a ideia de conhecimento como expressão da realidade. Além disso, compreender o fazer científico como produto de convergências é entender que não devemos colocar em lugares distantes: natureza, fatos, subjetividade, emoções e política; o que implica dizer que a ciência também não é simplesmente um projeto político. Assim, utilizando a ideia de co-produção (JASANOFF, 2004), podemos considerar que a biomedicina, a ciência, a Educação Física e o mercado produziram juntos a noção de sedentarismo, que tangencia seu sentido complementar de capacidade produtiva: a noção

contemporânea de *corpo saudável*. Cabe enfatizar que esta noção ganha contornos próprios em cada área, mas a mídia e os meios de comunicação dialogam com os saberes na busca por um produto comercializável.

Com a co-produção do sedentarismo os indivíduos puderam ser categorizados como (pré-)doentes a partir de uma noção imprecisa legitimada pelo controle do risco e as políticas públicas de saúde voltaram-se para este "problema" na tentativa de combatê-lo, demandando novas *expertises*, recursos, estratégias e práticas corporais. Além disto, um leque de valores morais e subjetividades foram produzidos a partir desta ideia (responsabilização, estigma, autovigilância, noção de estilo de vida ativo, etc.) e produtos, práticas, comportamentos e recursos tecno-científicos puderam ser individualizados. Como resultado, uma nova rede de conhecimento se desdobra a partir da elaboração das categorias discutidas.

Sendo um dispositivo, o *corpo saudável* admite várias formas de interpretação e perspectivas, o que exponho aqui são apenas algumas destas possibilidades. Pensar nos discursos de *corpo saudável* e na sua fabricação, neste estudo, demandou levar em conta o próprio terreno da cartografia e seu cenário, pois, ao escolher as academias, o espaço tornou-se relevante e, como expliquei, trata-se de um *pedaço-mancha* que tende a servir como reforço da norma.

A noção de *corpo saudável* adotada neste estudo demandou a discussão das categorias saúde (construção social), corpo (alvo de investimentos dos discursos positivos e negativos) e risco (argumento de racionalização no presente orientado para o futuro). A aproximação que este estudo vislumbra entre risco e concepções de corpo só é possível no terreno da não-separação entre fatores biológicos e subjetividade, pois, quando evocamos a construção social de corpo admitimos que não existe "o corpo" como entidade independente, há tão somente uma forma particular, capaz de ser afetada de formas particulares (ROSE, 2001).

Seguindo essa premissa, desde o final dos anos 1980 no Brasil, nas salas de musculação, o peso adquiriu papel importante. No levantamento de peso olímpico ele é o elemento estruturante, no *crossfit* ele ganhou espaço na competitividade, na *performance* e nas salas de musculação ele dita desde o ritmo da evolução do aluno até os espaços que este frequentará. Nestas, pouco peso remete ao "ser neófito(a)" ou à fraqueza, enquanto uma grande quantidade de carga expressa o ser capaz, um dado que associado à estética posiciona e classifica corpos e sujeitos em um contexto em que é valorizado *o corpo saudável* e a (*bio)performance*. Nesta trilha, considerei os objetos como dotados de agência e discurso. Apresentei a importância da agência da máquina sobre o músculo e do espelho sobre a

imagem, como algo que advêm da valorização da *performance* e da dimensão estética na construção de uma narrativa individual de *corpo saudável*, que convergem para o que chamei de *bioperformance*.

Bioperformance foi o termo que usei em alguns momentos para sintetizar uma noção processual, individualizada e comunicativa de *performance* de *corpo saudável*. Algo que congrega um fazer específico e o dispositivo de *corpo saudável*, que, como evidenciei, não envolve apenas saúde, mas desempenho, técnica e estética. Ela compreende escolhas e ações envolvidas nas trajetórias individuais e tangencia também as negociações, os agenciamentos e a possibilidade de agência. Trata-se por fim de uma proposta interpretativa, que surgiu no decorrer da cartografia, a ser elaborada em estudos futuros.

Retomando a reflexão acerca do maquinário da academia, ela ilustra como os objetos são feitos e "fazem" as pessoas. Tal relação foi observada na musculação de duas formas: (1) a máquina alterando a composição do músculo (visível através do suor, da expressão de dor, do movimento, da exaustão e do gesto de ajuste à máquina) e modificando a subjetividade à medida que reelabora a relação do indivíduo com o corpo (o indivíduo treinado não é mais incipiente nem inexperiente); (2) do ponto de vista das relações sociais e de poder, a equação máquina-indivíduo reposiciona e hierarquiza dentro da academia com base em um dado objetivo: a quantidade de carga (halter, peso, barra e anilha).

Na esteira dos objetos e pensando também sobre o quadro estético do *corpo saudável*, durante a cartografia observei que não apenas os "signos corporais" (como o músculo e a gordura, por exemplo), mas também os próprios objetos compõem a sua dimensão estética, que, refletida no espelho da academia ganha contornos circunstanciais.

Os acessórios, por sua vez, enquanto objetos comercializados com a finalidade de fornecer suporte aos treinos, ganham importância não só porque são parte das imagens difundidas pela mídia e pelo mercado, mas porque participam ativamente do processo de fabricação deste ideal de *corpo saudável* que discuto. Todos os objetos que citei são mais do que agregados simbólicos, eles têm agência, conforme nos explica Miller (2013). Digo isto acreditando que, sendo *corpo saudável* um discurso, uma construção social, uma *performance* ou um dispositivo, uma pulseira, por exemplo, serve muito mais à positividade da autovaliação recorrente, que leva à matizes classificatórios de si mesmo, que à classificação binária entre ter ou não o poder de ter esta pulseira.

Nas trilhas que findam com as ideias aqui apresentadas, naquilo que chamei de trilha genealógica, tentei: apresentar um dispositivo (*corpo saudável*); caminhar na pista de um conceito produzido nos entremeios do fato científico(sedentarismo); contextualizar

dispositivo e conceito em um campo reestruturado; apresentar algumas implicações do dispositivo na vida dos sujeitos.

No trabalho de terreno que é parte da trilha cartográfica desta pesquisa, algumas pistas foram encontradas acerca das subjetividades envolvidas na fabricação do *corpo saudável* nas academias de ginástica: responsabilização sobre o cuidado de si (autovigilância); racionalização da experiência subjetiva e da vida (via *expertises*); autogestão na busca por uma estética idealizada de corpo saudável/belo, nos termos do mercado e da cultura (signos corporais de saúde e objetos implicados); necessidade de reafirmação e ao mesmo tempo subversão da norma (por meio da *performance* e da técnica); motivação e investimento sobre si.

Diante da expansão da Educação Física como *expertise* pastoral do corpo nas últimas décadas (ROSE, 2013) e admitindo que a disciplina dos corpos deixou de ser um paradigma, para ceder lugar ao desempenho na sociedade atual (HAN,2015), a positividade nos discursos tornou-se agenda prioritária das *expertises*. No cenário dos discursos de fabricação do *corpo saudável*, a positividade e o desempenho ganham contornos de autovigilância, que embora seja uma herança da modernidade não se trata mais de simples disciplinarização, mas do posicionamento do sujeito no centro das possibilidades de *fazer* e não de *dever fazer*.

A autovigilância neste caso ampara-se na biomedicina e na epidemiologia (via noção de risco). Ela implica tanto em uma relação do sujeito com o corpo orientada para o futuro, quanto na noção positiva que perpassa o desempenho atualmente. No terreno do exercício ela traduziu-se como "foco" e "fé", e pode assimilar: moralidade; o imperativo do afastamento dos sinais de finitude (doença, gordura, sedentarismo); a persistência na conquista de características ligadas ao ideal de *corpo saudável*.

A racionalização da experiência subjetiva vem na esteira da existência somática, da molecularização/biologização da vida, da bioeconomia (ROSE, 2013) e da necessidade constante de (auto)avaliação do corpo-sujeito (PERRUSI, 2015; HAN, 2015). Expus estas questões a partir da fragmentação do corpo (seu esquadrinhamento na ciência) na sociedade e na cultura, dos saberes tecnocientíficos que a técnica implica, no caso das *expertises* e também a partir dos objetos de monitoramento corporal, que, congregados com os saberes biomédicos e da Educação Física, orientam sobre os riscos e fornecem relatórios precisos sobre o corpo-sujeito.

A autogestão na busca por uma estética idealizada de corpo saudável/belo acompanha a dinâmica das *expertises*, do conhecimento, do que descrevi anteriormente: a disponibilidade de recursos para fabricação de um *corpo saudável* que não é mera

formulação discursiva, mas corporifica-se no campo da Educação Física. Ela foi enfocada, embora não fosse a pretensão inicial deste estudo, porque a atenção à representação do corpo na mídia, bem como a corporificação da noção de saudável do campo da saúde, que apresenta-se fragmentada em vários momentos, demandou a bricolagem de características visíveis do *corpo saudável*, ou seja, sua dimensão material a partir da convergência de discursos.

Isso foi feito não para fins de construção de estereótipos, mas para fins de análise, que do contrário estaria restrita aos ditos. Retomando o título da tese, ao pensar em *corpo saudável* nos discursos, o projeto inicial foi esquivar-me da discussão espinhosa que aparece nos estudos como *culto ao corpo*. Nesse sentido, o lugar da estética no trabalho de terreno foi compreender quais elementos estão envolvidos na visibilidade do corpo saudável, mesmo que tais elementos tenham em alguns momentos transitado entre saúde e beleza. Por este motivo, no capítulo sobre a agência dos objetos existe um diálogo entre espelho e máquina, imagem e músculo, tangenciando a *performance*.

A ideia de motivação e investimento sobre si veio como dado final de análise, talvez por este motivo, não perpasse todo o texto uniformemente. Na crença de que experimentamos um contexto em que o sujeito deixa de ser disciplinado e passa a ser produtivo, enxergo a (auto)motivação e o investimento sobre si como condições de possibilidade do discurso de *corpo saudável*, que implicam em novas subjetividades contemporâneas. Não no sentido restrito do empreendedorismo da economia neoliberal, mas, como empreendedor de si, motivado à fabricação constante do corpo.

Penso nestas questões a partir de duas afirmações no trabalho de campo: (1) o *corpo saudável* dos discursos da Educação Física não é apenas saudável nem belo (pois, não há mais referenciais sólidos), o que fragiliza a estetização da saúde (substituição de um pelo outro), este *corpo saudável* incorpora noções estéticas de saúde e beleza, que ao se manifestarem no corpo e na ação fabricam-nas, e não representam-nas; (2) O sujeito, em constante fabricação das suas próprias noções de estética e saúde (não sem a coerção dos biopoderes e da norma), que levam a fazeres específicos, trava no cenário da positividade contemporânea uma batalha individual com o desempenho. Mas o desempenho que rege os sistemas de avaliação não é mais o do outro, é o desempenho em relação a si. Por fim, o *corpo saudável* pode ser também o corpo que na *performance* e no desempenho se afirma capaz, o corpo do sujeito que compete consigo, e nesta competição de referenciais matizados, jamais repousa na ilha da saúde, pois, o que vê são oásis.

REFERÊNCIAS

ACAD-BRASIL. Mercado mundial do *fitness*: principais *players* e top ten. **Revista ACAD BRASIL,** ano 20, 3° ed. n. 82, ago. 2018. Disponível em: http://www.acadbrasil.com.br/revista/revista82/index.html Acesso em: 15 fev. 2017.

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo. **Outra travessia:** revista de literatura. Ilha de Santa Catarina, n. 5, p. 9-16, 2005. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/viewFile/12576/11743> Acesso em: 02 jun. 2018.

ALMEIDA, M. B.; MONTAGNER, P. C.; GUTIERREZ, G. L. A inserção da regulamentação da profissão na área de Educação Física, dez anos depois: embates, debates e perspectivas. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 275-292, mar. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3051/5838>. Acesso em: 19 fev. 2017.

ALVES, F. S.; CARVALHO, Y. M.. Práticas corporais e grande saúde: um encontro possível. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 229-244, jul. 2010. ISSN 1982-8918. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/13280/10853>. Acesso em: 2 abr. 2016.

AZEVEDO, A. F. de. **Cartografias do corpo:** metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz (Tese). Campinas: iel – Unicamp, 2013.

BAGRICHEVSKY, M. Do "corpo saudável" que se (des) constitui: imperativos moralizantes rumo a saúde persecutória? **Anais**... Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/ artigos_teses/ EDUCACAO_ FISICA/artigos/Corpo-saudavel-que-se-des-constitui.pdf. Acesso em: 21 jan. 2018.

BAGRICHEVSKY, M. et al. **Sedentário "sem-vergonha", saudável "responsável"?**: problematizando a difusão do "estilo de vida ativo" no campo sanitário. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). A saúde em debate na Educação Física. Ilhéus: Editus, 2007. v. 3, p. 209-229.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física.** Blumenau: Edibes, 2003.

_____. A saúde em debate na Educação Física – volume 2. Blumenau: nova letra, 2006.

_____. **A saúde em debate na Educação Física** – volume 3. Blumenau: nova letra, 2007.

BARROS, J. Uma "disciplina" – entendendo como funcionam os diversos campos de saber a partir de uma reflexão sobre a História, **Revista OPSIS**, UFG, 2011. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/11246. Acesso em: 2 jun. 2018.

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BEAU, S; WEBER, F. **Guia para pesquisa de campo**. Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007

BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. (Orgs.). **Modernização reflexiva**. São Paulo: Unesp, 1997.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Revisão técnica Karina Kuschnir. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 4 ed. São Paulo: Graal, 2004.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científco. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Pierre Bourdieu:** sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOZZ, A. F. C. **Cartografias do câncer**: biossociabilidade, comunicação e subjetividade. 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BRACHT, V. Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 22, n. 1, Jul. 2008. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/753>. Acesso em: 29 jan. 2017.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-23, out. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2504/1148>. Acesso em: 04 fev. 2020. doi:https://doi.org/10.22456/1982-8918.2504.

BUTLER, J**. A vida psíquica do poder** Teorias da sujeição. Rogério Bettoni (trad.). 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. "O parentesco é sempre tido como heterossexual?" **Pagu**, Campinas, v. 21, p. 219-260, 2003.

CANGUILHEM, G. **O conhecimento da vida**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **O normal e o patológico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARVALHO, Y. M. de. **O 'mito' da atividade física e saúde.** São Paulo: Hucitec, 1995.

CASTIEL, L.D.; ALVAREZ-DARDET, C. **A saúde persecutória**: os limites da responsabilidade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

CASTRO-SANTOS, L. A. A Hermeneutica do Silêncio. Vencedores e Vencidos de uma Luta Desigual. **Revista Política e trabalho**, n. 37, - pp. 67-88, out. 2012. Disponível em: http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/14876. Acesso em: 23 Set. 2018.

CARVALHO, T. et al. Posição oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte: atividade física e saúde. **Rev. Bras. Med. Esporte**, n.2, p. 79-81, 1996.

CARVALHO, T. Mensagem do presidente eleito: sedentarismo, o inimigo público número um. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói , v. 5, n. 3, p. xi-xii, Jun., 1999 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86921999000300004&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 20 set. 2018.

CAVALCANTE, T. M. et al. Brasil: balanço da Política Nacional de Controle do Tabaco na última década e dilemas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 33, supl. 3, 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017001503001&lng=pt&nrm=iso . acessos em: 21 jan. 2019.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CHAVES, J.C.O. **Corpo "sarado", corpo "saudável"?** [dissertação]. Salvador: Escola de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2010.

CINTRA, M. E. R.; PEREIRA, P. P. G. Percepções de corpo identificadas entre pacientes e profissionais de medicina tradicional chinesa do Centro de Saúde Escola do Butantã. **Saude soc**. [online]. vol. 21, n.1 pp.193-205, 2012. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=scarttext&pid=S0104-12902012000100019&lng=en&nrm=iso Acesso em: 22 mar. 2019.

CONFEF/CREFs - Conselho Federal de Educação Física. Campanhas sistema CONFEF/CREFs. TEXEIRA, J. R. M.; BRUNO, E. B. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: https://www.listasconfef.org.br/arquivos/publicacoes/livro-campanhas-2018.pdf. Acesso em: 12 jan. 2019.

CONFEF - Conselho Federal de Educação Física. História**.** 2017. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/conteudo/default.asp?id=16>. Acesso em: 15 jan. 2017.

_____. Saúde: mercado promissor. **Revista de Educação Física (CONFEF),** set. 2017. Disponível em: http://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2017/N66_DEZEMBRO/10_SAUDE_MERCADO_PROMISSOR.pdf Acesso em: 15 jan. 2018.

_____. Recomendações para a Educação Física Escolar. Foz do Iguaçu: CONFEF; CREF's, 2014. Disponível em: http://cev. org.br/ biblioteca/ recomendacoes-para-a-educacao-fisica-escolar/. Acesso em: 12 abr. 2019.

CORDEIRO, M. A. de S.; MONTARDO, D. L. O. “Um corpo mar gerado, mar formado é um corpo doente, sim senhora”: os resguardos de corpo e de boca e a construção de corpos saudáveis no baixo amazonas. **30 Reunião Brasileira de Antropologia.** João Pessoa – PB, 2016. Disponível em : http://www.30rba.abant.org.br/arquivo/ downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUlFVSVZPIjtzOjQ6IjMzNTAiO30iO3M6MTtoiaCI7czozMjoiNjhmNmVlM2E4ZjhlMWU0NDk2YmQzOTUwYTJkMmE2ODUiO30%3D. Acesso em: 05 nov. 2018.

COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **O triunfo do corpo:** polêmicas contemporâneas. Petrópolis, Vozes, 2012.

DAS, P.; HORTON, R. Physical activity—time to take it seriously and regularly. **The Lancet**, v. 388, n. 10051 , p. 1254 – 1255, set. 2016. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(16)31070-4/fulltext?code=lancet-site#articleInformation. Acesso em: 23 set. 2018.

DANTAS, J. B. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, 2011. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v11n3/ artigos/pdf/v11n3a10.pdf. Acesso em: 11 nov. 2019.

DANTAS, E. R. **A Produção biopolítica do corpo saudável**: mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação. 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

DELEUZE, G. **L'Abecedaire de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida à Claire PARNET, realizada em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995, pela TV-ARTE, Paris. Disponível em http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf. Acesso em: 19 out. 2016.

_____. O que é um dispositivo. In: **Michel Foucault, filósofo** [Tradução de wanderson flor do nasciemento]. Barcelona: Gedisa, 1990.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo:** Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010. Coleção Trans.

_____. **Mil Platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 01, 1995.

_____. **O que é a filosofia?** [Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz]. São Paulo: Editora 34, 1992.

DING, D. et al. The economic burden of physical inactivity: a global analysis of major non-communicable diseases. **The Lancet**, 388, n. 10051 , p. 1311–1324, set. 2016. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(16)31070-4/fulltext?code=lancet-site#articleInformation. Acesso em: 23 set. 2018.

DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, v.29, n. 103, p. 477-492, ago. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 set. 2018.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DOUGLAS, M; WILDAVSKY, A. **Risco e cultura**: um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais. DOUGLAS, M; WILDAVSKY, A. (Org.). Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2º ed., rev., Rio de Janeiro, Editora Fourense Universitária, 2010.

_____. **O individualismo** - Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio, Rocco, 1985.

ECO, U. **Sobre os espelhos e outros ensaios**, Lisboa, Difel, 1989.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras. 2010.

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 92-108.

ESTEBAN, M. L. **La antropología del cuerpo**. Género, itinerarios corporales, identidad y cambio. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2004.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE MÉDECINE SPORTIVE. A inatividade física aumenta os fatores de risco para a saúde e a capacidade física [posicionamento]. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói , v. 4, n. 2, p. 69-70, abr. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86921998000200005&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 10 set. 2018.

FERREIRA, V. S. Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual. **Análise Social**, Lisboa, v. 208, n. 3, p. 2182-2999, 2013.

FERREIRA, F. R. **Os sentidos do corpo:** cirurgias estéticas, Discurso médico e Saúde Pública (tese). Rio de Janeiro (RJ): Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz; 2006.

FINK, B. O sujeito lacaniano. In: **O sujeito lacaniano**. Entre a linguagem e o gozo**,** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 55-104.

FLECK, L. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Trad., Georg Otte, Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum. 1.ed., 1935. 2010.

FOUCAULT. **A Arqueologia do Saber**. 8° edição, Rio de Janeiro, Editora Fourense Universitária, 2012.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 16a edição.

_____. Foucault. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. Microfísica do poder. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

_____. **Vigiar e punir.** O nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. ***Michel Foucault***, **uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-249.

FRAGA, A. B. **Exercício da informação**: governo dos corpos no mercado da vida ativa. (Tese) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2006.

FREUD, S. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**. In: Freud, S. Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago; 1996. vol. XXII. p. 66-74.

GADAMER, H. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.

GAMBA, M.A; SANTOS, E.R. Risco: repensando conceitos e paradigmas. **Acta Paul Enferm**, v.19, n.4, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n4/v19n4a01.pdf Acesso em: 09 dez. 2018.

GARBIN, H. B. R.; PEREIRA NETO, A. F.; GUILAM, M. C. R. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 579-588, jul./set. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan. 2016.

GASKELL, G.; BAUER, M. W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GAYA, A. Mas afinal, o que é Educação Física?. **Movimento (**ESEFID/UFRGS**)**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 29-34, maio 1994. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2012>. Acesso em: 27 abr. 2017.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC,1989.

GIANASTACIO, V. **A presença do sufixo -ismo nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.8.2009.tde-30112009-151358. Acesso em: 2018-09-23.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GODOY, L. M. Espelhos, reflexos, reflexões (Parte I). **J. psicanal.**, São Paulo , v. 43, n. 79, p. 101-115, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.or g/scielo. php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jan. 2019.

GOMES, I. M. **Conselheiros modernos:** propostas para a educação do indivíduo saudável (tese). Universidade Federal De Santa Catarina, Programa De Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2008.

_____. Um olhar sobre a formação e atuação profissional no brasil: o caso dos personal trainers. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 17, n. 2, jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/ article/view/25681>. Acesso em: 21 set. 2018.

GOMES, I. M. et al. O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise bibliométrica em cinco periódicos da Educação Física brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 24, n. 2., p. 427-440, abr./jun. 2018.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. de O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 395-411, dez. 2013. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/ Movimento/article/ view/41542>. Acesso em: 27 jan. 2020.

GUATTARI, F. **Caosmose:** um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas:** cartografias do desejo. 7ºedição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUEDES, C.; DINIZ. D. Um caso de discriminação genética: o traço falciforme no Brasil. **PHYSIS:** Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n.3, p. 501-520, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n3/v17n3a06.pdf. Acesso em: 18 jan. 2016.

HAN, BYUNG-CHUL. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HALLAL, P. C.; KNUTH, A. G. Epidemiologia da atividade física e a aproximação necessária com as pesquisas qualitativas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 33, n. 1, jul. 2011. Disponível em: <http://www.oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/848>. Acesso em: 23 Set. 2018.

HARAWAY, D. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.) **Tendências e Impasses.** O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994, p.243-288.

HERTZ, Robert. **A proeminência da mão direita**. In: Religião e sociedade, vol. 6, 1980.

HERZLICH, C. Fragilidade da vida e desenvolvimento das ciências sociais no campo da saúde. **Physis**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 193-203, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312005000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jun. 2017.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.** Porto Alegre , v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Set. 2018.

IORA, A. L J.; SOUZA, M. S.; PRIETTO, A. L. A divisão licenciatura/ bacharelado no curso de Educação Física: o olhar dos egressos. **Movimento, Porto Alegre**, v.23, n. 2, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/63979/42063. Acesso em: 10 set. 2018.

IRIART, J.A.B.; CHAVES, J.C.; ORLEANS, R.G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cad. Saude Publica**, v.25, n.4, p.773-82, 2009. Disponível em: https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0102-311X2009000400008&script=sci_arttext. Acesso em: 20 nov. 2019.

JARDIM, P. C. B. V. Metas de Pressão Arterial: Chegaremos a um Número Definitivo? Neste Momento, Tenho o Meu. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo , v. 109, n. 1, p. 1-4, jul. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2017000700001&lng=en&nr m=iso . Acesso em: 23 Set. 2018.

JASANOFF, S. States of **Knowledge**. The co-production of science and social order. JASANOFF, S. (org.). International Library of Sociology, London and New York: Routledge, 2004.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32-51.

KASTRUP, V.; BARROS, R.B. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.76-91.

KEHL, M.R. As máquinas falantes. In: NOVAES, A.(Org.). **O homem-máquina:** a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.243-60.

KUNZRU, H. "Você é um ciborgue"- Um encontro com Donna Haraway. In: Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano. TADEU, T. (org.), 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p.17-32.

LAGOS, R. A. S. Sedentarismo, esporte e a pressão biopolítica por uma vida saudável: análise do discurso do programa "escolha uma vida saudável", do Chile. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 391-402, dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/57338>. Acesso em: 04 fev. 2018.

LATOUR, B. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

_____. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (Org.). **Objetos impuros:** experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Afrontamento, 2007. p. 40-61.

LAZZAROTTI FILHO, A. **O modus operandi do campo acadêmico-científico da Educação Física**. 2011, 155f. Tese (Doutorado) -- Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFSC, Florianópolis, 2011.

LAZZOLI, J. K. Sedentarismo x atividade física: uma questão de saúde pública [Editorial]. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói , v. 3, n. 3, p. 71-72, Set. 1997. **Disponível em:** <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86921997000300001&lng=en&nrm=iso>**.** Acesso em: 10 set. 2018.

LE BRETON, D. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, E.S.,GOELLNER, S.V. (org.). **O triunfo do corpo –** Polêmicas contemporâneas**.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, p. 15-32, 2012.

_____. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis: Editora Vozes; 2011.

_____. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2007.

LÉON, A. de. **O CAC faz você dançar**: uma etnocartografia das performances masculinas no bairro do Rangel em João Pessoa - PB. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014. 191 p.
LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LEENHARDT, Maurice. Do kamo **- la personne et le mythe dans le monde mélanésien**. Paris: Gallimard, 1971.

LIMA, D. F.; LEVY, R. B.; LUIZ, O. C. Recomendações para atividade física e saúde: consensos, controvérsias e ambigüidades. **Rev Panam Salud Publica**. v. 36., n. 3. p.164-170. 2014.

LIRA, M. R. B. **Ninguém é de ferro**: a construção da corporeidade em uma academia de ginástica feminina de um bairro popular em João Pessoa, 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Rev. bras. Ci. Soc. vol.17, n.49, pp.11-29, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 set. 2018.

MALUF, S. W. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas**: abordagens antropológicas. Esboços: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 9, n. 9, p. pp. 87-101, jan. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563>. Acesso em: 01 out. 2018.

MALYSSE, S. R. G. **Diário acadêmico**. Estação das Letras e Cores, São Paulo, 2008.

_____. (H)altères-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDEMBERG, M. (org.). **Nu e Vestido**, Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARIANTE NETO, F. P.; MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico. **Movimento** (ESEFID/UFRGS)**,** Porto Alegre, p. 103-123, jan. 2012. ISSN 1982-8918. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/23242/17342>. Acesso em: 09 abr. 2017.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac e Naify, 2003.

MEDEIROS, C. C. C. Habitus do Corpo Social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento, Porto Alegre**, v.17, n.01, jan/mar, 2011. p. 281-300. Disponível em https://www.redalyc.org/pdf/1153/115319264015.pdf. Acesso em: 23 out. 2017.

MENEGUCI, J. et al . Comportamento sedentário: conceito, implicações fisiológicas e os procedimentos de avaliação. **Motricidade.**, Ribeira de Pena , v. 11, n. 1, p. 160-174, mar. 2015 . Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2015000100016&lng=pt&nrm =iso . acessos em 05 fev. 2019. =

MENDES, M. I. B. S. **Mens sana in corpore sano**: compreensões de corpo, saúde e educação. 2005. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MENDES, M. I. B. S.; MELO, J.P. Notas sobre corpo, saúde e Ludicidade. In: MENDES, M.I.B. de S.; OLIVEIRA, M. V. (org.) **Cenários lúdicos em unidades de saúde da família**, Natal: IFRN, p. 17- 32, 2010.

MELO, V. A. de. História da Educação Física e do Esporte no Brasil – Panorama, perspectivas e problemas. **Revista Eletrônica de História do Brasil**. Juiz de Fora, vol. 1, n. 1, mai-jun, 1997. Disponível em: <http://www.ufjf.br/rehb/edicoes-anteriores/volume-1-n°-1-maio-jun-1997/volume-1-–-n°-1-–-maio-–-jun-1997-2/> acesso em 19 fev. 2017.

_____. Reflexão sobre a História da Educação Física no Brasil - uma abordagem historiográfica. **Movimento**, (ESEFID/UFRGS)**,** Porto Alegre, ano 3, n.4, p.41-48, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O olho e o Espírito**, tradução de Luís Manuel Bernardo, 2ª edição, Lisboa, Vega, 1997.

MILLER, D. **Trecos, Troços e coisas:** Estudos antropológicos sobre a cultura material Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MINISTÉRIO DO ESPORTE, Diagnóstico Nacional do Esporte. Brasília, DF. 2015. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MIRA, C. M. Exercício físico e saúde: da crítica prudente. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003, p.169-191.

MITJAVILA, M. Medicalização, risco e controle social. **Tempo Social**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-137, jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/103355>. Acesso em: 19 jan. 2017.

MITJAVILA, M. O risco como recurso para a arbitragem social. **Tempo Social**, São Paulo, n. 14, v. 2, p 129-145, outubro de 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v14n2/v14n2a07.pdf. Acesso em: 02 fev. 2018.

NEIRA, M. G.; BORGES, C. C. de O. Esquadrinhar e Governar: análise das recomendações do CONFEF para a Educação Física escolar. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 571-590, Jun. 2018 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362018000200571&lng=en&nrm=iso Acesso em: 20 nov. 2019.

NEVES, Ednalva Maciel. **Antropologia e ciência:** uma etnografia do fazer científico na era do risco. São Luís: EDUFMA, 2008.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano -** vol. I [Trad. de Paulo César de Souza]. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

NOBREGA, A. C. L. da et al . Posicionamento oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: atividade física e saúde no idoso. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói , v. 5, n. 6, p. 207-211, dez. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86921999000600002&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 10 set. 2018.

NOVAES, J.V. **Com que corpo eu vou**? Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2010.

NOZAKI, H. T. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho:** mediações da regulamentação da profissão**.** (Tese) Prorama de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2004.

OLIVEIRA, G. M. M. de et al. Diretrizes em Hipertensão Arterial para Cuidados Primários nos Países de Língua Portuguesa. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 109, n.5, p. 389-396, nov. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2017001400389&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 24 set. 2018.

OLIVEIRA, M. T. de. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 155-174, out. 2012. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/32108. Acesso em: 24 set. 2018.

ORTEGA, F. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

_____. **Práticas de Ascese Corporal e Constituição de Bio-Identidades.** Cadernos Saúde Coletiva, v. 11, n.1, p. 59-77, 2003. Disponível em: http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2003_1/artigos/2003_1%20FOrtega.pdf. Acesso em: 08 nov. 2018.

PAIVA, F. S. L. de. Notas para pensar a Educação Física a partir do conceito de campo. **Perspectiva**, Florianópolis, p. 51-82, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10337/9602>. Acesso em: 05 out. 2018.

_____. **Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização**: condições de possibilidade para engendramento do campo da Educação Física no Brasil. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2003.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M.. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÂO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 1**. Blumenau: Edibes, 2003, p.15-32.

PALMA, A.; VILAÇA, M.M.; ASSIS, M. R. Excertos sobre o sedentarismo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 36, n. 3, fev. 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/1434>. Acesso em: 2 abr. 2016.

PALMA, A.; VILAÇA, M.M. O sedentarismo da epidemiologia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 105-19, jan. 2010.

PANIER, H. La salud como consumo. La construcción del cuerpo saludable como dispositivo biopolítico en la Sociedad de Control. *En*: Jornadas de jóvenes investigadores em comunicación, 14. 2010. **Memorias de las Jornadas Nacionales de Investigadores en Comunicación**. Buenos Aires, Argentina, 2010. Disponível em: http://webiigg.sociales.uba.ar/iigg/jovenes_investigadores/5jornadasjovenes/EJE7/Panier_-_La_salud_como_consumo.pdf . Acesso em: 22 jun. 2018.

PARNET, C. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Dirigido por: Pierre-André Boutang. Site Dossiê Deleuze, 2010.

PASSOS, E.; BENEVIDES DE BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, E.; EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.109-130.

PELLEJERO, Eduardo. Entre dispositivos e agenciamentos: o duplo Deleuziano de Foucault. Revista Margens Interdisciplinares, v.6, n 7, p. 11-21, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/ revistamargens/article/view/2807. Acesso em 12 de agosto de 2018.

PEREIRA, J. R. P.; DA MATA, J. Í. S.; BISPO, T. C. F. Percepção de um corpo saudável para homens que frequentam academias de musculação. **Revista Enfermagem Contemporânea**, ago, v. 2, n.1, p. 3-18, 2013. Disponível em: https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/ article/view/162 Acesso em: 20 nov. 2019.

PERRUSI, A. Sofrimento psíquico, individualismo e uso de psicotrópicos: saúde mental e individualidade contemporânea. **Revista de Sociologia da USP**, n.. 27, v.1, 139-159, 2015.

_____. Utopia da saúde perfeita: a nova ideologia do corpo na modernidade**. Revista Caos - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. João Pessoa, nº 3, dezembro de 2001. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero3/03perrusi.pdf . Acesso em: 12 de março de 2017.

PORTO, R.; MOURA, P. O Corpo Marcado: a construção do discurso midiático sobre Zika Vírus e Microcefalia. **Cadernos de Gênero de Diversidade**, v. 3, n. 2, pp. 158-191, 2017.

PRADO, J.L.A. As narrativas do corpo saudável na era da grande Saúde. **Contemporânea**, Salvador, v. 5, 2007. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/ contemporaneaposcom/ article/view/3505. Acesso em: 21 ago 2019.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Barbarói, Santa Cruz, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf. Acesso em: 21 jan. 2016.

QUELHAS**,** A. A. **Trabalhadores de Educação Física no segmento fitness**: um estudo da precarização do trabalho no Rio de Janeiro (tese). Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2012.

RABINOW, P.; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. **Revista Política & trabalho** – Revista de ciências sociais. Ano 22, n. 24. João Pessoa: PPGS/UFPb, 2006. p. 27-57. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/ view/6600> Acesso em: 20 out. 2018.

REGO, R. A. et al . Fatores de risco para doenças crônicas não-transmissíveis: inquérito domiciliar no Município de São Paulo, SP (Brasil). Metodologia e resultados preliminares. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 277-285, ago, 1990. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ arttext&pid=S0034-89101990000400005&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 10 set. 2018.

REIS, R. S. et al. Scaling up physical activity interventions worldwide: stepping up to larger and smarter approaches to get people moving. **The Lancet** , v. 388 , n. 10051 , p. 1337 – 1348, set. 2016. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals /lancet/article/ PIIS0140-6736(16)30728-0/fulltext . Acesso em: 23 set. 2018.

REITSMA, M. B. et al. Smoking prevalence and attributable disease burden in 195 countries and territories, 1990–2015: a systematic analysis from the Global Burden of Disease Study 2015. **The Lancet**, v. 389 , n. 10082 , p. 1885 – 1906, abr. 2017. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(17)30819-X/fulltext . Acesso em: 23 set. 2018.

RIGO, L; PARDO, E R; SILVEIRA, T. T. Fale consigo: aportes de um plano de imanência ética, estética e política dos conceitos no campo da saúde. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas,v. 27, n.3, p. 57-71, 2006.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROMERO, T. Hacia una defnición de Sedentarismo. **Revista Chilena de Cardiología**, Santiago, v. 28, n.4, p. 409-413, 2009.

ROSE, N. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no Século XXI. São Paulo, Paulus, 2013.

_____. Inventando nossos eus. In.: SILVA, T. T. (Org.). **Nunca fomos humanos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SANTOS, M. A. dos et al. Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. **Saude soc.**, São Paulo, v.28, n.3, p.239-252, set. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000300239&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 20 nov. 2019.

SAUTCHUK, C. E. A medida da gordura: O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 1, p. 153-179, Apr. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 fev. 2018.

SCHUCH, F. B. et al. Physical activity and incident depression: a meta-analysis of prospective cohort studies. **American Journal of Psychiatry**, 25 abr. 2018. Disponível em: https://ajp.psychiatryonline.org/doi/10.1176/appi.ajp.2018.17111194. Acesso em: 30 nov. 2018.

SFEZ, L. **A saúde perfeita**: crítica de uma nova utopia. Edições Loyola, 1996.

SIBILIA, P. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Revista Fronteiras.** v. 17, n. 15, pp. 01-12, 2015. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09. Acesso em: 4 mar. 2019.

SILVA, A. C. **"Limites" corporais e risco à saúde na musculação**: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas (tese). UFRJ/Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, A. M. Das práticas corporais ou porque "narciso" se exercita. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis; v. 3, n. 17, p. 244-251,

Mai. 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277112015_DAS_ PRATICAS _CORPORAIS_OU_PORQUE_NARCISO_SE_EXERCITA. Acesso em: 10 dez. 2019.

SOARES, C. L. Práticas Corporais: Invenção de pedagogias? In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs.). **Práticas corporais:** gênese de um movimento investigativo em Educação Física. v. 1. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005.

SPIK, M.J.P..; **Regimes de esperança e de verdade na administração de agravos à saúde**. Mesa Redonda "Saúde Coletiva, Risco e Biopolítica", V Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, ABRASCO. USP, São Paulo, abr. 2011.

_____. Posicionando pessoas por meio da linguagem dos riscos. In: AGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física.** Blumenau: Nova Letra, 2006.

_____. **Suor, Arranhões e Diamantes**: as contradições do risco na modernidade reflexiva. Esterisco, Fiocruz, 2002.

_____. **Contornos do risco na modernidade reflexiva**: contribuições da psicologia social. Psicologia & Sociedade, v. 12, n.1/2, p. 156-173, 2001a.

_____. **Trópicos do discurso sobre risco**: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. Cadernos de Saúde Pública, v.17, n.6, p. 1277-1311, 2001b.

SPINK, M. J.P. et al. Onde está o risco? Os seguros no contexto do turismo de aventura. **Psicol. Soc**., Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 81-89, ago. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php ?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 out. 2018.

STAREPRAVO, F. A.; SOUZA, J. de; MARCHI JUNIOR, W. Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: uma argumentação inicial sobre a importância da utilização da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre , v. 35, n. 3, p. 785-798, Sept. 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000300018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018

STRATHERN, M. **O Gênero da Dádiva**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

TADEU, T. Nós, ciborgues - O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, T. (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p.17-16.

TAFFAREL, C. N. Z. **A formação de professores de Educação Física e a licenciatura ampliada**. In: Semana de Educação Física/UFMS, 17° jornada de iniciação científica do curso de Educação Física/UFMS, 4. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18055> Acesso em: 9 nov. 2018.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JÚNIOR, C. L. Formação humana e formação de professores de Educação Física: para além da falsa dicotomia licenciatura x bacharelado. In:

VALE DE ALMEIDA, M. O corpo na teoria antropológica. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 33, p. 49-66, 2004.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo:** história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. **Boletim do Museu Nacional**, Série Antropologia, n. 32, p. 40-49, 1979. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/pessoa%3Acastro/castro __xingu.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, 294 pp.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The Ottawa charter for health promotion. Geneve: WHO; 1986.